U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO
ARQUITETURA

Um manifesto pelos cineteatros portugueses: O Vale Formoso como caso de estudo da Região Norte

Camila Perraro Sehn

M
2024

U.PORTO

Camila Perraro Sehn. Um manifesto pelos cineteatros portugueses:
O Vale Formoso como caso de estudo da Região Norte

M.FAUP **2024**

Um manifesto pelos cineteatros portugueses:
O Vale Formoso como caso de estudo da Região Norte

Camila Perraro Sehn

FACULDADE DE ARQUITETURA

Um Manifesto pelos Cineteatros Portugueses

O Vale Formoso como caso de estudo da Região Norte

Camila Perraro Sehn

Orientadora: Prof. Doutora Cilísia Mónica Duarte Ornelas

Coorientadora: Prof. Doutora Maria Clara de Carvalho Pimenta do Vale

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura | Porto | 2024

Aos meus pais,

com amor

AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar este agradecimento expressando a minha imensa gratidão à minha orientadora, professora Cilísia Ornelas, por ter abraçado este estudo com entusiasmo desde o primeiro momento. A sua presença constante e o seu estímulo inabalável até o último minuto foram fundamentais para que este trabalho se concretizasse.

À minha coorientadora, professora Clara Vale, manifesto o meu sincero agradecimento pelos valiosos ensinamentos ao longo deste percurso e pela orientação sempre atenta e certeira que me ajudou a traçar os caminhos deste trabalho.

Agradeço aos arquitetos Alexandre Alves Costa e Sergio Fernandez, pela disponibilidade generosa com que me receberam, proporcionando uma conversa intuitiva e enriquecedora, cuja partilha de ideias me marcou profundamente.

Agradeço ao arquiteto Pedro Baganha, pela prontidão e pela transmissão de conhecimento e experiência, que certamente continuarão a inspirar-me na minha trajetória profissional.

Aos meus pais, João Carlos Sehn e Rosane Perraro Sehn, devo o mais profundo agradecimento. O vosso apoio incondicional, a fé no meu potencial e a coragem em suportar a saudade para me verem realizar este sonho foram a minha maior força.

Aos meus irmãos, Felipe Perraro Sehn e Henrique Perraro Sehn, a minha gratidão por manterem os laços de afeto e cuidado, mesmo à distância.

Um agradecimento especial à minha amiga e companheira de casa, Ceci Diehl, pelas palavras de conforto e pelos bons momentos vividos aqui.

Aos meus amigos do outro lado do oceano, obrigada por se manterem tão próximos, mesmo quando a distância parecia insuperável. O vosso carinho e apoio nunca estiveram longe.

Portugal ofereceu-me não só uma oportunidade académica, mas também o presente precioso das verdadeiras amizades aqui construídas. Sou imensamente grata às pessoas maravilhosas que cruzaram o meu caminho nesta jornada, tanto na FAUP como na vida. Listar todos faria este agradecimento não caber numa página, mas cabem todos no meu coração.

Nota Introdutória

Ao longo desta dissertação, o termo 'cineteatro' é apresentado em duas grafias diferentes: a forma 'Cine-Teatro' correspondente à grafia utilizada até ao século XX, é empregue sempre que se faz referência a salas de espetáculos concretas, preservando a denominação original das mesmas. Já a grafia 'cineteatro', de acordo com as normas estabelecidas pelo novo acordo ortográfico, é utilizada para se referir à tipologia arquitetónica dessas salas de forma mais geral, sem ligação a um nome específico.

Imagens, gráficos e tabelas não referenciados são de autoria própria.

O presente estudo foi redigido em conformidade com o novo acordo ortográfico.

Resumo

A presente dissertação tem como objeto de estudo principal o Cine-teatro Vale Formoso, no Porto, um edifício atualmente devoluto e pertencente à Igreja Universal do Reino de Deus. Este estudo nasce de uma inquietação pessoal da autora da dissertação, devido ao estado de abandono do edifício. Neste sentido a investigação explora a história, a degradação e a relevância deste cineteatro no contexto cultural e social das imediações e da cidade do Porto como um todo. O trabalho surge como um apelo urgente à preservação desta tipologia arquitetónica, posicionando o caso do Vale Formoso no contexto mais amplo dos cineteatros portugueses.

Para aprofundar a análise, é realizado um inventário das salas de espetáculos na região Norte de Portugal, mapeando as tipologias, períodos de construção e o estado atual de conservação. Este levantamento/ inventário revelou uma realidade preocupante: a situação do Vale Formoso não é única, já que vários destes espaços culturais, outrora valiosos patrimónios, enfrentam abandono, demolições ou adaptações que os desvirtuam do seu papel social e cultural.

A metodologia desenvolve-se na elaboração de inquéritos dirigidos aos diferentes atores sociais: i) inquéritos sociais dirigidos aos residentes da área de influência do Cine-teatro Vale Formoso (num raio de 500 metros e 1 quilómetro); e, ii) entrevistas a especialistas e entidades municipais (técnicos municipais). O objetivo dos inquéritos e entrevistas é: i) aferir o impacto do abandono do Vale Formoso na memória coletiva da comunidade na área de influência do cineteatro; ii) compreender a visão dos especialistas e técnicos municipais sobre a necessidade de intervenção da tipologia de cineteatro e salas de espetáculo para as cidades e entender o seu papel cultural; assim como, iii) entender a necessidade de proteção desta tipologia.

Este trabalho apresenta uma discussão e considerações finais que conduzem a um manifesto, que procura ser sensível e crítico, incitando a população e as autoridades a reconhecerem o valor deste edificado, evitando a sua perda, tal como já ocorreu com outros casos no país. Por fim, conclui-se que a degradação do Vale Formoso vai muito além da perda física do edifício; esta reflexão expressa a marginalização de patrimónios culturais com valores tangíveis e intangíveis que são essenciais à identidade local e nacional, fazendo parte da história coletiva.

Palavras Chaves: cineteatros; inventariação; perceção social; perceção técnica; manifesto sociocultural.

Abstract

The present dissertation has as its object of study the "Cine-teatro Vale Formoso", in Porto, a building currently unoccupied/unused and which belongs to the "Igreja Universal do Reino de Deus". The motif for this research comes from a personal restlessness due to the building's abandonment condition. Having said that, the investigation explores the history, the degradation and the relevance of this 'cine-theatre' in the local neighbourhood's cultural and social context as well as in the city Porto as a whole. This work arises as an urgent appeal for the preservation of this architectural type, placing Vale Formoso's case study within the broadened context of Portuguese cine-theatres.

In order to deepen the analysis, an inventory of the concert halls/venues in Northern Portugal was carried out, identifying their typology, construction period and current conservation state. This survey revealed an unsettling reality: Vale Formoso's situation is not an exception, since many of the cultural venues, which were formerly valuable heritage, face abandonment, demolition or adaptations that distort their original social and cultural role.

The methodology developed itself through the elaboration of inquiries aimed at different social players: i) social inquiries addressed to the residents of Cine-teatro Vale Formoso's area of influence (radiuses of 500m and 1000m); and ii) interviews with experts and municipal entities (technicians). The objectives of the inquiries and interviews are: i) to assess the impact of Vale Formoso's abandonment on the collective memory of the community within the cine-theatre's area of influence; ii) to understand the specialists' standpoint about the necessity to intervene, from the cities' perspective, in this typology of cine-theatres and other concert halls, taking into consideration their cultural role; besides that, to understand the need to protect this typology.

The work presents an argument/discussion and final remarks in the form of a manifesto, which seeks to be both sensitive and critical as a means to incite the population and the authorities to recognise the value of this monument while the situation is still reversable, unlike many cases in the country. Lastly, one can conclude that Cine-teatro Vale Formoso's degradation goes beyond the mere physical and material loss of the building itself; the reflection comes to show the marginalisation of cultural heritage, with tangible and intangible values, essential to the local and national identity and belonging to the collective history.

Keywords: cine-theatres; inventory; social perception; technical perspective; sociocultural manifesto

Índice

13 1. Introdução

17 2. Enquadramento social, cultural e urbano dos cineteatros

25 2.1 Inventário dos cineteatros da região norte de Portugal

39 2.2 Síntese do inventário

45 3. Enquadramento social e urbano do Cine-teatro Vale Formoso

61 4. Enquadramento teórico e metodológico das entrevistas

65 4.1 Inquérito social: perceções e opiniões da comunidade sobre o Cine-teatro Vale Formoso

69 4.2 Resultados do inquérito social

83 4.3 Análise dos resultados do inquérito social

87 4.4 Entrevista com o arquiteto e vereador Pedro Baganha: uma visão política para o futuro do cineteatro

91 4.5 Entrevista com os arquitetos Alexandre Alves Costa e Sergio Fernandez: perspetiva entre memória e futuro

95 4.6 Análise dos resultados das entrevistas

97 5. Discussão

101 6. Considerações finais

103 **7. Manifesto**

107 8. Referências bibliográficas e material gráfico

112 8.1 Índice do material gráfico

115 Apêndices

Anexos

1. Introdução

O presente estudo tem como mote a análise urbana, cultural e social do Cine-teatro Vale Formoso, um edifício classificado como Conjunto de Interesse Municipal, que, atualmente abandonado e sob posse da Igreja IURD Igreja – Universal do Reino de Deus, representa um testemunho silenciado do declínio de edifícios de grande valor patrimonial – "os cineteatros". Por curiosidade, o interesse pelo edifício surgiu durante uma caminhada pela área, até então pouco explorada pela autora, quando se deparou com um imponente edifício em estado de abandono, situado numa zona residencial. Este encontro despertou o interesse pela história do edifício, culminando nesta investigação.

Deste modo, o Cine-teatro Vale Formoso, paradoxalmente um símbolo de resistência e esquecimento, torna-se aqui uma oportunidade para expor não só a sua degradação física, mas também o desinteresse institucional que afeta a atividade sociocultural destes espaços nas áreas urbanas. Na dissertação propõe-se: a reflexão sobre o futuro do Vale Formoso, de forma mais ampla, assim como, o resgate da tipologia dos cineteatros como uma manifestação de consciencialização social e cultural. Urge valorizar estes monumentos, não só pela sua arquitetura, mas pelo que representam a nível urbano e social: o legado de uma época que moldou a identidade de tantas comunidades.

A metodologia adotada parte de uma reflexão que vai do geral ao particular, procurando captar as dinâmicas locais e regionais que influenciam a preservação destes espaços. A investigação foi estruturada em três partes principais: (1) a elaboração de um inventário dos cineteatros na região Norte de Portugal; (2) inquéritos e entrevistas a diferentes públicos – residentes, arquitetos, técnicos e agentes culturais – para aprofundar a compreensão das questões envolvidas; e (3) o desenvolvimento de um manifesto que expõe as problemáticas culturais, sociais e patrimoniais que afetam não apenas o Vale Formoso, mas muitos outros cineteatros em Portugal. Este manifesto divide-se em quatro grandes eixos: a questão cultural (falta de proteção pelas entidades gestoras); a memória coletiva e identitária social; a gestão cultural que poderá ser por associativismo como forma de resgate da tipologia social; e, a preservação de um património

cultural tangível e intangível que remonta ao período do Estado Novo e ao estilo arquitetónico "Português Suave".

Um dos pilares metodológicos deste estudo foi o inventário dos cineteatros na região Norte, uma abordagem que permitiu reconhecer a importância dessa tipologia a nível regional. Embora já existam estudos gerais sobre cineteatros em Portugal, esta dissertação oferece uma visão detalhada e contextualizada regionalmente, permitindo entender a relevância e o estado de conservação desses espaços no contexto local. Para alcançar esse contexto, o processo envolveu a análise de trabalhos dedicados a contextualização da importância histórica, social, cultural e arquitetónica dos cineteatros em Portugal, os quais serão citados ao longo desta análise. Adicionalmente, uma dissertação realizada em 2019 abordou o mesmo caso de estudo do Vale Formoso, embora com um enfoque diferente, centrando-se na história e na tipologia do edifício, bem como numa proposta de intervenção.[1] Algumas das informações contidas nesse trabalho serão aqui utilizadas de forma a complementar a presente análise.

Ainda sobre o método, os inquéritos e entrevistas realizados não foram apenas um meio de recolha de dados, mas uma forma de dar voz àqueles que viveram – e ainda vivem – a história do Cine-teatro Vale Formoso. É de salientar que enquanto nas entrevistas, os arquitetos lamentam a falta de conservação e os técnicos enfrentam a burocracia e a inércia institucional, já nos inquéritos aos residentes, realizados num raio de 1 quilómetro em torno do edifício (Cine-teatro Vale Formoso), estes revelaram como a degradação e o esquecimento deste espaço os afetam mais do que a paisagem física. Tocam numa dimensão mais profunda, relacionada com a identidade e a memória coletiva da comunidade. Não se trata apenas de registar a perda de um edifício, mas de perceber como a falta de atividade cultural apagou, aos poucos, uma parte fundamental da história local e da ligação emocional das pessoas ao lugar.

O inquérito realizado aos residentes foi projetado para captar as suas perceções sobre o estado atual do cineteatro e a sua transformação pela IURD. Com perguntas diretas, procurou-se compreender: os dados demográficos de cada participante; a perceção sobre o Cine-teatro Vale Formoso; a consciência da satisfação dos residentes sobre a atividade atual (IURD); o impacto emocional causado pela degradação do edifício, com particular ênfase no sentido de pertença e

[1] CARVALHO, Maria Carolina Almeida de Figueiredo - Reabilitar para a cidade : o Cine-Teatro de Vale Formoso. Porto : FAUP, 2019.

na preservação das memórias associadas; e, por fim, a disposição dos residentes para se envolverem em atividades culturais relacionadas com a revitalização dos cineteatros.

É de referir que as entrevistas compostas por perguntas mais complexas e resposta mais extensas foram conduzidas aos especialistas e técnicos, incluindo o Arquiteto e Vereador Pedro Baganha (apêndice B.1) e a filha do autor do projeto do edifício, Helena Granja (apêndice B.3), para compreender a posição técnica sobre a preservação da tipologia dos cineteatros. Foram igualmente contactadas as entidades gestoras do Centro de Cinema Batalha e do Cinema Trindade, porém, a ausência de resposta por parte dessas instituições revela uma certa indiferença face às questões patrimoniais em causa. Além disso, a Direção Municipal de Cultura e Património da Câmara Municipal do Porto foi contatada com o intuito de recolher informações sobre o associativismo cultural na cidade e obter uma listagem relevante, dessa forma foi possível chegar a Federação das Coletividades do Distrito do Porto, a qual enviou uma listagem com as associações existentes no distrito. A listagem encontra-se no Anexo e deve se referir que as associações ligadas ao futebol e a saúde não têm relevância no trabalho. Adicionalmente, foram contactadas escolas primárias e básicas, situadas no raio de influência do cineteatro, mas o período de férias impossibilitou a obtenção de respostas por parte dos diretores das escolas. Nestes casos as entrevistas foram elaboradas e enviadas via email, previamente às entidades contatadas, considera-se que a falta de resposta de algumas entidades deve-se à falta de sensibilização para a temática em discussão. Resultado que fortaleceu a ideia de fazer um manifesto em torno dos cineteatros.

Por outro lado, o estudo incluiu também entrevistas com profissionais de renome e conhecimento aprofundado na reabilitação de cineteatros, os arquitetos Alexandre Alves Costa e Sergio Fernandez (apêndice B.2) – responsáveis pela intervenção no Cinema Batalha – revelaram os desafios e as possibilidades de dar nova vida a estes espaços sem comprometer a sua identidade original. A sabedoria prática destes profissionais foi crucial para entender como uma intervenção arquitetónica pode ser um ato de resistência cultural e de preservação da memória coletiva.

Por fim, esta dissertação culmina num manifesto sociocultural sobre os cineteatros, estruturado em três partes: o resumo do inventário realizado; análise das entrevistas e inquéritos conduzidos; e as funções necessárias das entidades gestoras e protetoras destes espaços. O foco recai sobre a identificação de pontos críticos e a proposta de soluções para o seu resgate sociocultural. Entre as principais recomendações estão: a atribuição de novos usos e atividades que respeitem a tipologia original; a classificação destes espaços como património urbano; a

melhoria dos modelos de gestão; e a criação de alternativas para uma gestão socialmente integrada, que envolva tanto o setor público como o privado. O objetivo final é criar um diálogo mais profundo entre o passado e o presente, entre a memória e a ação, para garantir que estes edifícios, outrora epicentros de vida cultural, não se percam no esquecimento.

As entrevistas completas encontram-se nos Apêndices B.1, B.2 e B.3.

2. Enquadramento Social, Cultural e Urbano dos Cineteatros

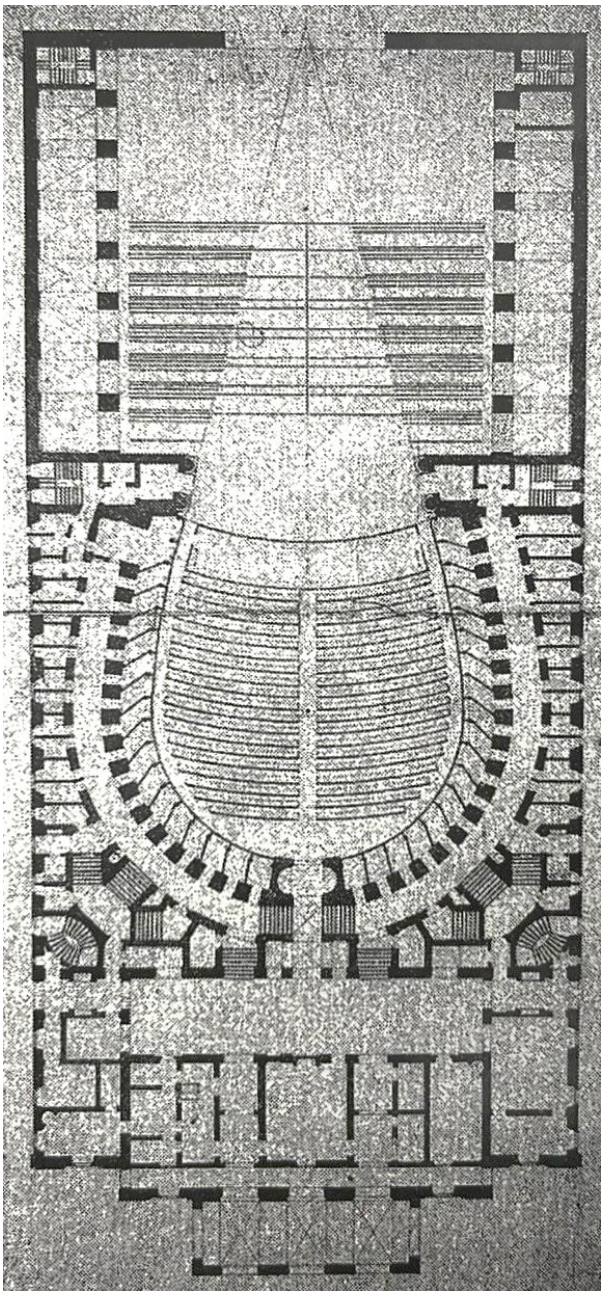
A emergência dos cineteatros em Portugal, particularmente a partir do início do século XX, coincide com um período marcado pela intensificação do processo de urbanização e pela crescente valorização do lazer e da cultura enquanto elementos centrais da vida moderna. Estes espaços, frequentemente concebidos com uma arquitetura de elevado valor estético, inspirada em correntes estilísticas como o "art déco" e o modernismo, afirmaram-se como verdadeiros ícones de modernidade nas cidades e vilas portuguesas, representativas da arquitetura do "Estado Novo", em estilo "Português Suave". Mais do que simples locais de entretenimento, os cineteatros representavam símbolos de progresso e inovação, desempenhando um papel crucial na configuração de uma nova identidade urbana e cultural.

Por sua vez, os teatros desempenharam um papel central como grandes equipamentos urbanos de lazer ao longo do século XIX, sendo construídos em várias capitais de distrito, especialmente em Lisboa e Porto. Estes teatros seguiram o modelo italiano, caracterizado pela disposição da plateia em ferradura e várias ordens de camarotes, onde os espaços de representação adquiriam grande importância e uma forte presença urbana. No entanto, conforme aborda Soares Carneiro, houve uma transição significativa desses teatros para cineteatros na primeira metade do século XX. O autor aponta que o declínio dos teatros à italiana foi precipitado pela introdução de novas técnicas de construção em betão e pela rápida popularização dos espetáculos cinematográficos, que tornaram o modelo tradicional obsoleto (ver Fig. 1 e 2).[2]

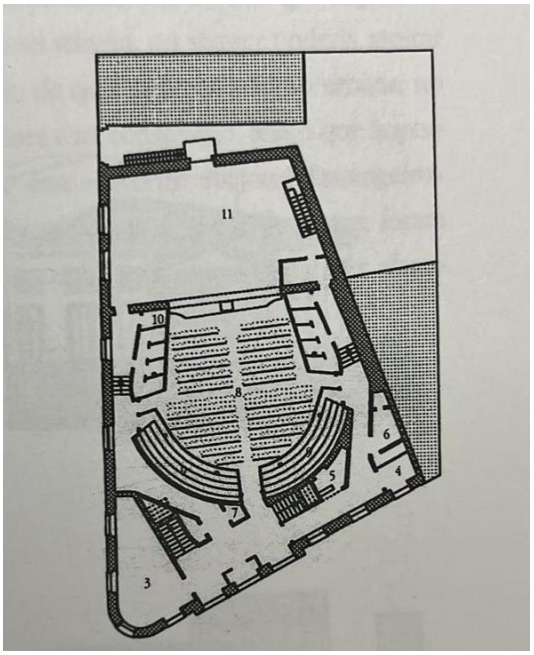
Em 6 de maio de 1927, a Ditadura Portuguesa promulgou o Decreto n.º 13564[3], que estabeleceu normas de censura e classificação de obras, além de regulamentar as licenças de

[2] CARNEIRO, Luís Celestino Soares - Teatros portugueses de raiz italiana. Porto: FAUP, 2002. p.21

[3] Decreto 13564 de 6 de Maio de 1927 – conhecida como a Lei dos cem metros, foi A primeira legislação para o sector do cinema da Ditadura Nacional foi publicada em Diário de Governo, a 6 de Maio de 1927. O decreto n.º 13564 determinava, no artigo 136º: «Torna-se obrigatória, em todos os espectáculos cinematográficos, a exibição duma película de indústria portuguesa com um mínimo de 100 metros, que



1



2

Fig. 1: Planta Teatro São Carlos, Lisboa. Fonte: CARNEIRO, Luís Celestino Soares - Teatros portugueses de raiz italiana. Porto: FAUP, 2002. p. 204.
Fig. 2: Planta Teatro Gil Vicente, Barcelos. Fonte: CARNEIRO, Luís Celestino Soares - Teatros portugueses de raiz italiana. Porto: FAUP, 2002. p.459.

deverá ser mudada todas as semanas, e, sempre que seja possível, apresentada alternadamente, de paisagem e de argumento e interpretação portuguesa».

funcionamento dos cineteatros. Esse decreto refletia o contexto político e cultural da época e antecipava as políticas repressivas do Estado Novo sob Salazar, a partir de 1933. Neste sentido, foram estabelecidas bases para o uso da censura como ferramenta de controlo sobre o teatro e o cinema, garantindo que essas formas de cultura popular estivessem alinhadas com os objetivos do regime, como a manutenção da ordem, a promoção da moralidade tradicional e a educação cívica conforme os padrões estabelecidos pelo Estado. Embora estas medidas tenham limitado a expansão das salas de cinema, permitiram criar uma rede bem distribuída de cineteatros em Portugal. Estas tipologias de edifícios, devido à sua arquitetura e funcionalidade, tornaram-se importantes pontos de referência e convívio nas comunidades, baseando-se em novos critérios funcionais, construtivos e de segurança, que levaram ao abandono do antigo sistema teatral.

É de referir que Manuel Fernandes, autor com destaque no estudo de edifícios de cinema em Portugal, enfatiza a importância das salas de espetáculos na vida social e cultural do país. Esses espaços, especialmente em comunidades distantes dos grandes centros, funcionavam como pontos de encontro que promoviam tanto o acesso ao cinema e teatro quanto o convívio social, fortalecendo os laços comunitários.

> *"É na transição do final dos anos 20 para os inícios dos 30 que, com a nova legislação de construção urbana (em Lisboa, de 1930-31), as exigências de segurança e a divulgação da construção em betão armado, se assiste a uma verdadeira «nova era» da arquitectura dos cinemas. Em Portugal esta profunda mudança ficou além disso reforçada pelo advento de uma nova arquitectura modernista, vitalizada pelo Estado Novo, e pela rápida divulgação das salas com sistema sonoro.*
>
> *As novas correntes estéticas, de facto revolucionárias, propiciaram experiências de sentido diverso; umas provaram para o futuro, outras permanecem casos insólitos e originais. Em geral, esta é a fase dos espaços poli-funcionais, e dos cinemas associados a outras funções na mesma construção: de piscinas a salões de baile, de salas de jogos a garagens, tudo é possível!"*[4]

[4] FERNANDES, José Manuel - Cinemas de Portugal. Lisboa: Inapa, 1995. p.37

Fernandes argumenta que, ao longo dos anos 1930 e 1940, o cinema se consolidou como o espetáculo urbano e popular por excelência em Portugal, com a construção de novas e maiores salas de cinema. Nas principais cidades como Lisboa e Porto, foram erguidos edifícios prestigiados, luxuosos e cosmopolitas, enquanto nos bairros periféricos e arredores surgiram salas mais humildes, práticas e elementares, mas igualmente atraentes para o público. Estas diversas tipologias de cinemas, apesar das suas diferenças, contribuíram para o sucesso e a popularidade do cinema como uma "fábrica de sonhos" acessível a todos.[5]

Segundo o mesmo autor, entre o final dos anos 1940 e os anos 1960, a arquitetura dos cinemas em Portugal experienciou um "segundo fôlego". As inovações técnicas, como o Cinemascope e os ecrãs gigantes, exigiram uma nova dimensão espacial, tornando as salas de cinema maiores e mais espetaculares para competir com a crescente popularidade da televisão. Nesta época, tornou-se comum que os cinemas tivessem capacidade para dois mil lugares, transformando-se em verdadeiros monumentos urbanos que ocupavam quarteirões inteiros e serviam como pontos de referência nas cidades.[6]

Na opinião do autor Anton Capitel[7], os cineteatros modernizam a arquitetura eclesiástica, compartilhando com as igrejas o conceito de espaço único, diferenciando-se pela utilização da luz natural. Ambos os tipos de edifícios se integram na malha urbana antiga, e apesar dos cineteatros possuírem uma linguagem mais moderna, também se tornam elementos monumentais na cidade. Além disso, Capitel (2001) destaca a semelhança do uso quotidiano dos cineteatros, visto que se tornam parte de uma rotina social, complementando a prática religiosa com atividades culturais.

É relevante salientar que, embora a união das funções de cinema e teatro num único edifício demonstrasse ser uma solução agregadora, essa proposta impunha desafios físicos significativos. O verdadeiro problema residia na natureza distinta das duas tipologias e na forma como cada uma respondia às suas funções específicas. Conforme observado por Raul Rodrigues Lima, arquiteto responsável por projetos como o Cine-teatro Monumental em Lisboa, o Cine-teatro Messias na Mealhada, dentre outras salas de espetáculos, "num Teatro, os lugares para os

[5] FERNANDES, José Manuel - Cinemas de Portugal. Lisboa: Inapa, 1995. p.57

[6] Idem, ibidem, p.99

[7] CAPITEL, Antón, 1925-1965: diversidad urbana de los edifícios culturales en el ámbito ibérico. in Actas do Terceiro Seminário DOCOMOMO Ibérico, Equipamentos e Infraestruturas Culturais, 1925-65, Porto, 2001, pg.138.

espectadores são limitados pelos raios de visibilidade e audibilidade normais." Em contraste, "num Cinema, a melhor posição para o espectador é aquela que lhe permite abranger todo o ecrã sem deformações," o que implica que os lugares ideais num teatro podem ser os menos adequados num cinema.[8] Este contraste evidenciava as complexidades inerentes à combinação das duas funções num único espaço.

> *"No teatro, a cena não estando sujeita a deformações, possuindo dimensões naturais e tendo como som principal a voz humana limita por razões de audibilidade a colocação dos espectadores, aproximando-os do proscénio. No cinema, pelo contrário, a melhor colocação para o espectador é aquela que dê maior possibilidade de abranger todo o écran sem deformações (...). Daqui resulta que uma sala deverá ter como dimensões máximas o raio de acção do som previsto para um teatro (…) e evitar que os lugares que apresentem grandes deformações para as exibições cinematográficas".*
>
> *(Memória Descritiva do Projeto de Licenciamento do Cine-teatro Messias da Mealhada, pelo Arq. Rui Rodrigues Lima)* [9]

Para resolver essa discrepância, muitos cineteatros adotaram soluções flexíveis, como reconfigurações temporárias das salas e ajustes nos preços dos bilhetes de acordo com o tipo de espetáculo. Além disso, algumas construções incluíam características arquitetónicas como inclinações adequadas, poltronas ajustáveis e ecrãs móveis, permitindo a adaptação do espaço para otimizar a visualização tanto de peças teatrais quanto de filmes. Essas adaptações demonstravam a versatilidade dos cineteatros e a sua capacidade de atender às diversas necessidades do público, mantendo-se relevantes como centros culturais e sociais.

É de referir que a acessibilidade económica é outro fator crucial que se refletia na arquitetura e no design dos cineteatros. Assim, a diversidade na capacidade de lotação das salas permitia a existência de uma gama variada de preços de bilhetes, democratizando o acesso ao

[8] Memória Descritiva do Projeto de Licenciamento do Cine-teatro Messias da Mealhada, pelo Arq. Rui Rodrigues Lima, em 1948, apud ACCIAIUOLI, Margarida – "Os Cinemas de Lisboa - Um fenómeno urbano do séc.XX". Lisboa: Bizâncio, 2012. p.184

[9] Apud SILVA, Susana Constantino Peixoto da - Arquitectura de cine-teatros : evolução e registo, 1927 1959 : equipamentos de cultura e lazer em Portugal no estado novo. Coimbra : Almedina, 2010.p 96.

teatro e ao cinema. As salas de maiores dimensões, e com maior número de assentos, podiam oferecer lugares a preços mais acessíveis, facilitando o acesso a camadas mais amplas da população (e.g., incluindo mais lugares na geral e no piolho), e promovendo uma maior inclusão social. Esta característica demonstra um esforço para tornar o entretenimento cultural acessível a todos, independentemente da classe social, contribuindo para uma cultura mais inclusiva e diversificada.

A introdução dos cineteatros em Portugal, a partir dos anos 1930, provocou uma mudança significativa na distribuição das infraestruturas culturais pelo país. Enquanto Lisboa experimentava um aumento considerável no número de salas dedicadas exclusivamente ao cinema, as cidades médias e capitais de distrito no restante do país começaram a assistir à construção de Cineteatros, espaços versáteis que podiam acolher tanto o cinema quanto o teatro. Este desenvolvimento contribuiu para uma distribuição mais equilibrada das instalações culturais, diminuindo a concentração de investimentos na capital.[10]

Entre 1927 e 1959, verificou-se um crescimento notável no número de Cineteatros, com especial destaque para os distritos de Santarém, Aveiro e Setúbal, que juntos receberam 32 novos espaços. Entretanto, Lisboa continuou a dominar em termos de salas exclusivamente dedicadas ao cinema, reforçando uma predominância com cerca de 60% do total de salas de cinema no país. Por outro lado, distritos como Viana do Castelo e outras regiões menos urbanizadas apresentaram um número significativamente menor de novas salas, demonstrando a persistência de disparidades regionais, embora atenuadas pela expansão dos Cineteatros.

Além da construção de novos edifícios, houve também um movimento relevante de adaptação de antigas salas de Teatro para Cineteatros, especialmente entre as décadas de 1930 e 1960. Essa adaptação representou cerca de 23% do total de Cineteatros no país, com Lisboa e Porto liderando o processo. Essa transformação foi impulsionada por razões de sustentabilidade económica e prestígio social, refletindo a necessidade de modernizar as infraestruturas culturais existentes e de responder à crescente demanda por espaços que pudessem acolher ambas as formas de entretenimento, cinema e teatro.[11]

---

[10] SILVA, Susana Constantino Peixoto da - Arquitectura de cine-teatros : evolução e registo, 1927-1959: equipamentos de cultura e lazer em Portugal no estado novo. Coimbra : Almedina, 2010. p.100

[11] Idem. p 101

A transição das salas de teatro para a atividade cinematográfica exigiu várias adaptações estruturais, como o aumento da capacidade da plateia e a substituição de camarotes por balcões. Em alguns casos, as mudanças foram mínimas, apenas com a adição de cabines de projeção, resultando em experiências visuais inadequadas devido à disposição original das salas teatrais. Conforme observado pelo arquiteto Raul Rodrigues Lima em 1947, muitas dessas adaptações não garantiam boa visibilidade, uma vez que as características teatrais das salas não foram totalmente ajustadas para o cinema.[12]

A construção de Cineteatros disseminou-se por todo o país, sobretudo fora dos grandes centros urbanos, como referido atrás. Apenas 28% desses edifícios foram construídos em capitais de distrito, o que demonstra a significativa presença desses espaços em cidades menores.[13] Paradoxalmente, a localização periférica dos cineteatros reforçou a sua importância, consolidando-se como referências urbanas, sociais e culturais nas comunidades em que estavam inseridos. Estes edifícios não apenas serviam como centros de lazer, mas também desempenhavam um papel central na vida comunitária, simbolizando progresso e cultura.

> *"Obrigatórios pela legislação «pesada» da época, os cineteatros encheram quase todas as vilas e cidades do país, sedes concelhias. Muitos não foram felizes, nem como arquitectura nem como programação, nem como espectáculo. Eram em geral pesadões no desenho, ultrapassados nas formas revivalistas, grandes em demasia na dimensão. Mas alguns houve que contribuíram para criar uma ideia de cultura urbana, ou um local de alguma «esperança», de animação e vida colectiva, entre serranias ou planícies áridas."*[14]

Dessa forma, devido à importância urbana e cultural dos Cineteatros, o regime os utilizou como ferramentas de promoção oficial, tanto na exibição de filmes nacionais quanto na preservação da representação teatral, visando reforçar a identidade nacional. Nas cidades médias, esses espaços foram considerados essenciais nos planos de urbanização, sendo estrategicamente

[12] SILVA, Susana Constantino Peixoto da - Arquitectura de cine-teatros : evolução e registo, 1927-1959: equipamentos de cultura e lazer em Portugal no estado novo. Coimbra : Almedina, 2010. p. 103

[13] Idem 9. P. 107.

[14] FERNANDES, José Manuel - Cinemas de Portugal. Lisboa : Inapa, 1995. p.121

localizados ao lado de grandes edifícios públicos e se destacando como centros de influência estatal.

No contexto desta dissertação, é objetivo refletir o papel dos cineteatros na sociedade atual, tanto a nível social e cultural, assim como, entender as razões que estes cineteatros foram perdendo função, e a sua tipologia flexível não deu corpo a outras atividades a nível local.

2.1 Inventário dos Cineteatros da Região Norte de Portugal

> *"Fotografei mais de 90 Cine-teatros em todo o país. Vi igrejas que foram transformadas em salas de projecção, e cinemas que se transformaram em locais de culto; encontrei Cine-teatros perfeitamente decrépitos e outros restaurados com cuidado e muito dinheiro investido; (...) Apenas 60 anos (ou menos) após a sua edificação, muitos dos cinemas tornaram-se velhos, decrépitos e na maior parte abandonados; (...) No entanto, ainda lá se encontra tudo, ainda era possível salvar tudo."*[15]

Ao escrever sobre os "Teatros Portugueses de Raiz Italiana", Carneiro especifica: "Conhecer um conjunto de objetos e um campo tão pouco estudado quanto este —ainda que simples nicho de um saber mais geral— não é trabalho para uma única e isolada investigação. Na verdade, uma única tese não chega para construir um campo de saber. Embora estejamos convictos de que não deverá aparecer muito mais informação, sobretudo nos teatros mais importantes, ou pelo menos suficiente para colocar radicalmente em causa as interpretações realizadas, importa estar ciente de que isso poderá acontecer. Porém, quem o fizer ou descobrir, terá como base um trabalho anterior, para corroborar, contradizer ou completar, como ponto de referência ou contestação."[16]

Para a realização do inventário mencionado, foram analisadas bibliografias anteriores, integrando-as com informações mais recentes, catalogadas ou descobertas pela autora. Esse processo permitiu uma compreensão detalhada e contextualizada dos edifícios, considerando o seu uso atual e o estado de conservação. Tal abordagem assegurou uma visão ampla e fundamentada das construções estudadas, vinculando a literatura existente com dados atualizados e relevantes para o tema.

---

[15] DIETRICH, Jochen - "Cine Teatros de Portugal". Catálogo Bilingue da exposição Cine Teatros em Portugal. Coordenação de Vítor Lourenço. Leiria: Edição Teatro José Lúcio da Silva e Museu da Imagem, 1998. apud SILVA, Susana Constantino Peixoto da - Arquitectura de cine-teatros : evolução e registo, 1927 1959 : equipamentos de cultura e lazer em Portugal no estado novo. Coimbra : Almedina, 2010. p.11

[16] CARNEIRO, Luís Celestino Soares - Teatros portugueses de raíz italiana. Porto : FAUP, 2002

Diversos trabalhos de referência foram utilizados no estudo, como o de Inês Calor[17], que examinou a reabilitação de cinemas modernistas em cidades ibéricas, destacando a importância do conhecimento histórico para intervenções arquitetónicas eficazes. Além disso, a dissertação de Cilísia Ornelas[18] refletiu sobre "A recuperação de cineteatros modernos em Portugal", focalizando oito casos específicos do período do Estado Novo, analisando as obras de intervenção realizadas nos oito cineteatros, na continuação da sua função cultural. Esta tese de mestrado, procura salientar as alterações efetuadas à luz das teorias de restauro e conservação, sobretudo tendo em conta as alterações de projeto devido: amplificações, cumprimento de exigências regulamentares, assim como a alteração de materiais, que levaram à descaracterização de alguns cine-tetros, pela alteração de espaços e perda de materiais originais. Estas investigações são complementadas com a pesquisa de Susana Constantino da Silva[19], que realizou um inventário detalhado de cineteatros portugueses, categorizando e analisando edifícios construídos entre 1927 e 1959, evidenciando sua evolução arquitetónica durante o Estado Novo.

Com base na bibliografia analisada, e na ampla pesquisa realizada em instrumentos como a Rede de Teatros e Cineteatros Portugueses, além de investigações conduzidas diretamente pela autora, será desenvolvido um levantamento detalhado dos Cineteatros na região norte do país.

O objetivo principal desta inventariação centra-se na aferição da tipologia e função dos Cineteatros, na atualidade, a sua condição de usos: ativo, encerrado, devoluto, em ruína, etc. Assim, este trabalho de catalogação, visa mapear esses edifícios, compreender as suas condições atuais, investigando o estado de conservação e quais as funções que desempenham no contexto contemporâneo. No presente inventário estão inclusos Cineteatros projetados para este fim na origem, Teatros os quais foram adaptados para apresentações de cinema, adotando ou não a designação de Cineteatro, e Cinemas adaptados para a apresentação de espetáculos teatrais. Para além disso, o inventário incluirá a lotação destes edifícios, com o intuito de aferir a quantidade de

[17] CALOR, Inês Alhandra - Reabilitação de cinemas modernistas: caracterização do contexto urbano ibérico. Porto: Faup, 2004

[18] ORNELAS, Cilísia Mónica Duarte - Recuperação de cine-teatros modernos portugueses. Porto: FAUP, 2007

[19] SILVA, Susana Constantino Peixoto da - Arquitectura de cine-teatros : evolução e registo, 1927-1959: equipamentos de cultura e lazer em Portugal no estado novo. Coimbra : Almedina, 2010.

público que poderia acolher, tendo impacto social, que também está associado á sua localização nas vilas e cidades.

Será dado um maior enfoque à cidade do Porto, visto que se pretende, nesta dissertação discutir o caso controverso do Cine-teatro Vale Formoso. É importante destacar que o inventário realizado excluiu as salas dedicadas exclusivamente ao cinema, focando-se nos cineteatros e espaços de espetáculos com funções mistas. Durante o levantamento, foram encontradas dificuldades significativas em obter informações sobre salas demolidas ou em ruínas, evidenciando uma lacuna na documentação histórica. Além disso, verificou-se uma escassez de dados sobre teatros e cineteatros em concelhos menores, onde a falta de arquivos acessíveis é comum, como nos exemplos de Chaves e Espinho.

Além disso, recorda-se que os distritos de Aveiro e Viseu estão divididos entre duas regiões de Portugal, o Norte e o Centro. Assim, para o presente inventário, foram considerados apenas os concelhos pertencentes à região Norte.

O inventário encontra-se na íntegra no Apêndice A.

Este inventário tem por objetivo assumir um papel importante na preservação da memória histórica e cultural, dado que os cineteatros são espaços centrais na vida social e artística de muitas comunidades. Ao registar as suas características originais e as alterações sofridas ao longo do tempo, assegura-se a continuidade da história destes equipamentos, promovendo o seu reconhecimento e valorização, tanto pelas gerações atuais como futuras. O inventário poderá também influenciar uma catalogação nacional mais abrangente e atualizada do estado das salas de espetáculos portuguesas, bem como servir de ferramenta para programas e projetos de reabilitação, permitindo uma intervenção fundamentada e respeitadora da integridade arquitetónica e cultural destes edifícios. Paralelamente, o inventário assume relevância no âmbito da proteção legal destes espaços, ao fornecer uma base documental que pode sustentar a sua classificação como património cultural, assegurando, assim, a sua salvaguarda para o futuro. Este trabalho contribui ainda para sensibilizar a sociedade sobre a importância dos cineteatros, reforçando o seu potencial enquanto espaços culturais ativos que, para além de testemunharem o passado, continuam a desempenhar um papel significativo no presente, com impacto positivo nas suas comunidades.

O inventário é organizado a duas escalas: escala regional com enquadramento territorial (mapas 1 e 2), e a escala local, através do catálogo de cada cineteatro. É construído um quadro por cineteatro onde foi possível obter informações em diferentes fontes e motores de pesquisa,

como na ida ao local. É de referir que no corpo de texto, é dado somente o exemplo do Cine-teatro do Vale Formoso (ver Tabela 1), mas durante o corpo de apêndices (ver Apêndice A) estão representados os cineteatros. As fichas incluem informações sobre os edifícios, como a autoria do projeto, o ano de construção, a função para a qual o edifício foi originalmente designado, a lotação, bem como as devidas alterações no número de lugares aquando da reabilitação ou remodelação, o período de atividade, a função atualmente exercida, o estado de conservação do edifício, além da localização apresentada em mapa e de imagens do exterior e interior do edifício.

Nas páginas seguintes serão apresentados os mapas com a quantificação dos cineteatros (ver Mapas 1 e 2) e os quadros síntese (ver Tabela 2 e 3): i) com os períodos de construção, atividade e abandono, ii) condições de uso (ativo, encerrado, devoluto, ruína); iii) variação da lotação. Esta síntese pretende fazer um enquadramento de toda informação exposta no apêndice a respeito da situação atual dos cineteatros existentes, mostrando o risco e impacto dos valores de identidade, memória e significado a nível sociocultural e urbano da cultura portuguesa, devido à degradação, abandono e até demolição da tipologia de cineteatro representativa de uma época de construção, e que faz parte de uma identidade cultural nacional e internacional.

DISTRITO: PORTO

CONCELHO: PORTO

37. Cine-teatro Vale Formoso

Ano: 1948

Autor: Arq. Francisco Granja

Função Original: Cineteatro

Lotação: 1076 pessoas

Atividade: Encerrado em 1984

Função atual: Inexistente

Estado do Edifício: Devoluto

Entidade gestora: Igreja Universal do Reino de Deus



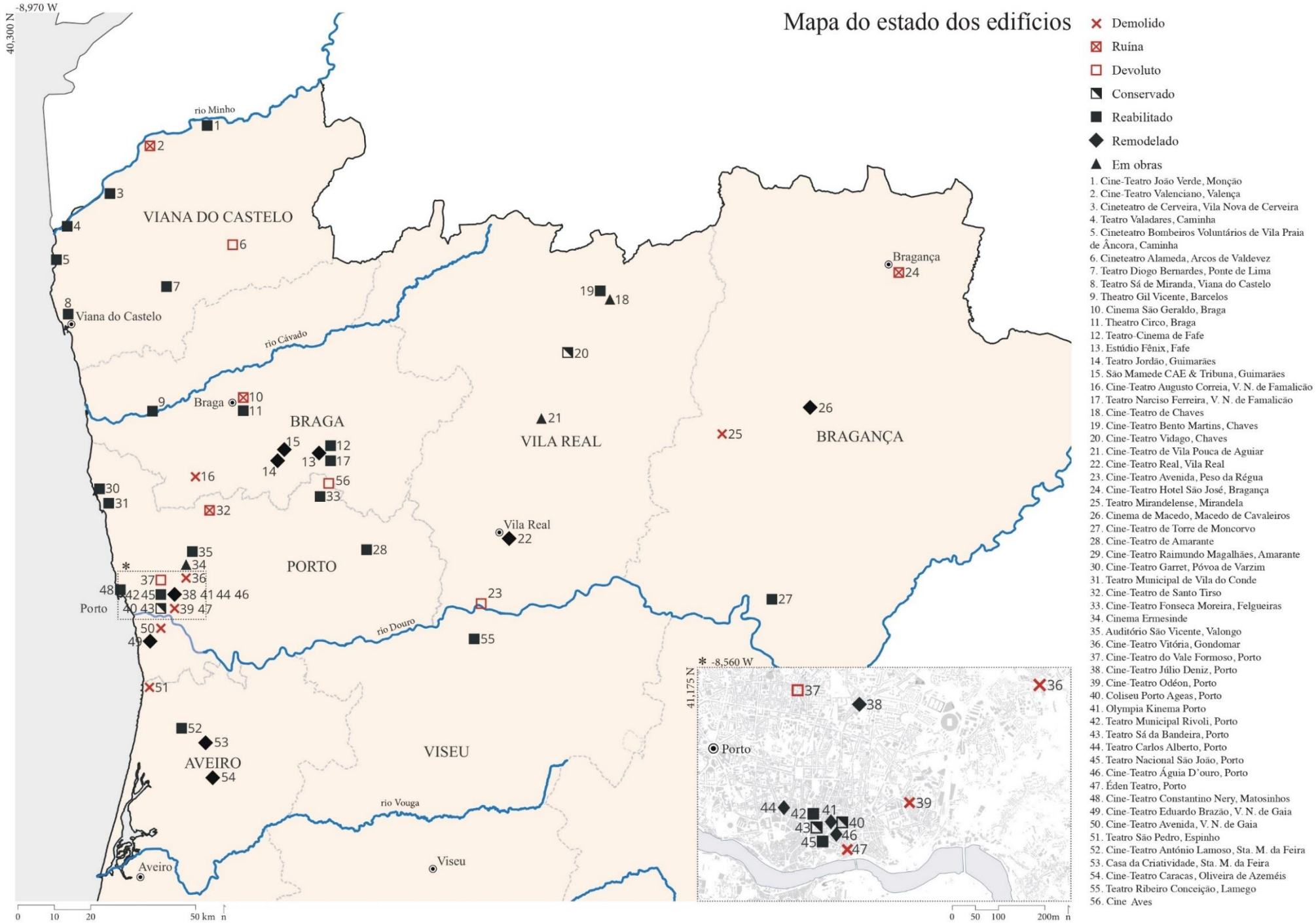
Fotos:



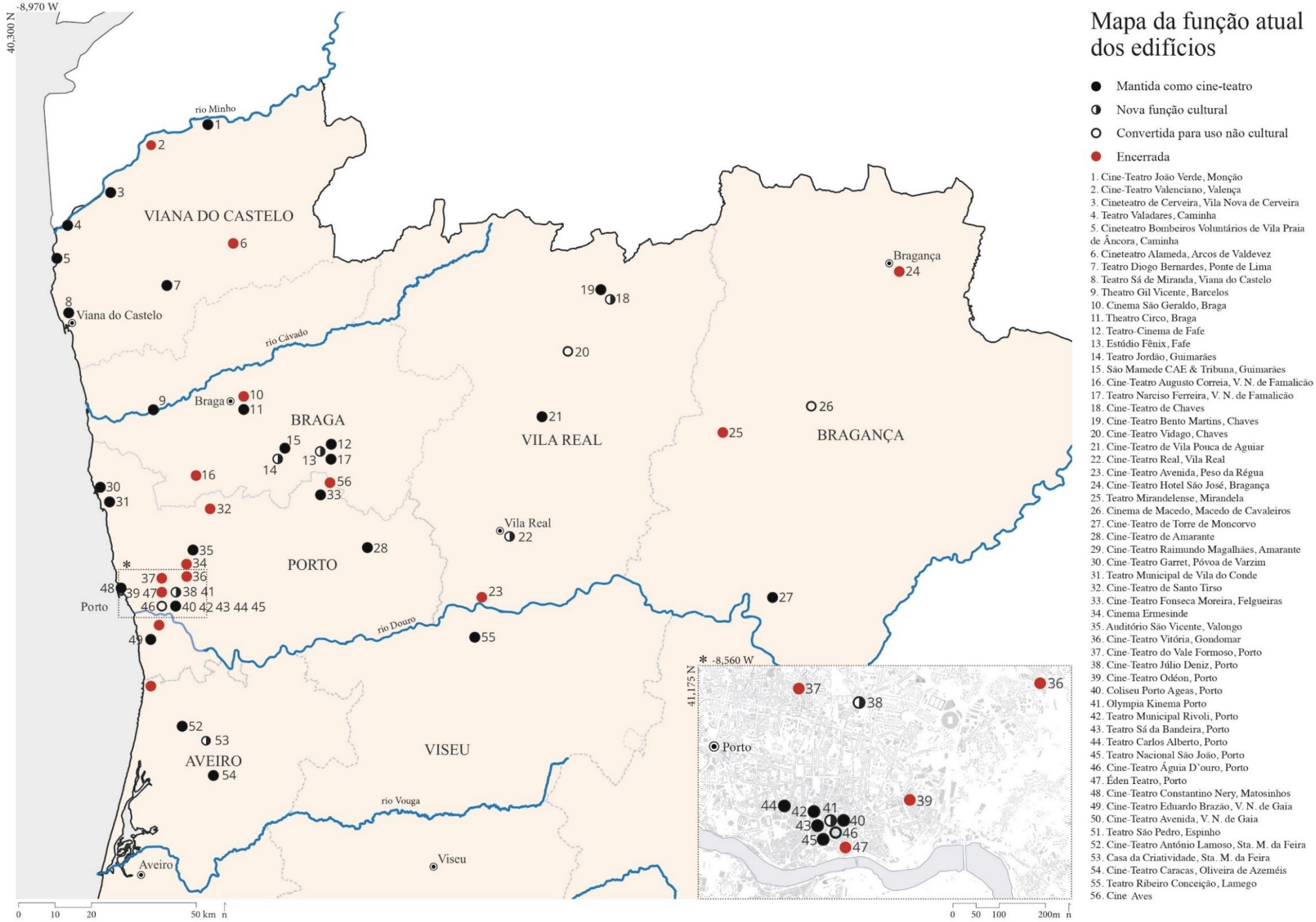


Imagens: Atual capturada pela autora e do interior acedida em 4 de agosto de 2024, em « https://restosdecoleccao.blogspot.com/2024/01/cine-teatro-vale-formoso.html»

Tabela 1 – Inventário dos Cineteatros da Região Norte de Portugal – Exemplo n°37: Cine-teatro Vale Formoso. Apêndice A – página 156.



Mapa 1: Mapa do estado dos edifícios realizado pela autora.



Mapa da função atual dos edifícios

- Mantida como cine-teatro
- Nova função cultural
- Convertida para uso não cultural
- Encerrada

1. Cine-Teatro João Verde, Monção
2. Cine-Teatro Valenciano, Valença
3. Cineteatro de Cerveira, Vila Nova de Cerveira
4. Teatro Valadares, Caminha
5. Cineteatro Bombeiros Voluntários de Vila Praia de Âncora, Caminha
6. Cineteatro Alameda, Arcos de Valdevez
7. Teatro Diogo Bernardes, Ponte de Lima
8. Teatro Sá de Miranda, Viana do Castelo
9. Theatro Gil Vicente, Barcelos
10. Cinema São Geraldo, Braga
11. Theatro Circo, Braga
12. Teatro-Cinema de Fafe
13. Estúdio Fênix, Fafe
14. Teatro Jordão, Guimarães
15. São Mamede CAE & Tribuna, Guimarães
16. Cine-Teatro Augusto Correia, V. N. de Famalicão
17. Teatro Narciso Ferreira, V. N. de Famalicão
18. Cine-Teatro de Chaves
19. Cine-Teatro Bento Martins, Chaves
20. Cine-Teatro Vidago, Chaves
21. Cine-Teatro de Vila Pouca de Aguiar
22. Cine-Teatro Real, Vila Real
23. Cine-Teatro Avenida, Peso da Régua
24. Cine-Teatro Hotel São José, Bragança
25. Teatro Mirandelense, Mirandela
26. Cinema de Macedo, Macedo de Cavaleiros
27. Cine-Teatro de Torre de Moncorvo
28. Cine-Teatro de Amarante
29. Cine-Teatro Raimundo Magalhães, Amarante
30. Cine-Teatro Garret, Póvoa de Varzim
31. Teatro Municipal de Vila do Conde
32. Cine-Teatro de Santo Tirso
33. Cine-Teatro Fonseca Moreira, Felgueiras
34. Cinema Ermesinde
35. Auditório São Vicente, Valongo
36. Cine-Teatro Vitória, Gondomar
37. Cine-Teatro do Vale Formoso, Porto
38. Cine-Teatro Júlio Deniz, Porto
39. Cine-Teatro Odéon, Porto
40. Coliseu Porto Ageas, Porto
41. Olympia Kinema Porto
42. Teatro Municipal Rivoli, Porto
43. Teatro Sá da Bandeira, Porto
44. Teatro Carlos Alberto, Porto
45. Teatro Nacional São João, Porto
46. Cine-Teatro Águia D'ouro, Porto
47. Éden Teatro, Porto
48. Cine-Teatro Constantino Nery, Matosinhos
49. Cine-Teatro Eduardo Brazão, V. N. de Gaia
50. Cine-Teatro Avenida, V. N. de Gaia
51. Teatro São Pedro, Espinho
52. Cine-Teatro António Lamoso, Sta. M. da Feira
53. Casa da Criatividade, Sta. M. da Feira
54. Cine-Teatro Caracas, Oliveira de Azeméis
55. Teatro Ribeiro Conceição, Lamego
56. Cine Aves

Mapa 2: Mapa da função atual dos edifícios realizado pela autora.

QUADRO SÍNTESE														
DISTRITO: VIANA DO CASTELO														
ID	**Nome**	**Ano de Abertura**	**Ano de Fecho da Atividade**	**Ano de Reabertura**	**Ativo**	**Função atual**			**Lotação**		**Conversão de Lotação**	**Estado do Edifício**	**Gestão: Pública ■ Privada ◘**
						Cineteatro	**Nova função cultural**	**Convertida**	**Original**	**Atual**			
1	Cine-Teatro João Verde Monção	1949	1987	2013	•	•			300	300	=	Reabilitado	■
2	Cine-Teatro Valenciano Valença	1876	1990						330			Ruína	◘
3	Cineteatro de Cerveira Vila Nova de Cerveira	1922			•	•			283	400	↑	Reabilitado	■
4	Teatro Valadares Caminha	1896	1987	2013	•	•			100	100	=	Reabilitado	■
5	Cineteatro Bombeiros Voluntários de Vila Praia de Âncora Caminha	1916	1987	2007	•	•			366	200	↓	Reabilitado	■
6	Cineteatro Alameda Arcos de Valdevez	1969	Anos 90									Devoluto	◘/■
7	Teatro Diogo Bernardes Ponte de Lima	1896		1999	•	•			315	305	↓	Reabilitado	■
8	Teatro Sá de Miranda Viana do Castelo	1885			•	•			383	400	↑	Reabilitado	■
DISTRITO: BRAGA														
ID	**Nome**	**Ano de Abertura**	**Ano de Fecho da Atividade**	**Ano de Reabertura**	**Ativo**	**Função atual**			**Lotação**		**Conversão de Lotação**	**Estado do Edifício**	**Gestão: Pública ■ Privada ◘**
						Cineteatro	**Nova função cultural**	**Convertida**	**Original**	**Atual**			
9	Theatro Gil Vicente Barcelos	1902		1997	•	•			202	383	↑	Reabilitado	■
10	Cinema São Geraldo Braga	1950	1996						808			Ruína	◘
11	Theatro Circo Braga	1915	2000	2006	•	•			1500	1133	↓	Reabilitado	■
12	Teatro-Cinema de Fafe Fafe	1923	1981	2009	•	•			160	300	↑	Reabilitado	■
13	Estúdio Fênix Fafe	1984					•		300			Remodelado	◘
14	Teatro Jordão Guimarães	1938	1993	2022	•		•		1400	400	↓	Remodelado	■
15	São Mamede CAE & Tribuna Guimarães	1971			•	•			927	672	↓	Remodelado	◘
16	Cine-Teatro Augusto Correia Vila Nova de Famalicão	1962							598			Demolido	
17	Teatro Narciso Ferreira Vila Nova de Famalicão	1944			•	•			190	476	↑	Reabilitado	■
DISTRITO: VILA REAL														
ID	**Nome**	**Ano de Abertura**	**Ano de Fecho da Atividade**	**Ano de Reabertura**	**Ativo**	**Função atual**			**Lotação**		**Conversão de Lotação**	**Estado do Edifício**	**Gestão: Pública ■ Privada ◘**
						Cineteatro	**Nova função cultural**	**Convertida**	**Original**	**Atual**			
18	Cine-Teatro de Chaves Chaves	séc.XIX					•		999	1700	↑	Em obras	■
19	Cine-Teatro Bento Martins Chaves				•	•			222	222	=	Reabilitado	◘
20	Cine-Teatro Vidago Chaves	1952						•			=	Conservado	
21	Cine-Teatro de Vila Pouca de Aguiar Vila Pouca de Aguiar	1956			•	•			310			Em obras	■
22	Cine-Teatro Real Vila Real	1930					•		789			Remodelado	■
23	Cine-Teatro Avenida Peso da Régua	1951							736			Devoluto	
DISTRITO: BRAGANÇA														
ID	**Nome**	**Ano de Abertura**	**Ano de Fecho da Atividade**	**Ano de Reabertura**	**Ativo**	**Função atual**			**Lotação**		**Conversão de Lotação**	**Estado do Edifício**	**Gestão: Pública ■ Privada ◘**
						Cineteatro	**Nova função cultural**	**Convertida**	**Original**	**Atual**			
24	Cine-Teatro Hotel São José Bragança	1963							582			Ruína	◘
25	Teatro Mirandelense Mirandela	1937									=	Demolido	
26	Cinema de Macedo Macedo de Cavaleiros	Déc. 30			•			•			=	Remodelado	■
27	Cine-Teatro de Torre de Moncorvo Torre de Moncorvo	1950			•	•			300	300	=	Reabilitado	■

Tabela 2: Quadro Síntese – Distritos: Viana do Castelo, Braga, Vila Real e Bragança
Conversão de Lotação: ↑: indica que a lotação da sala aumentou desde a sua origem até a atualidade.
↓: indica que a lotação da sala diminuiu desde a sua origem até a atualidade.
=: indica que não foram encontrados indícios de alteração na lotação.
Estados de conservação dos edifícios: dois foram demolidos; três estão em ruínas; dois estão devolutos; um está conservado; doze foram reabilitados; cinco foram remodelados; e, dois estão em obras.

QUADRO SÍNTESE														
DISTRITO: PORTO														
ID	**Nome**	**Ano de Abertura**	**Ano de Fecho da Atividade**	**Ano de Reabertura**	**Ativo**	**Função atual**			**Lotação**		**Conversão de Lotação**	**Estado do Edifício**	**Gestão: Pública ■ Privada ◘**
						Cineteatro	**Nova função cultural**	**Convertida**	**Original**	**Atual**			
28	Cine-Teatro de Amarante Amarante	1947	1980	2023	•	•			386	386	=	Reabilitado	■
29	Cine-Teatro Raimundo Magalhães Amarante	1957			•	•			320	340	↑	Reabilitado	■
30	Cine-Teatro Garret Póvoa de Varzim	1890	2005	2014	•	•			760	485	↓	Reabilitado	■
31	Teatro Municipal de Vila do Conde Vila do Conde	1947	1980	2009	•	•			636	687	↑	Reabilitado	■
32	Cine-Teatro de Santo Tirso Santo Tirso	1954	1975						999			Ruína	■
56	Cine Aves Santo Tirso	1951	2006						499	425	↓	Devoluto	
33	Cine-Teatro Fonseca Moreira Felgueiras	1921	Anos 80	1997	•	•			455	267	↓	Reabilitado	■
34	Cinema Ermesinde Ermesinde	Déc. 40	Anos 90						675			Em obras	■
35	Auditório São Vicente Valongo	Déc. 60			•	•			500	500	=	Reabilitado	◘/■
36	Cine-Teatro Vitória Gondomar	1947	Anos 80						800			Demolido	■
37	Cine-Teatro do Vale Formoso Porto	1948	1984						1076			Devoluto	◘
38	Cine-Teatro Júlio Deniz Porto	1942			•		•		1040			Remodelado	◘
39	Cine-Teatro Odéon Porto	1929										Demolido	◘
40	Coliseu Porto Ageas Porto	1941			•	•			4000	4000	=	Conservado	◘
41	Olympia Kinema Porto Porto	1912	1980		•		•		600			Remodelado	◘
42	Teatro Municipal Rivoli Porto	1913	1970	1992	•	•			1300	1019	↓	Reabilitado	■
43	Teatro Sá da Bandeira Porto	1874			•	•			1127	966	↓	Conservado	◘
44	Teatro Carlos Alberto Porto	1897	2000	2003	•	•			1200	524	↓	Remodelado	■
45	Teatro Nacional São João Porto	1920			•	•			380	380	=	Reabilitado	■
46	Cine-Teatro Águia D'ouro Porto	1899	1989	2011				•	1150			Remodelado	◘
47	Éden Teatro Porto	Déc. 1910	1948								=	Demolido	
48	Cine-Teatro Constantino Nery Matosinhos	1905	Anos 80	2008	•	•			238	225	↓	Reabilitado	■
49	Cine-Teatro Eduardo Brazão Vila Nova de Gaia	1928			•	•			277	302	↑	Remodelado	■
50	Cine-Teatro Avenida Vila Nova de Gaia	1946	Anos 80						1200			Demolido	◘
DISTRITO: AVEIRO														
ID	**Nome**	**Ano de Abertura**	**Ano de Fecho da Atividade**	**Ano de Reabertura**	**Ativo**	**Função atual**			**Lotação**		**Conversão de Lotação**	**Estado do Edifício**	**Gestão: Pública ■ Privada ◘**
						Cineteatro	**Nova função cultural**	**Convertida**	**Original**	**Atual**			
51	Teatro São Pedro Espinho	1947							342			Demolido	
52	Cine-Teatro António Lamoso Santa Maria da Feira	1965			•	•			678	518	↓	Reabilitado	■
53	Casa da Criatividade Santa Maria da Feira	1958	Anos 90	2013	•		•		986	400	↓	Remodelado	■
54	Cine-Teatro Caracas Oliveira de Azeméis	1968			•	•			691	499	↓	Remodelado	■
DISTRITO: VISEU														
ID	**Nome**	**Ano de Abertura**	**Ano de Fecho da Atividade**	**Ano de Reabertura**	**Ativo**	**Função atual**			**Lotação**		**Conversão de Lotação**	**Estado do Edifício**	**Gestão: Pública ■ Privada ◘**
						Cineteatro	**Nova função cultural**	**Convertida**	**Original**	**Atual**			
55	Teatro Ribeiro Conceição Lamego	1929			•	•			678	518	↓	Reabilitado	■

Tabela 3: Quadro Síntese – Distritos: Porto, Aveiro e Viseu

Conversão de Lotação: ↑: indica que a lotação da sala aumentou desde a sua origem até a atualidade.
↓: indica que a lotação da sala diminuiu desde a sua origem até a atualidade.
=: indica que não foram encontrados indícios de alteração na lotação.

Estados de conservação dos edifícios: cinco foram demolidos; um está em ruínas; dois estão devolutos; dois estão conservados; onze foram reabilitados; sete foram remodelados; e, um está em obras.

2.2 Síntese do Inventário

Os dados sobre os cineteatros do norte de Portugal refletem um património arquitetónico diverso, com edifícios que datam desde o século XIX até meados do século XX. Estas salas representam diferentes momentos históricos e desempenharam um papel vital nas comunidades locais ao longo do tempo. Edifícios mais antigos, como o Teatro Sá da Bandeira (1874), destacam-se pela importância cultural, mas também levantam preocupações quanto à sua conservação, dado que a preservação de património histórico requer um esforço contínuo.

O inventário realizado identificou 56 cineteatros, dos quais 23 foram reabilitados e 12 remodelados, como mostra a Figura 3. Em contrapartida, 26% dos edifícios encontram-se em estados de degradação, estando devolutos, em ruínas ou já demolidos. Estes dados evidenciam a fragilidade de parte deste património, enquanto destacam esforços pontuais de conservação e reutilização.

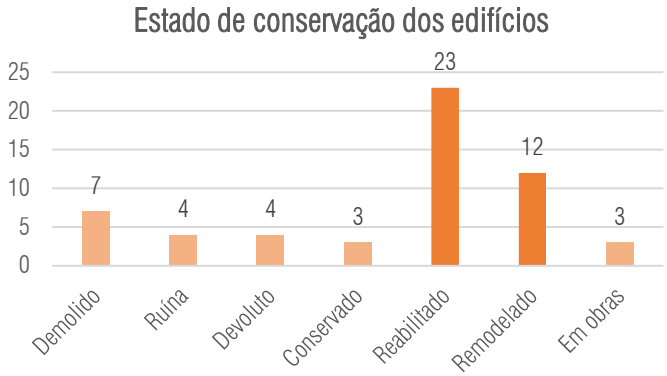


Fig. 3: Gráfico do Estado de conservação dos edifícios inventariados.

A partir das informações apresentadas, conclui-se que uma parte significativa das salas de espetáculos inventariadas (28 de 56) conseguiu manter a sua função original de cineteatro, o que indica um esforço de preservação cultural em muitas regiões. No entanto, também se observa uma tendência considerável de transformação: 7 edifícios foram adaptados para outras funções culturais (escolas de música, dança, centros culturais ou danceterias) e 3 sofreram alterações drásticas, desviando-se completamente da sua finalidade inicial para atividades não culturais, como hotéis ou repartições públicas (ver Fig.4).

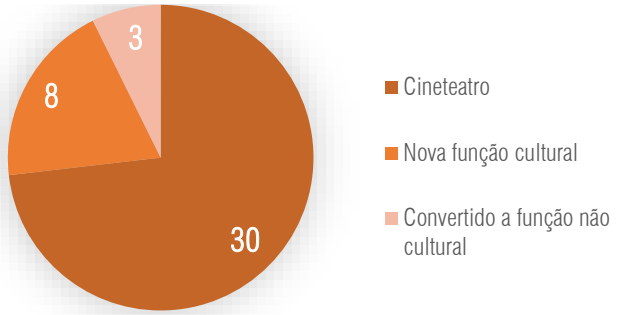


Fig. 4: Funções dos edifícios em atividade.

Além disso, o fato de 15 edifícios estarem em ruínas, devolutos ou terem sido demolidos revela um cenário preocupante de degradação e abandono de parte deste património arquitetónico. Isso sugere a falta de recursos ou de políticas eficazes para manter a integridade destes espaços, o que compromete a preservação da história cultural e arquitetónica local.

Um ponto positivo verificado na análise foi que a maioria das reabilitações das salas de espetáculos foi realizada pelas autarquias, o que demonstra um compromisso com a preservação do património cultural. No entanto, é importante ressaltar os atrasos consideráveis na reabertura de várias dessas salas após o fechamento. Por exemplo, o Cine-Teatro de Amarante permaneceu fechado por 43 anos, enquanto o Teatro Jordão e o Teatro Municipal de Vila do Conde ficaram inativos por 29 anos, e o Cine-Teatro Constantino Nery por 28 anos. Esses extensos períodos de inatividade evidenciam falhas significativas na gestão das câmaras municipais responsáveis por esses espaços. Contudo, esse não foi o único fator que contribuiu para o atraso nas reabilitações. O apogeu dos centros comerciais gerou um desinteresse crescente pelos cinemas tradicionais, e muitos desses edifícios eram propriedades privadas, não públicas, frequentemente divididas entre inúmeros herdeiros, complicando ainda mais os processos de gestão e requalificação.

Quando a análise é focalizada ao Distrito do Porto, percebe-se uma diferença proporcional em relação aos números acima apresentados. Dos 24 edifícios apresentados, apenas 13 mantiveram as funções de cineteatro, enquanto dois alteraram a função para danceterias e o Cine-teatro Águia D'ouro teve o seu interior completamente demolido, se tornando um hotel. Quatro edifícios foram demolidos, um se encontra em ruína e dois devolutos, como é o caso do Vale Formoso, sem atividade cultural desde 1984 (ver Fig. 5).

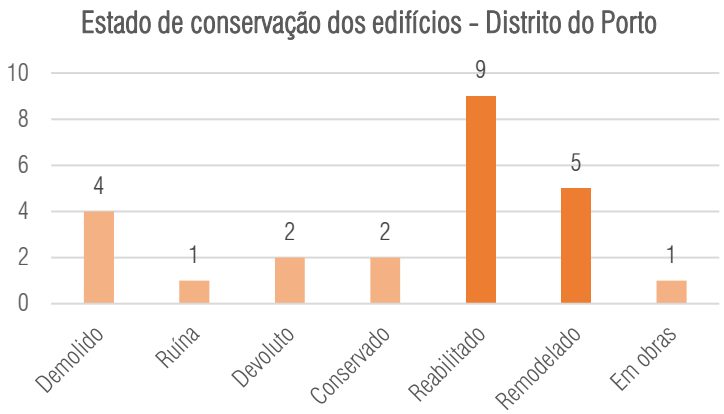


Fig. 5: Gráfico do Estado de conservação dos edifícios (Distrito do Porto).

Adicionalmente, destaca-se a questão da lotação dos edifícios reabilitados, onde se observa uma redução no número de lugares disponíveis (ver Fig. 6). Essa diminuição pode ser justificada por fatores relacionados ao conforto e, sobretudo, à segurança, com especial atenção às normas de proteção contra incêndios, que foram uma preocupação recorrente nas salas de espetáculos dos séculos XIX e início do século XX. E também, como mencionado no estudo sobre o Cine Aves[20], as dificuldades económicas na manutenção dos edifícios, associadas à diminuição da procura do programa cultural de cinema, levaram a uma decisão da gestão de oferecer menos lugares. Além disso, é pertinente reiterar que os distritos de Viana do Castelo e Bragança apresentaram um menor número de salas de espetáculos construídas em comparação com outros distritos, o que reflete disparidades regionais no investimento em infraestruturas culturais.

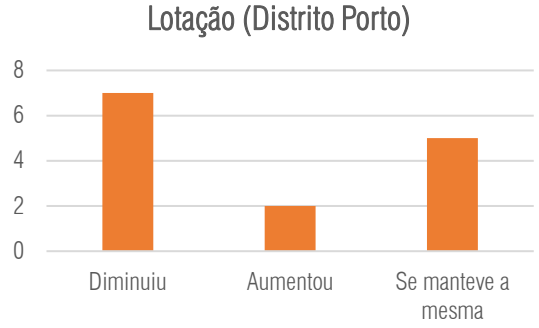


Fig. 6: Gráfico com a conversão da lotação nos edifícios que tiveram a função de cineteatro mantida (Distrito do Porto).

[20] PEREIRA, Dulce Alves - Reabilitação do Cine Aves: uma nova visão para o cinetreatro de Vila das Aves. Porto: FAUP, 2019. p. 30,

Outro aspeto identificado na análise é a dimensão dos cineteatros localizados em áreas periféricas, que tendem a ser menores em comparação com as grandes salas centrais. Observa-se que o fenómeno mencionado por Inês Calor (2004), relacionado à menor escala dos cinemas fora dos centros urbanos, também se aplica aos cineteatros.

> *"À margem destes cinemas mais sumptuosos, geralmente concentrados no centro das cidades, surgem os cinemas periféricos, cujo aparecimento é motivado pela expansão das cidades e pouco depois absorvidos completamente na malha urbana. Mais modestos nas dimensões e decoração não deixam de experimentar formas modernistas interessantes. Numa artéria de extensão da cidade do Porto, já bastante movimentada na época (a Rua Costa Cabral), construi-se em 1942 o Cinema Júlio Deniz. A timidez da volumetria é compensada pela torre que constitui uma referência na continuidade da cércea dos edifícios vizinhos. Nesta categoria incluem-se também o Cine Oeiras e o Vitória Cine de Carcavelos."*[21]

Na mesma linha de raciocínio, e comprovado pelos quadros/sínteses apresentadas, Susana da Silva[22] menciona que aproximadamente 20% dos cineteatros analisados tinham mais de 1000 lugares, enquanto 24% possuíam menos de 500. Ela justifica esse cenário com a legislação de 1927, que exigia a existência de pelo menos duas fachadas para lotações superiores a 500 lugares, o que dificultava a escolha do local, além de aumentar os custos de construção e também o valor das taxas pagas em função da lotação.

Em conclusão, este inventário expõe, de forma contundente, tanto a riqueza do património arquitetónico, como as lacunas existentes, durante o tempo, para a sua preservação. As diferentes épocas e estilos de construção, evidenciados nas imagens, incluem: i) teatros de origem italiana adaptados ao cinema, como o Theatro Circo em Braga (Fig. 7 e 8), com a típica estrutura em forma de ferradura e a presença de camarotes; ii) cineteatros concebidos de raiz, onde as salas, pensadas

[21] CALOR, Inês Alhandra - Reabilitação de cinemas modernistas: caracterização do contexto urbano ibérico. Porto: Faup, 2004

[22] SILVA, Susana Constantino Peixoto da - Arquitectura de cine-teatros : evolução e registo, 1927-1959: equipamentos de cultura e lazer em Portugal no estado novo. Coimbra : Almedina, 2010. p.109

em formato retangular, transformaram a essência dos camarotes em balcões, como no caso do Cine-teatro de Amarante (Fig 9 e 10).

Apesar do esforço de algumas autarquias na reabilitação desses espaços, o número de edifícios demolidos, em ruínas, devolutos ou adaptados para funções não culturais denuncia uma preocupante falta de políticas eficazes de conservação. A longa inatividade de várias salas revela uma gestão municipal deficiente, que compromete a preservação e o acesso ao património cultural. Adicionalmente, as disparidades regionais e o abandono das infraestruturas culturais em áreas periféricas sublinham um desinvestimento que aprofunda as desigualdades no acesso à cultura e põe em risco o legado arquitetónico e social que essas salas representam, além da falta de responsabilidade com a memória cultural da população local.

O inventário, ao expor o estado de vários edifícios e casos de sucesso de reabilitação, despertou na autora maior interesse no caso controverso do Cine-teatro Vale Formoso, abandonado e sob posse de uma entidade sem intenção aparente de reativá-lo.



7



8



9

10



Fig 7 e 8: Theatro Circo, Braga. Fonte: Acedidas em 3 de setembro de 2024, em «https://www.theatrocirco.com/pt/home».
Fig. 9 e 10: Cine-teatro Amarante, Amarante. Fonte: Acedidas em 5 de setembro de 2024, em «https://espacodearquitetura.com/projetos/cine-teatro-de-amarante/»

3. Enquadramento social e urbano do Cine-teatro Vale Formoso

> *"Vai a Empreza Cinematografica Vale Formozo, I.da, com sede provisoria na rua da Conceição n° 23, desta cidade do Pôrto, construir una casa de espectaculos cinematograficos e teatrais, num terreno que possue no lado sul da rua de S. Diniz e marginado lateralmente pelo prolongamento da rua de Almirante Leote do Rêgo e rua de Capitão Pambeiro. É de louvar a atitude desta Empreza que, ao construir esta casa de espectaculos, sacrificando os seus interesses monetarios, produzem uma obra de civilidade de alto significado moral e espiritual."*[23]

Assim iniciou o arquiteto, Francisco Fernandes da Silva Granja, a memória descritiva a falar sobre o projeto do Cine-teatro do Vale Formoso, em 1945. Nascido em 1914 na freguesia de Souzelo, Cinfães, Granja foi um arquiteto português cuja obra se concentrou principalmente no concelho do Porto. Formado pela Escola de Belas Artes do Porto em 1940, iniciou a sua carreira em parceria com o arquiteto Carlos Henrique da Silva Neves. Juntos, mantiveram um atelier na Praça da Liberdade, no Porto, durante a década de 1940, onde desenvolveram diversos projetos, como habitações unifamiliares e edifícios de rendimento, além de projetos emblemáticos como o Cine-Teatro Vale Formoso, que marcou o final da colaboração entre os dois arquitetos.[24]

Após a separação da dupla, Granja passou a trabalhar de forma independente, continuando a desenvolver projetos na cidade do Porto. Entre as suas obras independentes destacam-se residências particulares na Rua António Cândido, a Garagem Automóvel Peugeot e um prédio de habitação na Avenida Fernão de Magalhães. Esses projetos refletem uma transição entre o estilo tradicionalista, observado nas suas primeiras obras, e uma abordagem mais modernista, especialmente evidente em projetos como a garagem Peugeot (ver Fig. 11,12,13 e 14).

---

[23] GRANJA, Francisco, Memória Descritiva do Projeto, Arquivo Histórico do Porto. 1945.

[24] CARVALHO, Maria Carolina Almeida de Figueiredo - Reabilitar para a cidade: o Cine-Teatro do Vale Formoso. Porto: FAUP, 2019.

11   12

13   14

Fig. 11 e 12: Garagem Peugeout, Arq. Francisco Granja
Fig. 13: Residências particulares, Arq. Francisco Granja
Fig; 14: Edifício de rendimentos, Arq. Francisco Granja
Fonte: https://arquivoatom.up.pt/index.php/granja-francisco-fernandes-da-silva

Granja, apesar de não ter recebido o mesmo nível de notoriedade que outros arquitetos da época, foi influenciado pelo mestre José Marques da Silva, um dos mais importantes arquitetos portugueses do início do século XX, e fez parte do grupo de discípulos deste[25], formados na Escola de Belas Artes do Porto. Apesar da escassez de informações sobre sua trajetória após os anos 1950, ele deixou uma contribuição significativa para o tecido urbano do Porto.

Na entrevista realizada com os arquitetos Alexandre Alves Costa e Sérgio Fernandez para esta dissertação, Fernandez afirmou que o arquiteto Francisco Granja tinha uma postura de apoio ao governo. Essa observação é corroborada na continuação da Memória Descritiva do Projeto do Vale Formoso:

> *"São, como se sabe, as casas de espectaculos verdadeiras escolas de educação civica e, graças á iniciativa do Govêrno na sua grandiosa Obra de Revolução Nacional, se tem criado, pelo País fora, os incentivos profundos e vincados, abrindo caminho ás iniciativas particulares que o secundam na criação fecunda e progressiva da cultura intelectual artistica do Povo Português."*

Na sequência o arquiteto menciona que o cinema do Vale Formoso (ver Fig. 15 e 16), que se pretende construir, é considerado de caráter popular, pois será erguido num dos maiores bairros da cidade do Porto, Paranhos, que abrigava na época aproximadamente 40.000 habitantes.[26]

Num discurso ao estilo da época, Francisco Granja descreve:

> *"(…) e oxalá, em breve tempo, se construam em todos os bairros mais populosos das principais cidades dos Pais, pelo menos uma casa de espectaculos para cada um, dando ao seu povo as possibilidades necessárias para se poderem recrear, descansando o côrpo e educando o espírito, em vez-de perderem as suas horas de ocio criandos vicios desnecessarios."*[27]

[25] Informação também dita pela filha Helena Granja em entrevista concedida a autora. Ver Apêndice B.3.

[26] Idem 20.

[27] GRANJA, Francisco, Memória Descritiva do Projeto, Arquivo Histórico do Porto. 1945.

15



16



Fig. 15 e 16: Fachada frontal do Cine-teatro Vale Formoso e vista do pátio interno.

E explica a importância desta casa de espetáculos no sítio a que se pretendia construir:

> *"O lugar onde se pretende construir o Cinema Vale Formozo está situado num tal ponto, a todas as vistas magnifico, que as freguesias circunvisinhas: Bonfim, Nossa Senhora da. Conceição, Carvalhido e Lapa, são, em grande escala, beneficiadas por esta Nova Casa de Espectaculos."*

Na fase inicial do projeto do cineteatro, em 1945, Granja ainda colaborava com o seu sócio Carlos Neves. No entanto, durante o processo de alterações, a parceria foi dissolvida, e o arquiteto passou a conduzir o projeto individualmente. A principal diferença entre o plano original e a versão aprovada em 1948 decorre das exigências impostas pela Câmara Municipal, como a preservação da ilha na Travessa do Paiol (ver Fig. 17 e 18). Em consequência, foi necessário suprimir uma faixa lateral e a entrada secundária previamente previstas para o espaço da "ilha". Adicionalmente, essas mudanças implicaram a redução da largura do palco e dos camarins, o que impactou diretamente a quantidade de espetáculos teatrais apresentados no Vale Formoso.

O Cine-Teatro Vale Formoso foi inaugurado a 30 de dezembro de 1948, com uma capacidade de 1076 lugares. O evento de abertura contou com a exibição do filme português "Uma Vida Para Dois", conforme relatado na publicação "O Tripeiro":

> *"Com o filme português "Uma Vida Para Dois" inaugura-se o Cinema Vale Formoso, sito na Rua de S.Diniz, ' casa de espetáculos mais linda que a cidade do Porto possui'." (Horácio Marçal, S. Veríssimo de Paranhos (Freguesia da Cidade do Porto)*[28]

Apesar de o chamarem "cinema" nestas citações, sempre fora considerado cineteatro, tanto nos projetos e na estrutura do edifício, quanto nos letreiros e nos programas apresentados. A partir desta data inaugural, o cineteatro não parou de funcionar até dezembro de 1984, e destacou-se como uma das principais salas de espetáculos da Cidade do Porto, frequentada inclusive por pessoas de cidades vizinhas (como descoberto nos inquéritos sociais). No entanto, apesar de todo prestígio e tal como aconteceu com muitos outros cinemas e cineteatros nas grandes cidades, o Vale Formoso começou a enfrentar um processo de declínio que culminou com o seu encerramento. Pela condição de propriedade privada, em 1993 o espaço foi alugado pela

[28] O Tripeiro, 7ª série. 2013. Trecho de 1948. Consultado no Arquivo Histórico da Cidade do Porto.

17



18

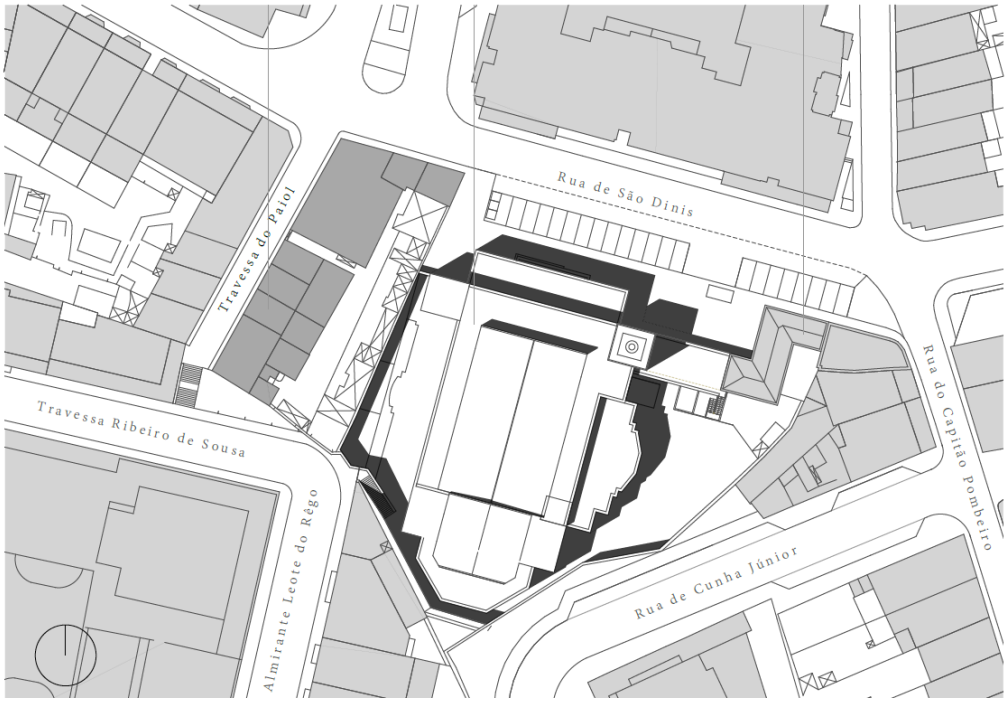


Fig. 17: Mapa de localização da Freguesia de Paranhos e Cine-Teatro de Vale Formoso
Fig. 18: Planta de Implantação atual do Cine-Teatro de Vale Formoso, Excala 1|10000
Fonte: CARVALHO, Maria Carolina Almeida de Figueiredo - Reabilitar para a cidade : o Cine-Teatro de Vale Formoso. Porto : FAUP, 2019.p.134.

Empresa Cinematográfica Vale Formoso à Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), que passou a utilizá-lo para a realização de cerimónias e cultos religiosos.

O edifício está localizado na zona de Paranhos, a norte do centro histórico do Porto, numa área que, antigamente, funcionava como uma das principais saídas da cidade em direção a regiões periféricas. Situado próximo da Estrada da Circunvalação, que servia de fronteira administrativa do Porto até meados do século XX, o local estava estrategicamente posicionado junto a vias de trânsito importantes, facilitando o acesso tanto ao centro como às áreas exteriores da cidade. Essa proximidade com as saídas antigas do Porto tornava o cineteatro uma referência cultural não apenas para os habitantes de Paranhos, mas também para quem se deslocava de outras zonas.

A análise da evolução dos mapas urbanos da cidade evidencia a importância de vias como a Rua do Vale Formoso, cuja existência remonta ao século XIX, sendo já identificada com este nome na planta topográfica do Porto, elaborada por Teles Ferreira em 1892. Esta rua assumia uma função estratégica ao conectar a Rua da Rainha (atual Rua Antero de Quental) à Rua do Amial, estendendo-se até à Estrada da Circunvalação, consolidando a sua relevância para entrada e saída da cidade. As imagens aéreas também documentam o desenvolvimento urbano da região desde 1939[29], sem o edifício no terreno, junto da imagem do ortofotomapa de 1947[30] onde já se pode observar o edifício, provavelmente ainda em construção. Nas fotografias mais atuais percebe-se que a zona se adensou significativamente após a construção dos bairros do Bom Pastor (1974) e do Vale Formoso (1979), (ver Fig. 19 e 20).

Os pormenores construtivos, as alterações projetuais, a burocracia enfrentada até à construção do edifício e a sua história até ao abandono foram muito bem expostos por Maria Carolina Carvalho (2019), que teve a oportunidade de visitar o local. Tal ensejo de visita não foi concedido a esta autora, provavelmente devido à repercussão da outra dissertação, cujas

[29] Fotografia aérea da cidade do Porto : 1939-1940 : fiada 18A, n.º 389. Acedido em https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/587787/? em 10 de setembro de 2024.

[30] Ortofotomapa de 1947_Ortomosaico criado com 24 fotografias aéreas fornecidas pelo CIGeoE. Trata-se de um voo efetuado pela empresa SPLAL (Sociedade Portuguesa de Levantamentos Aéreos, Lda.), em 1947. As coberturas nacionais feitas na década de 1940, de que esta faz parte, deram origem à conclusão da carta militar 1:25.000, no final da década. O CIGeoE é detentor das coberturas nacionais da SPLAL e de outras coberturas do continente feitas nas décadas de 1940 e 1950. Acedido em https://www.fc.up.pt/pessoas/jagoncal/porto/, em 10 de setembro de 2024.

19



20

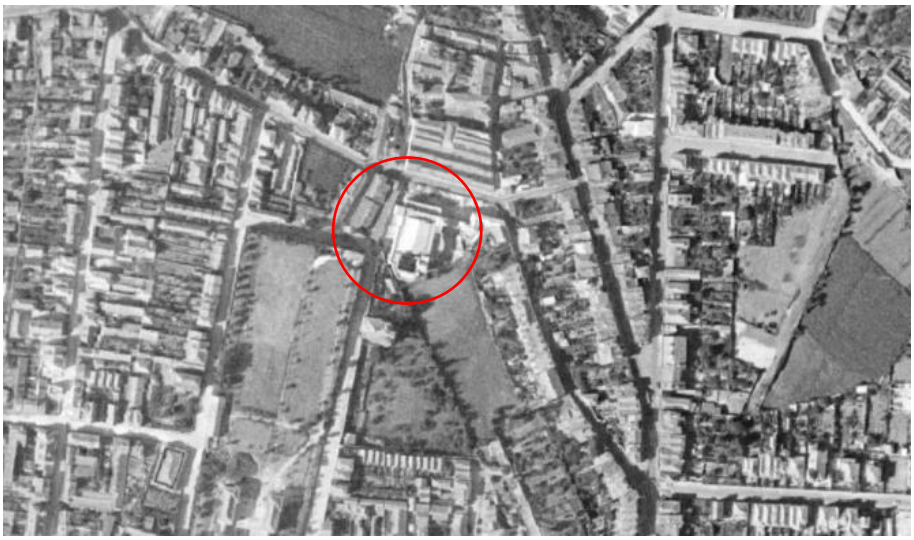


Fig. 19: Fotografia aérea da cidade do Porto: 1939-1940. Fonte: https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/587787/?
Fig. 20: Ortofotomapa de 1947. Fonte: https://www.fc.up.pt/pessoas/jagoncal/porto/

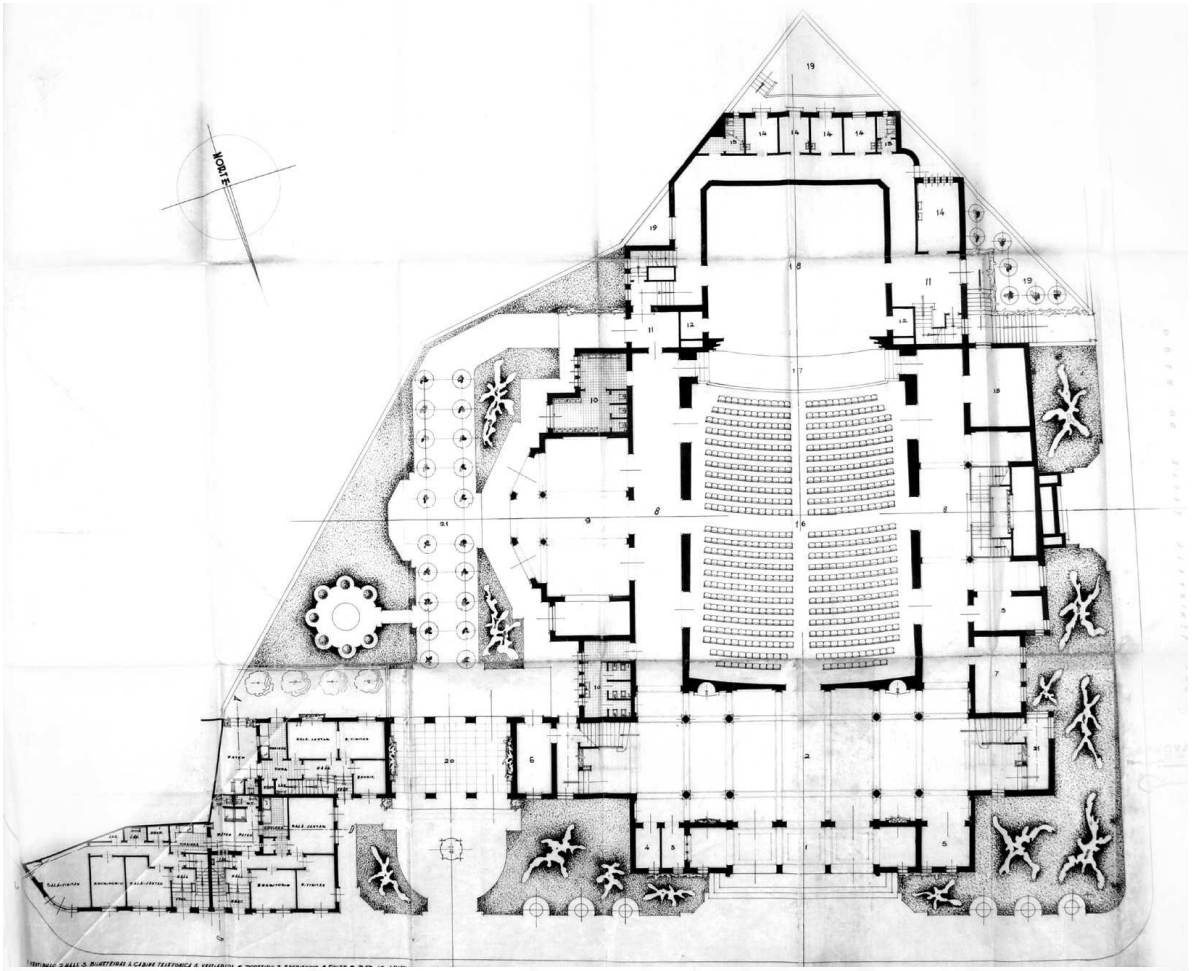
informações se encontram disseminadas em diversos sites, o que poderá ter atraído atenção para o estado de abandono em que o edifício se encontra atualmente.

O projeto original do Cine-Teatro Vale Formoso, de 1945, apresentava imprecisões nas altimetrias e na inclinação do prolongamento da Rua do Almirante Leote do Rego, resultando numa discrepância significativa de níveis em relação à Rua de São Dinis. A diferença real de 7,77 metros foi subestimada nos planos originais, gerando a necessidade de ajustes no projeto de 1946. Nesta revisão, o arquiteto Francisco Granja reposicionou a entrada secundária no piso superior, resolvendo o problema de inclinação (ver Fig.21 e 22).

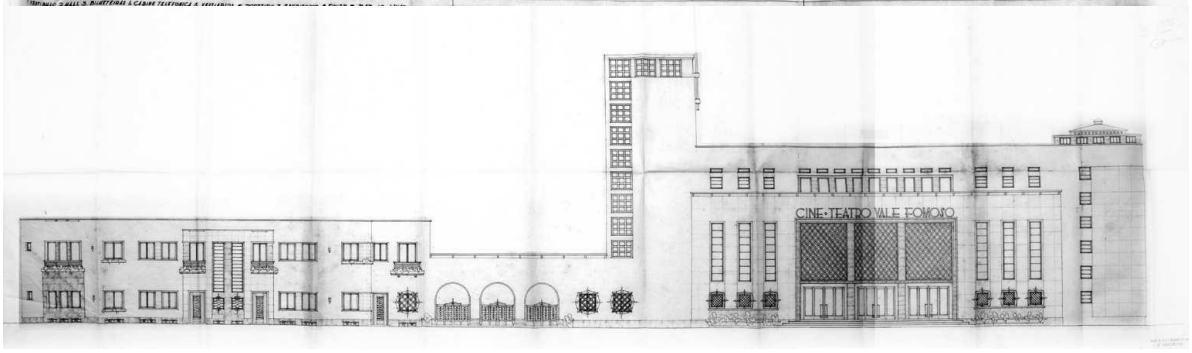
O prolongamento planejado da Rua do Almirante Leote do Rego pretendia criar enquadramentos que destacassem a fachada principal do Cine-Teatro Vale Formoso ao longo da Rua de São Dinis, direcionando o olhar dos transeuntes para o edifício. Essa estratégia funcionou do lado nascente, mas a não realização do prolongamento da Rua do Almirante Leote do Rego e a permanência da ilha de casas impediram esse efeito a poente. Como consequência, na versão do projeto de 1948, o arquiteto Francisco Granja adaptou o projeto eliminando a ala poente e a entrada secundária, devido à falta de espaço e de acesso claro à rua, ajustando o edifício às condições reais do terreno (ver Fig. 23 e 24).

As alterações finais ao projeto do Cine-Teatro Vale Formoso, de 1948, eliminaram a ala poente, reformularam as escadas de acesso aos artistas e adaptaram os espaços exteriores às limitações do terreno. A ala poente foi reduzida a um corredor de acesso ao balcão e camarotes, enquanto o pátio poente perdeu sua função inicial, tornando-se um espaço descaracterizado e residual, delimitado pelo muro da ilha adjacente. Do lado nascente, a ideia original de um pórtico com três arcadas e jardim foi substituída por um bar independente, ocupando duas arcadas e deixando apenas uma para acesso ao pátio, agora usado para cargas e descargas. Outra mudança significativa foi o afastamento da volumetria da zona dos camarins e do palco em relação ao muro de suporte de terras, criando um "fosso" técnico que facilitava a construção e ventilação. Este ajuste resultou na redução da caixa de palco e na reformulação das paredes externas, que assumiram formas facetadas e simétricas (ver Fig. 25 e 26).[31]

[31] Informações sobre a evolução do projeto retiradas de CARVALHO, Maria Carolina Almeida de Figueiredo - Reabilitar para a cidade: o Cine-Teatro do Vale Formoso. Porto: FAUP, 2019.

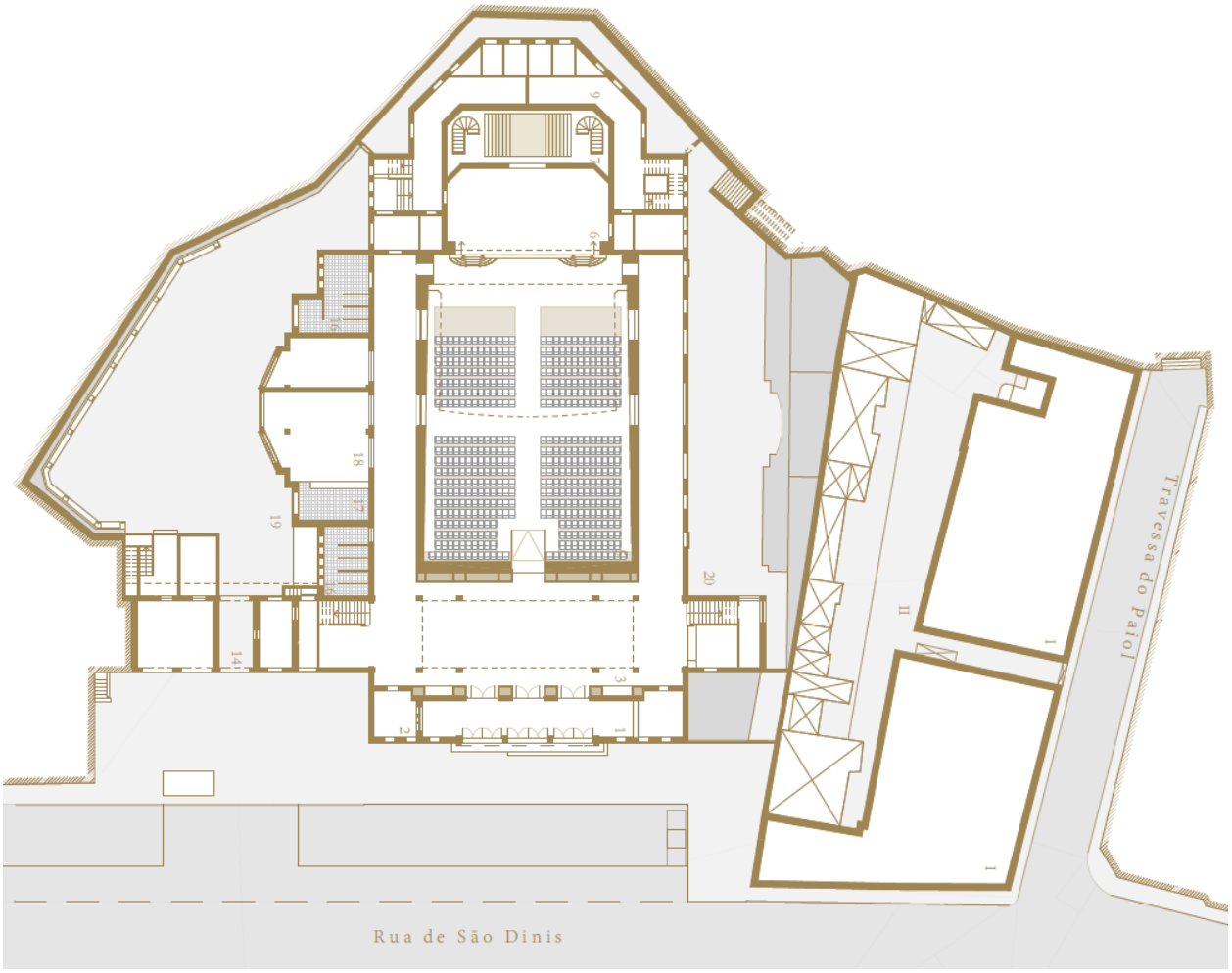


21



22

Fig. 21 e 22: Arquivo Histórico Municipal do Porto. Planta do Rés do Chão e Alçado frontal, projeto de 1945.

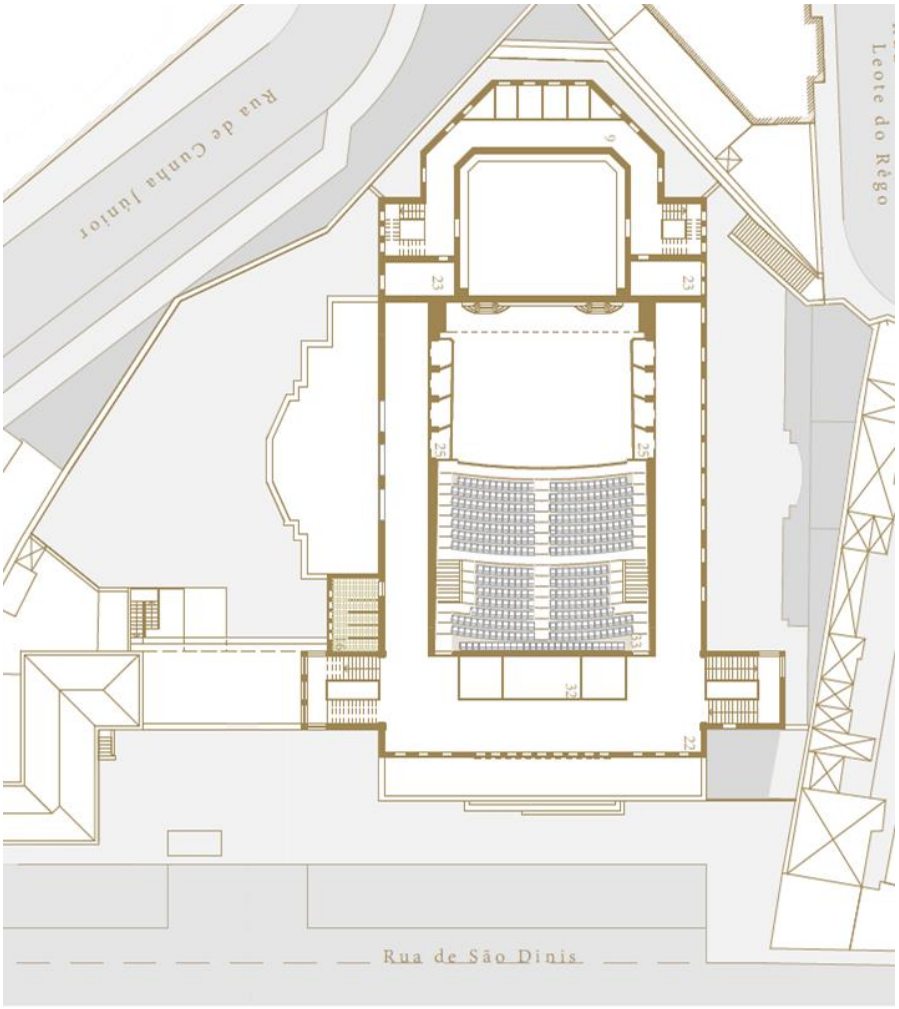


23



24

Fig. 23 e 24: Planta do Rés do Chão e Alçado frontal, projeto de 1948. Desenhos de Maria Carolina Carvalho. Fonte: CARVALHO, Maria Carolina Almeida de Figueiredo - Reabilitar para a cidade: o Cine-Teatro do Vale Formoso. Porto: FAUP, 2019. p.: 136 e 140.



25



26

Fig. 25 e 26: Planta do Primeiro Piso e Alçado leste (fachada para o pátio), projeto de 1948. Desenhos de Maria Carolina Carvalho. Fonte: CARVALHO, Maria Carolina Almeida de Figueiredo - Reabilitar para a cidade: o Cine-Teatro do Vale Formoso. Porto: FAUP, 2019. p.: 138 e 141.

Embora não tenha visitado o edifício, a autora teve acesso a diversos arquivos relativos ao Cineteatro, disponíveis no Arquivo Municipal do Porto, incluindo memórias descritivas, projetos e definições do IGAC – Inspeção Geral das Atividades Culturais. A partir destes documentos foi possível perceber a evolução da alteração da atividade do edifício. Em 1995, o arquiteto e vereador do Pelouro do Urbanismo e da Reabilitação Urbana, José Gomes Fernandes, emitiu um mandado de despejo ao representante legal da IURD, intimando-o a desocupar o edifício do Cine-Teatro Vale Formoso, incluindo pessoas e bens, no prazo de 45 dias, sob pena de procedimento coercivo. O documento determinava ainda que o local deveria ser devolvido à sua função original, como recinto destinado a espetáculos, e não como local de culto religioso.[32] Posto isto, a empresa Cinematográfica do Vale Formoso solicitou a alteração da Licença de utilização do prédio para alargar o seu uso a conferências, festas, palestras, sermões, culto religioso e obras de ação social. [33] Importante ressaltar a seguinte declaração da empresa:

> *"Acresce que, não pretende a requerente levar a cabo quaisquer alterações na arquitetura ou estética do edifício, mantendo-o inalterado na sua estrutura interna e externa, apenas realizando obras de conservação, reparação e limpeza."*

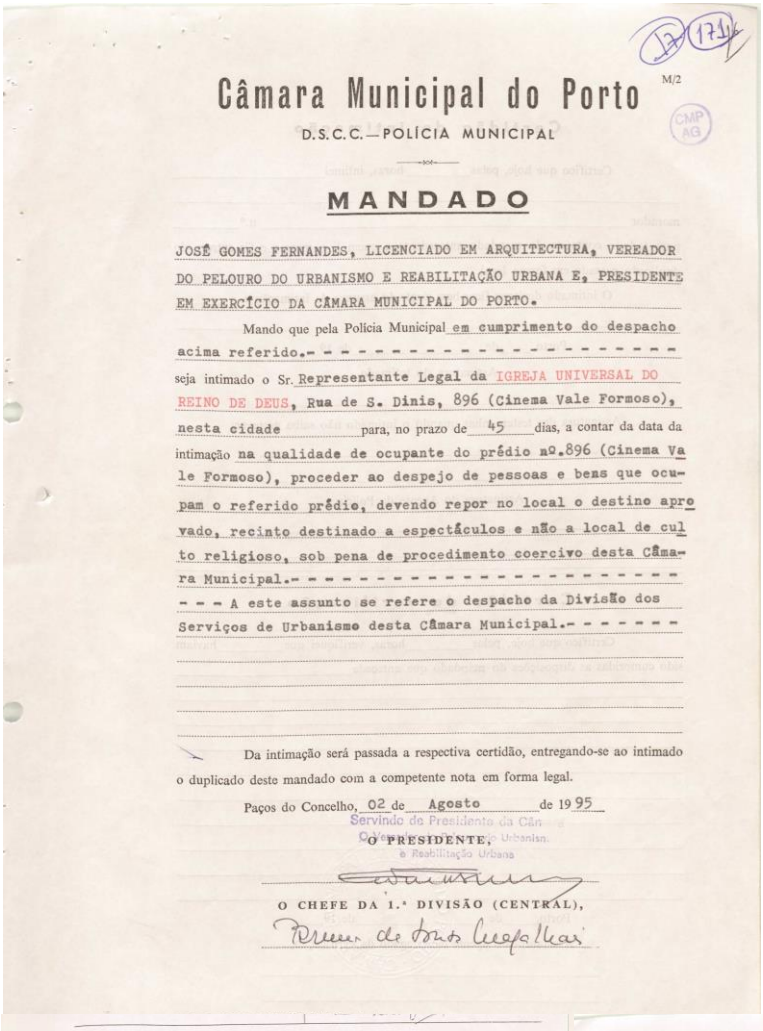
Após extensas tentativas da empresa, e com a intervenção de uma advogada no processo, em 1997 o IGAC deferiu a solicitação, impondo a seguinte condição[34]:a salvaguarda da manutenção da capacidade da realização da atividade principal do edifício, isto é, as obras de conservação e recuperação não podem comprometer a valência teatral do recinto.

No mesmo documento há o despacho da DGESP – Direção Geral de Espetáculos, favorável ao alargamento das funções, desde que não fossem introduzidas alterações na arquitetura do edifício, estrutura interna e/ou externa (ver Fig. 27, 28 e 29).

[32] Documento acedido através da Câmara Municipal do Porto, referência NUP/26643/2024/CMP, p.267.

[33] Idem 24. p.281.

[34] Idem 24.p.331.



Câmara Municipal do Porto

M/2

D.S.C.C. — POLÍCIA MUNICIPAL

MANDADO

JOSÉ GOMES FERNANDES, LICENCIADO EM ARQUITECTURA, VEREADOR DO PELOURO DO URBANISMO E REABILITAÇÃO URBANA E, PRESIDENTE EM EXERCÍCIO DA CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO.

Mando que pela Polícia Municipal em cumprimento do despacho acima referido.- seja intimado o Sr. Representante Legal da IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS, Rua de S. Dinis, 896 (Cinema Vale Formoso), nesta cidade para, no prazo de 45 dias, a contar da data da intimação na qualidade de ocupante do prédio nº.896 (Cinema Vale Formoso), proceder ao despejo de pessoas e bens que ocupam o referido prédio, devendo repor no local o destino aprovado, recinto destinado a espectáculos e não a local de culto religioso, sob pena de procedimento coercivo desta Câmara Municipal.- A este assunto se refere o despacho da Divisão dos Serviços de Urbanismo desta Câmara Municipal.- - - - - - -

Da intimação será passada a respectiva certidão, entregando-se ao intimado o duplicado deste mandado com a competente nota em forma legal.

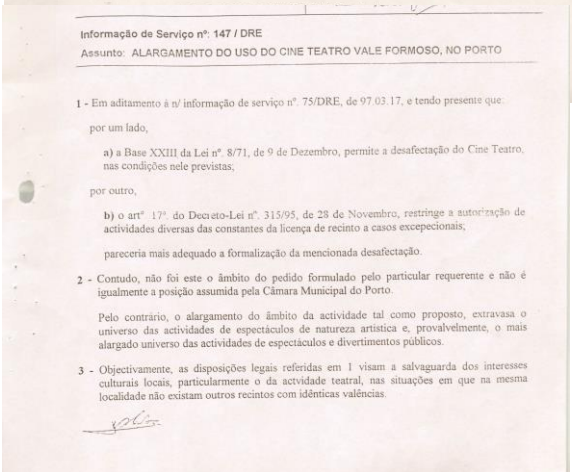
Paços do Concelho, 02 de Agosto de 19 95

Servindo de Presidente da Câm
Chefe da Divisão de Urbanism
e Reabilitação Urbana

O PRESIDENTE,

O CHEFE DA 1.ª DIVISÃO (CENTRAL),

27



Informação de Serviço nº: 147 / DRE

Assunto: ALARGAMENTO DO USO DO CINE TEATRO VALE FORMOSO, NO PORTO

1 - Em aditamento à n/ informação de serviço nº. 75/DRE, de 97.03.17, e tendo presente que:

por um lado,

a) a Base XXIII da Lei nº. 8/71, de 9 de Dezembro, permite a desafectação do Cine Teatro, nas condições nele previstas;

por outro,

b) o artº. 17º. do Decreto-Lei nº. 315/95, de 28 de Novembro, restringe a autorização de actividades diversas das constantes da licença de recinto a casos excepcionais;

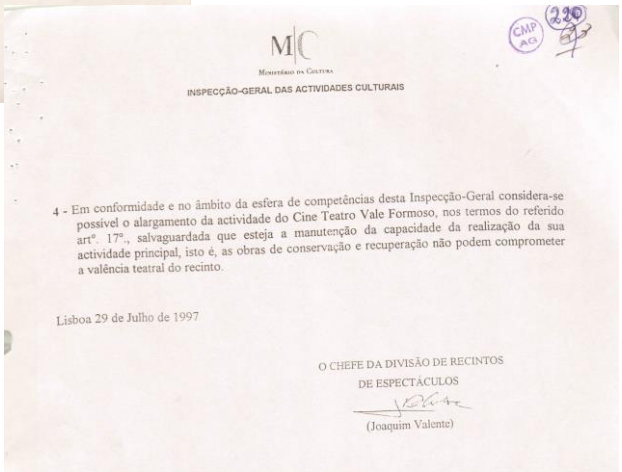
parecería mais adequado a formalização da mencionada desafectação.

2 - Contudo, não foi este o âmbito do pedido formulado pelo particular requerente e não é igualmente a posição assumida pela Câmara Municipal do Porto.

Pelo contrário, o alargamento do âmbito da actividade tal como proposto, extravasa o universo das actividades de espectáculos de natureza artística e, provalvelmente, o mais alargado universo das actividades de espectáculos e divertimentos públicos.

3 - Objectivamente, as disposições legais referidas em 1 visam a salvaguarda dos interesses culturais locais, particularmente o da actvidade teatral, nas situações em que na mesma localidade não existam outros recintos com idênticas valências.

28



MC

Ministério da Cultura

INSPECÇÃO-GERAL DAS ACTIVIDADES CULTURAIS

4 - Em conformidade e no âmbito da esfera de competências desta Inspecção-Geral considera-se possível o alargamento da actividade do Cine Teatro Vale Formoso, nos termos do referido artº. 17º., salvaguardada que esteja a manutenção da capacidade da realização da sua actividade principal, isto é, as obras de conservação e recuperação não podem comprometer a valência teatral do recinto.

Lisboa 29 de Julho de 1997

O CHEFE DA DIVISÃO DE RECINTOS
DE ESPECTÁCULOS

(Joaquim Valente)

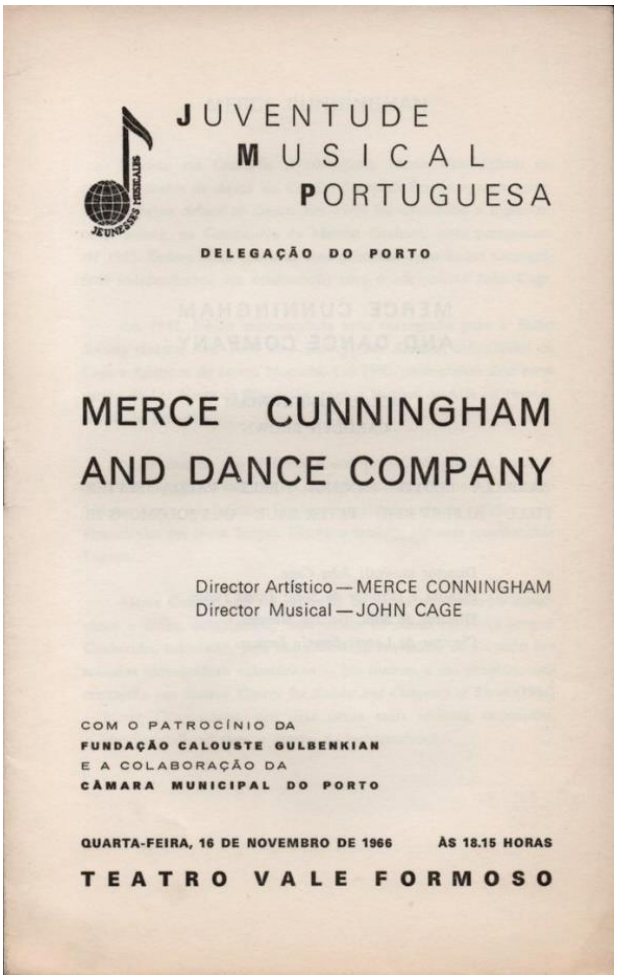
29

Fig. 27: Mandado de despejo ao representante legal da IURD
Fig. 28 e 29: Despacho da DGESP – Direção Geral de Espetáculos
Fonte: Documento acedido através da Câmara Municipal do Porto, referência NUP/26643/2024/CMP, p.267.

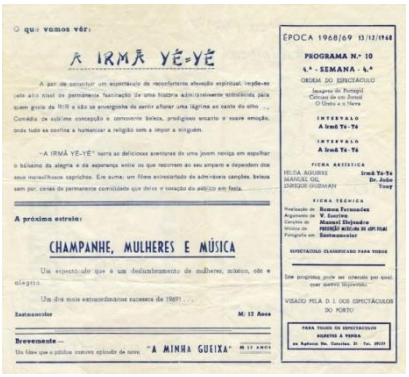
Entretanto, Carvalho[35] identifica na sua visita ao edifício as controversas destas condições impostas pelas instituições citadas. Foram realizadas alterações estruturais no interior do edifício, sendo as mais significativas: a colocação de uma laje sobre o fosso de orquestra, expandindo a área da plateia e servindo de base para a construção de um altar; no palco, o pé-direito foi drasticamente reduzido pela construção de uma laje a meia altura, alterando profundamente a volumetria do espaço, e uma nova parede foi introduzida para subdividir o palco, criando uma área posterior que foi transformada em batistério com a adição de uma estrutura semelhante a uma piscina sobre o piso do subpalco; a zona dos camarins foi amplamente modificada para se adaptar às necessidades da instituição, sendo transformada em salas de reunião, cozinhas, quartos e um estúdio de rádio, com a demolição e construção de várias paredes, o que descaracterizou essa área. Essas intervenções contrariam as condições impostas na década de 1990, que deveriam ter sido cuidadosamente fiscalizadas.

Durante o período de funcionamento enquanto Cineteatro, o Vale Formoso acolheu diversas exibições cinematográficas, embora tenha recebido um número reduzido de espetáculos teatrais, possivelmente devido à limitação dos camarins e de outras infraestruturas, tornadas mais exíguas após a reformulação do projeto. Ao longo dos anos, paralelamente às sessões de cinema, o espaço também foi palco de festividades, bailes e apresentações da Rádio Festival, conforme evidenciado nas respostas obtidas através dos inquéritos realizados. Era comum que empresas utilizassem o local para eventos como festas de Natal e celebrações de passagem de ano. Apesar de ser um cineteatro de bairro, o Vale Formoso foi amplamente frequentado por habitantes de toda a cidade, e não apenas pelos residentes das imediações (ver Fig. 30, 31 e 32).

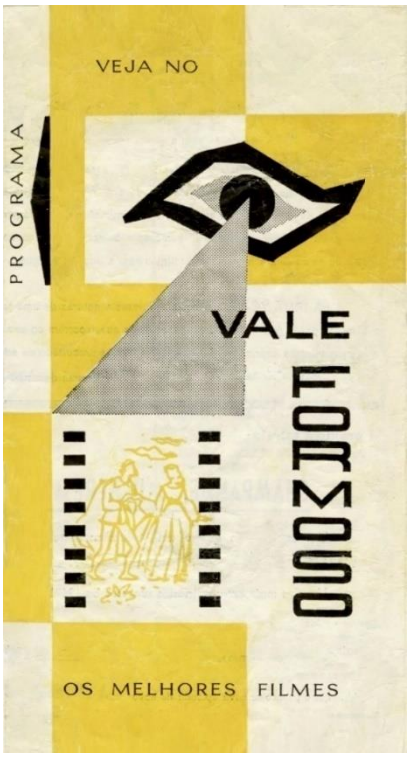
[35] CARVALHO, Maria Carolina Almeida de Figueiredo - Reabilitar para a cidade : o Cine-Teatro de Vale Formoso. Porto : FAUP, 2019.p.169.



30



31



32

Fig. 30, 31 e 32: Programas do Cine-teatro Vale Formoso acedidos no Arquivo Histórico do Porto

4. ENQUADRAMENTO TEÓRICO E METODOLÓGICO DAS ENTREVISTAS

Partindo do pressuposto de que a oferta de equipamentos culturais em zonas residenciais gera um sentimento de satisfação nos moradores e desempenha um papel central na valorização da vida comunitária, ao proporcionar não só entretenimento, mas também oportunidades de encontro e integração social, Ornelas[36], referindo-se a Gruber e Shelton, destaca:

> *"Acrescenta-se ainda que Gruber e Shelton apontam que os sentimentos positivos associados à satisfação dos residentes em relação à área de vizinhança são percecionados através dos adjetivos: agradável, atrativa, amigável, silenciosa e com boa atividade recreativa, e contribuem para que se mantenham na sua habitação."*[37]

Com base nesse enquadramento, a investigação foi orientada para compreender a relação da comunidade vizinha ao Cineteatro, explorando as suas memórias, expectativas em relação ao espaço abandonado e a carência de locais de convívio na zona. Para aprofundar a compreensão do impacto do Cine-Teatro Vale Formoso nas vivências locais e nos planos futuros da cidade, foram conduzidas entrevistas padronizadas e não diretivas. Esta abordagem permitiu que, embora existisse um conjunto pré-estabelecido de questões para orientar o diálogo, os entrevistados tivessem liberdade para expressar abertamente as suas opiniões, memórias e expectativas em relação ao espaço.

Sendo assim, primeiramente, foi realizado um inquérito social inclusivo, abrangendo todas as faixas etárias em locais de alta circulação como o Bairro Bom Pastor, a praça do Marquês, a Quinta do Covelo e o Jardim da Arca d'Água ((ver Fig. 33,34,35 e 36). Sítios escolhidos pela

[36] ORNELAS, Cilísia Mónica Duarte - Reabilitação do património edificado: intervenção mínima e diferenciada como metodologia. Porto: FEUP, 2016.

[37] Gruber, K. J. e G. G. Shelton. 1987. "Assessment of neighborhood satisfaction by residents of three housing types". Social Indicators Research n.º 19 apud ORNELAS, Cilísia Mónica Duarte - Reabilitação do património edificado: intervenção mínima e diferenciada como metodologia. Porto: FEUP, 2016. p.51

33





35

34





36

Fig. 33: Bairro Bom Pastor
Fig. 34: Jardim da Arca d'água
Fig. 35: Rua do Vale Formoso
Fig. 36: Gruta do Jardim da Arca d'água

proximidade com o cineteatro e pelo perfil variado dos frequentadores. Aos mais idosos foi oferecida a oportunidade de partilhar, de forma informal, as suas memórias neste espaço de entretenimento, como sessões de cinema, eventos festivos ou outros eventos que quisessem recordar. Já os mais jovens puderam expressar os seus anseios para o futuro da zona, bem como sugerir atividades que gostariam de ver realizadas no local.

A escolha do público-alvo das entrevistas seguiu três direções: recolher memórias e expectativas das pessoas que habitam em torno do Cineteatro (inquérito social); compreender a visão da autarquia sobre o equipamento e as possíveis ações para a sua reabertura (inquérito técnico); e consultar arquitetos especializados na reabilitação de salas de espetáculos sobre soluções para o caso de estudo, definindo-os como técnicos/intervenientes de apoio à tomada de decisão. No âmbito histórico-social, foi também possível entrevistar, remotamente, Helena Granja, filha do Arquiteto Francisco Granja, cujas respostas foram integradas ao inquérito social, com exceção de algumas citações específicas que serão apresentadas (ver Apêndice B.3).

Em complemento, foram realizadas entrevistas com o grupo do inquérito técnico, incluindo o arquiteto e vereador Pedro Baganha, responsável pelos Pelouros do Urbanismo, Espaço Público e Habitação da Câmara Municipal do Porto, bem como os prestigiados arquitetos Alexandre Alves Costa e Sérgio Fernandez, responsáveis pela reabilitação do Centro de Cinema Batalha e do Cine-Teatro Constantino Nery.

A Figura 37 apresenta uma das portas de entrada do edifício, notavelmente suja, com dejetos de pássaros e madeira sem sinais de manutenção, o que evidencia não apenas a falta de limpeza, mas também a ausência de uso do espaço. A Figura 38 mostra o pormenor do gradil das janelas, que se mantém original e em bom estado de conservação, indicando que partes significativas do edifício estão preservadas e poderiam ser recuperadas. A Figura 39 oferece uma vista do cineteatro a partir do início da Rua de São Dinis, ressaltando a imponência da sua presença na área envolvente.

37





38

39



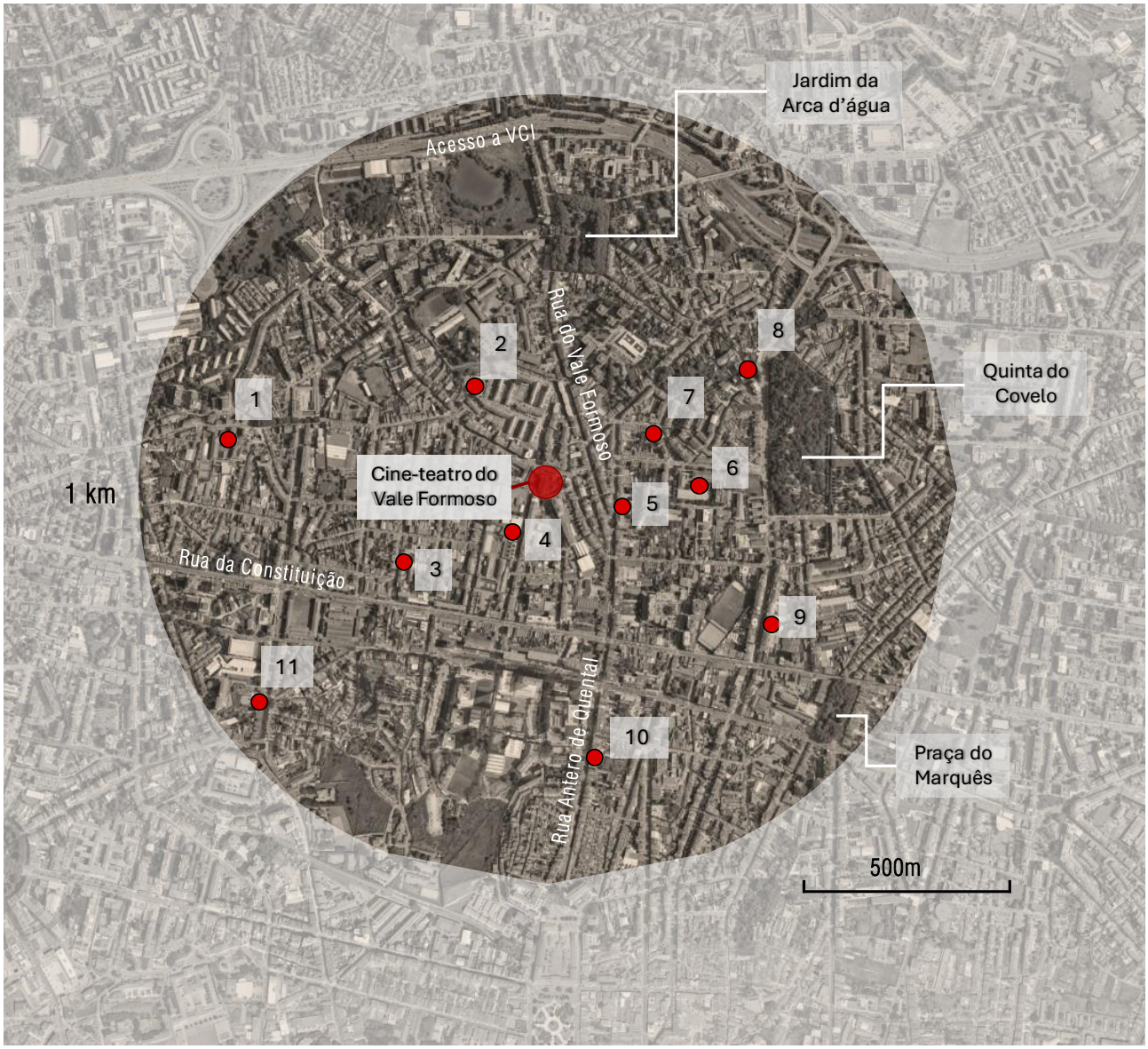
Fig. 37: Porta de entrada do Cine-teatro Vale Formoso.
Fig. 38: Pormenor do gradil das janelas frontais.
Fig. 39: Vista do Cine-teatro Vale Formoso a partir do início da Rua de São Dinis.

4.1 INQUÉRITO SOCIAL: PERCEÇÕES E OPINIÕES DA COMUNIDADE SOBRE O CINE-TEATRO VALE FORMOSO

A escolha do inquérito como método de investigação foi motivada pela necessidade de recolher opiniões diversificadas e representativas diretamente dos residentes da zona de estudo, acerca da importância do edifício e do seu potencial futuro. Considerando uma área de influência de até 1 quilómetro em torno do edifício, foram entrevistadas, ao todo, 69 pessoas. No entanto, será considerada uma amostra de 70 pessoas inquiridas, incluindo a entrevista realizada remotamente com Helena Granja, filha do arquiteto Francisco Granja. Os inquéritos tiveram início em frente ao cineteatro, e em alguns dias, a autora contou com a colaboração da sua orientadora, a Doutora Arquiteta Cilísia Ornelas. Foram feitas caminhadas na área de influência e recolhida informação de diversos cidadãos através dos inquéritos.

A realização do inquérito foi precedida por um estudo preliminar da área, com o objetivo de identificar as principais entidades e grupos culturais locais que pudessem estar relacionados com o futuro uso do Cine-teatro do Vale Formoso, com intuito de obter relatos diferenciados dos diferentes públicos. Foram mapeadas instituições como escolas primárias e secundárias, bem como academias de dança, música e artes cénicas, que representam uma parte significativa da oferta cultural e educativa da região. Este levantamento permitiu compreender de que maneira a comunidade local já utiliza e valoriza estas formas de expressão cultural e artística, possibilitando uma análise sobre como o Cine-teatro poderia, futuramente, integrar-se nesta rede cultural. Além disso, esse estudo ajudou a perceber as necessidades culturais ainda não atendidas na área, sugerindo a potencial criação de novos espaços para a prática e desenvolvimento de atividades artísticas, no contexto de uma possível reabilitação do edifício (ver Mapa 3).

O processo de conceção do inquérito seguiu numa abordagem mista, combinando questões fechadas e abertas, permitindo uma análise quantitativa e qualitativa dos dados. Neste sentido, o inquérito inclui: categorias demográficas para garantir uma amostra diversificada em termos de faixa etária; situação profissional e estado civil, assegurando uma visão abrangente da relação entre diferentes grupos sociais e o edifício. O inquérito também incluiu perguntas estruturadas de modo a captar tanto as memórias associadas ao Cine-teatro como as expectativas quanto ao seu futuro uso. Poder-se -á dizer que o inquérito aferiu: a caracterização do perfil dos cidadãos inquiridos; identificação da perceção temporal acerca do Cine-teatro do Vale Formoso;



Mapa 3: Área de influência de 1km e equipamentos

1. Colégio CBE Porto
2. Escola Básica de 1'.º CEB / Jl do Bom Pastor
3. EDD – Escola Domus Dança
4. Piscina da Constituição
5. O Pompom Jardim de Infância
6. Escola Sec. Filipa de Vilhena
7. O Principezinho Encantado – Jardim de Infância
8. APAM – Dança
9. Escola de Tango
10. Universidade Sênior das Artes de Palco

identificação da perceção das expetativas dos cidadãos na área de influência, sobre as atividades futuras do Cine-teatro Vale Formoso.

Optou-se por uma abordagem direta para a aplicação dos questionários, abrangendo tanto locais de alta circulação nas proximidades do Cineteatro como as ruas adjacentes. Entre os pontos estratégicos selecionados, destacam-se: o Bairro Bom Pastor pela proximidade com o equipamento; a praça do Marquês, onde se encontram os senhores que praticam jogos de cartas ao ar livre e os demais frequentadores da praça; a Quinta do Covelo com seus utilizadores em busca de lazer, convívio e práticas de exercício; bem como o Jardim da Arca d'Água, onde se encontra a Gruta que, além de funcionar como cafeteria, acolhe bailes semanais, atraindo sobretudo pessoas mais idosas.

É de referir que o inquérito foi dividido em duas secções principais. A primeira, dedicada à caracterização demográfica dos respondentes, visava assegurar que as respostas pudessem ser analisadas à luz de diferentes perfis sociais e económicos. A segunda secção focou-se nas opiniões e perceções dos inquiridos sobre o Cine-teatro do Vale Formoso, abordando temas como a reabilitação do edifício, as atividades que nele ocorriam e o seu papel enquanto património cultural e social (ver Tabela 4).

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto
Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura – FAUP | 2023 | 2024
Estudante: Camila Perraro Sehn
Inquérito Social – Tema: Cine-teatro do Vale Formoso

A. Elementos de Identificação

A.1. Data do inquérito: ___/___/___

A.2. Morada:_____

_____

A.3. Freguesia: _____

A.4. Faixa etária: ☐ Jovem [15 aos 24 anos]; ☐ Adulto [25 aos 64 anos]; ☐ Idoso [≥ 65 anos].

A.5. Profissão:_____

☐Reformado; ☐Desempregado; ☐Subsídio de desemprego; ☐Invalidez; ☐Empregado; ☐Estudante.

A.6. Estado civil: ☐ Solteiro; ☐ Casado; ☐ Viúvo; ☐ Divorciado.

A.7. Agregado familiar: ☐ Uma pessoa; ☐ Casal s/filhos; ☐ Família clássica; ☐ Família alargada;

☐ Família monoparental; ☐ Grupo Coabitante.

A.8. Reside permanentemente na zona de estudo? ☐ Sim; ☐ Não.

A.9. Se sim, há quanto tempo?_____

B. Perguntas referentes ao tema:

B.1. Gostarias que o Cine-teatro do Vale Formoso fosse reabilitado?

☐ Sim; ☐ Não; ☐ Indiferente.

B.2. Gostarias que o edifício mantivesse alguma das atividades já exercidas? ☐ Sim; ☐ Não.

B.2.1 Se sim, qual das atividades?

☐ Cine-teatro; ☐ Salão de Bailes;

☐ Somente cinema; ☐ Discoteca;

☐ Somente teatro; ☐ Igreja.

B.2.2. Gostarias que o edifício ganhasse uma nova atividade? ☐ Sim; ☐ Não.

B.2.3. Se sim, qual atividade?

☐ Escola de teatro; ☐ Escola de dança; ☐ Escola de música;

☐ Outra:_____

B.2.4. Frequentarias? ☐ Sim; ☐ Não; ☐ Talvez.

B.3. O que achou da apropriação do Cine-teatro por parte da Igreja Universal do Reino de Deus?

Qual a sua opinião sobre a venda deste património municipal? ☐ Desconhece o assunto.

_____

_____

_____

B.4. Quais são as suas memórias relacionadas ao edifício?

_____

_____

B.5. O que achas do edifício do Cine-teatro do Vale Formoso? O que lhe chama mais atenção?

_____

_____

B.6. Achas que o edifício possui atributos patrimoniais que devem ser valorizados e preservados?

☐ Sim; ☐ Não; ☐ Indiferente.

B.7. Praticas ou valorizas alguma atividade desportiva ou cultural? Se sim, qual?

_____

_____

B.9. Saberias dizer o porquê do encerramento da atividade original Cine-teatro? E da atividade atual administrada pela IURD?

_____

_____

Tabela 4: Modelo do inquérito realizado

4.2 RESULTADOS DO INQUÉRITO SOCIAL

A análise dos resultados será apresentada em duas maneiras, a primeira referente as categorias de questões demográficas (perfil dos cidadãos inquiridos) em gráficos, e a segunda parte em tabela e descrição por zonas de proximidade.

Em termos de proximidade da morada em relação do Cine-teatro Vale Formoso, trabalhou-se com uma diversidade de inquiridos dentro do raio de influência, com um número mais expressivo nas zonas mais próximas ao Cineteatro, pois é a comunidade mais diretamente afetada com o estado do edifício (ver Fig.40).

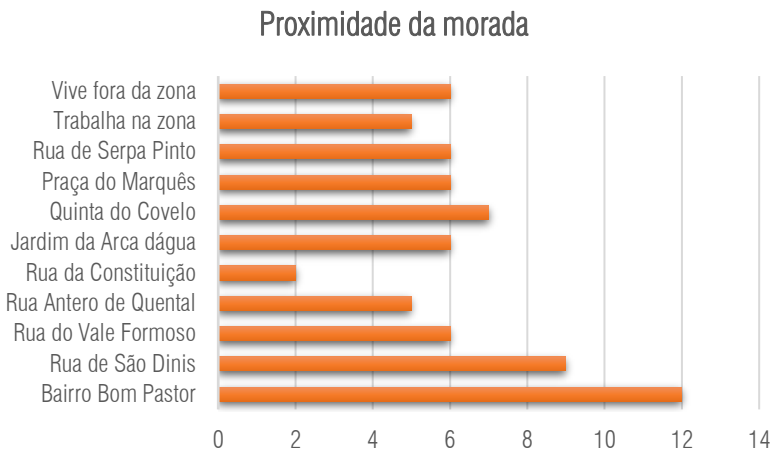


Fig. 40: Gráfico com a proximidade de morada dos inquiridos.

No que diz respeito à faixa etária, a maioria dos inquiridos é composta por indivíduos com 65 anos ou mais, constituindo o grupo maioritário. Seguem-se os adultos entre os 25 e os 64 anos, enquanto os jovens, entre os 15 e os 24 anos, formam a faixa etária menos representada, sugerindo uma menor participação das gerações mais novas no inquérito. Este cenário etário pode indicar uma maior disponibilidade ou predisposição por parte dos idosos e adultos para participar nas entrevistas, possivelmente devido ao tempo livre e a facilidade de encontrá-los nas zonas trabalhadas (ver Fig.41).

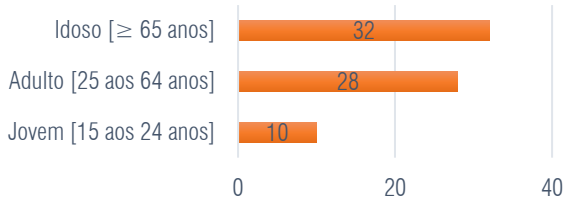


Fig. 41: Gráfico com a faixa etária dos inquiridos.

Em termos de estado civil, há um equilíbrio entre os cidadãos casados e solteiros, com uma presença significativa de divorciados e viúvos. Essa diversidade, aliada à elevada proporção de reformados, sugere que muitos inquiridos passaram por diferentes fases da vida adulta, destacando a importância de considerar o impacto social dessas dinâmicas na comunidade (ver Fig.42). Além disso, a análise da profissão demonstra que a maioria dos inquiridos está reformada, o que corresponde ao elevado número de idosos na amostra. Empregados e estudantes também estão representados, embora em menor número (ver Fig.43).

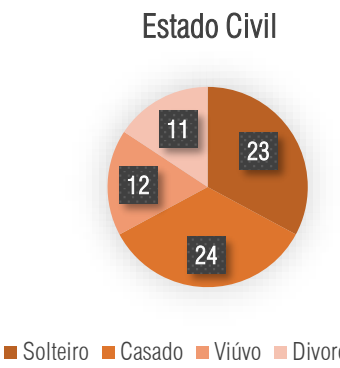


Fig. 42: Gráfico com o estado civil dos inquiridos.



Fig. 43: Gráfico com a profissão dos inquiridos.

A composição do agregado familiar revela que a maioria dos inquiridos vive sozinha, possivelmente devido ao envelhecimento da população ou a estilos de vida independentes de jovens e adultos. Em contraste, encontram-se também famílias clássicas e casais sem filhos, refletindo uma diversidade nas estruturas familiares presentes na área (ver Fig.44).

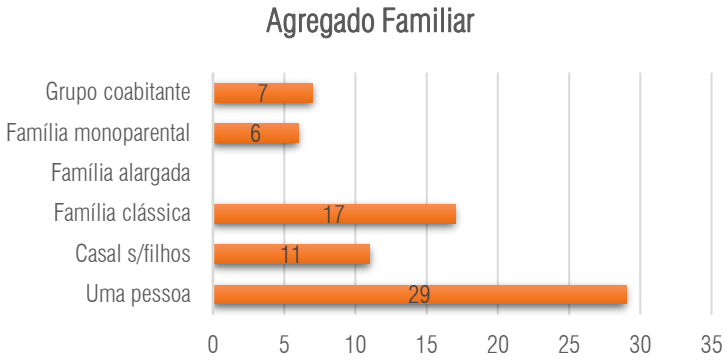


Fig. 44: Gráfico com o agregado familiar dos inquiridos.

No que concerne ao tempo de vivência na habitação/ residência, é notória a diversidade temporal, com uma predominância de pessoas que residem na zona há mais de 50 anos. Isto sugere uma população enraizada, que assistiu a várias transformações ao longo das décadas. No entanto, também há uma percentagem significativa de residentes mais recentes, o que pode apontar para dinâmicas de mudança na zona, ainda que predominem aqueles que têm uma longa história de residência (ver Fig. 45).

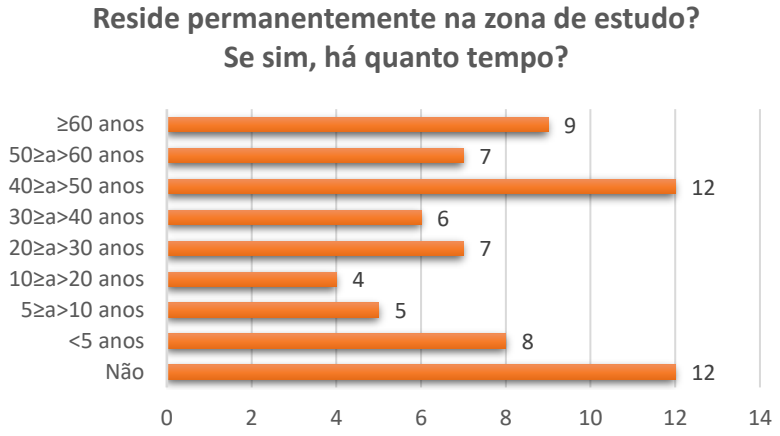


Fig. 45: Gráfico com o período de residência na zona de estudo

Junto a essas informações, segue tabela com as quantidades gerais das perguntas seguintes, separadas por faixa etária (ver tabela 5).

As respostas serão descritas por zonas de proximidade com o Cine-teatro Vale Formoso, nas tabelas e mapas a seguir. Nos mapas 4, 5 e 6 estão representados, respetivamente, a proximidade do Bairro Pastor com o Cine-teatro Vale Formoso; a proximidade das ruas adjacentes (rua de São Dinis, rua do Vale Formoso, rua Antero de Quental e rua do Campo Lindo); e as zonas entre 500 a 1000m (incluindo rua da Constituição, Jardim da Arca d'água, Quinta do Covelo e Praça do Marquês). Nos mapas o cineteatro está representado como ponto alvo em mancha vermelha, enquanto a zona de morada dos inquiridos está destacada na imagem.

As Tabelas 6, 7 e 8 apresentam as respostas em percentagens obtidas na entrevista padronizada, bem como uma seleção de respostas das questões não diretivas, nas quais os inquiridos puderam expressar livremente as suas opiniões. As tabelas estão organizadas por zonas de residência, de modo a indicar a proximidade dos inquiridos em relação ao cineteatro.

RESPOSTAS OBJETIVAS GERAIS POR FAIXA ETÁRIA						
INQUÉRITO SOCIAL	Gostaria que o Cine-teatro do Vale Formoso fosse reabilitado?	Gostaria que o edifício mantivesse alguma das atividades já exercidas?	Se sim, qual das atividades?	Gostaria que o edifício ganhasse uma nova atividade ?	Se sim, qual atividade?	Frequentaria?
Jovens [15 aos 24 anos] 10 pessoas	Sim 100%	Sim 80% Não 20%	Cineteatro 5 votos Somente Cinema 1 voto Somente Teatro 0 Salão de baile 2 votos Igreja 0	Sim 80% Não 20% Indiferente 0	Escola de teatro 4 votos Escola de dança 3 votos Atividades para jovens e crianças 3 votos Escola de música 2 votos Espaço de coworking 1 voto Eventos culturais 1 voto Entretenimento 1 voto	Sim 90% Não 0% Talvez 10%
Adultos [25 aos 64 anos] 28 pessoas	Sim 96% Indiferente 4%	Sim 57% Não 36% Indiferente 7%	Cineteatro 13 votos Somente Cinema 4 votos Somente Teatro 1 Salão de baile 7 votos Igreja 0	Sim 68% Não 32% Indiferente 0	Escola de teatro 7 votos Escola de dança 8 votos Atividades para jovens e crianças 2 votos Escola de música 7 votos Espaço de coworking 1 voto Eventos culturais 1 voto Entretenimento 1 voto Atividades para adultos e idosos 1 voto Lar de idosos ou desabrigados 1 voto	Sim 78% Não 4% Talvez 18%
Idosos [≥ 65 anos] 32 pessoas	Sim 97% Indiferente 3%	Sim 88% Não 9% Indiferente 3%	Cineteatro 20 votos Somente Cinema 1 voto Somente Teatro 3 votos Salão de baile 13 votos Igreja 0	Sim 44% Não 53% Indiferente 3%	Baile para idosos 2 votos Espaço para jogos 2 votos Atividades para adultos e idosos 2 votos Aulas de desporto (yoga, pilates) 1 voto Atividades para convívio dos moradores 1 voto Lar de idosos ou desabrigados 1 voto Quartel dos Bombeiros 1 voto	Sim 75% Não 3% Talvez 22%

Tabela 5: Respostas objetivas gerais por faixa etária.

A análise dos inquéritos revelou que os idosos demonstram um desejo significativo de ver o cineteatro retomar atividades previamente exercidas, com destaque para o cineteatro propriamente dito e, em segundo lugar, o uso como salão de bailes. Este interesse, particularmente em relação ao regresso dos bailes, revelou-se marcante no discurso dos inquiridos mais velhos (ver Fig. 46 e 47).

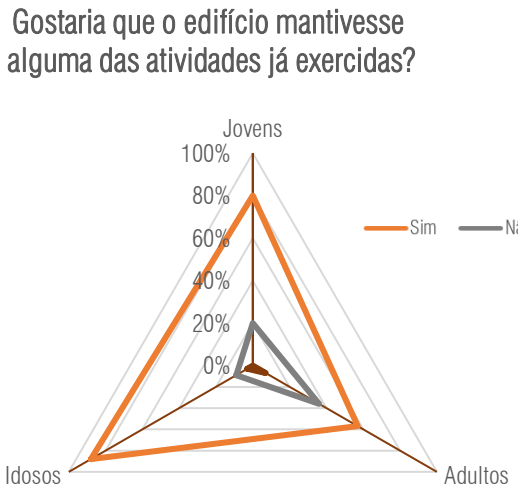


Fig. 46: Gráfico das preferências em relação as atividades já exercidas de acordo com as idades dos inquiridos.

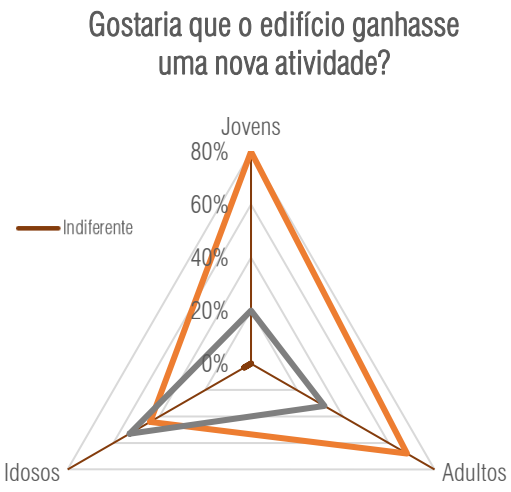


Fig. 47: Gráfico das preferências em relação a atribuição de uma nova atividade de acordo com as idades dos inquiridos.

Quando questionados sobre a possibilidade de introdução de novas atividades no local, verificou-se um contraste geracional. Adultos e jovens mostraram maior interesse em novas funções para o espaço, enquanto os idosos demonstraram uma tendência para preferir a restauração das atividades culturais anteriormente existentes. Este dado sugere que a geração mais velha se sente satisfeita com o papel histórico desempenhado pelo cineteatro antes da sua alteração funcional. Importa sublinhar que nenhuma das respostas incluiu a opção "igreja" como uso desejado para o espaço, um dado que reforça a desvinculação da comunidade em relação à função religiosa assumida pelo edifício após a sua aquisição pela igreja (ver Fig. 48).

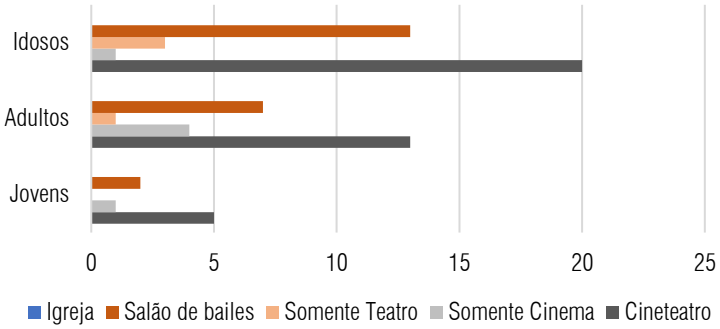
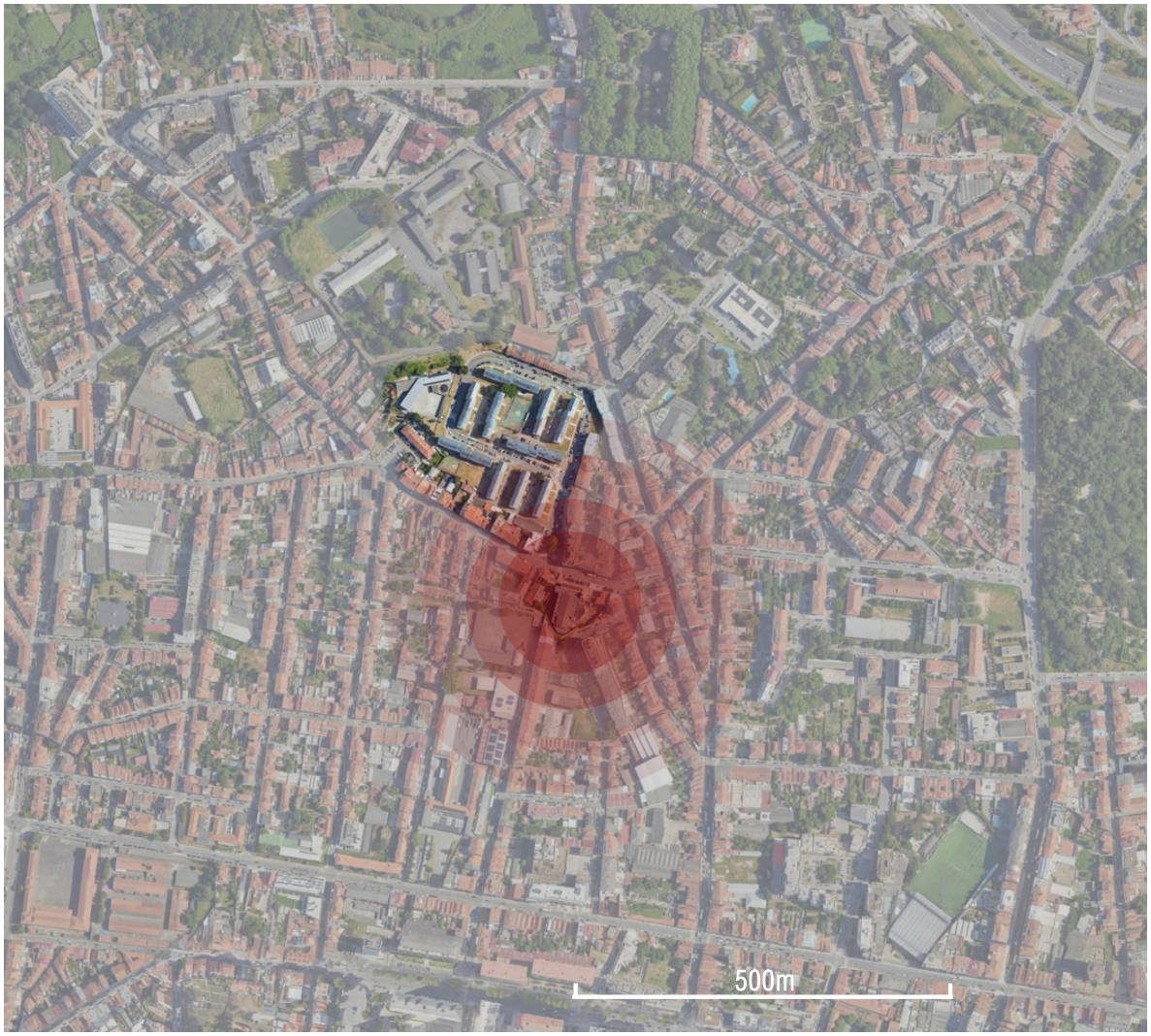


Fig. 48: Gráfico das preferências em relação as atividades já exercidas.

Entre as atividades mais citadas como novas possibilidades para o espaço destacaram-se escolas de dança e teatro. No entanto, alguns idosos que expressaram abertura a novas utilizações sugeriram alternativas específicas, tais como atividades direcionadas a adultos e idosos, espaços para jogos e convivência comunitária, e inclusive, um quartel de bombeiros (ver Fig. 49). Este conjunto de respostas evidencia a importância do cineteatro como elemento central na memória e identidade da comunidade, bem como a diversidade de expetativas geracionais quanto ao seu futuro uso. Os dados sugerem que qualquer intervenção futura no espaço deve considerar esta multiplicidade de visões para promover a integração e o envolvimento de diferentes faixas etárias. A partir do Mapa 4 as respostas serão apresentadas por zonas.



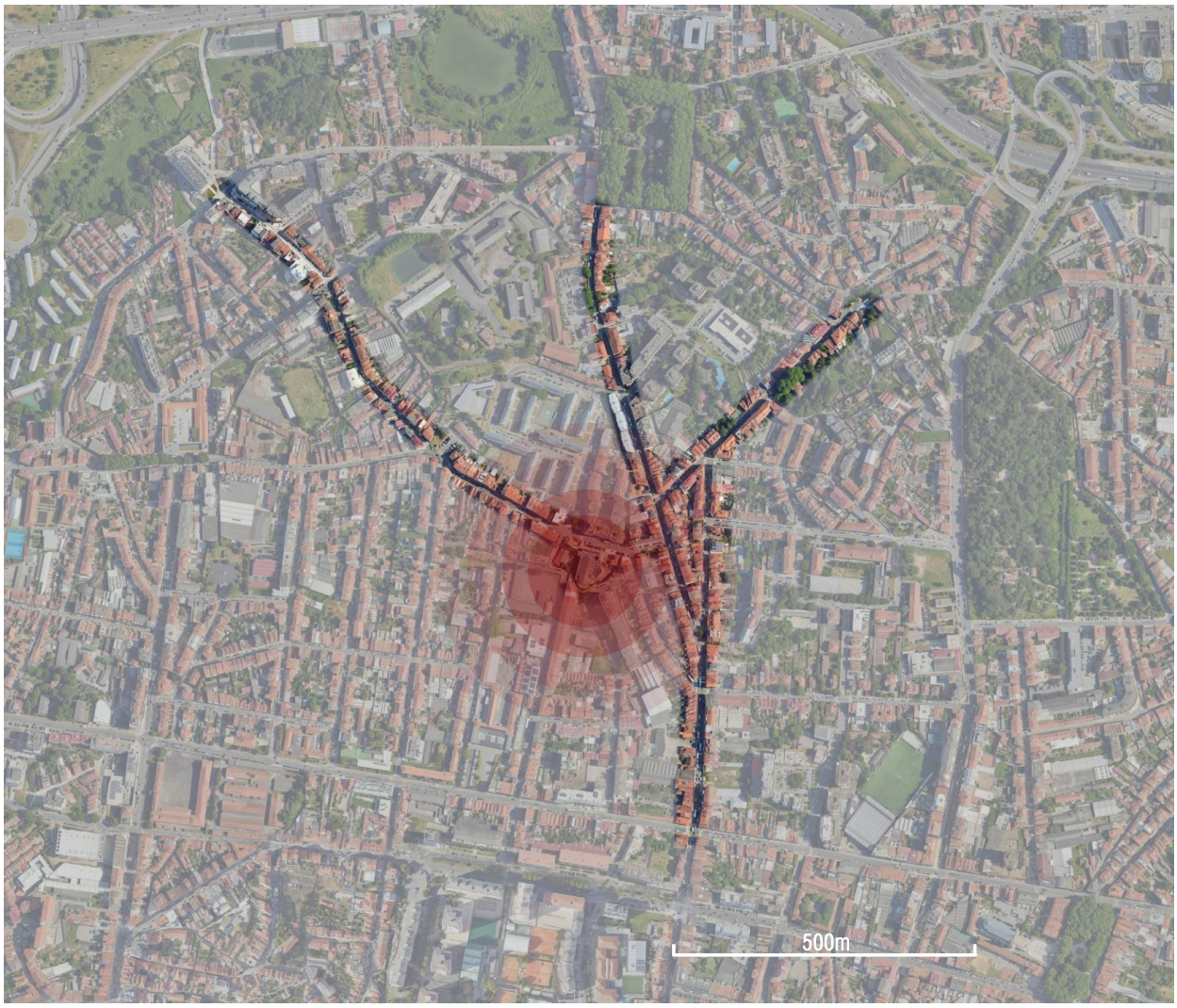
Fig. 49: Gráfico das atividades citadas pelos inquiridos.



Mapa 4: Mapa de proximidade do Bairro Pastor com o Cine-teatro Vale Formoso.

BAIRRO BOM PASTOR				
INQUÉRITO SOCIAL	Gostaria que o Cine-teatro do Vale Formoso fosse reabilitado?	Gostaria que o edifício mantivesse alguma das atividades já exercidas?	Se sim, qual das atividades?	
Adultos [25 aos 64 anos] 3 pessoas	100% Sim	67% Sim 33% Não 0 Indiferente	Cineteatro 1 voto Somente Cinema 1 voto Somente Teatro 0 Salão de baile 1 voto Igreja 0	
Idosos [≥ 65 anos] 9 pessoas	100% Sim	90% Sim 10% Não 0 Indiferente	Cineteatro 5 votos Somente Cinema 0 Somente Teatro 0 Salão de baile 7 votos Igreja 0	
INQUÉRITO SOCIAL	Gostaria que o edifício ganhasse uma nova atividade?		Se sim, qual atividade?	
Adultos [25 aos 64 anos] 3 pessoas	67% Sim 33% Não 0 Indiferente		Escola de teatro 1 voto Atividades para jovens e crianças 1 voto Atividades para adultos e idosos 1 voto	
Idosos [≥ 65 anos] 9 pessoas	56% Sim 44% Não 0 Indiferente		Baile para idosos 1 voto Atividades para adultos e idosos 2 votos Atividades para reunir os moradores 1 voto Eventos culturais 1 voto Quartel dos Bombeiros 1 voto	
Frequentaria?	92% Sim 8% Talvez			
O que achou da apropriação do Cine-teatro por parte da Igreja Universal do Reino de Deus? Qual a sua opinião sobre a venda deste património municipal?			Quais são as suas memórias relacionadas ao edifício?	
"Não concordo, respeito a religião mas acho que mais valia ter continuado como cinema." "Uma grande perda para a zona. O bairro perdeu imenso na época da Igreja. As pessoas iam para lá deixar o dinheiro delas, e por vezes entregavam outras coisas, imensuráveis. Desgraçou inúmeras vidas." "Acho mal, a igreja não trouxe benefícios para a região. E agora ainda deixou tudo abandonado."			"Os festivais da Radio Festival eram muito bons, tenho imensas saudades. Foi o primeiro cinema na Cidade do Porto a ter um sistema de Som moderno, surround. Era um evento assistir filmes ali." "Bailes de carnaval, festas de virada de ano, a Radio Festival começou ali. Os fados estavam sempre cheios." "Radio festival, as noites de Fado. O Marco Paulo cantava ali, Maria de Fátima, Jorge Fernando, grandes nomes cantaram no Cine-teatro."	
Saberias dizer o porquê do encerramento da atividade original Cine-teatro? E da atividade atual administrada pela IURD?			Praticas ou valorizas alguma atividade desportiva ou cultural? Se sim, qual?	Achas que o edifício possui atributos patrimoniais que devem ser valorizados e preservados? O que achas do edifício do Cine-teatro do Vale Formoso? O que lhe chama mais atenção?
"Com o declínio da procura, o cinema passou a ter sessões pornográficas e a seguir foi vendido para a IURD. E a IURD terminou a atividade ali quando inauguraram o cenáculo na Serpa Pinto, desde então eles aparecem raramente ali para arrecadar mais fiéis." "Dinheiro. A IURD veio comprar tudo que podia em Portugal, tentaram o Coliseu e não conseguiram porque a população interviu." "Foi muito dinheiro envolvido."			"Concertos de música, cinema." "As vezes vou a danceteria Julio Deniz, e também ao cinema. Mas detesto esses grandes centros comerciais, gostava mesmo de ir ao cinema de bairro."	Sim 92% Indiferente 8% "Está degradado mas é um edifício muito bonito sim." "É bonito e muito grande, eu gosto de andar ali na volta, dá para ver o pátio. Tem mesmo grande espaço." "Muito bonito. As vezes caminho da rua de cima para enxergar melhor o pátio interior. Triste ver o estado que se deixaram."
Informações adicionais				
"Não há o que se fazer no bairro. Seria muito útil um espaço para encontros, socialização, jogos, bailes. Não como as atividades que a junta de Paranhos propõe, pouca divulgação e para um pequeno grupo. Precisamos de algo para todas as idades." "Na gruta da Arca d'água vi pessoas mais velhas a ouvir música e dançar, e senti mesmo entusiasmo, achei aquilo tão giro. Foi mesmo bonito ver as pessoas a dançar. É isso que precisamos cá, não há nada para se fazer aqui no bairro." "Seria bom ali um baile para idosos, se fosse um bailinho eu iria. Baile da dona Georgina, que tal?!"				

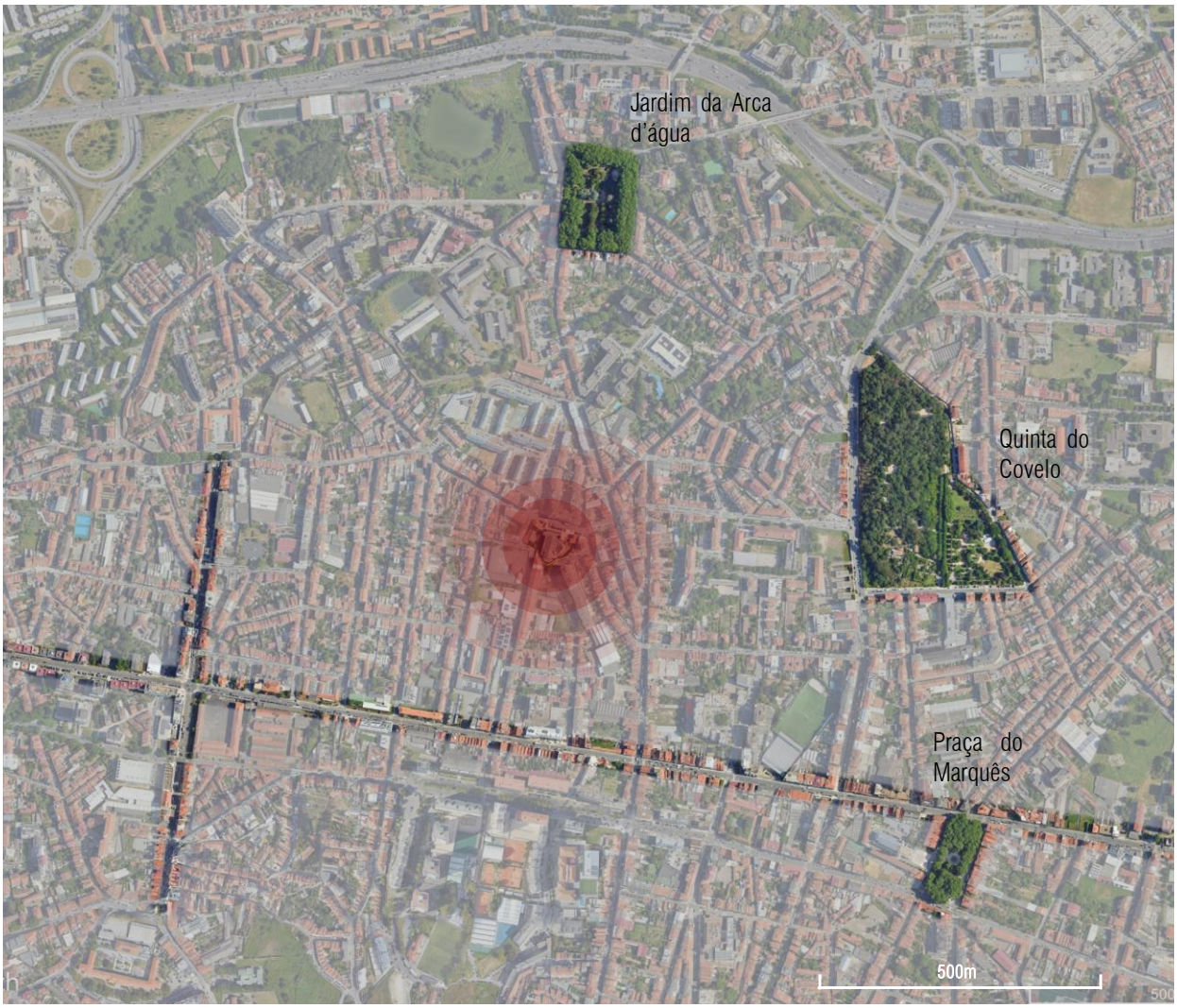
Tabela 6: Respostas do inquérito, proximidade Bom Pastor.



Mapa 5: Mapa de proximidade das ruas adjacentes.

RUAS ADJACENTES: SÃO DINIS, VALE FORMOSO, ANTERO DE QUENTAL, CAMPO LINDO				
INQUÉRITO SOCIAL	Gostaria que o Cine-teatro do Vale Formoso fosse reabilitado?	Gostaria que o edifício mantivesse alguma das atividades já exercidas?	Se sim, qual das atividades?	
Jovens [15 aos 24 anos] 3 pessoas	100% Sim	100% Sim	Cineteatro 2 votos Somente Cinema 1 votos Somente Teatro 0 Salão de baile 0 Igreja 0	
Adultos [25 aos 64 anos] 10 pessoas	100% Sim	90% Sim 10% Não 0 Indiferente	Cineteatro 5 votos Somente Cinema 1 voto Somente Teatro 1 voto Salão de baile 4 votos Igreja 0	
Idosos [≥ 65 anos] 7 pessoas	86% Sim 14% Indiferente	86% Sim 14% Não 0 Indiferente	Cineteatro 5 votos Somente Cinema 0 Somente Teatro 1 voto Salão de baile 3 votos Igreja 0	
INQUÉRITO SOCIAL	Gostaria que o edifício ganhasse uma nova atividade?		Se sim, qual atividade?	
Jovens [15 aos 24 anos] 3 pessoas	67% Sim 33% Não 0 Indiferente		Escola de teatro 1 voto Escola de dança 1 voto Eventos culturais 1 voto Entretenimento 1 voto	
Adultos [25 aos 64 anos] 10 pessoas	53% Sim 44% Não 0 Indiferente		Escola de teatro 3 voto Escola de dança 2 voto Escola de música 3 voto Atividades para todos 1 voto Casa da cultura 1 voto	
Idosos [≥ 65 anos] 7 pessoas	50% Sim 50% Não 0 Indiferente		Bailes tematicos 1 voto Sala de jogos 1 voto Lar para os sem abrigo 1 voto	
Frequentaria?	85% Sim 10% Talvez 5% Não			
O que achou da apropriação do Cine-teatro por parte da Igreja Universal do Reino de Deus? Qual a sua opinião sobre a venda deste património municipal?			Quais são as suas memórias relacionadas ao edifício?	
"Acho mal, se o edifício foi feito para ser cinema e teatro, assim deveria continuar a ser." "Não quero opinar sobre a igreja, respeito as religiões, mas não concordo com o fato do sítio ter se transformado em igreja." "Portugal recebeu uma forte expansão das igrejas, infelizmente é uma realidade a ocupação das mesmas nesse tipo de sítios. Acho que o mau está na falta de atenção do poder público para com o edifício."			"Muito lá fui quando era cinema." "Fados, cinema, bailes dançantes aos finais de tarde. Vivenciei por muitos anos o Cine-teatro e acho triste o estado em que ele se encontra agora." "Não frequentei enquanto cinema, minhas memórias são apenas desde edifício abandonado. Triste de ver. " "Trabalhava muito e tinha pouco tempo para ir, vi alguns filmes e fui a uns bailes de carnaval. Foram ótimos momentos."	
Saberias dizer o porquê do encerramento da atividade original Cine-teatro? E da atividade atual administrada pela IURD?			Praticas ou valorizas alguma atividade desportiva ou cultural? Se sim, qual?	Achas que o edifício possui atributos patrimoniais que devem ser valorizados e preservados? O que achas do edifício do Cine-teatro do Vale Formoso? O que lhe chama mais atenção?
"Estava abandonado, e a igreja ali não durou muito. Faz muitos anos que está assim em completo descuido." "Discordo. Igrejas já existem muitas. Centro culturais cada vez menos. Seria importante existir um lugar de encontro (comum) entre os jovens e a comunidade residente. "			"Vou a piscina da Constituição. Não frequento muito teatro, mas se voltasse a ser teatro ali eu frequentaria."	"Acho um edifício feio, deveriam modernizar como o Siza faz. Mas não como a Casa da Música, algo bem feito." "Era muito bonito por dentro e acho mesmo que será bonito se for reabilitado." "Acho um edifício histórico, tem uma época e deve ser mantido, como todos os edifícios culturais da cidade."

Tabela 7: Respostas do inquérito, proximidade ruas adjacentes.



Mapa 6: Mapa de proximidade entre 500m e 1 km.

RAIO DE INFLUÊNCIA : 500m a 1000m (Jardim da Arca d'ãgua, Quinta do Covelo, Praça do Marquês)				
INQUÉRITO SOCIAL	Gostaria que o Cine-teatro do Vale Formoso fosse reabilitado?	Gostaria que o edifício mantivesse alguma das atividades já exercidas?	Se sim, qual das atividades?	
Jovens [15 aos 24 anos] 3 pessoas	100% Sim	67% Sim 33% Não 0 Indiferente	Cineteatro 1 voto Somente Cinema 1 voto Somente Teatro 0 Salão de baile 0 Igreja 0	
Adultos [25 aos 64 anos] 9 pessoas	100% Sim	67% Sim 22% Não 11% Indiferente	Cineteatro 2 votos Somente Cinema 2 votos Somente Teatro 2 votos Salão de baile 1 voto Igreja 0	
Idosos [≥ 65 anos] 14 pessoas	93% Sim 7% Não	86% Sim 14% Não 0 Indiferente	Cineteatro 9 votos Somente Cinema 1 voto Somente Teatro 2 votos Salão de baile 2 votos Igreja 0	
INQUÉRITO SOCIAL	Gostaria que o edifício ganhasse uma nova atividade?		Se sim, qual atividade?	
Jovens [15 aos 24 anos] 3 pessoas	67% Sim 33% Não 0 Indiferente		Escola de teatro 1 voto Espaço de Coworking 1 voto	
Adultos [25 aos 64 anos] 9 pessoas	56% Sim 33% Não 11% Indiferente		Escola de teatro 2 votos Escola de dança 2 votos Escola de música 1 voto Espaço de Coworking 1 voto Lar de idosos ou desabrigados 1 voto	
Idosos [≥ 65 anos] 14 pessoas	29% Sim 64% Não 7% Indiferente		Atividade para convívio dos moradores 1 voto Convívio e desporto 1 voto Sala de jogos 1 voto Lar para os desabrigados 1 voto	
Frequentaria?	77% Sim 23 % Talvez			
O que achou da apropriação do Cine-teatro por parte da Igreja Universal do Reino de Deus? Qual a sua opinião sobre a venda deste património municipal?			Quais são as suas memórias relacionadas ao edifício?	
"Acho péssimo. A região perdeu um sítio para alegria do povo." "Pior coisa que fizeram. Perdeu-se muito aquela coisa do Porto, onde todos iam ao cinema e conviviam nos bailes." "Não deveriam ter estragado aquilo". "A Câmara nunca deveria ter permitido, essa malta da IURD é a pior, vieram somente para tirar dinheiro do povo e tirar os nossos patrimónios." "Foi mais um cinema que se perdeu como todos os outros na redondeza. Eu frequentava os mais próximos daqui, Terço, o Julio Deniz, o teatro Carlos Alberto também. A maioria se perdeu. Uma pena pra população."			"Bailes de carnaval e filmes que ia assistir com as minhas irmãs." "Cinema e bailes de carnaval. Cheguei a ver a Amália Rodrigues lá cantar! Meu irmão ia todos os domingos pela manhã ali, haviam sessões infantis, ele adorava." "Assisti palestras do Álvaro Cunhal ali." "Quando pequenina costumava ir ao cinema ali, depois mais jovem era apaixonada pelos atores. Lembro-me de assistir "Amor de Perdição", do livro do Castelo Branco." "Antes para entrar tinha que ser de gravata! Havia um requinte, uma elegância."	
Saberias dizer o porquê do encerramento da atividade original Cine-teatro? E da atividade atual administrada pela IURD?		Praticas ou valorizas alguma atividade desportiva ou cultural? Se sim, qual?	Achas que o edifício possui atributos patrimoniais que devem ser valorizados e preservados? O que achas do edifício do Cine-teatro do Vale Formoso? O que lhe chama mais atenção?	
"A IURD veio com muito dinheiro, tentaram comprar o Coliseu e não conseguiram. O Vale Formoso estava abandonado, quando se viu já estavam lá a funcionar. Depois foram para o Cenáculo que eles construíram e do jeito que deixaram, ficou o edifício."		"Eu sou do teatro, faço palhaços e outros personagens." "Sim, cinema, teatro, desporto, ginásio."	"É mais bonito que o Sá da Bandeira, é todo em granito. Aquilo era um grande cinema." "É mesmo bonito, muito lindo por dentro." "É um edifício imponente, diferencia-se na zona."	
Informações adicionais				
Com a má experiência que o entrevistado teve com a igreja, ele disse não ter interesse em retornar, e nem em opinar sobre o edifício.				

Tabela 8: Respostas do inquérito, proximidade 500m a 1km

Usuários ou trabalhadores da zona que vivem fora do raio de influência			
INQUÉRITO SOCIAL	Gostaria que o Cine-teatro do Vale Formoso fosse reabilitado?	Gostaria que o edifício mantivesse alguma das atividades já exercidas?	Se sim, qual das atividades?
Jovens [15 aos 24 anos] 4 pessoas	100% Sim	75% Sim 25% Não 0 Indiferente	Cineteatro 2 votos Somente Cinema 1 voto Somente Teatro 0 Salão de baile 2 votos Igreja 0
Adultos [25 aos 64 anos] 6 pessoas	100% Sim	67% Sim 22% Não 11% Indiferente	Cineteatro 5 votos Somente Cinema 0 Somente Teatro 0 Salão de baile 2 votos Igreja 0
Idosos [≥ 65 anos] 2 pessoas	50% Sim 50% Indiferente	50% Sim 50% Indiferente	Cineteatro 1 voto Somente Cinema 0 Somente Teatro 0 Salão de baile 1 voto Igreja 0
INQUÉRITO SOCIAL	Gostaria que o edifício ganhasse uma nova atividade?		Se sim, qual atividade?
Jovens [15 aos 24 anos] 4 pessoas	100% Sim		Escola de teatro 2 votos Escola da dança 2 votos Escola de música 2 votos Atividades para jovens e crianças 2 votos
Adultos [25 aos 64 anos] 6 pessoas	56% Sim 33% Não 11% Indiferente		Escola de teatro 2 votos Escola de dança 2 votos Escola de músicca 1 voto Espaço de Coworking 1 voto Lar de idosos ou desabrigados 1 voto
Idosos [≥ 65 anos] 2 pessoas	100% Não		
Frequentaria?	67% Sim 33% Talvez		
O que achou da apropriação do Cine-teatro por parte da Igreja Universal do Reino de Deus? Qual a sua opinião sobre a venda deste património municipal?		Quais são as suas memórias relacionadas ao edifício?	
"Acho que só aconteceu graças aos shoppings que começaram a ocupar a cidade, o cinema ficou sem público e a Igreja percebeu ali um bom ponto para o seu templo." "Eu não tenho certeza se realmente foi vendido a eles, se calhar foi arrendado. Sou contra, no entanto, o cinema estava abandonado." "Desconheço a história, mas há tantas igrejas no Porto, esse edifício serviria melhor a população com outras atividades." "Uma grande perda para os moradores daqui."		"Mesmo não morando na zona, fui muitas vezes ao cinema ali." "No verão, íamos para a nossa casa da praia em Vila do Conde e o meu pai nos trazia ao cinema aqui. Por muitos anos foi assim e somente no verão tínhamos tempo para vir." "Frequentava quando criança."	
Saberias dizer o porquê do encerramento da atividade original Cine-teatro? E da atividade atual administrada pela IURD?		Praticas ou valorizas alguma atividade desportiva ou cultural? Se sim, qual?	Achas que o edifício possui atributos patrimoniais que devem ser valorizados e preservados? O que achas do edifício do Cine-teatro do Vale Formoso? O que lhe chama mais atenção?
"Culpa da modernização. E pelo que sei, a IURD saiu dali depois de construir a catedral deles na Serpa Pinto."		"Vou as piscinas e ao teatro com meus netos." "Valorizo todas as formas de atividade cultural."	"Era bonito, agora está em mau estado e feio." "Acho bonito, tem aquela escultura interessante na parede. Lembro pouco do interior mas era bonito." "Belíssimo. O adorno em ferro acima dos portões de entrada."
Informações adicionais			
"Sendo um edifício de interesse público, nomeadamente municipal, não acredito que a venda do património à Igreja Universal do Reino de Deus tenha favorecido o edifício. A junção das atividades de teatro e de cinema a missas não valorizam, nem incentivam a ida ao edifício. Pelo contrário, associam-no a uma religião e, consequentemente, diminui o seu público alvo.			

Tabela 9: Respostas do inquérito, usuários ou trabalhadores.

4.3 Análise dos resultados do inquérito social

A análise das respostas do inquérito social revela um profundo apreço pelo Cine-teatro Vale Formoso, independentemente da distância que separa os entrevistados do edifício. A proximidade física ao cineteatro influencia a intensidade da ligação emocional e as expectativas em relação à sua reabilitação, mas o desejo de ver este espaço devolvido à comunidade, com um papel cultural renovado, é uma constante.

Os moradores do Bairro Bom Pastor, que praticamente partilham o espaço com o cineteatro, manifestam uma forte conexão com o edifício. Para eles, este espaço é muito mais do que um marco arquitetónico, é um lugar onde memórias foram construídas e laços sociais se fortaleceram. A sua revitalização não é vista apenas como uma oportunidade de reabilitação de um edifício, mas como a restituição de uma parte fundamental da identidade imaterial do bairro. Este grupo, em particular os mais velhos, expressa com veemência a necessidade de que o cineteatro recupere as atividades culturais que o tornaram um centro de convívio e pertença. A perda deste espaço representa uma ferida aberta, um afastamento doloroso da partilha e do contacto humano que outrora se desenrolava naquela sala.

À medida que nos afastamos do cineteatro, como no caso dos residentes das zonas adjacentes, em ruas como São Dinis, Vale Formoso e Antero de Quental, e seguimos para as áreas do Jardim da Arca d'água, Quinta do Covelo e Praça do Marquês, percebe-se que a ligação ao espaço se torna mais flexível, mas não menos significativa. Estes moradores ainda reconhecem o valor simbólico do cineteatro e apoiam fortemente a sua reabilitação, mas estão mais abertos à ideia de que o espaço acolha novas funções e responda às necessidades de uma comunidade em constante evolução. Para eles, a preservação dos atributos patrimoniais é essencial, mas o cineteatro precisa de se reinventar para continuar a servir a cidade. O Vale Formoso, na visão destes entrevistados, deve ser um espaço vivo, onde a história e a memória tangível possam coexistir com atividades contemporâneas, que revitalizem o seu papel social.

Os entrevistados que vivem nesse raio entre 500m a 1km de influência, veem no cineteatro uma oportunidade para resgatar e expandir a sua função, não apenas para o bairro, mas para toda a cidade do Porto. Para estes moradores, o cineteatro já não faz parte do seu quotidiano imediato, mas mantém-se como um símbolo de algo maior: a necessidade de proteger a cultura local, a memória coletiva e os espaços de encontro físico e humano. Mesmo vivendo mais distante,

os idosos e adultos frequentavam o Vale Formoso e expressaram tristeza com o estado em que o edifício se encontra.

O interesse por novas atividades culturais e desportivas é especialmente pronunciado entre os jovens, que anseiam por um espaço que responda aos seus anseios de expressão e interação. A revitalização do Vale Formoso é, para este grupo, uma forma de reavivar as suas próprias memórias, criando um espaço de pertencimento que acolha tanto o passado quanto o futuro.

Mesmo quem reside fora do raio de influência imediato do cineteatro demonstra um forte desejo pela sua reabilitação. Trabalhadores e frequentadores da zona reconhecem o valor patrimonial e simbólico do edifício, vendo-o como um bem de toda a cidade. Embora a sua ligação emocional seja menor em comparação aos moradores locais, a importância cultural do cineteatro é clara. Para este grupo, a revitalização oferece uma oportunidade de recuperar um espaço de convívio e preservação de memórias coletivas. Os mais jovens, em particular, veem no cineteatro um local que poderia preencher a falta de opções de lazer e convívio no bairro.

A insatisfação com a venda do Cine-teatro Vale Formoso à Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) é um ponto de convergência em todas as respostas. A perceção de que o espaço foi retirado da esfera pública e cultural para se tornar um espaço privado é dolorosa para todos os entrevistados. A privatização de um lugar que guarda tanta memória tangível e intangível é vista como uma perda coletiva, um desrespeito pela identidade cultural que o edifício representa. O sentimento geral é de que o Vale Formoso deveria continuar a ser um espaço de pertença comum, ao serviço da comunidade, da cultura e da história da cidade do Porto.

As respostas padronizadas do inquérito sobre o Cine-teatro Vale Formoso mostram um forte apoio à reabilitação do edifício. No Bairro Bom Pastor, 100% dos adultos e 100% dos idosos desejam que o cineteatro seja reabilitado, enquanto 67% dos jovens adultos partilham desta opinião. Nas Ruas Adjacentes (São Dinis, Vale Formoso e Campo Lindo), 100% dos jovens e 85% dos adultos concordam com a reabilitação. Na área de influência (500 a 1000 metros), 93% dos jovens e 89% dos adultos também apoiam a reabilitação, enquanto entre os idosos apenas 50% manifestaram essa intenção. Além disso, a continuidade do uso cultural do espaço é desejada por 67% dos adultos no Bairro Bom Pastor, 90% dos jovens e 53% dos adultos nas Ruas Adjacentes e 67% dos adultos na área de influência.

As atividades sugeridas variam, com destaque para bailes, que receberam votos em todas as áreas: 1 voto no Bairro Bom Pastor, 3 votos nas Ruas Adjacentes e 2 votos na área de influência.

Outras opções mencionadas incluem escolas de teatro e eventos culturais. Quando questionados sobre a venda do edifício para a Igreja Universal do Reino de Deus, 92% dos entrevistados no Bairro Bom Pastor, 85% nas Ruas Adjacentes e 77% na área de influência manifestaram-se contra. As respostas indicam um apoio claro à preservação do uso cultural do edifício e um descontentamento generalizado com a sua conversão em espaço religioso.

A insatisfação dos inquiridos em relação à falta de medidas para proteger o Cine-teatro Vale Formoso, especialmente em comparação com a intervenção no caso do Coliseu, reflete um sentimento de desvalorização cultural local. Enquanto o Coliseu foi amplamente reconhecido como um símbolo identitário e resgatado de uma possível venda para a IURD, a ausência de uma atitude semelhante no caso do Cineteatro evidencia uma perceção de desigualdade no tratamento dado aos equipamentos culturais. Este desnível acentua o sentimento de abandono por parte da comunidade, que enxerga no Cineteatro um espaço de memória coletiva e potencial para requalificação e reapropriação cultural. Tal descontentamento não se limita a uma questão de património material, mas envolve também a preservação do tecido social e cultural que os cineteatros representam (ver Fig. 50, 51, 52 e 53).

A discrepância na atuação do poder público levanta ainda um debate sobre os critérios de prioridade na preservação de patrimónios culturais e arquitetónicos. Enquanto o Coliseu possui uma visibilidade e um impacto mais amplos, o Cine-teatro Vale Formoso, por estar localizado numa área periférica, é muitas vezes relegado a um plano secundário. Esta escolha administrativa pode reforçar dinâmicas de centralização cultural, negligenciando a importância dos equipamentos culturais de menor escala como motores de coesão comunitária e desenvolvimento local. Assim, o caso do Cineteatro ilustra a necessidade de políticas patrimoniais mais inclusivas, que reconheçam e valorizem o papel de espaços culturais diversos no fortalecimento das identidades coletivas e na promoção de um urbanismo mais equilibrado.

Em suma, a análise revela que a proximidade física ao Cine-teatro Vale Formoso afeta a profundidade das memórias e o tipo de expectativa sobre a sua reabilitação. Os moradores mais próximos clamam pela preservação das atividades culturais que fazem parte da sua memória imaterial, enquanto os mais distantes estão abertos a novas funções que respondam às exigências contemporâneas. No entanto, o desejo de revitalizar o edifício e de proteger o seu valor patrimonial é unânime. O Cine-teatro Vale Formoso, com a sua história e as suas memórias, é um símbolo de pertença e de partilha que, em última instância, pertence a todos. O seu futuro, para ser justo, deve honrar este legado e devolver à cidade um espaço de encontro, de cultura e de memória viva.

50



Milhares de pessoas pararam o trânsito na Rua de Passos Manuel e amplificaram a luta contra a transação do Coliseu

51



Pedro Abrunhosa e Rosa Mota, duas caras conhecidas, no dia da manifestação

52

12 Quando a IURD quase comprou o Coliseu do Porto

O evento no Estádio do Bessa, com perto de 50 mil fiéis, marcou o início da expansão da IURD no norte do país, que iria culminar naquela que foi a maior polémica da história da igreja em Portugal: a tentativa de compra do Coliseu do Porto, em 1995, para transformar a histórica sala de espetáculos na sede da IURD no norte, que só viria a ser impedida devido à intervenção de um conjunto de artistas portugueses, que se acorrentaram ao edifício e organizaram um espetáculo em defesa da manutenção daquele espaço cultural.



Manifestação em frente ao Coliseu do Porto, a 4 de agosto de 1995 (Fotografia: Coliseu do Porto)

53

O negócio, aliás, chegou a estar quase fechado, uma vez que a IURD assinou um contrato-promessa com a Aliança UAP, dona da Empresa Artística, que era a proprietária do Coliseu. Contudo, tudo se alterou quando o bispo João Luís, então líder da IURD em Portugal, disse em público que o Coliseu se transformaria na Igreja Matriz da Universal no Porto. A empresa recuou, alegando que essa intenção contrariava o contrato-promessa. E a câmara municipal interveio, sublinhando que "aquele recinto, uma das mais importantes salas de espetáculos da cidade, foi criado com fins culturais e não religiosos", e que assim se deveria manter.

Importante neste processo foi a mobilização popular em torno do Coliseu. Quando a notícia de que o edifício poderia ser vendido veio a público, vários intelectuais, artistas, políticos e muitos portuenses juntaram-se às portas do Coliseu para uma manifestação em defesa daquele lugar. Mais tarde nesse ano, foi organizado o espetáculo "Todos pelo Coliseu", destinado a angariar fundos para a aquisição do edifício. GNR, António Pinho Vargas, Óscar Branco, Maria Clara, Sérgio Godinho, Pedro Abrunhosa e Mário Viegas foram alguns dos artistas que subiram a palco nessa noite, em que foi também criada a Associação dos Amigos do Coliseu do Porto.

Fig. 50 e 51: Manifestação da população contrária a venda do Coliseu para a IURD, em 1995.
Fonte: acedido em 23/10/2024, em https://www.pressreader.com/portugal/jornal-de-noticias/20150804/282024735975319.
Fig. 52 e 53: Nota sobre a intervenção da população e da Câmara para impedir a venda do Coliseu a IURD.
Fonte: acedido em 23/10/2024, em https://observador.pt/especiais/edir-macedo-os-15-momentos-polemicos-na-vida-do-milionario-que-fundou-a-iurd/

4.4 Entrevista com o arquiteto e vereador Pedro Baganha: Uma visão política para o futuro do Cineteatro

No dia 30 de julho de 2024, o arquiteto e vereador Pedro Baganha disponibilizou-se para receber a autora, acompanhada da orientadora Cilísia Ornelas, para uma conversa informal sobre o futuro do Cine-Teatro Vale Formoso e o seu impacto na comunidade. Esta conversa foi gravada com o consentimento de todos os intervenientes e encontra-se na íntegra no Apêndice B.1.

O ponto central da entrevista foi a discussão sobre o futuro do Cine-Teatro Vale Formoso e o papel do poder público na preservação do património cultural. Pedro Baganha explicou que, em 2022, a Câmara Municipal do Porto classificou o edifício como Conjunto de Interesse Municipal, com o intuito de impedir a sua transformação em algo que desrespeitasse o seu valor histórico. Admitiu, contudo, que o imóvel se encontra ao abandono desde a desocupação por parte da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), realçando que, sendo uma propriedade privada, a atuação da Câmara é limitada. O vereador esclareceu que a administração pública apenas pode intervir diretamente em situações que coloquem em risco a segurança pública, como no caso de uma possível derrocada. A expropriação foi apontada como uma possível solução para a salvaguarda do espaço, porém, Baganha sublinhou que essa medida teria de competir com outras prioridades municipais, como a habitação e a infraestrutura.

O vereador reconheceu ainda que muitos membros da comunidade mantêm uma forte ligação afetiva com o Cineteatro e expressou o desejo de ver o espaço revitalizado. Contudo, destacou que, apesar das ferramentas legais disponíveis para proteger o património físico, a revitalização cultural de um espaço desta natureza é um processo mais complexo, pois depende de iniciativas privadas. Como exemplo positivo, Baganha mencionou a recuperação do Cinema Batalha, após um longo processo de negociação com os proprietários, culminando num contrato de arrendamento de 25 anos, modelo que poderia ser uma alternativa para o Vale Formoso, embora tal solução exigisse o envolvimento dos proprietários.

No início da conversa, Baganha apresentou uma postura defensiva e uma visão fatalista, limitando as opções para o futuro do Cineteatro. Contudo, à medida que o diálogo avançava, houve uma mudança de tom. Confrontado com exemplos sobre o potencial do Vale Formoso para continuar a servir a comunidade como um espaço cultural relevante, Baganha demonstrou maior sensibilidade ao tema, admitindo que, caso surgisse a oportunidade, a Câmara poderia considerar uma solução de arrendamento ou outro tipo de negociação. Reconheceu, inclusive, que o edifício

tem potencial para se tornar um equipamento cultural de proximidade especialmente considerando as memórias afetivas que a população local ainda guarda do espaço.

Ao final da entrevista, Pedro Baganha mostrou-se mais sensibilizado para a questão, sugerindo que existem alternativas viáveis para assegurar que o edifício continue a desempenhar um papel relevante na vida da comunidade, desde que seja adquirido ou arrendado pelo poder público. Ele sublinhou, com um exemplo, a viabilidade de um equipamento cultural ao afirmar:

> *"Eu disse que havia zero salas de cinema no centro do Porto e, de repente, há duas e estão sempre cheias. Portanto, há uma cultura de nicho cinéfila, há mercado na cidade do Porto para o cinema. Não podemos imaginar que o cineteatro volte a ser o que foi com cinema massificado, mas acho que como equipamento público faz sentido; como equipamento privado, duvido que fosse economicamente viável."*

Em resumo, o arquiteto Pedro Baganha, ao abordar o enquadramento legal e a classificação do Cine-teatro Vale Formoso, sublinha a complexidade de intervir em propriedades privadas, como é o caso deste edifício, adquirido pela IURD e deixado ao abandono após a construção do Cenáculo na Rua Serpa Pinto. Segundo o arquiteto Baganha, a classificação do imóvel como "Conjunto de Interesse Municipal" em 2022 foi uma medida preventiva para assegurar que o edifício, mesmo em mãos privadas, não fosse transformado numa estrutura comercial, como um hotel, preservando assim a sua identidade urbana e cultural. Contudo, ele também ressalta que essa classificação garante apenas a proteção física do imóvel, e não a sua função original, já adulterada com a transformação em templo religioso. Além disso, o arquiteto reforça a limitação do poder público em propriedades privadas, mencionando que qualquer intervenção dependeria de uma negociação com o proprietário ou de uma expropriação, uma solução considerada onerosa e politicamente inviável.

Do resultado do conteúdo da entrevista de Pedro Baganha, a autora verifica, que o esforço do decisor municipal foi a de oferecer uma perspetiva pragmática sobre a realidade das políticas de preservação de patrimónios culturais, especialmente em contextos urbanos onde o valor comercial muitas vezes prevalece sobre o valor cultural. Embora a classificação de imóveis seja uma ferramenta importante para evitar a destruição ou transformação dos mesmos, a falta de poder público para garantir a revitalização funcional desses edifícios revela uma limitação estrutural. A autora também considera que a conservação de patrimónios como o Cine-teatro Vale Formoso

requer mais do que uma proteção legal, necessitando de uma vontade política clara e de uma visão que integre as memórias coletivas da comunidade com novas possibilidades de uso, que promovam o convívio e a cultura. É de referir ainda, que a autora verifica que com o estudo social (inquérito às populações locais, e a entrevista com o arquiteto Pedro Baganha, deveria haver incentivos financeiros que permitissem dinamizar atividades socio/culturais nestes espaços, sobretudo quando localizados em zonas de maior concentração residencial.

4.5 Entrevista com os Arquitetos Alexandre Alves Costa e Sergio Fernandez: perspetiva entre memória e futuro

No dia 3 de setembro de 2024 foi realizada uma entrevista com os arquitetos Alexandre Alves Costa e Sérgio Fernandez, responsáveis pela reabilitação do Cinema Batalha e do Cine-Teatro Constantino Nery, dentre outras obras reconhecidas no país. Ambos foram bastante receptivos e se disponibilizaram a colaborar com o estudo em questão. A entrevista foi gravada com o consentimento de todos os intervenientes e encontra-se na íntegra no Apêndice B.2.

A conversa oferece uma visão profunda sobre a complexa interseção entre arquitetura, memória cultural e preservação histórica, se inicia com o assunto da reabilitação do Cinema Batalha e se desenrola até o estado de degradação do caso do Vale Formoso.

Quando questionados sobre a relação deles com o cinema, Alexandre Alves Costa revela ter sido profundamente influenciado pelo pai, crítico de cinema e membro ativo do Cineclube do Porto, cresceu em meio a sétima arte e seguiu desenvolvendo este apreço ao longo da vida adulta. Esse envolvimento também lhe infundiu um senso de responsabilidade afetiva na reabilitação do Cinema Batalha, projeto descrito como "emocionante", mas também revelador de uma ruína mais profunda do que inicialmente se esperava.

Sergio Fernandez por sua vez, diz que apesar de não crescer numa família tão fortemente ligada a arte do cinema como a de Alexandre, também veio de uma criação progressista e bastante apreciadora dos filmes. Ao responderem sobre o Batalha, ambos demonstram intenso apreço pelo edifício.

> *"O Batalha era a sede onde se projetavam os filmes do Cineclube do Porto, portanto, eu, desde miúdo, frequentei o Batalha. Era um sítio que era como se fosse a minha casa. Quando nós fomos chamados para restaurar o Batalha foi, talvez, dos projetos mais emocionantes para nós, por razões afetivas, digamos porque tínhamos uma ligação, tanto eu como o Sergio, por outras razões, mas, há próximas também, tínhamos uma relação afetiva muito grande com aqueles casos, vivemos com muito desgosto a sua ruína e a sua má utilização e já havia a degradação em que aquilo tudo estava, não é? Portanto, para nós foi uma alegria enorme e, ao princípio, uma certa inconsciência também porque pensamos que aquilo ia ser uma coisa relativamente simples, não é? E não foi."*

Para Fernandez, ir ao Batalha era como ir à missa:

> *"O Alexandre disse que era a nossa casa e eu diria que era a nossa igreja, porque todos os domingos íamos ao cineclube em miúdos e era no Batalha. Portanto, a minha família não era religiosa e essa era uma espécie de religião. Era a missa, era o Batalha. Éramos muito ligados àquilo. Também havia relações pessoais entre os meus pais e o autor do projeto, o arquiteto Artur Andrade."*

O projeto de reabilitação do Cinema Batalha foi muito mais difícil do que o esperado, devido ao estado avançado de ruína e à baixa qualidade dos materiais. Durante o restauro, os arquitetos enfrentaram vários desafios, mas a redescoberta dos frescos de Júlio Pomar trouxe um valor emocional inesperado. Apesar de acreditarem que seria uma obra simples, o projeto exigiu um grande esforço técnico e pessoal, com recompensas culturais significativas. As alterações no Cinema Batalha, como a remoção da "sala bebé" e a criação de uma nova sala de cinema-estúdio, procuraram equilibrar a modernização com a preservação da autenticidade do edifício.

No caso do Cine-Teatro Vale Formoso, os arquitetos refletiram sobre a sua centralidade na vida cultural do Porto, sobre as experiências que tiveram naquele recinto, e o impacto que a sua degradação tem na comunidade. A discussão envolveu a importância de revitalizar este tipo de edifícios, não apenas como património físico, mas também como centros culturais dinâmicos. Segundo os arquitetos, uma boa programação cultural seria fundamental para reativar o interesse pelo Vale Formoso e outros cineteatros do país.

A entrevista também abordou a história social e política associada aos cineteatros, em particular a sua proliferação durante o Estado Novo, e as implicações propagandísticas desta política. Os arquitetos discutiram como muitos destes espaços foram transformados ao longo dos anos para se adaptarem às necessidades culturais e sociais de cada época.

Na parte final da entrevista, os arquitetos destacaram de forma incisiva o impacto social que os cineteatros, como o Vale Formoso, têm nas suas comunidades. Eles sublinharam que estes edifícios não são apenas estruturas físicas a serem preservadas, mas sim elementos vitais da vida comunitária, com o potencial de servir como centros culturais e espaços de encontro social. A memória coletiva e a ligação emocional que muitas pessoas mantêm com estes locais foram temas recorrentes. Segundo os arquitetos, a degradação dos cineteatros reflete não apenas a perda de espaços físicos, mas também a diminuição de lugares de convívio e de partilha de experiências culturais.

Por fim, os arquitetos evidenciam que a revitalização do Cine-teatro Vale Formoso deve envolver ativamente a comunidade local, sendo fundamental a criação de uma associação que promova o uso contínuo e relevante do espaço. Essa associação permitiria adaptar a programação cultural às necessidades da população e garantiria a sua participação no processo. Além disso, um manifesto forte, organizado por essa associação, poderia exercer significativa pressão sobre a câmara municipal, demonstrando o valor cultural do edifício e impulsionando as autoridades a priorizar a sua reabilitação. Assim, a mobilização comunitária seria essencial para transformar o Vale Formoso num centro cultural vibrante.

A discussão sobre o associativismo local na revitalização dos cineteatros, como o Vale Formoso, destaca a importância das relações sociais que esses espaços fomentam. Sérgio Fernandez defende que a mobilização comunitária é crucial para reabilitar culturalmente esses edifícios, além da sua restauração física. No entanto, esse tipo de associativismo exige um esforço contínuo e o apoio das instituições. Exemplos como o Batalha mostram que, além da recuperação arquitetónica, uma programação diversificada é essencial. A crítica reside no facto de que, sem recursos ou apoio estatal, muitas comunidades não conseguem viabilizar essa transformação, especialmente em áreas mais vulneráveis.

Para a autora, a metáfora de Sérgio Fernandez, que compara os cineteatros a "igrejas", sublinha a importância destes espaços como locais de coesão social e identidade coletiva. No entanto, ao longo dos anos e como visto no inventário, muitos cineteatros foram abandonados ou ocupados por instituições, como a Igreja Universal do Reino de Deus, o que desvirtua a sua função original. Na visão da autora, a crítica gira em torno da falta de ação das autoridades públicas em preservar estes espaços como património cultural, apontando a venda dos cineteatros como um sintoma da inércia política que favorece o lucro sobre o valor social. A ocupação desses edifícios por instituições religiosas é um reflexo de uma falha maior nas políticas de conservação e de revitalização, o que impede que eles mantenham a sua função original.

É de referir que a simples nostalgia não é suficiente para garantir a sobrevivência desses espaços, a revitalização dos cineteatros exige um plano concreto e integrado, que vá além da restauração física, abrangendo uma estratégia cultural forte e, acima de tudo, uma vontade política que valorize a cultura como pilar central da vida urbana. Sem isso, os cineteatros correm o risco de permanecer como edifícios abandonados e estéreis, sem cumprir seu potencial de centros culturais vivos e dinâmicos. Neste sentido, verifica-se a necessidade de haver por parte dos decisores políticos o incentivo cultural a nível local, através de ações de formação cívica dos

cidadãos e a sua integração em associações culturais com algum suporte financeiro que permita manter vivos estes espaços para a sociedade.

4.6 Análise dos resultados das entrevistas

As entrevistas com o arquiteto e vereador Pedro Baganha e com os arquitetos Alexandre Alves Costa e Sérgio Fernandez oferecem uma análise profunda e contrastante sobre as possibilidades e desafios da reabilitação do Cine-Teatro Vale Formoso. A primeira entrevista, com o arquiteto e vereador Pedro Baganha apresenta uma visão aprofundada sobre a complexidade de preservar o património cultural em meio às limitações impostas pela propriedade privada e pela política urbana. Focando no caso do Cine-Teatro Vale Formoso, Baganha reflete sobre a importância da classificação municipal para garantir a preservação arquitetónica do edifício, enquanto aborda os desafios relacionados à sua reabilitação e reutilização pela comunidade.

"Classificamos o imóvel assim que percebemos que a igreja saiu e o edifício ficou vazio, para garantir que não seria transformado noutra coisa, que não fosse um equipamento cultural. A classificação como imóvel de interesse municipal assegura que, mesmo que haja transações ou projetos, os valores relevantes serão mantidos."

Baganha também expressa a sua preocupação com as Câmaras de menor capacidade financeira, que não possuem os mesmos recursos que as grandes cidades:

"Por essa província fora, quantos cineteatros estão em decadência e vão cair porque as câmaras não têm essa possibilidade de intervenção."

Por fim, ele usa o exemplo do Cinema Batalha para mostrar que existe uma solução, mesmo reconhecendo que seria um processo longo e complicado:

"Mas deixem-me dizer uma coisa. Eu não seria tão fatalista, porque apesar de tudo nós temos um outro exemplo na cidade do Porto de um cinema que foi resgatado à decadência e ao abandono através de uma ação da Câmara Municipal em propriedade privada, que é o Batalha."

Com uma abordagem mais humanizada, a entrevista aos arquitetos Alexandre Alves Costa e Sérgio Fernandez explora a relação íntima entre a preservação arquitetónica e a memória afetiva. Eles partilharam as complexidades técnicas e emocionais enfrentadas durante a reabilitação do Cinema Batalha, discutindo tanto os desafios inesperados quanto as descobertas, o que reforçou o sentido de pertença, tanto pessoal como comunitário, ligado ao edifício.

Entre os pontos altos da entrevista, destacam-se as seguintes perceções:

Sobre o Vale Formoso: "Tem imensas potencialidades, por favor. Tem imensas potencialidades e tem uma zona densa de gente, etc., que pode dar valor àquilo. Uma boa

programação, uma recuperação bem feita. Tinha todas as possibilidades de ser um centro cultural extremamente importante."

Os arquitetos também ressaltam a importância das centralidades culturais no Porto, mencionando:

"Mas é interessante vermos que o Porto tem, no fundo, eu penso que tem três centralidades fundamentais, que é o centro-centro, que acumula, realmente, os cinemas e os teatros mais importantes, e depois tem duas centralidades, uma oriental e outra ocidental, que têm os seus equipamentos, enfim, complementares. (…) E eu acho que é evidente que o público do centro do Porto é diferente do público mais periférico, não é? Mas, apesar de tudo, aquilo tem muita gente e tem muita vitalidade. Eu acho que tem muita vitalidade. Eu desconhecia isso e agora tenho frequentado um pouco mais, por causa da Fundação Marques da Silva, e realmente é uma zona com muita vitalidade."

Por fim, eles sugerem que uma associação local seria crucial para revitalizar o Cine-Teatro Vale Formoso:

"Uma associação local era uma coisa fundamental. Uma associação local próxima ao cineteatro Vale Formoso, que tomasse iniciativas e que fizesse coisas, que organizasse coisas... Agora, sendo a IURD, é impossível. Primeiro tem que se pôr o IURD fora."

Na visão da autora, as duas entrevistas complementam-se ao apresentar tanto os desafios administrativos e financeiros, expostos por Baganha, quanto a visão técnica e cultural de Alves Costa e Fernandez. Ambos concordam que o futuro do Vale Formoso depende não apenas de soluções económicas, mas também de uma visão que respeite o seu papel histórico e que o devolva à comunidade, permitindo que o espaço recupere a sua função social e cultural. Essa mobilização, além de pressionar as autoridades locais, poderia dar nova vida ao espaço, transformando-o num centro cultural vibrante e conectado com a comunidade. Contudo, essa revitalização exige mais do que simples pressão política; precisa de uma participação ativa dos próprios habitantes, através do associativismo, na criação de uma programação cultural relevante, garantindo que o espaço responda às necessidades e interesses locais. Somente assim o Vale Formoso pode retomar a sua função agregadora e reafirmar-se como um lugar de identidade e pertença para a comunidade, revitalizando a sua memória coletiva.»;

5. Discussão

Na conclusão deste trabalho evidencia-se a importância da realização do inventário dos cineteatros na região norte de Portugal, permitindo uma compreensão clara da atual situação das salas de espetáculos. As investigações realizadas mostraram a realidade alarmante de muitos destes espaços culturais, outrora vibrantes, hoje encerrados ou esquecidos. Este estudo revelou que uma significativa percentagem de cineteatros permanece abandonada ou desativada, incluindo o Cine-teatro Vale Formoso, cujo impacto se tornou foco neste trabalho.

O inventário dos cineteatros da região norte do país foi uma construção cuidadosamente elaborada, baseada na interligação de informações que anteriormente estavam dispersas e fragmentadas em diversas fontes. Ao contrário das listagens existentes, que muitas vezes se limitavam a aspetos técnicos ou históricos, este inventário foi além, recolhendo dados de arquivos municipais, relatos comunitários, registos arquitetónicos e históricos, além da busca pelo estado atual de cada edifício. Essa integração permitiu reunir num único documento uma visão abrangente e detalhada dos cineteatros, permitindo uma compreensão mais profunda da situação real dos cineteatros, tanto no que toca ao património imaterial como ao estado físico dos edifícios, transformando o inventário num recurso importante para preservação e revitalização.

Essa catalogação também permitiu averiguar as alterações sofridas nas lotações dos cineteatros ao longo dos anos, como nos casos dos cineteatros reabilitados, ou até mesmo em alguns que passaram por menores transformações antes de entrar em decadência, é possível perceber uma diminuição na oferta de lugares para o público, o que reflete uma combinação de fatores que evidenciam não só a deterioração física dos edifícios, mas também a falta de investimento e planeamento estratégico por parte das políticas culturais. Muitos destes espaços, foram progressivamente abandonados em termos de manutenção adequada, e a redução de lugares tornou-se uma solução imediata para responder às exigências de segurança e conforto. No entanto, essa decisão parece ter sido mais uma resposta à escassez de recursos do que um esforço consciente para revitalizar o papel cultural destes espaços.

A concorrência com os cinemas dos centros comerciais e o crescimento das tecnologias digitais de entretenimento agravaram ainda mais esta situação. Em vez de apostar na renovação

dos cineteatros como espaços únicos de convivência e cultura, a tendência foi a de reduzir a oferta e a capacidade, numa postura que aceitou o declínio gradual como inevitável.

No caso do Vale Formoso, a venda do cineteatro à IURD e o seu consequente encerramento levantam questões sobre o destino dos patrimónios culturais urbanos. Esta investigação procurou não apenas entender as razões por detrás da venda e abandono do edifício, mas também explorar as perceções da comunidade local acerca das suas memórias e do futuro deste espaço. As entrevistas revelaram uma forte ligação emocional dos moradores ao cineteatro, com destaque para o desejo de adultos e idosos em ver o espaço reabilitado e devolvido ao uso público. Os jovens, por sua vez, também apelam à sua revitalização, uma vez que o bairro carece de locais de convívio e lazer.

As direções das escolas foram contatadas diversas vezes, com envio de inquérito, dentro do raio de influência, embora não obtendo respostas destas entidades, que se conclui que não estão ainda sensibilizadas para esta problemática. Ainda foram realizadas entrevista com famílias nas proximidades das escolas, as quais confirmaram a carência de espaços de convívio para jovens e crianças na região.

A análise dos resultados dos inquéritos sociais e das entrevistas destaca a complexidade do processo de reabilitação do Cine-Teatro Vale Formoso, sublinhando não só as questões técnicas e económicas, mas também o profundo valor simbólico e emocional que o edifício tem para a comunidade. A ligação afetiva dos moradores, especialmente dos mais velhos, mostra que o cineteatro é muito mais do que uma estrutura abandonada; é um espaço carregado de memórias e identidade, cuja revitalização representaria uma reconexão com o passado e a restituição de um ponto central de convivência. No entanto, essa ligação também carrega o peso da frustração e do descontentamento com a venda do imóvel à Igreja Universal do Reino de Deus, uma transação vista como uma alienação do património coletivo, afastando o edifício da função pública e cultural que deveria desempenhar.

A postura inicial de Pedro Baganha, marcada por um certo pragmatismo e fatalismo em relação às limitações legais e financeiras, reflete as dificuldades que o poder público enfrenta ao tentar intervir em propriedades privadas. No entanto, à medida que a discussão avançou, ficou claro que o vereador reconhece o potencial do Vale Formoso, especialmente ao citar o exemplo do Cinema Batalha, que, apesar de um processo complexo, foi recuperado com sucesso. Isto demonstra que, embora haja entraves significativos, o envolvimento estratégico entre o público e o privado pode criar soluções viáveis para a reabilitação de espaços como o Vale Formoso. O

desafio, contudo, reside em encontrar um equilíbrio entre a viabilidade económica e a preservação do valor cultural, sem comprometer o caráter comunitário que o cineteatro representa.

Por outro lado, a perspetiva dos arquitetos Alexandre Alves Costa e Sérgio Fernandez reforça que a reabilitação de património cultural não é apenas um exercício técnico, mas uma responsabilidade social e emocional. A experiência no Cinema Batalha mostrou como a reabilitação de espaços culturais pode ser desafiadora, tanto em termos de infraestrutura quanto na necessidade de revitalizar o envolvimento comunitário.

Em continuidade, uma importante reflexão levantada foi sobre como a comunidade pode exigir ações do poder público. Na entrevista, o arquiteto Alexandre Alves Costa enfatiza que a mobilização da população é essencial para a reativação de espaços culturais como o Cine-teatro Vale Formoso. Através da criação ou fortalecimento de associações locais dedicadas à cultura e ao património, os moradores podem unir-se em torno de um objetivo comum: a preservação e revitalização do seu património. Estas associações podem organizar eventos, debates públicos e iniciativas artísticas que chamem a atenção para a importância do cineteatro, pressionando entidades públicas e privadas a investirem na sua recuperação. Além disso, petições, campanhas de sensibilização e colaborações com artistas e arquitetos locais podem amplificar a voz da comunidade, transformando o Vale Formoso num símbolo de resistência cultural.

Este trabalho vai além de uma crítica ao estado atual e propõe reflexões para o futuro do edifício, através do Manifesto apresentado em forma de diretrizes futuras em termos culturais, sociais e até da sua importância pedagógica para a sociedade em geral, numa era, em que se dá grande valor à digitalização do conhecimento individualizado, muitas vezes pouco partilhado. É de referir que planos de ação para a intervenção e reabilitação destes espaços, aliada às novas tecnologias e às demandas contemporâneas, poderá oferecer a oportunidade de integrar o passado ao presente, preservando o contacto físico e a partilha entre diferentes gerações, criando pontes entre diversos perfis de públicos, sobretudo jovens e idosos, em que a parte artística e didática é fundamental.

É de salientar que as sugestões de novos usos para o cineteatro Vale Formoso são inúmeras e variam desde a criação de um museu dedicado à tipologia dos cineteatros, um espólio vivo de memórias e relatos, até à realização de exposições, espetáculos e a criação de espaços para expressões artísticas. Há também a possibilidade de integrar espaços de coworking, conforme apontado nas entrevistas, oferecendo uma estrutura multifuncional que combine cultura e inovação. Assim, o Vale Formoso poderá tornar-se um espaço vibrante, revitalizando uma zona negligenciada

e conciliando a preservação do passado com a criação cultural contemporânea, visto que estes edifícios possuem espaços amplos e flexíveis que permitem acolher diferentes atividades culturais/ artísticas.

Pensa-se que num futuro, se a metodologia usada para o Cine-teatro do Vale Formoso (inquéritos e entrevistas) fosse alargada ao inventário realizado, teríamos resultados que iriam reforçar a importância da salvaguardada e proteção deste património.

6. Considerações Finais

É importante ressaltar, no contexto da reabilitação do património cultural, a necessidade de refletir sobre os desafios inerentes à reutilização de patrimónios construídos desativados, um processo que exige não só a preservação da sua história, mas também a adaptação às necessidades contemporâneas, que possam colmatar lacunas socioculturais. A reutilização de um edifício com valor patrimonial vai além da simples restauração; ela envolve atribuir-lhe novas funções que respeitem a sua essência e, ao mesmo tempo, respondam às expectativas de uma comunidade em transformação. Tal como expresso por Françoise Choay: "Consistindo em reintroduzir um monumento desafetado no circuito das utilizações vivas, em arrancá-lo a um destino museológico, a reutilização é, sem dúvida, a forma mais paradoxal, audaciosa e difícil de valorização patrimonial. Como mostraram e repetiram sucessivamente Riegl e Giovannoni, o monumento é assim subtraído aos riscos da desafetação para ser exposto à usura e às usurpações da utilização. Atribuir-lhe um novo destino é uma operação difícil e complexa, que não se deve fundar apenas sobre uma semelhança com o destino original. Esse destino deve, antes de tudo, ter em conta o estado material do edifício, que atualmente, exige ser apreciado em função do fluxo dos seus utilizadores potenciais."[38]

Dessa forma, o reabilitar de um património cultural deve ser um rigoroso pensamento entre memória e futuro, permitindo que os usuários restabeleçam laços sociais e culturais, aliados a transformação do edifício num local vivo. A noção de "sentido de pertença" emerge como um conceito central nas discussões sobre o futuro do Vale Formoso. Embora muitos recursos tenham sido canalizados para a preservação de espaços de maior visibilidade, como o Cinema Batalha e como a defesa do Coliseu do Porto na década de 90, o Vale Formoso mantém uma importância incontestável para a comunidade. A sua degradação não deve ser interpretada como uma falha irreversível, mas antes como uma oportunidade de resgatar um espaço de enorme valor cultural e emocional. Este cineteatro, mesmo fora dos eixos centrais da cidade, ainda preserva um legado imaterial, feito de memórias e vivências que a comunidade anseia por ver reativadas.

[38] CHOAY, Françoise - A alegoria do património. 2ª ed. . Lisboa : Edições 70, 2010. p.233.

No caso do Vale Formoso, questionar as entidades responsáveis sobre o futuro torna-se, assim, um imperativo. A cultura é, sem dúvida, um elemento vital na preservação da identidade de um país, e destruir estes espaços seria apagar uma parte da história. O Cine-teatro Vale Formoso é mais do que um edifício abandonado; ele representa um manifesto pela cultura portuguesa, um apelo à preservação dos espaços que narram a história e que dão vida ao quotidiano das nossas cidades. A sua reabilitação é, portanto, uma questão não apenas de arquitetura ou urbanismo, mas de salvaguarda da memória coletiva e do tecido social da cidade do Porto.

Este estudo sublinha, portanto, a importância de ver a preservação do património cultural como uma tarefa coletiva, onde a comunidade, o poder público e o setor privado têm de atuar em conjunto. A reabilitação do Cine-Teatro Vale Formoso representa uma oportunidade de devolver à cidade do Porto um espaço vital para a cultura e a memória, um lugar onde o passado, presente e futuro podem coexistir e continuar a fortalecer os laços entre a comunidade, através da dinamização sociocultural, necessária nos dias de hoje, sobretudo nas faixas etárias mais novas e mais idosas.

7. MANIFESTO

O Manifesto é o resultado da análise dos dados obtidos nas partes anteriores (inventário, inquérito social e entrevistas), o qual alerta para a necessidade de atualização das catalogações e apela à criação de políticas de sensibilização e parcerias público-privadas para reabilitar esses espaços como centros de convivência e cultura. Os inquéritos revelaram que, independentemente da idade, nível de escolaridade e profissão, todos os residentes valorizam o cineteatro e guardam memórias associadas a ele.

A degradação e abandono dos cineteatros em Portugal são sintomas de uma profunda negligência cultural, que reflete a falta de ação das entidades responsáveis pela proteção do património. O que está em jogo não é apenas a arquitetura, mas o sentido de pertença e a história viva das comunidades que veem esses espaços serem apagados. O caso da Panificadora de Nadir Afonso, demolida em Vila Real para ser construído um supermercado, representa a prevalência do interesse económico sobre a conservação do património.[39]

Espaços como o Cine-Teatro Vale Formoso, no Porto, estão a desaparecer sob o peso do tempo e do desinteresse institucional e este manifesto é um apelo urgente à revalorização desses edifícios, não apenas enquanto objetos arquitetónicos com significado cultural, mas como guardiões da memória coletiva e da identidade social.

A primeira ação fundamental é a criação/atualização dos inventários e catalogações por parte das instituições responsáveis. A Direção Geral do Património Cultural e o IGAC (Inspeção-Geral das Atividades Culturais) devem liderar iniciativas de sensibilização, que incluam roteiros culturais digitais e físicos, bem como a digitalização extensiva destes espaços para garantir a sua preservação em caso de perda. Só assim será possível consciencializar a população e prevenir que mais edifícios sejam destruídos ou descaracterizados.

---

[39] PARAFITA, Alexandre [et al.]. - A Panificadora de Vila Real de Nadir Afonso: crónica de uma demolição / coord. Laura Afonso, Mila Simões de Abreu; fot. Ana Paganini... [et al.] Lisboa: Fundação Nadir Afonso. 2022

Os inquéritos e entrevistas realizados em torno do Cine-Teatro Vale Formoso indicam claramente que a comunidade local deseja o seu resgate sociocultural. O futuro deste e outros espaços culturais dependem do desenvolvimento de novos usos e atividades que respeitem e preservem essa tipologia inserida na malha urbana e que deve ser enquadrada dentro dos planos de regeneração urbana e não demolidos.

Além disso, é crucial melhorar os sistemas de gestão dos cineteatros a nível municipal, regional e nacional, com políticas de dinamização cultural que podem ser "top-down" e/ou "down-up". Para além disso, a parceria entre o setor público e privado, com ações de sensibilização que envolvam diretamente a comunidade, as escolas e o público em geral, pode ser uma via eficaz para a reabilitação e revitalização destes espaços com atividades ajustadas aos novos estilos de vida, assim como novas tecnologias. O desinteresse pela preservação não é apenas uma falha das instituições, mas também da sociedade civil, que precisa ser educada e envolvida na proteção deste património. A educação da preservação do património cultural deverá ser inserida deste o ensino básico, só assim, se promove uma cultura de valorização e proteção do património cultural.

Este manifesto é, portanto, um alerta para a necessidade urgente de ação e uma convocação para que, coletivamente, reconheçamos o valor inestimável dos nossos patrimónios, sejam eles tangíveis e/ou intangíveis. A proposta é estabelecer um diálogo contínuo entre o passado e o presente, assegurando que esses espaços, outrora essenciais para a vida cultural das comunidades, não se dissipem no esquecimento.



54

Fig. 54: Imagem tirada pela autora, em outubro de 2024, de grafite feito na fachada do edifício do Cine-teatro Vale Formoso. Um grafite que também indica um manifesto de alguém em relação ao edifício em abandono.

8. Referências bibliográficas

ACCIAIUOLI, Margarida – "Os Cinemas de Lisboa - Um fenómeno urbano do séc.XX". Lisboa: Bizâncio, 2012.

CAPITEL, Antón, 1925-1965: diversidad urbana de los edifícios culturales en el ámbito ibérico. in Actas do Terceiro Seminário DOCOMOMO Ibérico, Equipamentos e Infraestruturas Culturais, 1925-65, Porto, 2001.

CHOAY, Françoise - A alegoria do património. 2ª ed. Lisboa: Edições 70, 2010.

COSTA, Alves - Os antepassados de alguns cinemas do Porto. Lisboa: Instituto Português de Cinema, 1975.

COSTA, Ana - Batalha: retrospectiva do futuro. Porto: C.M., 2023.

FERNANDES, José Manuel - Cinemas de Portugal. Lisboa: Inapa, 1995.

FERNANDES, José Manuel – Português Suave – Arquitectura do Estado Novo. Lisboa: IPPAR, 2003.

PARAFITA, Alexandre [et al.]. - A Panificadora de Vila Real de Nadir Afonso: crónica de uma demolição / coord. Laura Afonso, Mila Simões de Abreu; fot. Ana Paganini... [et al.] Lisboa: Fundação Nadir Afonso. 2022

SILVA, Susana Constantino Peixoto da – A arquitectura de Cine Teatros: Evolução e Registo [1927-1959.] Equipamentos de cultura e lazer em Portugal no Estado Novo. Lisboa: Edições Almedina, 2010.

TOSTÕES, Ana, Arquitectura Portuguesa nos anos 50: Os verdes anos ou o Movimento Moderno em Portugal. FAUP, Porto, 1997.

TOSTÕES, Ana. Património Moderno: conservação e reutilização como recurso. In Património urbano e reabilitação: Revista Património, nº1, novembro 2013. Lisboa: DGPC, 2013.

Teses, dissertações e outras provas académicas

CALOR, Inês Alhandra - Reabilitação de cinemas modernistas: caracterização do contexto urbano ibérico. Porto: Faup, 2004

CARNEIRO, Luís Celestino Soares - Teatros portugueses de raiz italiana. Porto: FAUP, 2002.

CARVALHO, Maria Carolina Almeida de Figueiredo - Reabilitar para a cidade: o Cine-Teatro de Vale Formoso. Porto: FAUP, 2019.

COSTA, Maria Glória Pimenta Areal da - Análise programática para a reabilitação de uma ruína: o cine teatro de Santo Tirso. Porto: Faup, 2017.

LOPES, Tiago Justino Soares; CARNEIRO LUÍS SOARES; CARNEIRO LUÍS SOARES - O cine-teatro Rosa Damasceno : o significado de uma intervenção / Tiago Justino Soares Lopes ; Prof. responsável Luís Soares Carneiro. Porto : Faup, 2008

ORNELAS, Cilísia Mónica Duarte - Reabilitação do património edificado: intervenção mínima e diferenciada como metodologia. Porto: FEUP, 2016.

ORNELAS, Cilísia Mónica Duarte - Recuperação de cine-teatros modernos portugueses. Porto: FAUP, 2007.

FERREIRA, António Tiago Saldanha Quadros Dias - Cinemas: arquitecturas. Porto: Faup, 2001.

PEREIRA, Dulce Alves - Reabilitação do Cine Aves: uma nova visão para o cineteatro de Vila das Aves. Porto: FAUP, 2019.

DOCUMENTOS OBTIDOS NO ARQUIVO HISTÓRICO DO PORTO:

Memória Descritiva do Projeto do Cine-teatro Vale Formoso, Arquiteto Francisco Granja. Arquivo Histórico do Porto. 1945. Documento acedido através da Câmara Municipal do Porto, referência NUP/26643/2024/CMP.

Imagens digitalizadas dos programas do Cine-teatro Vale Formoso.

SITES VISITADOS PARA REALIZAÇÃO DO INVENTÁRIO:

RTCP - Rede de Teatros e Cineteatros Portugueses em https://www.rtcp.pt/pt/

REDE DE TEATROS E CINETEATROS PORTUGUESES AGORA COM 81 EQUIPAMENTOS em https://www.culturacentro.gov.pt/pt/noticias-e-eventos/rede-de-teatros-e-cineteatros-portugueses-agora-com-81-equipamentos/

https://ctjv.moncao.pt/14742/ctjv

https://radioaltominho.pt/noticias/valenca-municipio-projeta-recuperacao-do-Cine-teatro

https://www.tur4all.com/resources/cineteatro-de-cerveira

https://www.cm-caminha.pt/pages/1234?poi_id=308

https://www.cm-arcos-valdevez.pt/#/catalogue/6548bbcad5a9653e7cefb8b0

https://www.cm-pontedelima.pt/pages/410

https://www.cm-barcelos.pt/viver/cultura/theatro-gil-vicente/

https://forumcidadaniabraga.blogspot.com/2016/06/cinema-sao-geraldo.html

https://ovilaverdense.pt/

https://www.theatrocirco.com/pt/home

https://divisare.com/projects/122289-glcs-arquitectos-fernando-guerra-fg-sg-recuperacao-do-teatro-cinema-de-fafe

https://blogmontelongo.blogspot.com/2012/02/estudio-fenix-o-fim-anunciado.html

https://www.pitagorasgroup.com/project/teatro-jordao-e-garagem-avenida/?lang=pt-pt

https://em.guimaraes.pt/diretorio/geo_artigo/sao-mamede-cae-tribuna

https://famalicaoid.org/inweb/ficha.aspx?id=2484&ns=215000&lang=PO&IPR=-1

https://www.facebook.com/municipiodevnfamalicao

https://www.chaves.pt/pages/314?news_id=1320» e «https://chaves.blogs.sapo.pt/chaves-de-ontem-2765949

https://jornaldechaves.pt/noticia?id=5483

https://www.researchgate.net/figure/Figura-49-Formacao-inicial-dOs-Plumas-em-frente-ao-cinema-Decada-de-1960-Fotografia_fig4_368873608

https://www.viajecomigo.com/2023/03/30/visitar-e-provar-vila-pouca-de-aguiar/

https://www.nrv-norvia.com/pt/projetos/conservatorio-regional-de-musica-de-vila-real

https://patriapequena.blogspot.com/2017/03/cine-teatro-avenida.html

http://www.jornalarquitectos.pt/pt/forum/esquecido/edificio-do-montepio-geral»

https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=289158&type=PCD

https://www.iefp.pt/detalheservico?id=323637

https://www.rtcp.pt/pt/espacos/cineteatro-de-torre-de-moncorvo/

https://www.cm-moncorvo.pt/pages/976

https://espacodearquitetura.com/projetos/cine-teatro-de-amarante/

https://amarantetourism.com/poi/cineteatro-raimundo-magalhaes/

https://www.facebook.com/TeatroGarrett/?locale=pt_PT

https://www.vozdapovoa.com/noticias/cultura/os-dias-intimistas-do-cine-teatro-garrett»

https://cesarioalves.net/adriano/cafe-no-cinema/ e

https://agendaculturalporto.org/agenda-teatro-municipal-de-vila-do-conde/

https://espacodearquitetura.com/projetos/cine-teatro/

https://visitfelgueiras.com/ponto-de-interesse/casa-das-artes-de-felgueiras/

https://www.facebook.com/groups/130862197045784/

https://www.jn.pt/2948153220/fachada-do-antigo-cinema-de-ermesinde-demolida/

https://www.verdadeiroolhar.pt/camara-valongo-paroquia-alfena-recuperam-antigo-Cine-teatro/

https://www.facebook.com/fotosdoporto

https://restosdecoleccao.blogspot.com/2024/01/cine-teatro-vale-formoso.html

https://portodeantanho.blogspot.com/2017/03/

https://restosdecoleccao.blogspot.com/2012/12/coliseu-do-porto.html

https://restosdecoleccao.blogspot.com/2015/07/cinema-olympia-no-porto.html

https://restosdecoleccao.blogspot.com/2013/11/teatro-rivoli.html

https://restosdecoleccao.blogspot.com/2017/09/teatro-sa-da-bandeira-no-porto.html

https://www.tnsj.pt/pt/edificios/teatro-carlos-alberto

https://www.facebook.com/TeatroNacionalSaoJoao

https://restosdecoleccao.blogspot.com/2015/12/cinema-teatro-aguia-douro.html

https://monumentosdesaparecidos.blogspot.com/2015/01/teatro-eden-porto.html

https://www.cari.pt/projects/display?id=212

https://www.cm-gaia.pt/pt/cidade/cultura/equipamentos-municipais/cine-teatro-eduardo-brazao/

https://portodeantanho.blogspot.com/2017/03/continuacao-5_30.html

https://ame-arquivomunicipalespinho.blogspot.com/2010/06/roteiro-edificios-com-historia_22.html

https://www.facebook.com/cineteatroantoniolamoso

http://www.cineteatro.cm-feira.pt/content.php?idioma=pt&itemID=4&subitemID=8

https://www.rtcp.pt/pt/espacos/casa-da-criatividade/

https://olivaria.blogs.sapo.pt/33263.html

https://tema.cm-oaz.pt/imagem/Raider%20Tecnico%20-%20TeMA.pdf

https://trc.cm-lamego.pt/galeria

8.1 Índice do Material Gráfico

ÍNDICE DAS FIGURAS:

Pg. 18 - Fig. 1: Planta Teatro São Carlos, Lisboa. Fonte: CARNEIRO, Luís Celestino Soares - Teatros portugueses de raiz italiana. Porto : FAUP, 2002. p. 204.

Fig. 2: Planta Teatro Gil Vicente, Barcelos. Fonte: CARNEIRO, Luís Celestino Soares - Teatros portugueses de raiz italiana. Porto : FAUP, 2002. p.459.

Pg. 39 - Fig. 3: Gráfico do Estado de conservação dos edifícios inventariados.

Pg. 40 - Fig. 4: Funções dos edifícios em atividade.

Pg. 41 - Fig. 5: Gráfico do Estado de conservação dos edifícios (Distrito do Porto).

Fig. 6: Gráfico com a conversão da lotação nos edifícios que tiveram a função de cineteatro mantida (Distrito do Porto).

Pg. 44 - Fig 7 e 8: Theatro Circo, Braga. Fonte: Acedidas em 3 de setembro de 2024, em «https://www.theatrocirco.com/pt/home».

Fig. 9 e 10: Cine-teatro Amarante, Amarante. Fonte: Acedidas em 5 de setembro de 2024, em «https://espacodearquitetura.com/projetos/cine-teatro-de-amarante/»

Pg. 46 – Fig. 11 e 12: Garagem Peugeout, Arq. Francisco Granja

Fig. 13: Residências particulares, Arq. Francisco Granja

Fig; 14: Edifício de rendimentos, Arq. Francisco Granja

Fonte: https://arquivoatom.up.pt/index.php/granja-francisco-fernandes-da-silva

Pg. 48 – Fig. 15 e 16: Fachada frontal do Cine-teatro Vale Formoso e vista do pátio interno.

Pg. 50 – Fig. 17: Mapa de localização da Freguesia de Paranhos e Cine-Teatro de Vale Formoso

Fig. 18: Planta de Implantação atual do Cine-Teatro de Vale Formoso, Excala 1|10000

Fonte: CARVALHO, Maria Carolina Almeida de Figueiredo - Reabilitar para a cidade : o Cine-Teatro de Vale Formoso. Porto : FAUP, 2019.p.134.

Pg. 52 – Fig. 19: Fotografia aérea da cidade do Porto : 1939-1940. Fonte: https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/587787/?

Fig. 20: Ortofotomapa de 1947. Fonte: https://www.fc.up.pt/pessoas/jagoncal/porto/

Pg. 54 – Fig. 21 e 22: Arquivo Histórico Municipal do Porto. Planta do Rés do Chão e Alçado frontal, projeto de 1945.

Pg. 55 – Fig. 23 e 24: Planta do Rés do Chão e Alçado frontal, projeto de 1948. Desenhos de Maria Carolina Carvalho. Fonte: CARVALHO, Maria Carolina Almeida de Figueiredo - Reabilitar para a cidade: o Cine-Teatro do Vale Formoso. Porto: FAUP, 2019. p.: 136 e 140.

Pg. 56 – Fig. 25 e 26: Planta do Primeiro Piso e Alçado leste (fachada para o pátio), projeto de 1948. Desenhos de Maria Carolina Carvalho. Fonte: CARVALHO, Maria Carolina Almeida de Figueiredo - Reabilitar para a cidade: o Cine-Teatro do Vale Formoso. Porto: FAUP, 2019. p.: 138 e 141.

Pg. 58 – Fig. 27: Mandado de despejo ao representante legal da IURD

Fig. 28 e 29: Despacho da DGESP – Direção Geral de Espetáculos

Fontes: Documento acedido através da Câmara Municipal do Porto, referência NUP/26643/2024/CMP, p.267.

Pg. 60 – Fig. 30, 31 e 32: Programas do Cine-teatro Vale Formoso acedidos no Arquivo Histórico do Porto

Pg. 62 – Fig. 33: Bairro Bom Pastor

Fig. 34: Jardim da Arca d'água

Fig. 35: Rua do Vale Formoso

Fig. 36: Gruta do Jardim da Arca d'água

Pg. 64 – Fig. 37: Porta de entrada do Cine-teatro Vale Formoso.

Fig. 38: Pormenor do gradil das janelas frontais.

Fig. 39: Vista do Cine-teatro Vale Formoso a partir do início da Rua de São Dinis.

Pg. 69 – Fig. 40: Gráfico de proximidade de morada, contendo as 70 respostas.

Fig. 41: Gráfico com a faixa etária dos inquiridos.

Pg. 70 – Fig. 42: Gráfico com o estado civil dos inquiridos.

Fig. 43: Gráfico com a profissão dos inquiridos.

Fig. 44: Gráfico com o agregado familiar dos inquiridos.

Pg. 71 – Fig. 45: Gráfico com o período de residência na zona de estudo

Pg. 73 – Fig. 46: Gráfico das preferências em relação as atividades já exercidas de acordo com as idades dos inquiridos.

Fig. 47: Gráfico das preferências em relação a atribuição de uma nova atividade de acordo com as idades dos inquiridos.

Pg. 74 – Fig. 48: Gráfico das preferências em relação as atividades já exercidas.

Fig. 49: Gráfico das novas atividades citadas pelos inquiridos.

Pg. 86 – Fig. 50 e 51: Manifestação da população contrária a venda do Coliseu para a IURD, em 1995. Fonte: acedido em 23/10/2024, em https://www.pressreader.com/portugal/jornal-de-noticias/20150804/282024735975319.

Fig. 52 e 53: Nota sobre a intervenção da população e da Câmara para impedir a venda do Coliseu a IURD. Fonte: acedido em 23/10/2024, em https://observador.pt/especiais/edir-macedo-os-15-momentos-polemicos-na-vida-do-milionario-que-fundou-a-iurd/

Pg. 105 – Fig. 54: Imagem tirada pela autora, em outubro de 2024, de grafite feito na fachada do edifício do Cine-teatro Vale Formoso. Um grafite que também indica um manifesto de alguém em relação ao edifício em abandono.

ÍNDICE DOS MAPAS:

Pg. 31 – Mapa 1: Mapa do estado dos edifícios realizado pela autora.

Pg. 33 – Mapa 2: Mapa da função atual dos edifícios realizado pela autora.

Pg. 66 – Mapa 3: Área de influência de 1km e equipamentos

Pg. 75 – Mapa 4: Mapa de proximidade do Bairro Pastor com o Cine-teatro Vale Formoso.

Pg. 77 – Mapa 5: Mapa de proximidade das ruas adjacentes.

Pg. 79 – Mapa 6: Mapa de proximidade entre 500m e 1 km.

ÍNDICE DAS TABELAS:

Pg. 29 – Tab. 1 – Inventário dos Cineteatros da Região Norte de Portugal – Exemplo n°37: Cine-teatro Vale Formoso. Apêndice A – página 156.

Pg. 35 – Tab. 2: Quadro Síntese – Distritos: Viana do Castelo, Braga, Vila Real e Bragança

Pg. 37 – Tab. 3: Quadro Síntese – Distritos: Porto, Aveiro e Viseu

Pg. 68 – Tab. 4: Modelo do inquérito realizado

Pg. 72 – Tab. 5: Respostas objetivas gerais por faixa etária.

Pg. 76 – Tab. 6: Respostas do inquérito, proximidade Bom Pastor.

Pg. 78 – Tab. 7: Respostas do inquérito, proximidade ruas adjacentes.

Pg. 80 – Tab. 8: Respostas do inquérito, proximidade 500m a 1km

Pg. 81 – Tab. 9: Respostas do inquérito, usuários ou trabalhadores.

APÊNDICE A

INVENTÁRIO DOS CINETEATROS DA REGIÃO NORTE DE PORTUGAL

Índice do Inventário

DISTRITO: VIANA DO CASTELO

119 1. CINE-TEATRO JOÃO VERDE
120 2. CINE-TEATRO VALENCIANO
121 3. CINE-TEATRO DE CERVEIRA
122 4. TEATRO VALADARES
123 5. CINETEATRO BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE VILA PRAIA DE ANCORA
124 6. CINETEATRO ALAMEDA
125 7. TEATRO DIOGO BERNARDES
126 8. TEATRO SÁ DE MIRANDA

DISTRITO: BRAGA

127 9. THEATRO GIL VICENTE
128 10. CINEMA SÃO GERALDO
129 11. THEATRO CIRCO
130 12. TEATRO-CINEMA DE FAFE
131 13. ESTÚDIO FÊNIX
132 14. TEATRO JORDÃO
133 15. SÃO MAMEDE CAE & TRIBUNA
134 16. CINE-TEATRO AUGUSTO CORREIA
135 17. TEATRO NARCISO FERREIRA

DISTRITO: VILA REAL

136 18. CINE-TEATRO HOTEL SÃO
137 19. CINE-TEATRO BENTO MARTINS
138 20. CINE-TEATRO VIDAGO
139 21. CINE-TEATRO DE VILA POUCA DE AGUIAR
140 22. CINE-TEATRO REAL
141 23. CINE-TEATRO AVENIDA

DISTRITO: BRAGANÇA

142 24. CINE-TEATRO HOTEL SÃO JOSÉ
143 25. TEATRO MIRANDELENSE
144 26. CINEMA DE MACEDO
145 27. CINE-TEATRO DE TORRE DE MONCORVO

DISTRITO: PORTO

146 28. CINE-TEATRO DE AMARANTE
147 29. CINE-TEATRO RAIMUNDO MAGALHÃES
148 30. CINE-TEATRO GARRET
149 31. TEATRO MUNICIPAL DE VILA DO CONDE
150 32. CINE-TEATRO DE SANTO TIRSO
151 33. CINE-TEATRO FONSECA MOREIRA
152 56. CINE AVES
153 34. CINEMA ERMESINDE
154 35. AUDITÓRIO SÃO VICENTE
155 36. CINE-TEATRO VITÓRIA
156 37. CINE-TEATRO DO VALE FORMOSO
157 38. CINE-TEATRO JÚLIO DENIZ
158 39. CINE-TEATRO ODÉON
159 40. COLISEU PORTO AGEAS
160 41. OLYMPIA KINEMA PORTO
161 42. TEATRO MUNICIPAL RIVOLI
162 43. TEATRO SÁ DA BANDEIRA
163 44. TEATRO CARLOS ALBERTO
164 45. TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO
165 46. CINE-TEATRO ÁGUIA DOURO
166 47. ÉDEN TEATRO
167 48. CINE-TEATRO CONSTANTINO NERY
168 49. CINE-TEATRO EDUARDO BRAZÃO
169 50. CINE-TEATRO AVENIDA

DISTRITO: AVEIRO

170 51. TEATRO SÃO PEDRO
171 52. CINE-TEATRO ANTÓNIO LAMOSO
172 53. CASA DA CRIATIVIDADE
173 54. CINE-TEATRO CARACAS

DISTRITO: VISEU

174 55. TEATRO RIBEIRO CONCEIÇÃO

CONCELHO: MONÇÃO

1. Cine-teatro João Verde

Ano: 1949

Autor: Eng. Raul de Brito Subtil

Função Original: Cineteatro

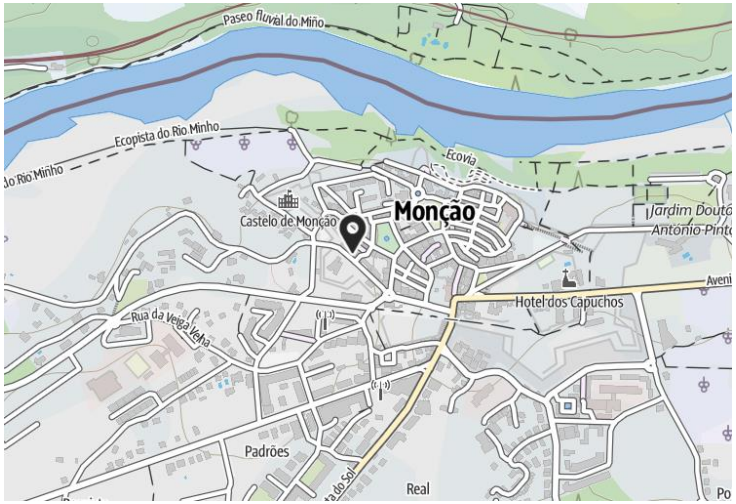
Lotação: 300 pessoas

Atividade: Encerrado em 1987 e reaberto em 2013

Função atual: Cineteatro

Estado do Edifício: Reabilitado em 2013

Entidade gestora: Câmara Municipal de Monção



Fotos:





Imagens: Site do Cineteatro João Verde acedido em 22 de agosto de 2024, em «https://ctjv.moncao.pt/14742/ctjv»

CONCELHO: VALENÇA

2. **Cine-teatro Valenciano**

Ano: 1876

Autor:

Função Original: Cineteatro

Lotação: 330 pessoas

Atividade: Encerrado em 1990

Função atual:

Estado do Edifício: Ruína

Entidade gestora: Em trâmite para doação a Câmara



Fotos:



Imagens: Acedidas em 3 de setembro de 2024, em «https://radioaltominho.pt/noticias/valenca-municipio-projeta-recuperacao-do-Cine-teatro/

CONCELHO: VILA NOVA DE CERVEIRA

3. Cineteatro de Cerveira – Marreca Gonçalves

Ano: 1922

Autor: Arq. José Geraldo da Siva Sardinha

Função Original: Cineteatro

Lotação: Õriginal: 283 pessoas – Atual: 400 pessoas

Atividade: Ativo

Função atual: Cineteatro

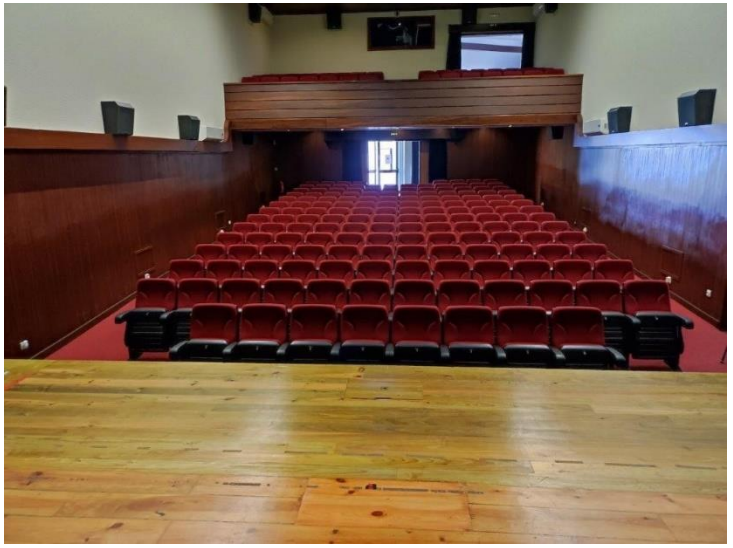
Estado do Edifício: Reabilitado

Entidade gestora: Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira



Fotos:





Imagens: Acedido em 3 de setembro de 2024, em «https://www.tur4all.com/resources/cineteatro-de-cerveira»

DISTRITO: VIANA DO CASTELO

CONCELHO: CAMINHA

4. Teatro Valadares

Ano: 1898

Autor: Const. Joaquim da Cruz Trovisqueira

Função Original: Teatro

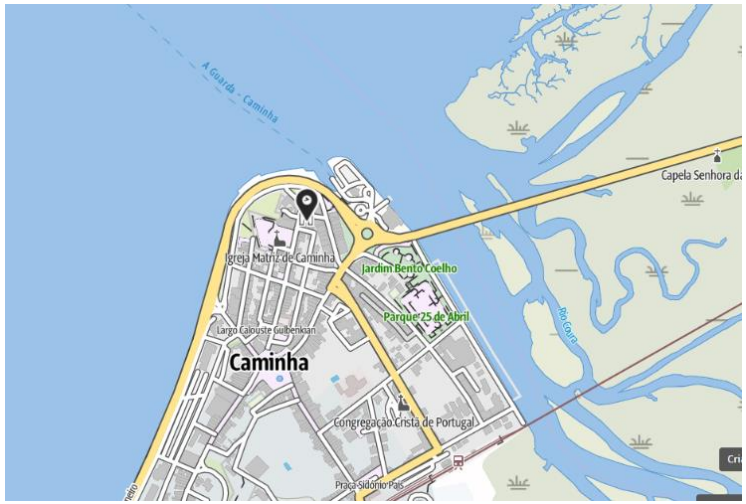
Lotação: 100 pessoas

Atividade: Desativado em 1987 e reaberto em 2013

Função atual: Cineteatro

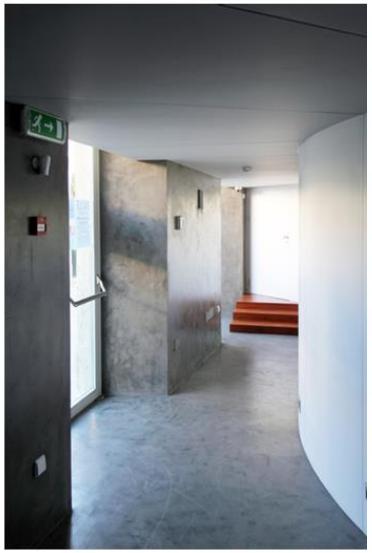
Estado do Edifício: Reabilitado em 2013

Entidade gestora: Câmara Municipal de Caminha

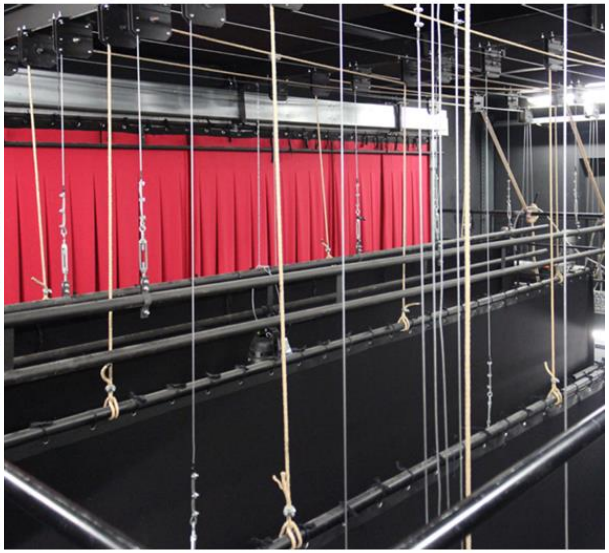


Fotos:









Imagens: COSTA, Maria Glória Pimenta Areal da - Análise programática para a reabilitação de uma ruína : o cine teatro de Santo Tirso. Porto : Faup, 2017.

CONCELHO: CAMINHA

5. Cineteatro Bombeiros Voluntários de Vila Praia de Âncora

Ano: 1916

Autor:

Função Original: Cineteatro

Lotação: Original: 366 – Atual: 200 pessoas

Atividade: Ativo

Função atual: Cineteatro

Estado do Edifício: Reabilitado em 2017

Entidade gestora: Câmara Municipal de Caminha



Fotos:





Imagens: Site da Câmara de Caminha, acedido em 3 de setembro de 2024, em «https://www.cm-caminha.pt/pages/1234?poi_id=308»

CONCELHO: ARCOS DE VALDEVEZ

6. Cineteatro Alameda

Ano: 1969

Autor:

Função Original: Cineteatro

Lotação:

Atividade: Encerrado na década de 90

Função atual:

Estado do Edifício: Devoluto

Entidade gestora: Propriedade parcial da Câmara Municipal



Fotos:





Imagens: Portal da Memória Arcuense, acedido em 3 de setembro de 2024, em «https://www.cm-arcos-valdevez.pt/#/catalogue/6548bbcad5a9653e7cefb8b0» e «Google Maps»

CONCELHO: PONTE DE LIMA

7. Teatro Diogo Bernardes

Ano: 1896

Autor: Arq. António Adelino de Magalhães Moutinho

Função Original: Teatro

Lotação: Original: 315 pessoas – Atual: 305 pessoas

Atividade: Ativo

Função atual: Cineteatro

Estado do Edifício: Reabilitado em 1999

Entidade gestora: Câmara Municipal de Ponte de Lima



Fotos:





Imagens: Site da Câmara de Ponte de Lima, acedido em 3 de setembro de 2024, em «https://www.cm-pontedelima.pt/pages/410»

CONCELHO: VIANA DO CASTELO

8. Teatro Sá de Miranda

Ano: 1885

Autor: Arq. José Geraldo da Siva Sardinha

Função Original: Teatro

Lotação: Original: 382 pessoas – Atual: 400 pessoas

Atividade: Ativo

Função atual: Cineteatro

Estado do Edifício: Reabilitado em 1993 e 2019

Entidade gestora: Câmara Municipal de Viana do Castelo



Fotos:







Imagens: Site da Rede de Cineteatros e Teatros Portugueses, acedido em 22 de agosto de 2024, em «https://www.rtcp.pt/pt/espacos/teatro-sa-de-miranda/»

CONCELHO: BARCELOS

9. Theatro Gil Vicente

Ano: 1902

Autor: Eng. António José Lima

Função Original: Teatro

Lotação: 383 pessoas

Atividade: Ativo

Função atual: Cineteatro

Estado do Edifício: Reabilitado em 1997

Entidade gestora: Câmara Municipal de Barcelos



Fotos:





Imagens: Site da Câmara de Barcelos, acedido em 3 de setembro de 2024, em «https://www.cm-barcelos.pt/viver/cultura/theatro-gil-vicente/»

CONCELHO: BRAGA

10. Cinema São Geraldo

Ano: 1950

Autor: Bernardo José de Lima

Função Original: Cineteatro

Lotação: 808 pessoas

Atividade: Encerrado

Função atual:

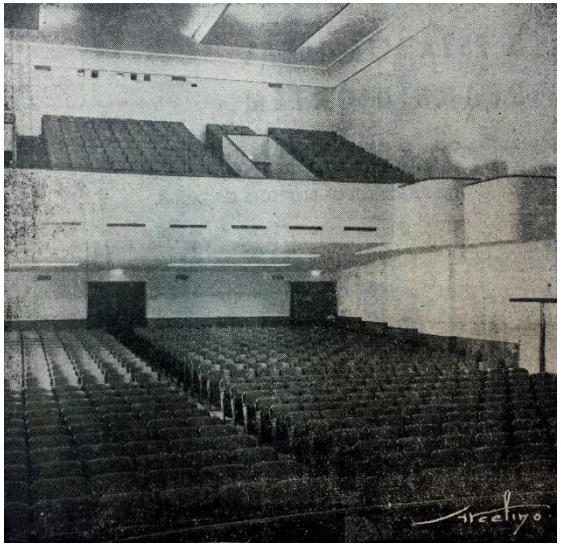
Estado do Edifício: Ruína

Entidade gestora: Arquidiocese de Braga



Fotos:





Imagens: Acedidas em 3 de setembro de 2024, em «https://forumcidadaniabraga.blogspot.com/2016/06/cinema-sao-geraldo.html» e «https://ovilaverdense.pt/»

CONCELHO: BRAGA

11. Theatro Circo

Ano: 1915

Autor: Moura Coutinho

Função Original: Teatro Circo

Lotação: Original 1500 pessoas – Atual: 1133 pessoas

Atividade: Ativo

Função atual: Cineteatro

Estado do Edifício: Reabilitado em 2000

Entidade gestora: Câmara Municipal de Braga



Fotos:





Imagens: Acedidas em 3 de setembro de 2024, em «https://www.theatrocirco.com/pt/home»

CONCELHO: FAFE

12. Teatro-Cinema de Fafe

Ano: 1924

Autor: Duarte de Almeida

Função Original: Cineteatro

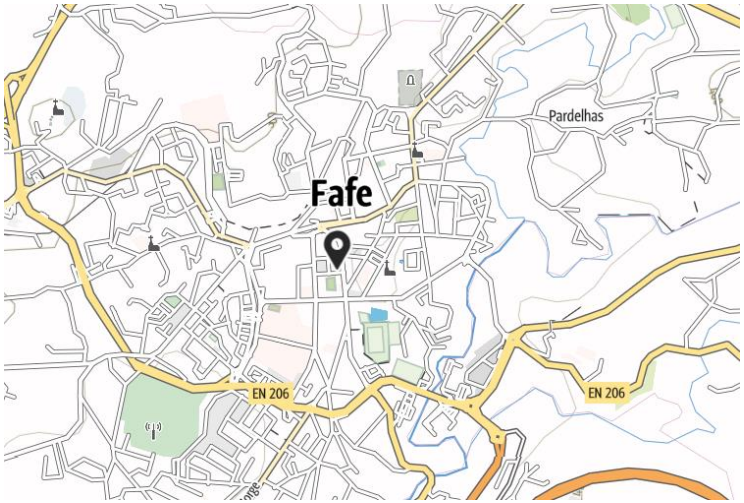
Lotação: 300 pessoas

Atividade: Encerrado em 1981 e reaberto em 2009

Função atual: Teatro, cinema e academia de música

Estado do Edifício: Reabilitado

Entidade gestora: Câmara Municipal de Fafe



Fotos:







Imagens: Acedidas em 5 de setembro de 2024, em «https://divisare.com/projects/122289-glcs-arquitectos-fernando-guerra-fg-sg-recuperacao-do-teatro-cinema-de-fafe»

CONCELHO: FAFE

13. Estúdio Fênix

Ano: 1984

Autor: António Santana

Função Original: Cineteatro

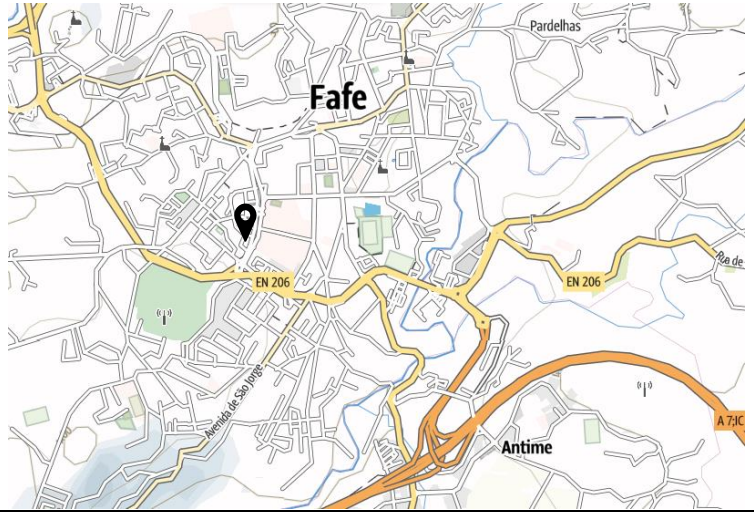
Lotação: 300 pessoas

Atividade: Encerrado

Função atual: Escola Bailado de Fafe

Estado do Edifício: Remodelado

Entidade gestora: Escola Bailado de Fafe



Fotos:





Imagens: Acedidas em 5 de setembro de 2024, em «https://blogmontelongo.blogspot.com/2012/02/estudio-fenix-o-fim-anunciado.html»

CONCELHO: GUIMARÃES

14. Teatro Jordão

Ano: 1938

Autor: Arq. Eng. Júlio José de Brito

Função Original: Cineteatro

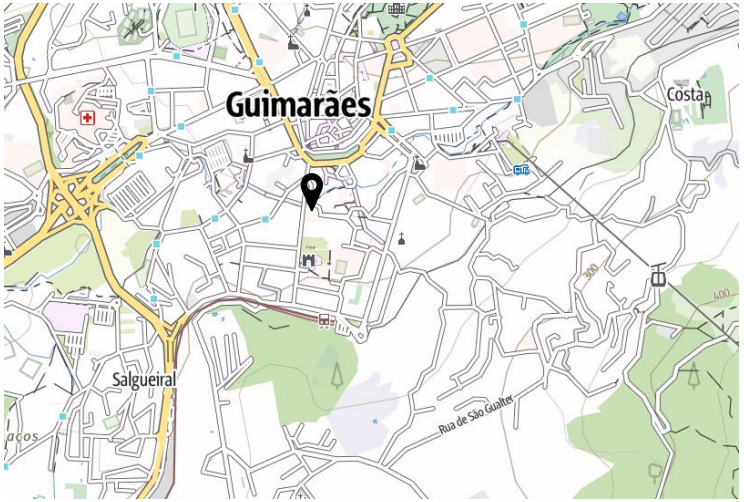
Lotação: Original: 1400 pessoas – Atual: 400 pessoas.

Atividade: Encerrado em 1993 e reaberto em 2022

Função atual: Escola de Artes Visuais, Artes Cênicas e Música

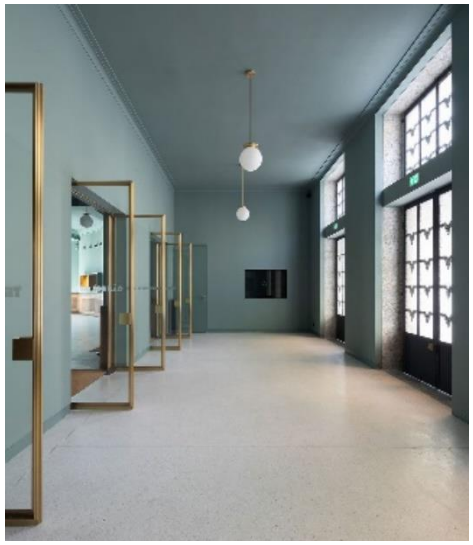
Estado do Edifício: Remodelado

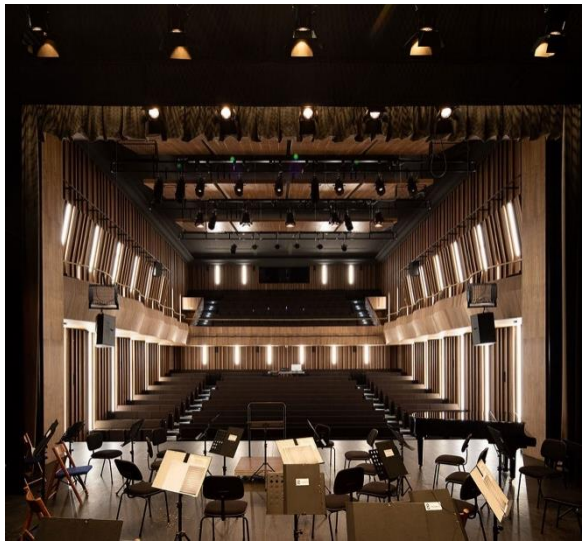
Entidade gestora: Empresa privada



Fotos:







Imagens: Acedidas em 5 de setembro de 2024, em «https://www.pitagorasgroup.com/project/teatro-jordao-e-garagem-avenida/?lang=pt-pt»

DISTRITO: BRAGA

CONCELHO: GUIMARÃES

15. São Mamede CAE & Tribuna

Ano: 1971

Autor: Arquitetos Manuel D`Ávila e Domingos Fernandes

Função Original: Cinema

Lotação: Original: 927 pessoas - Atual: 672 pessoas

Atividade: Ativo

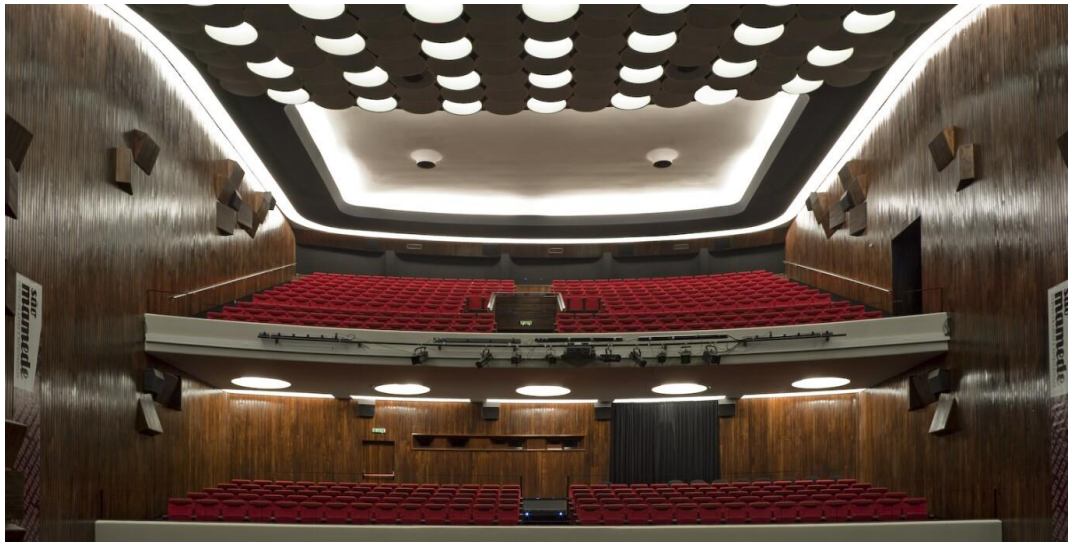
Função atual: Centro de Artes e Espetáculos

Estado do Edifício: Remodelado

Entidade gestora: Empresa privada



Fotos:



Imagens: Acedido em 5 de setembro de 2024, em «https://em.guimaraes.pt/diretorio/geo_artigo/sao-mamede-cae-tribuna»

CONCELHO: VILA NOVA DE FAMALICÃO

16. Cine-teatro Augusto Correia (antigo Cine-teatro Famalicense)

Ano: 1962

Autor:

Função Original: Cineteatro

Lotação: 598 pessoas

Atividade: Encerrado

Função atual: Inexistente

Estado do Edifício: Demolido em 2001.

Entidade gestora:



Fotos:



Imagens: Acedido em 5 de setembro de 2024, em «https://famalicaoid.org/inweb/ficha.aspx?id=2484&ns=215000&lang=PO&IPR=-1»

CONCELHO: VILA NOVA DE FAMALICÃO

17. Teatro Narciso Ferreira

Ano: 1944

Autor: Arq. Manuel Amoroso Lopes

Função Original: Cineteatro

Lotação: Original: 190 pessoas – Atual: 476 pessoas

Atividade: Ativo

Função atual: Cineteatro

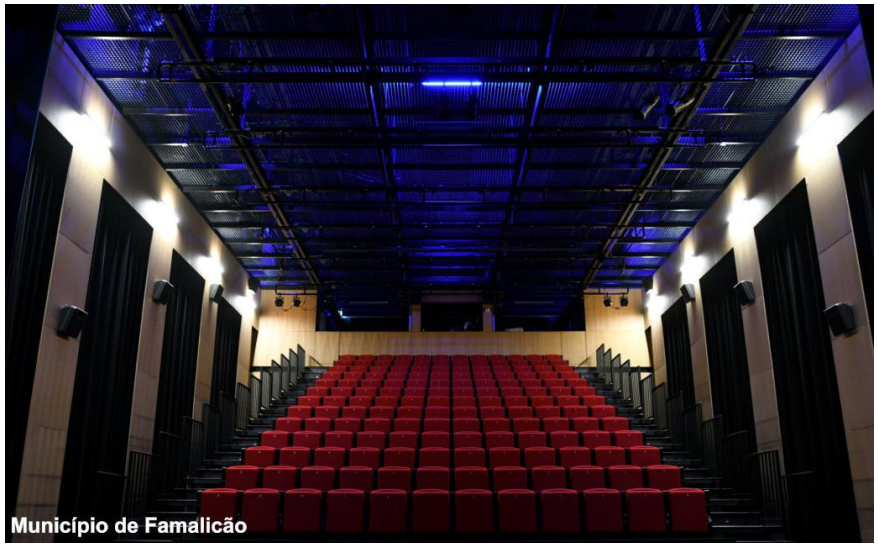
Estado do Edifício: Reabilitado em 2021

Entidade gestora: Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão



Fotos:





Imagens: Acedidas em 5 de setembro de 2024, em «https://www.facebook.com/municipiodevnfamalicao»

CONCELHO: CHAVES

18. Cine-teatro de Chaves (antigo Cine-Parque)

Ano: séc. XIX

Autor:

Função Original: Cineteatro

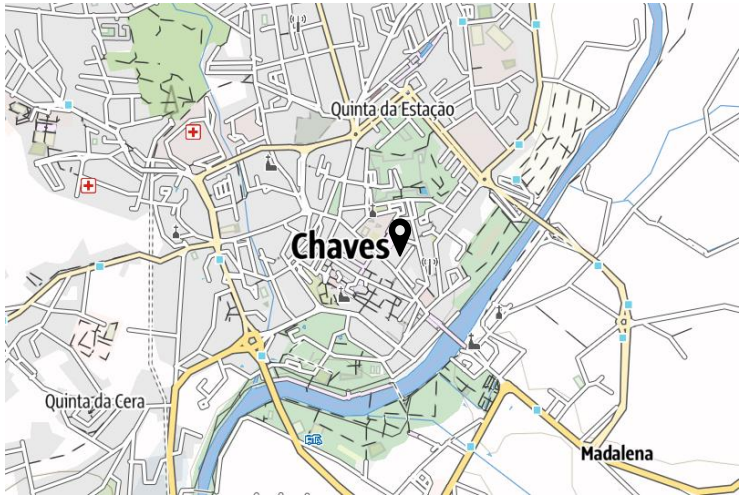
Lotação: Original: 999 pessoas – Previsão atual: +1700 pessoas

Atividade: Encerrado

Função atual: Espaço Multiuso -Aquanatur Palace

Estado do Edifício: Em obras de remodelação

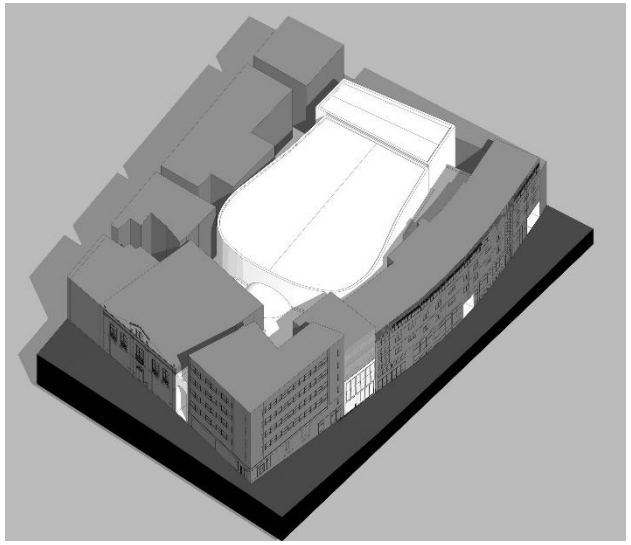
Entidade gestora: Câmara Municipal de Chaves



Fotos:







Imagens: Acedidas em 5 de setembro de 2024, em «https://www.chaves.pt/pages/314?news_id=1320» e «https://chaves.blogs.sapo.pt/chaves-de-ontem-2765949».

CONCELHO: CHAVES

19. Cineteatro Bento Martins

Ano:

Autor:

Função Original: Cineteatro

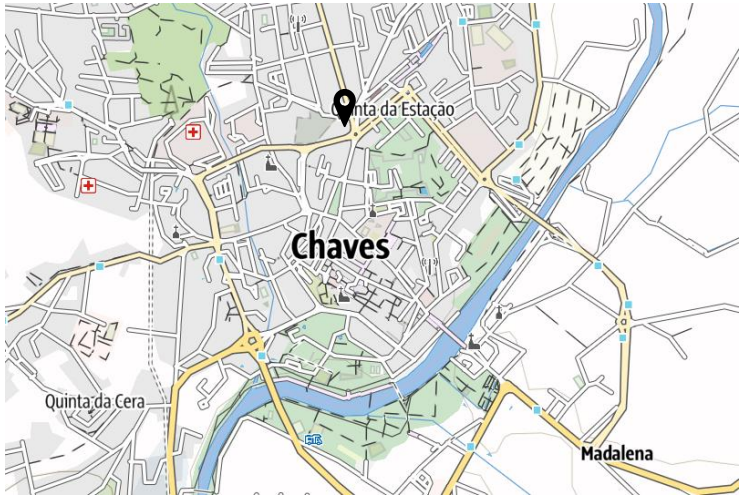
Lotação: 222 pessoas

Atividade: Ativo

Função atual: Cineteatro

Estado do Edifício: Reabilitado

Entidade gestora: Teatro Experimental Flaviense



Fotos:





Imagens: Acedidas em 5 de setembro de 2024, em « https://jornaldechaves.pt/noticia?id=5483 »

CONCELHO: CHAVES

20. Cine-Vidago

Ano: 1952

Autor:

Função Original: Cineteatro

Lotação:

Atividade: Ativo

Função atual: Bar/comércio

Estado do Edifício: Remodelado

Entidade gestora:



Fotos:





Imagens: Acedidas em 9 de setembro de 2024, em «https://www.researchgate.net/figure/Figura-49-Formacao-inicial-dOs-Plumas-em-frente-ao-cinema-Decada-de-1960-Fotografia_fig4_368873608»

CONCELHO: VILA POUCA DE AGUIAR

21. Cine-teatro de Vila Pouca de Aguiar

Ano: 1956

Autor:

Função Original: Cineteatro

Lotação: 310 pessoas

Atividade: Ativo

Função atual: Cineteatro

Estado do Edifício: Em obras de recuperação

Entidade gestora: Câmara Municipal de Vila Pouca de Aguiar



Fotos:





Imagens: Acedidas em 5 de setembro de 2024, em «https://www.viajecomigo.com/2023/03/30/visitar-e-provar-vila-pouca-de-aguiar/»

CONCELHO: VILA REAL

22. Cine-teatro Real (antigo Convento de São Domingues de Vila Real)

Ano: 1930

Autor:

Função Original: Cineteatro

Lotação: 789 pessoas

Atividade: Ativo

Função atual: Conservatório Regional de Música de Vila Real

Estado do Edifício: Remodelado

Entidade gestora: Câmara Municipal de Vila Real



Fotos:

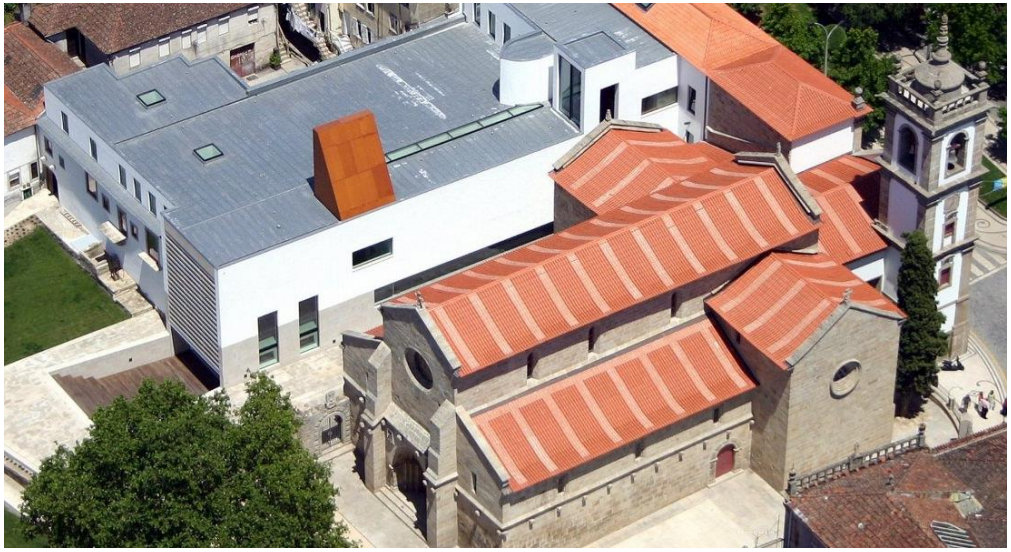




Imagem: Acedida em 5 de setembro de 2024, em «https://www.nrv-norvia.com/pt/projetos/conservatorio-regional-de-musica-de-vila-real»

CONCELHO: PESO DA RÉGUA

23. Cine-teatro Avenida

Ano: 1951

Autor:

Função Original: Cineteatro

Lotação: 736 pessoas

Atividade:

Função atual: Cineteatro

Estado do Edifício: Devoluto

Entidade gestora:



Fotos:





Imagens: Acedidas em 5 de setembro de 2024, em «https://patriapequena.blogspot.com/2017/03/cine-teatro-avenida.html»

CONCELHO: BRAGANÇA

24. Cine-teatro Hotel São José

Ano: 1963

Autor: Arq. Alfredo Viana de Lima

Função Original: Cineteatro

Lotação: 582 pessoas

Atividade: Encerrado

Função atual: Cineteatro

Estado do Edifício: Ruína

Entidade gestora: Empresa privada



Fotos:





Imagens: Acedidas em 5 de setembro de 2024, em «http://www.jornalarquitectos.pt/pt/forum/esquecido/edificio-do-montepio-geral»

CONCELHO: MIRANDELA

25. Teatro Mirandelense

Ano: 1937

Autor: Arq. Alfredo Viana de Lima

Função Original: Cineteatro

Lotação:

Atividade:

Função atual:

Estado do Edifício: Demolido

Entidade gestora:



Fotos:





Imagens: Acedidas em 5 de setembro de 2024, em «https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=289158&type=PCD» e FERNANDES, José Manuel, Arquitectura Modernista em Portugal

CONCELHO: MACEDO DE CAVALEIROS

26. Cinema de Macedo

Ano: Década de 30

Autor:

Função Original: Cineteatro

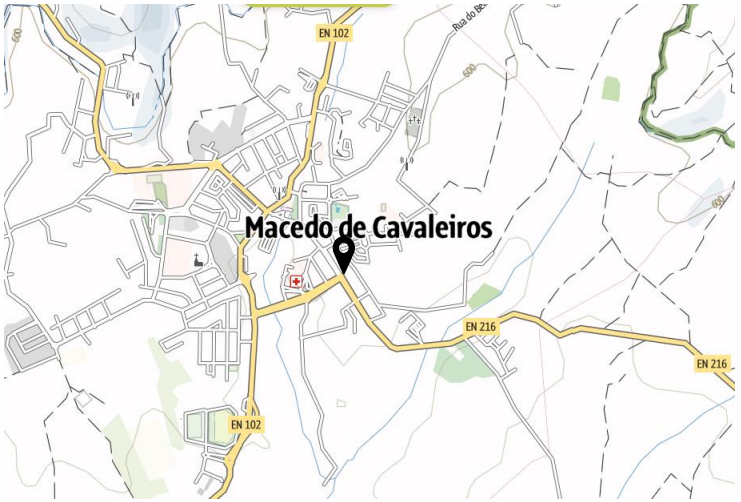
Lotação:

Atividade:

Função atual: Atual IEFP de Macedo de Cavaleiros

Estado do Edifício: Remodelado em 2004

Entidade gestora: Instituto do Emprego e Formação Profissional



Fotos:





Imagem: FERNANDES, José Manuel, Arquitectura Modernista em Portugal e «https://www.iefp.pt/detalheservico?id=323637»

CONCELHO: TORRE DE MONCORVO

27. Cine-teatro de Torre de Moncorvo

Ano: 1950

Autor: Arq. Arménio Losa e Eng. António Ferreira Pinto

Função Original: Cineteatro

Lotação: 300 pessoas

Atividade: Ativo

Função atual: Cineteatro

Estado do Edifício: Reabilitado

Entidade gestora: Câmara Municipal de Torre de Moncorvo



Fotos:





Imagens: Acedidas em 5 de setembro de 2024, em «https://www.rtcp.pt/pt/espacos/cineteatro-de-torre-de-moncorvo/» e «https://www.cm-moncorvo.pt/pages/976»

DISTRITO: PORTO

CONCELHO: AMARANTE

28. Cine-teatro de Amarante

Ano: 1947

Autor:

Função Original: Teatro

Lotação: Atual: 386 pessoas

Atividade: Encerrado em 1980 e reaberto em 2023

Função atual: Cineteatro

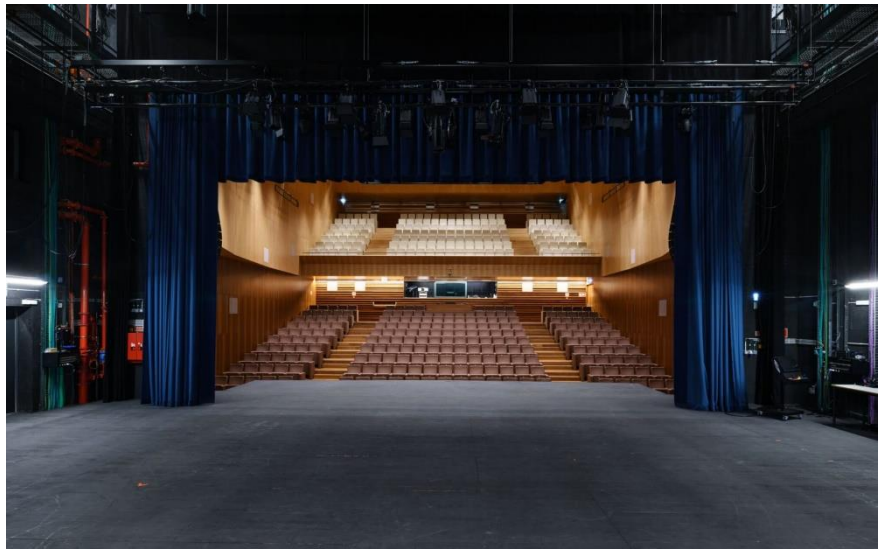
Estado do Edifício: Reabilitado

Entidade gestora: Câmara Municipal de Amarante



Fotos:





Imagens: Acedidas em 5 de setembro de 2024, em «https://espacodearquitetura.com/projetos/cine-teatro-de-amarante/»

CONCELHO: AMARANTE

29. CineTeatro Raimundo Magalhães

Ano: 1957

Autor:

Função Original: Cineteatro

Lotação: 340 pessoas

Atividade: Ativo

Função atual: Cineteatro

Estado do Edifício: Reabilitado em 2014 e 2021

Entidade gestora: Associação Beneficência Vila Meã



Fotos:





Imagens: Acedidas em 5 de setembro de 2024, em «https://amarantetourism.com/poi/cineteatro-raimundo-magalhaes/»

CONCELHO: PÓVOA DE VARZIM

30. Cine-teatro Garrett

Ano: 1890

Autor:

Função Original: Teatro

Lotação: Original: 760 pessoas – Atual: 485 pessoas

Atividade: Ativo

Função atual: Cineteatro

Estado do Edifício: Reabilitado em 2014

Entidade gestora: Câmara Municipal de Póvoa de Varzim



Fotos:





Imagens: Acedidas em 5 de setembro de 2024, em «https://www.facebook.com/TeatroGarrett/?locale=pt_PT» e «https://www.vozdapovoa.com/noticias/cultura/os-dias-intimistas-do-cine-teatro-garrett»

CONCELHO: VILA DO CONDE

31. Teatro Municipal de Vila do Conde (antigo Cine-teatro Neiva)

Ano: 1947

Autor: Arquitetos Agostinho Ferreira de Almeida e Casais Rodrigues

Função Original: Cineteatro

Lotação: Original: 636 pessoas – Atual: 687 pessoas

Atividade: Encerrado em 1980 e reaberto em 2009

Função atual: Cineteatro

Estado do Edifício: Reabilitado

Entidade gestora: Câmara Municipal de Vila do Conde



Fotos:





Imagens: Acedidas em 5 de setembro de 2024, em «https://cesarioalves.net/adriano/cafe-no-cinema/» e «https://agendaculturalporto.org/agenda-teatro-municipal-de-vila-do-conde/»

DISTRITO: PORTO

CONCELHO: SANTO TIRSO

32. Cine-teatro de Santo Tirso

Ano: 1954

Autor: Arq. José da Cruz Lima

Função Original: Cineteatro

Lotação: 999 pessoas

Atividade: Encerrado

Função atual:

Estado do Edifício: Ruína, a espera das obras de reabilitação desde 2007.

Entidade gestora: Câmara Municipal de Santo Tirso



Fotos:





Imagens: Acedidas em 5 de setembro de 2024, em «https://espacodearquitetura.com/projetos/cine-teatro/» e Costa, Maria Glória Pimenta Areal da - Análise programática para a reabilitação de uma ruína : o Cine-teatro de Santo Tirso. Porto : Faup, 2017. P.28

CONCELHO: FELGUEIRAS

33. Cine-teatro Fonseca Moreira

Ano: 1921

Autor: António José de Fonseca Moreira

Função Original: Cineteatro

Lotação: Original: 455 pessoas – Atual: 267 pessoas

Atividade: Ativo

Função atual: Cineteatro

Estado do Edifício: Reabilitado em 1997

Entidade gestora: Câmara Municipal de Felgueiras



Fotos:





Imagens: Acedidas em 5 de setembro de 2024, em «https://visitfelgueiras.com/ponto-de-interesse/casa-das-artes-de-felgueiras/»

CONCELHO: SANTO TIRSO

56. Cine Aves

Ano: 1951

Autor: Arq. Mário Borges

Função Original: Cineteatro

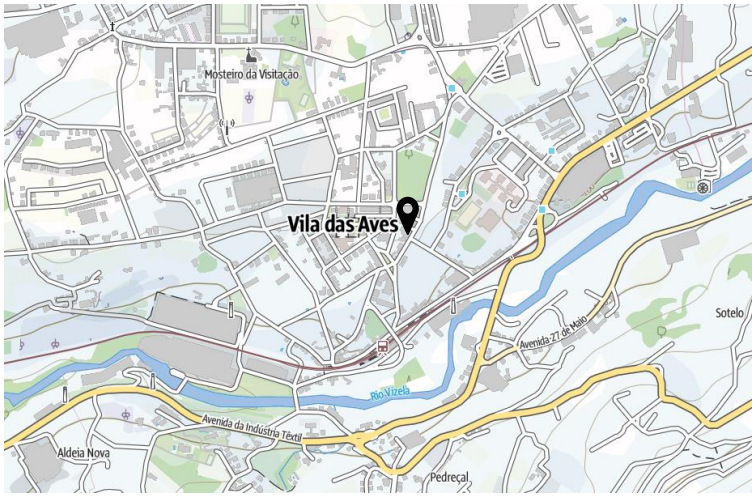
Lotação: Original: 499 pessoas – Final: 425 pessoas

Atividade: Encerrado em 2006

Função atual:

Estado do Edifício: Devoluto

Entidade gestora:



Fotos:





Imagens: PEREIRA, Dulce Alves - Reabilitação do Cine Aves : uma nova visão para o cinetreatro de Vila das Aves. Porto : FAUP, 2019.

CONCELHO: VALONGO

34. Cinema Ermesinde

Ano: década de 40

Autor:

Função: Cineteatro

Lotação: 675 pessoas

Atividade: Encerrado desde os anos 90

Função atual: será a Oficina Municipal das Artes

Estado do Edifício: Em obras de remodelação, fachada destruída.

Entidade gestora: Câmara de Valongo



Fotos:





Imagens: Acedidas em 4 de agosto de 2024, em «https://www.facebook.com/groups/130862197045784/» e «https://www.jn.pt/2948153220/fachada-do-antigo-cinema-de-ermesinde-demolida/»

CONCELHO: VALONGO

35. Auditório São Vicente (Antigo Cine-teatro de Alfena)

Ano: década de 60

Autor:

Função: Cineteatro

Lotação: 500 pessoas

Atividade: Ativo

Função atual: Equipamento Cultural Multifunções

Estado do Edifício: Remodelado e inaugurado em 2021

Entidade gestora: Câmara de Valongo e Paróquia de Alfena



Fotos:





Imagens: Acedidas em 4 de agosto de 2024, em «https://www.verdadeiroolhar.pt/camara-valongo-paroquia-alfena-recuperam-antigo-Cine-teatro/»

CONCELHO: GONDOMAR

36. Cine-teatro Vitória

Ano: 1947

Autor: Arq. Eng. Júlio José de Brito

Função: Cineteatro

Lotação: 800 pessoas

Atividade: Encerrado

Função atual:

Estado do Edifício: Demolido na década de 80

Entidade gestora: Câmara de Gondomar



Fotos:





Imagens: Acedidas em 4 de agosto de 2024, em «https://www.facebook.com/fotosdoporto»

CONCELHO: PORTO

37. Cine-teatro Vale Formoso

Ano: 1948

Autor: Arq. Francisco Granja

Função Original: Cineteatro

Lotação: 1076 pessoas

Atividade: Encerrado em 1984

Função atual: Inexistente

Estado do Edifício: Devoluto

Entidade gestora: Igreja Universal do Reino de Deus



Fotos:





Imagens: Atual capturada pela autora e do interior acedida em 4 de agosto de 2024, em « https://restosdecoleccao.blogspot.com/2024/01/cine-teatro-vale-formoso.html»

DISTRITO: PORTO

CONCELHO: PORTO

38. Cine-teatro Júlio Deniz

Ano: 1942

Autor: Arq. Manuel da Silva Passos Júnior

Função Original: Cineteatro

Lotação: 1040 pessoas

Atividade: Reconvertido

Função atual: Danceteria

Estado do Edifício: Remodelado sem grandes intervenções

Entidade gestora: Empresa privada



Fotos:







Imagens: Imagem da fachada tirada pela autora; Imagens do interior: CALOR, Inês Alhandra - Reabilitação de cinemas modernistas : caracterização do contexto urbano ibérico. Porto : Faup, 2004. p.72

CONCELHO: PORTO

39. Cine-teatro Odéon

Ano: 1929

Autor:

Função Original: Cineteatro

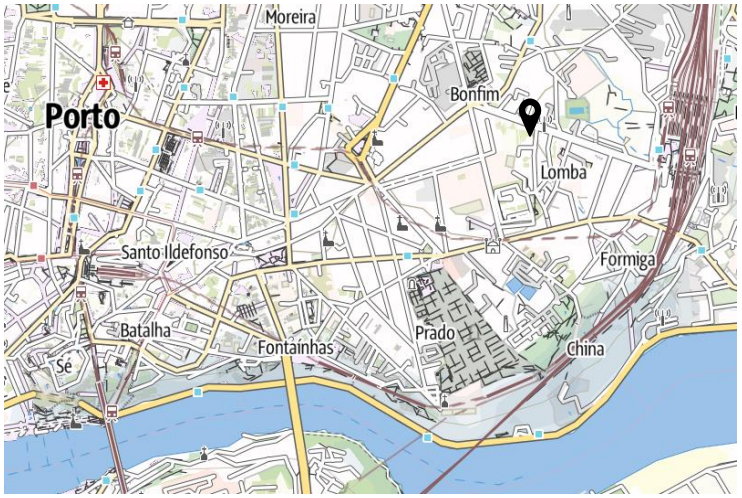
Lotação:

Atividade: Encerrado

Função atual:

Estado do Edifício: Demolido nos anos 80

Entidade gestora: Empresa Privada



Fotos:





Imagens: Acedidas em 4 de agosto de 2024, em «https://portodeantanho.blogspot.com/2017/03/»

CONCELHO: PORTO

40. Coliseu Porto Ageas (antigo Coliseu do Porto)

Ano: 1941

Autor: Arquitetos Cassiano Branco e Júlio José de Brito

Função Original: Cineteatro

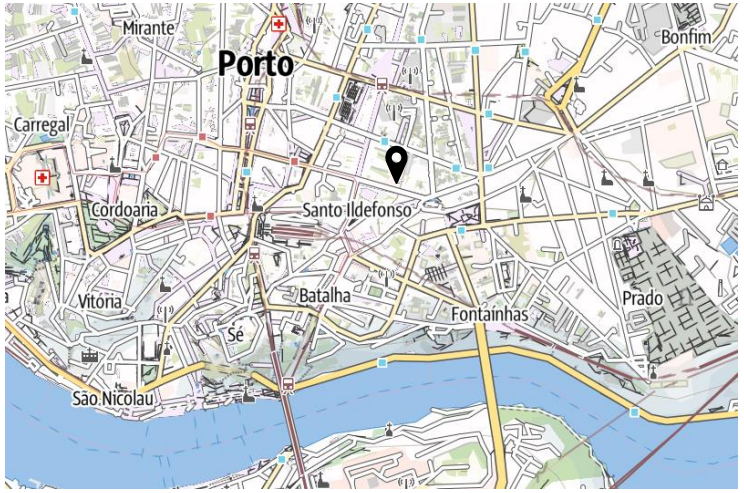
Lotação: Plateia: 4000 pessoas – Salas adjacentes: 475 pessoas

Atividade: Ativo

Função atual: Cineteatro

Estado do Edifício: Conservado e em trâmites para obras de requalificação

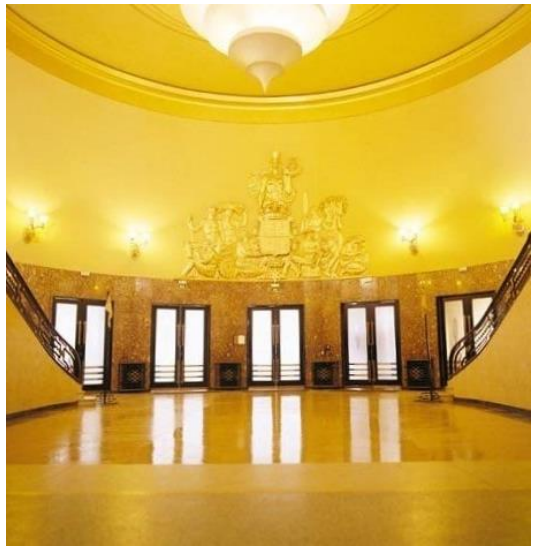
Entidade gestora: Associação Amigos do Coliseu do Porto



Fotos:







Imagens: Acedidas em 4 de agosto de 2024, em «https://restosdecoleccao.blogspot.com/2012/12/coliseu-do-porto.html»

CONCELHO: PORTO

41. Olympia Kinema Teatro

Ano: 1912

Autor: Arq. João Queirós

Função Original: Cineteatro

Lotação: 600 pessoas

Atividade: Ativo

Função atual: Danceteria Bôite

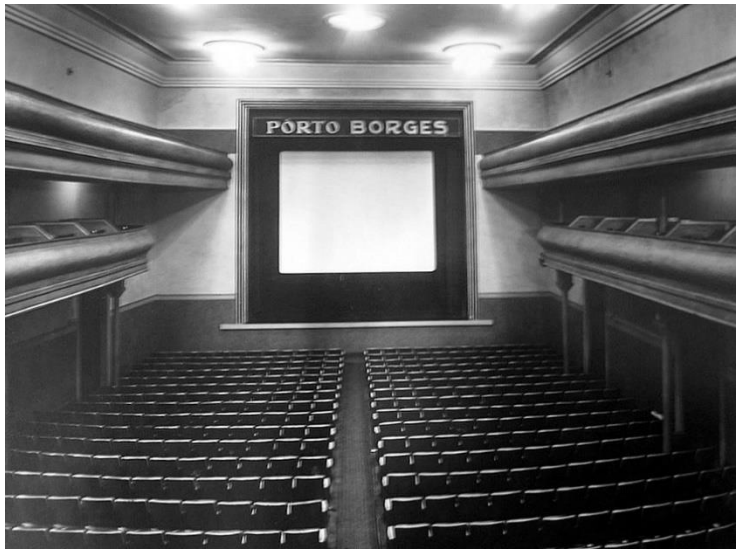
Estado do Edifício: Remodelado

Entidade gestora: Empresa privada



Fotos:





Imagens: Acedidas em 4 de agosto de 2024, em «https://restosdecoleccao.blogspot.com/2015/07/cinema-olympia-no-porto.html»

CONCELHO: PORTO

42. Teatro Municipal Rivoli (antigo Teatro Nacional)

Ano: 1913

Autor: Arq. Eng. Júlio José de Brito (Remodelação em 1932)

Função Original: Cineteatro

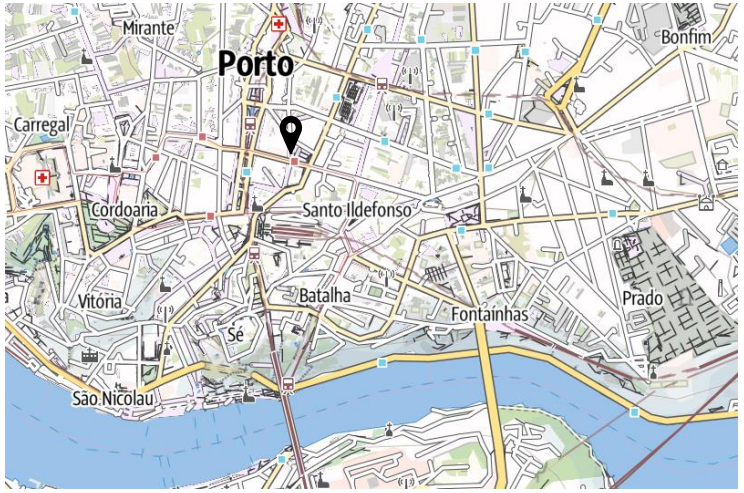
Lotação: Original: 1300 lugares – Atual: 1019 lugares

Atividade: Encerrado em 1970 e reaberto em 1992

Função atual: Cineteatro, um dos polos do Teatro Municipal do Porto

Estado do Edifício: Reabilitado em 1997

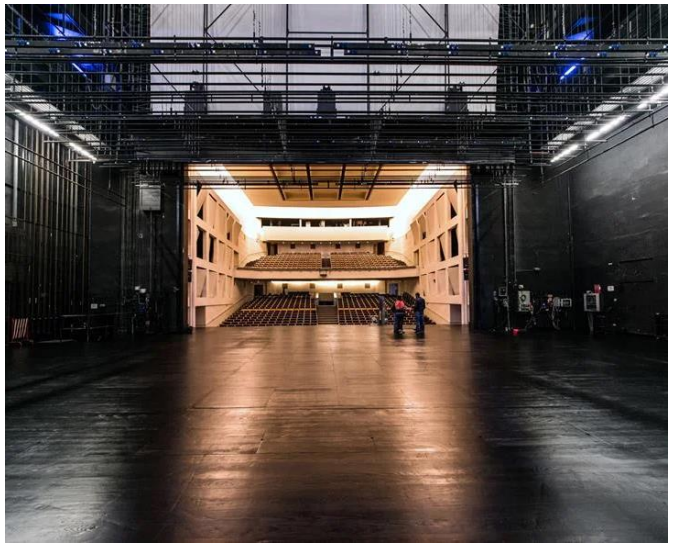
Entidade gestora: Câmara Municipal do Porto



Fotos:







Imagens: Acedidas em 4 de agosto de 2024, em «https://restosdecoleccao.blogspot.com/2013/11/teatro-rivoli.html»

CONCELHO: PORTO

43. Teatro Sá da Bandeira (antigo Teatro-Circo do Príncipe Real)

Ano: 1874

Autor: Arq. Pedro José de Oliveira

Função Original: Teatro

Lotação: Original: 1770 pessoas

Atual: Sala principal: 850 pessoas – Estúdio Latino: 116 pessoas

Atividade: Ativo

Função atual: Teatro com eventuais apresentações de cinema

Estado do Edifício: Em processo para reabilitação

Entidade gestora: Rocha, Brito & Vigoço, Lda. Proprietária: Livraria Lello



Fotos:





Imagens: Acedidas em 4 de agosto de 2024, em «https://restosdecoleccao.blogspot.com/2017/09/teatro-sa-da-bandeira-no-porto.html»

CONCELHO: PORTO

44. Teatro Carlos Alberto

Ano: 1897

Autor: Arq

Função Original: Cineteatro

Lotação: Original: 1200 pessoas – Atual: 2 salas, totalizando 524 pessoas

Atividade: Ativo

Função atual: Cineteatro

Estado do Edifício: Reabilitado em 2001

Entidade gestora: Entidade pública TNSJ



Fotos:





Imagens: Acedidas em 4 de agosto de 2024, em «https://www.tnsj.pt/pt/edificios/teatro-carlos-alberto»

CONCELHO: PORTO

45. Teatro Nacional São João (antigo São João Cine)

Ano: 1798 o edifício antigo, 1920 o atual

Autor: Arq. José Marques da Silva

Função Original: Teatro, adaptado para Cinema em 1932

Lotação: 380 lugares

Atividade: Ativo

Função atual: Teatro com eventuais apresentações de cinema

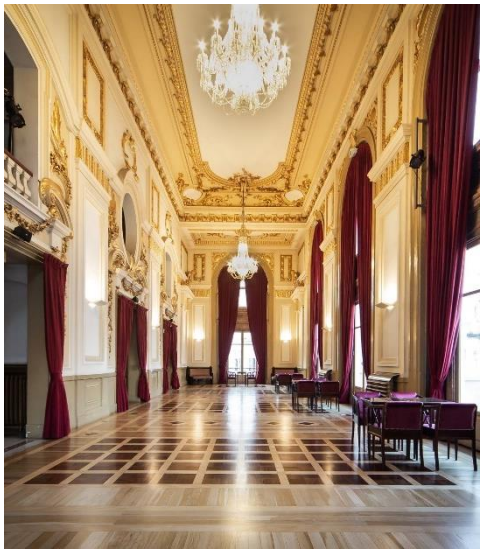
Estado do Edifício: Reabilitado em 1993 e 2013

Entidade gestora: Entidade pública TNSJ



Fotos:







Imagens: Acedidas em 4 de agosto de 2024, em «https://www.facebook.com/TeatroNacionalSaoJoao»

CONCELHO: PORTO

46. Cine-Teatro Águia D'ouro

Ano: 1899

Autor:

Função Original: Teatro, adaptado para Cinema em 1908

Lotação: Plateia: 600 pessoas, Galerias: 350 pessoas + 60 Camarotes

Atividade: Encerrado em 1989

Função atual: Hotel desde 2011

Estado do Edifício: Remodelado e mantido somente a fachada

Entidade gestora: Moov Hotel



Fotos:







Imagens: Acedidas em 4 de agosto de 2024, em «https://restosdecoleccao.blogspot.com/2015/12/cinema-teatro-aguia-douro.html»

CONCELHO: PORTO

47. Éden Teatro

Ano: início do Séc. XIX

Autor:

Função: Cineteatro

Função atual: Encerrado

Estado do Edifício: Demolido em 1948

Obs.: Papel relevante durante o período da revolução monárquica em Janeiro de 1919, foi ponto de encontro de simpatizantes da monarquia, sendo escolhido como prisão, sítio de interrogatório e torturas.



Fotos:





Imagens: Acedidas em 4 de agosto de 2024, em «https://monumentosdesaparecidos.blogspot.com/2015/01/teatro-eden-porto.html»

CONCELHO: MATOSINHOS

48. Cine-teatro Constantino Nery – Teatro Municipal de Matosinhos

Ano: 1905

Autor:

Função Original: Cineteatro

Lotação: Original: 238 pessoas – Atual: 225 pessoas

Atividade: Encerrado na década de 80 e reaberto em 2008

Função atual: Cineteatro

Estado do Edifício: Reabilitado em 2008

Entidade gestora: Câmara Municipal de Matosinhos



Fotos:





Imagens: Acedidas em 4 de agosto de 2024, em «https://www.cari.pt/projects/display?id=212»

CONCELHO: VILA NOVA DE GAIA

49. Cine-teatro Eduardo Brazão

Ano: 1928

Autor:

Função Original: Cineteatro

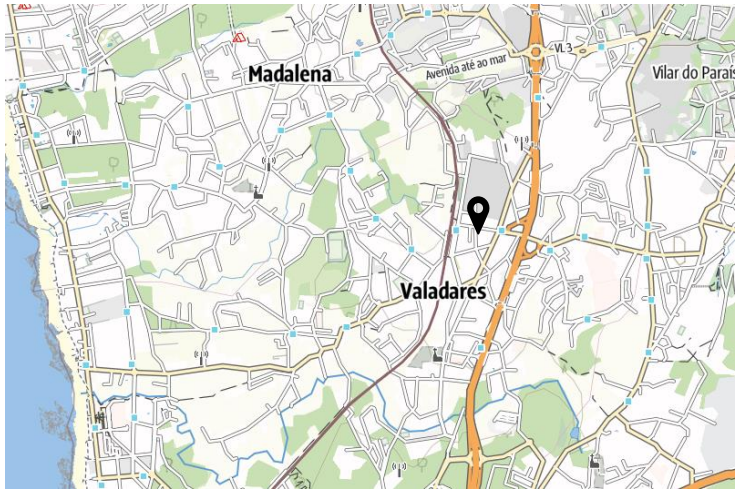
Lotação: 302 pessoas

Atividade: Ativo

Função atual: Cineteatro

Estado do Edifício: Remodelado em 2007

Entidade gestora: Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia



Fotos:





Imagens: Acedidas em 4 de agosto de 2024, em «https://www.cm-gaia.pt/pt/cidade/cultura/equipamentos-municipais/cine-teatro-eduardo-brazao/»

CONCELHO: VILA NOVA DE GAIA

50. Cine-teatro Avenida (ou Cine-Parque Avenida)

Ano: 1946

Autor: Engenheiros A. da Costa Pereira e Afonso Pivença

Função Original: Cineteatro

Lotação: 1200 pessoas

Atividade: Encerrado

Função atual:

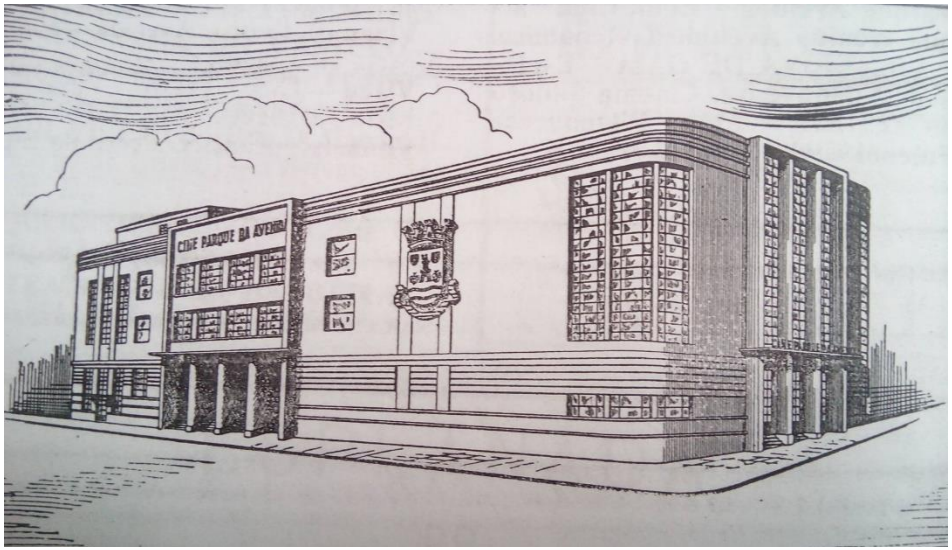
Estado do Edifício: Demolido na década de 80

Entidade gestora: Empresa Cine-Parque da Avenida, L.da



Fotos:





Imagens: Acedidas em 4 de agosto de 2024, em «https://portodeantanho.blogspot.com/2017/03/continuacao-5_30.html»

DISTRITO: AVEIRO

CONCELHO: ESPINHO

51. Teatro São Pedro

Ano: 1947

Autor:

Função Original: Cineteatro

Lotação: 342 pessoas

Atividade: Encerrado

Função atual:

Estado do Edifício: Demolido

Entidade gestora:



Fotos:



Imagens: Acedidas em 4 de agosto de 2024, em «https://ame-arquivomunicipalespinho.blogspot.com/2010/06/roteiro-edificios-com-historia_22.html»

CONCELHO: SANTA MARIA DA FEIRA

52. Cine-teatro António Lamoso (Antigo Cine-teatro Vila da Feira)

Ano: 1965

Autor:

Função Original: Cineteatro

Lotação: Original: 678 pessoas – Atual: 518 pessoas

Atividade: Ativo

Função atual: Cineteatro

Estado do Edifício: Reabilitado

Entidade gestora: Câmara Municipal de Santa Maria da Feira



Fotos:





Imagens: Acedidas em 4 de agosto de 2024, em «https://www.facebook.com/cineteatroantoniolamoso» e «http://www.cineteatro.cm-feira.pt/content.php?idioma=pt&itemID=4&subitemID=8»

CONCELHO: SÃO JOÃO DA MADEIRA

53. Casa da Criatividade (Antigo Cine-teatro Imperador)

Ano: 1958

Autor:

Função Original: Cineteatro

Lotação: Original: 986 pessoas - Atual: 400 pessoas

Atividade: Ativo

Função atual: Casa da Criatividade

Estado do Edifício: Remodelado em 2013

Entidade gestora: Câmara Municipal de São João da Madeira



Fotos:





Imagens: Acedidas em 4 de agosto de 2024, em «https://www.rtcp.pt/pt/espacos/casa-da-criatividade/»

CONCELHO: OLIVEIRA DE AZEMÉIS

54. Cine-teatro Caracas (Atual Teatro Municipal de Oliveira de Azeméis)

Ano: 1968

Autor: Arq. Gaspar Rodrigues

Função Original: Cineteatro

Lotação: Original: 691 pessoas - Atual: 499 pessoas

Atividade: Ativo

Função atual: Cineteatro

Estado do Edifício: Remodelado em 2023

Entidade gestora: Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis



Fotos:









Imagens: Acedidas em 4 de agosto de 2024, em «https://olivaria.blogs.sapo.pt/33263.html» e «https://tema.cm-oaz.pt/imagem/Raider%20Tecnico%20-%20TeMA.pdf»

CONCELHO: LAMEGO

55. Teatro Ribeiro Conceição

Ano: 1929

Autor:

Função Original: Cineteatro

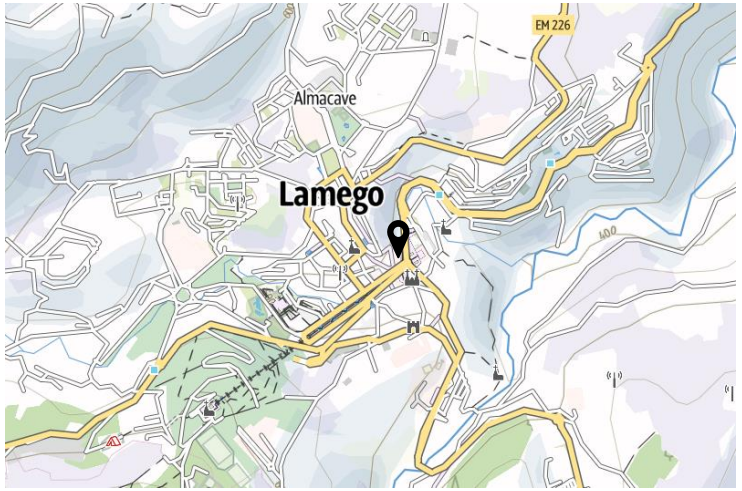
Lotação: Original: 678 pessoas – Atual: 518 pessoas

Atividade: Ativo

Função atual: Cineteatro

Estado do Edifício: Reabilitado em 1993 e 2005

Entidade gestora: Câmara Municipal de Lamego



Fotos:









Imagens: Acedidas em 4 de agosto de 2024, em «https://trc.cm-lamego.pt/galeria»

APÊNDICE B.1

ENTREVISTA COM O ARQUITETO E VEREADOR PEDRO BAGANHA: UMA VISÃO POLÍTICA PARA O FUTURO DO CINE-TEATRO

Com o andamento dos inquéritos realizados na comunidade sobre o edifício do Cine-teatro do Vale Formoso, temos observado que uma grande maioria está insatisfeita com a venda do edifício para a IURD e com o estado atual de abandono em que se encontra. O vereador está por dentro do assunto dessa sala de espetáculo?

Para ser franco, eu não conheço o edifício em profundidade, mas sei a história recente do edifício. Nós o classificamos como Conjunto de Interesse em 2022 com uma lógica.

Qual foi a lógica desta classificação?

O Cine-Teatro Vale Formoso foi adquirido na década de 90 pela IURD, que lá instalou o seu templo. Valência só foi abandonada quando construíram o Cenáculo na Serpa Pinto, e desde então, o cine-teatro deixou de ter utilização. Não que considerássemos que a utilização anterior não fosse um desperdício, o edifício poderia ter outra função. Mas em todo o caso estava a ter utilização. E não há pior para um edifício do que ficar devoluto. Classificámos o imóvel assim que percebemos que a igreja saiu e o edifício ficou vazio, para garantir que não seria transformado noutra coisa, que não fosse um equipamento cultural. A classificação como imóvel de interesse municipal assegura que, mesmo que haja transações ou projetos, os valores relevantes serão mantidos. Não me recordo se a classificação incluía a atividade, creio que não, mas para garantia de que aquilo não era tudo partido e transformado numa outra coisa qualquer, um hotel, ou o que fosse, foi a classificação do imóvel e do conjunto habitacional. Que é um conjunto coerente e que pretende que se mantenha coerente e sem ser desvirtuado. Já utilizámos este instrumento antes, como no caso do Sá da Bandeira, onde conseguimos classificar a sala de espetáculos e garantir que não fosse destruída. Neste caso,em particular, tivemos a sorte de que quem adquiriu o imóvel não pretende transformá-lo.

E fizeram muito bem.

No fundo, foi a administração a utilizar as ferramentas que tem para a manutenção de valores que nos parecem importantes, designadamente valores urbanísticos.

Sendo o Porto uma cidade tão rica e diversificada na cultura cineasta, teatral e da dança, como nos eventos e no público que nós percebemos que frequenta esses festivais e espaços de exibição, o que leva a Câmara do Porto a se desfazer ou permitir que empresas privadas se desfaçam de edifícios como o Cine Teatro do Vale Formoso, retirando da comunidade o direito à vivência desse tipo de cultura naquele sítio?

Logo temos de perceber uma coisa. Estamos a falar de propriedade privada, não de propriedade pública. A propriedade privada, os proprietários fazem dela o que muito bem entenderem dentro das normas que estão em vigor. E isso é inquestionável. Não há nada a fazer.

Mas há aqui uma coisa, nós, quando fomos ao terreno, a maior parte das pessoas tem um desgosto enorme do Cine-Teatro do Vale Formoso ter deixado de ser Cine Teatro.

Temos todos.

Nós andamos por lá, fizemos o raio de influência de um quilómetro para saber quanta memória o Cine Teatro tinha. E eles têm. Até pessoas de Gaia vinham aqui. A maior parte deles acusa a Câmara de que iriam vender o Coliseu. E todos eles dizem que estiveram lá…

É que as pessoas supõem que a Câmara tem mais poder do que o que tem. Nós estamos a falar de propriedade privada. Nós não estamos num Estado totalitário. As pessoas supõem que a Câmara Municipal tem uma palavra a dizer numa transação entre duas sociedades. Não tem. Não passa por cá. Não temos rigorosamente nada a ver com isso.

A alternativa qual era?

Era expropriarmos o imóvel. Quanto é que custa expropriar um teatro como o Vale Formoso? Ou como o Coliseu? Quantas casas é que eu construo com isso? Quantas ruas é que eu arranjo? É uma questão de prioridades políticas. Porque a única forma que eu tenho de dizer aqui não se faz isso, aqui não vais fazer o que seja, é eu ser proprietário desse imóvel. É assim que a coisa funciona. Lamento, mas é assim que a coisa funciona.

A questão aqui é, por exemplo, há coisas positivas que é o fato de haver uma classificação do edifício. E se é o que a Câmara pode fazer, já há de fazer aquilo que pode. No exemplo do teatro Sá da Bandeira, muito bem.

Mesmo essa classificação tem que passar por critérios objetivos. Tem que haver uma justificação disciplinar que indiquem que esses valores têm de ser preservados. E é aí

que entra a administração, pois é a administração que dita as regras. Mas também não as dita de forma discricionária ou subjetiva. Por exemplo, eu, no Bolhão, tenho uma classificação de âmbito nacional que classificou, ao mesmo tempo, o edifício e a atividade. Portanto, a atividade de mercado está protegida. No Sá da Bandeira, já não consegui fazer isso. O que nós fizemos no Sá da Bandeira foi defender o imóvel. A parte física do imóvel. Mas a sua utilização eu não consegui classificar. Aqui, no Vale Formoso, imagino que a atividade já fomos tarde em defendê-la. Porque ela, no entanto, já tinha sido adulterada. Um edifício que foi feito para um cinema, de repente, era uma igreja, um templo. E, portanto, a função já se tinha perdido. Eu não posso defender uma coisa que já não existe. O que é que eu posso defender? A sala, a fachada, o entorno físico da coisa. Eu não posso fazer nada, desde que ele não destrua aquilo que está defendido. Portanto, a administração, sim, tem poder de determinar regras. Mas o seu poder não é absoluto. E, portanto, transações interparticulares, alterações de uso que não viram a estas circunstâncias, nós não temos como impedir. Não conseguimos impedir.

E como funciona a regra relacionada à conservação de 8 em 8 anos que deve ser feita a manutenção ao edifício?

Isso é a lei geral. Todos os imóveis têm de ter essa conservação. Mas nenhum imóvel cumpre essa norma

Mas, por exemplo, nós quando fomos lá ao terreno, a população dizia que o edifício estava a ser degradado, que lhes fazia muita pena. A maior parte das pessoas que tiveram lá, toda a gente queria que ele voltasse a ser o cineteatro.

Eu também quero. Mas e se não houver nenhum promotor privado que o faça? Qual é a alternativa? É a Câmara Municipal comprar o imóvel. Pois é, mas há outras prioridades na política municipal.

Sim, mas e por falta de conservação não existe uma forma da Câmara tomar o edifício?

Não.

Não pode fazer uma coima?

Sim, pode notificá-los para intervir. A Câmara Municipal, ou a Autoridade Pública, está proibida de intervir em propriedade privada, a não ser ao abrigo de uma coisa que se chama Estado de Necessidade. Imaginemos que há uma parte da cobertura do cineteatro que está em risco de cair para a rua. Nós podemos intervir sem mais, tomemos posse

administrativa ao abrigo de um instituto legal que se chama Estado de Necessidade. Mas a nossa atuação fica cerceada à reposição das condições de segurança.

Sim, pela segurança das pessoas.

Isso, exatamente. Se a derrocada for para dentro do imóvel eu não posso tomar posse administrativa do imóvel.

Aquele edifício se não intervirem vai entrar em decadência. Já começou a entrar num estado que não estava há 5 ou 6 anos. E aquilo para as pessoas gera tristeza.

Se calhar estas pessoas não iam ao cinema.

Iam. Nós andamos lá no bairro, andamos naquilo tudo. Por acaso é muito fixe andar e ver o quanto vemos até o Marquês e tudo. Tudo a pé. E até a arca d'água. E toda a gente tem memórias daquilo. E de frequentarem mesmo quando cinema. Toda a gente queria que ele reabrisse como atividade.

E então a solução para isso é qual? O edifício não é público. Se o edifício fosse público, nós podíamos fazê-lo. Não o sendo, como é que a gente faz isto?

Por exemplo, nós estamos a fazer um mapeamento no trabalho a nível da região norte e nós encontramos que esta tipologia é uma tipologia que prova ser privada, mas ela está a ser demolida. Ou seja, há uma memória que foi construída antigamente, que era a memória cultural, que é a memória do Porto e não só das pessoas terem qualquer coisa para viver em comunidade. Ou seja, é um edifício agregador e que está a perder. Porquê que não se valorizou este edifício também como um património intangível?

Porque este património já estava perdido quando nós o classificamos.

Mas a questão aqui é que este pode ser um caso de terreno, porém há uma problemática, que acaba por ser a nível nacional, que é este tipo de edifícios que foram os primeiros a juntar as comunidades nas aldeias. Ali no Vale Formoso, as pessoas iam, nós temos muitas histórias que são super ricas. Coisas que as pessoas nos falavam, como é que aquilo estava alcatifado, como as sessões, uma série de coisas.

Certo, eu percebo tudo isso…

Isso era agregador. E agora, agora as pessoas estão nos parques, não têm sítio para ir, e gostavam de dançar, por exemplo. Nós, no outro dia, entramos no cineteatro Júlio Deniz, e aquilo estava cheio de pessoas a dançar, a tarde toda.

Certo, fantástico. Já foi um cinema de filmes pornográficos, por exemplo, esse.

O Sá da Bandeira também.

O Sá da Bandeira também foi um cinema de filmes pornográficos.

E não deixa ter a dignidade que tem.

De acordo! Completamente de acordo. Agora, reparem uma coisa. Faz sentido nós voltarmos a falar de cinemas?

Não, mas faz sentido em falar de memória. E faz sentido as pessoas irem a um sítio que elas se identifiquem e encontrem lá as pessoas da infância delas. Porque estamos a fazer lar de terceira idade, mas depois não estamos a propor a reativar a memória daqueles locais.

Sim, faz sentido. E então, e agora, como é que isso se faz? No edifício que é propriedade privada.

Nós temos cidades... Aqui o Porto é propriedade privada, mas está classificado.

Sim, e então?

E então impõe regras.

E as regras existem. Tudo aquilo que lá aconteça não pode, por exemplo, ser transformado num hotel. Isso não pode acontecer.

Mas poderia haver essa parte... Nós, na parte da investigação, podemos sonhar um bocadinho mais. Agora vamos ver a sua realidade, que é mais dura.

Não, a realidade é esta que eu queria dizer. Ou seja, aquilo que é propriedade pública, a Câmara Municipal tem uma amplitude de atuação. Aquilo que não é propriedade pública, a amplitude de atuação da Câmara é outra. Neste caso, ela é propriedade privada. Não há nenhuma transação que nós conheçamos. Qualquer transação que exista tem que ser reportada e nós temos o direito de preferência. Enquanto não existir uma transação, enquanto for propriedade privada, enquanto nada se mexer, a Câmara Municipal pouco ou nada pode fazer que não seja impor as regras de uma futura transformação naquilo que venha a ser o programa a desenvolver.

Por exemplo, outra coisa. Nós estávamos a percorrer aquela rua que vai dar ao Jardim da Arca d'Água e, entretanto, encontramos no jardim, umas senhoras a dizer que ali no Jardim da Arca d'Água, tem lá um lago, não sei se saiu da câmara aquilo, vocês fizeram uma reabilitação.

Sim.

E então, também reabilitaram o bar. O que é que as pessoas fazem? As terças-feiras há bailarica à tarde.

O bar do lago. Isso é um ATL (Centro de Atividades de Tempos Livres).

Pronto. Mas eles diziam assim "nós já não vamos dançar ali, já vamos dançar ali" Portanto, todos os sítios que as pessoas possam encontrar e dançar importam.

Sabe qual é o drama?

Isto é uma questão cultural.

Não é só cultural, é económica. Pelo visto, a última hipoteca que se fez sobre o imóvel, que está aqui escrito algures, são 8 milhões de euros. Em 2008. Façam as contas. Hoje serão 12 milhões de euros. Para aí. Mais 50% desde 2008.

Sim, há casas para construir.

Não, não é isso. Vamos pôr nos sapatos do proprietário privado. Como é que eu rentabilizo um imóvel que no estado em que está vale 12 milhões de euros? É com velhinhos a dançar ao fim de semana?

Mas olha, também não a roubá-los. Porque a população tem péssima imagem da IURD.

Eu também tenho e foi uma pena que o edifício tivesse caído nas garras dessa situação.

Porque as pessoas nem conseguem falar daquilo, eles diziam que faziam milagres e levaram-os todo dinheiro. Aquilo foi um saque.

Sim, estamos de acordo. Aliás, como é que eles construíram um Cenáculo do Espírito Santo?

Claro, mas aquilo nunca poderia ter passado para...

Estamos completamente de acordo. E para evitar que isto volte a acontecer é que nós impusemos a classificação do imóvel. Porque se lá atrás tivesse havido regras que impedissem... Por acaso era difícil impedir um templo ali? Se nós não...

Mas pelo o que eu li nos documentos, houve uma tentativa de impedir e mesmo assim conseguiram alargar as atividades para cultos religiosos.

Reparem, ainda para mais, daí entramos numa zona dificílima, que é a liberdade de culto. Que é protegida pela Constituição Portuguesa. Foi graças ao povo do Porto, o Coliseu não caiu nas garras da IURD. Porque houve um levantamento popular tão grande que era impossível isso acontecer. Ia haver uma revolta física na cidade que impediu que o Coliseu fosse adquirido pela IURD, mas houve sim uma promessa de compra e venda. Na sequência disto. Ou seja, vamos contextualizar. Nós devemos estar a falar, provavelmente, da década de 90. De repente, houve uma entrada avassaladora da IURD em Portugal. Avassaladora. Muito a reboque de uma primeira vaga de imigração do Brasil para Portugal. Essa entidade chegou a Portugal com capacidade aquisitiva para começar a comprar cineteatros por esse país fora. E comprou este. E de repente houve essa surpresa. Houve o choque de antigos edifícios que estavam absolutamente decadentes, porque o cinema

morreu, infelizmente. Agora temos duas salas de cinema no centro de Porto, mas durante muito tempo tivemos zero. E chegamos a ter 20. A compra, ou a tentativa de compra do Coliseu já era um segundo ato deste processo. E aí as pessoas já não foram apanhadas de surpresa, revoltaram-se. Ainda para mais que estávamos a falar do Coliseu do Porto. No Cine-Teatro Vale Formoso. Eu também não culpo a Câmara à data, porque era um fenómeno completamente novo. Não se imaginava o que é que isto podia redundar. A consequência é a decadência de um edifício cultural e de um edifício que tem um valor coletivo para a comunidade. Infelizmente, não é caso único de outros teatros por esse país fora. Olha, ainda há pouco tempo foi notícia de uma demolição em Ovar, do Cine Teatro de Ovar. Infelizmente, estes equipamentos, que tiveram a sua época áurea, quando o cinema era o que era, a partir do momento em que eu tenho a Netflix em minha casa, tenho uma tela deste tamanho e tenho sons surround, eu nem saio de casa, porque vejo o cinema em pantufas. É isso que mata o cinema. Já ninguém se desloca, a não ser os cinéfilos. O que fazer com estes equipamentos?

As senhoras todas querem danceteria. Uma inclusive disse "Seria bom ali um baile para idosos, se fosse um bailinho eu iria. Baile da dona Georgina, que tal?!". Elas ficavam com os olhos a brilhar e querem, no fundo, elas querem ter coisas para fazer. Querem ir perto de casa.

E se o edifício fosse público, esse tipo de utilização comunitária era o que faria sentido.

Elas diziam "ai, nunca vai ser." Nesse aspeto estão em pé da igualdade, porque a comunidade está muito crente que não vai acontecer.

Mas eu não seria tão fatalista.

Elas diziam assim "Eu queria que fosse danceteria", quase todas diziam que queriam para dançar, por exemplo. Bailes, festas…Mas isso tem muito a ver com o cuidado do Porto, porque as pessoas gostam muito de dançar e são pessoas muito alegres.

Mas deixem-me dizer uma coisa. Eu não seria tão fatalista, porque apesar de tudo nós temos um outro exemplo na cidade do Porto de um cinema que foi resgatado à decadência e ao abandono através de uma ação da Câmara Municipal em propriedade privada, que é o Batalha. Só que aí o que é que aconteceu? Nós sabíamos quem eram os proprietários, dirigimos-nos aos proprietários e isto foi um namoro longo e foi difícil de convencer e fizemos um contrato de arrendamento a 25 anos. E depois desse contrato de arrendamento fizemos uma obra de reabilitação do imóvel que agora funciona como

centro de cinema do município do Porto. Portanto, a aquisição também não é a única alternativa.

Eu sei que estou a contradizer mas eu puxei o argumento, exagerei o argumento na primeira parte da entrevista. Há outras formas de intervenção da administração em propriedade privada, mas tem que ter legitimidade para isso. Para isso tem que saber quem são os proprietários. E para isso os proprietários têm que querer. E os proprietários do Batalha não queriam. Nós andámos a namorá-los durante muitos anos e eu sei do que estou a falar, porque acompanhei as negociações do atual Presidente da Câmara com esse esforço e só conseguimos um contrato de arrendamento por 25 anos, que é muito pouco. Nós pedimos mais tempo. Isto é uma saída, isto é uma alternativa. E eu tenho a certeza, até porque foi por iniciativa do Rui Moreira, eu sei, porque foi ele que disse temos que classificar o cinema-teatro. Foi ele que se lembrou deste instrumento para defender o Vale Formoso. Que se tivéssemos a oportunidade de arrendar esse equipamento por uma atividade cultural ou comunitária que o faremos, ou que o faríamos. O nosso mandato está a acabar, daqui a 14 meses termina. O que quer dizer que depois depende também da vontade do próximo Presidente da Câmara. Mas é uma saída. Que esse edifício tenha toda a vocação para ser um equipamento de proximidade, ou até mesmo de proximidade alargada, tem.

Qual é o seu programa? Não sei. Mas tenho a certeza que o vosso trabalho vai propor possíveis usos futuros para este edifício. E às vezes é um bocadinho isso que falta. Porque, vamos lá ver, isto também é uma faca de dois gumes.

Este edifício tem vocação para ser um equipamento eu diria cultural de... Não será assim tão de proximidade. Contrário a tudo, o Vale Formoso tem escala para ser uma sala de espetáculo. Um equipamento cultural.

Eu acho que, por exemplo, ginástica para as crianças. As famílias falam muito de ter um sítio para elas tocarem música. Os idosos falam da dança. Sim, há muita coisa. Música, teatro. Tem N opções, eu acho, que dariam. Falam de imensa coisa.

Mas este problema do cinema-teatro Vale Formoso, infelizmente, não é caso único.

Não é, não.

Porque estes equipamentos, de facto, perderam a sua utilidade. Como cinemas. A relação do cidadão com o cinema já não é a que era. Eu hoje tenho todo o cinema do mundo à minha disposição no meu telemóvel. A nossa relação com o cinema alterou-se.

Sim, mas se calhar devemos ter de olhar para este edifício se calhar de outra forma. Se calhar arranjar uma legislação, para quem tem esse poder, dele continuar a ser... Primeiro não alterar a sua memória, em termos urbanos.

Isto está garantido pela classificação.

E continuar, estou a falar em geral, em continuar que seja um edifício agregador. Ou seja, por uma atividade... Olha, podia ser um café, por exemplo, junto de outras atividades.

Este era um grande café. A sala é grande.

Eu não entrei, mas toda a gente diz que aquilo era uma coisa. Eu tenho muita curiosidade de entrar dentro daquele cineteatro.

Mas, não nos esquecemos, no caso em apreço, nós estamos a falar de um edifício cuja memória e cujo uso já foi desvirtuada na década de 90. Portanto, eu não consigo hoje reportar-me uma coisa que acontecia há 35 anos atrás.

Percebe o que eu estou a dizer?

Este é o drama que se coloca, por exemplo, na arqueologia industrial. A quantidade de fábricas que também eram significativas para a memória coletiva e que perderam a sua relevância económica. E perdendo a sua relevância económica das duas uma. Ou são ligados à máquina e não é sustentável ou então, às vezes, e o que eu vou dizer é duro, mas se calhar é verdade. Às vezes, o único que há a fazer é fotografar, registar a memória futura e aceitar que o mundo evoluiu. Eu não estou a dizer que é o caso do Vale Formoso. Mas nós também não podemos ter uma perspetiva da cristalização artificial de determinadas funções porque elas são significativas para uma determinada geração. Para a geração da minha filha, o Vale Formoso vale zero. A minha filha tem 20 anos, por exemplo, nunca ouviu falar do Vale Formoso, não sabe que lá existiu uma sala assim, Eu não sou dessa zona, mas moro próximo do Carvalhido. Portanto, vamos ver também de que comunidade é que estamos a falar.

A minha mãe tem 93 anos, também tem uma relação com o território e com os edifícios que eu não tenho. Porque ela teve determinadas vivências que eu não tenho. Essa é a história da cidade, essa é a história do território, não há volta a dar. Há coisas que se singram, há coisas que evoluem, há coisas que se transformam e há coisas que se definham e morrem. Não há volta a dar. É assim que a cidade funciona.

Dizer que nós, artificialmente, temos que manter uma função porque ela é importante para o nosso segmento da população, sinceramente, acho que não faz sentido. Uma cidade

não é isso. Outra coisa que eu também não acredito é num planeamento territorial que seja dirigista. A dizer, aqui é um cinema, aqui é uma farmácia, aqui é um hospital, aqui é uma escola. Não é assim que a cidade funciona. Uma cidade é um organismo vivo que às vezes amputa parte do seu corpo porque há outras que se reinventam.

É um fenómeno. O centro histórico da cidade foi, durante muito tempo, o centro económico da cidade de Porto porque era ali o Porto do Mar. Depois o Porto do Mar saiu. Aquilo definhou, decaiu. Transformou-se num território de pobreza, de exclusão, de miséria e, finalmente, de delinquência e de droga. Na década de 90, quando eu entro na faculdade e quando eu terminei a faculdade, o centro histórico da cidade era um território de exclusão, de pobreza, de miséria e de droga. Ponto. Depois, de repente, reinventou-se. Bem ou mal, mas reinventou-se e é hoje o up turístico da cidade, hiperaquecido em termos imobiliários.

Houve uma transformação do território ao longo do tempo e as cidades são isso, fazem-se também disso. Os edifícios adaptam-se, têm novos usos. Portanto, ou estas estruturas que têm valor arquitetónico intrínseco se reinventam e readquirem uma relevância para a comunidade onde se inserem ou então eles não têm sustentabilidade.

E a intenção é essa, é que se adquira uma função para aquela comunidade, mas que seja uma função ligada à cultura, não é? Como era um cineteatro. Não tem mal se não for mais cinema, mas que seja voltado para a comunidade.

Tenho a certeza que se este Presidente da Câmara tivesse tido a oportunidade de intervir nesse edifício, dessa forma teria tido essa intervenção. A questão é que nós também temos o direito, ou não o direito, é a obrigação de permitir que os eleitos em determinada altura têm o direito a desenvolver as políticas que acham que são as mais corretas. Tenho a certeza absoluta que este Presidente e este Executivo, se tivesse tido a oportunidade de intervir nesse edifício, teriam chamado um qualquer equipamento cultural que mantivesse essa valência comunitária.

Como fizemos no Batalha, repito. Se não, o próximo Presidente da Câmara, não sei quais são as suas prioridades, não sei qual é a sua política, e em última análise, a cidade é aquilo que a cidade quiser ser. Porque os eleitos são eleitos pelo povo.

A cidade do Porto vai ser aquilo que a cidade do Porto quiser ser. Em cada momento.

Mas as pessoas também têm que ser educadas na questão de sensibilização. Sabemos que quando toca património...

Apesar de eu não poder dizer isso em termos políticos, porque eu acho muito pretencioso, não estou a dizer que a posição é pretenciosa, mas para um político, para alguém que está numa cadeira de poder, dizer eu agora vou-vos ensinar a ser cidadãos, é a inversão da coisa.

Mas há uma forma indireta de os ensinar.

Também estou de acordo.

E é essa a forma. O vosso poder de inventar a ação, de dizer qual é o tipo de atividades que poderá ter, até ao limite, e depois agora entramos também nas questões... Aquilo, por exemplo, se voltasse a ser cineteatro, não podia ter o nível ruidoso, a regulamentação alterou.

Tinha que ter ar condicionado, o que não tinha originalmente, tinha que ter o cinema não sei o quê, quando houvesse o cinema lá, não sei como é.

Mas eu acho que isso também parte muito da vontade política também depois ou se calhar nem vocês que estão a nível local regional ou mesmo nacional.

O Porto até tem uma posição privilegiada. O Porto tem um orçamento para isso.

Pois é.

Mas por essa província fora, quantos cineteatros estão em decadência e vão cair porque as câmaras não têm essa possibilidade de intervenção. E repito, se tivéssemos tido essa possibilidade de intervenção tê-la íamos tido. A questão é que não tivemos.

E, portanto, a única coisa que pudemos fazer foi proteger aventuras da transformação daquilo num hotel que era o que ia acontecer quando soou que alguém ia pôr aquilo no mercado. Não tenho dúvida nenhuma. Como alguns quartéis foram transformados, como alguns edifícios foram transformados em hotelaria, a última coisa que queríamos era que o Vale Formoso fosse transformado num enésimo hotel na cidade do Porto.

E, portanto, para evitar que isso acontecesse mobilizámos os institutos que tínhamos designadamente da classificação física do imóvel. Só que isto era o que eu estava a dizer há pouco. Analisado a frio acaba por ser uma faca de dois gumes.

Porque ao fazê-lo prejudicamos o valor comercial do imóvel. E, portanto, retirando o valor económico ao imóvel estamos a dificultar provavelmente a sua transformação numa outra coisa qualquer. Fiz-me entender?

Claro.

Portanto, não é um paradoxo, mas é a circunstância ambígua em que nós nos encontramos. Se eu não proteger, aquilo vale muito mais e é transacionado, vai se mexer, vai se transformar. Uma coisa que eu não quero.

Portanto eu vou evitar esta transformação. Mas ao evitar esta transformação sem haver um caminho de saída o proprietário vai ficar sentado em cima do imóvel e não vai fazer nenhum. Até porque eu ao classificar o estou a isentar do pagamento de MI.

Vamos lá ver. O que é que é classificar? É uma interferência do poder público na propriedade privada.

É dizer, isto é teu, mas não é só teu. É nosso. Porque há aqui valores que são coletivos.

E isso é uma classificação. Reconhecemos todos que determinado imóvel, no caso, tem um valor que transcende o da mera propriedade privada. Portanto, nós como coletivo, nós como sociedade, dizemos, calma, não podes fazer tudo o que queres na tua propriedade porque a tua propriedade hoje é tua, depois pode ser de outro, mas há aqui valores que são de todos nós.

Valores de representação, de identificação, etc. A contrapartida desta interferência do poder público na propriedade privada é, por exemplo, a propriedade privada deixar de pagar imposto. Faz sentido. A contribuição daquele particular para o bem coletivo não se faz através do imposto sobre o património que ele vai pagar, mas faz-se pelo facto de dizer nem tudo o que podes achonhar para aí podes fazer. Porque há aqui valores que não podes mexer. Portanto, é uma interferência.

E é uma interferência violenta. É, de facto, uma interferência violenta na propriedade privada de qualquer cidadão ou entidade, ou o que seja.

Mas não se esqueça que aquilo é um equipamento. Não é assim tão violento. Se fosse um imóvel...

Um hospital é um equipamento. Uma clínica é um equipamento.

Mas percebe que eu estou a dizer...

É mais forte classificar aquele conjunto como nós o fizemos do que dizer isto é um equipamento e só pode ser um equipamento. Porque equipamento pode ser muita coisa. Pode ser um cemitério, pode ser uma escola, pode ser uma igreja...

Uma igreja é um equipamento.

Mas, por exemplo, a classificação do Centro do Porto, para mim, foi mais dura para as pessoas do que, por exemplo, para o imóvel Vale Formoso.

Eu também estou de acordo com isso.

Muito mais pesado para as pessoas. Que sofreram mais.

Estou de acordo com isso. Apesar de que estamos a falar de uma altura em que, quando ela foi classificada, as pessoas vinham oferecer as propriedades à Câmara Municipal porque aquilo era um prejuízo. Estamos a falar de 1996. Em 96, ninguém queria viver no Centro Histórico. O Centro Histórico estava vazio. Era o buraco de Donut.

Era o território mais desqualificado. Era o território que estava em ruína e em que aqueles imóveis representavam não um valor económico, mas um prejuízo para os seus proprietários que vinham entregar as chaves e vender por um conto, um escudo, ou o que seja. Também não podemos pensar no Centro Histórico como ele está hoje.

Porque ele na altura era uma outra coisa. Mas sim. Mas é um acto violento.

A classificação é sempre violenta.

É. É uma indiferença na propriedade privada. Mas por isso é que tem de ser sustentada disciplinarmente. Tem de haver critérios que justifiquem porque é que eu estou a fazer este acto violento de indiferença na tua propriedade privada.

Mas acho que também tem a ver com a consciencialização do outro lado. Para as pessoas perceberem que também aquilo é para sobressair, não é? Não se pode ter tudo.

Não dá para ter o melhor dos dois mundos.

Eu vou ter que terminar esta conversa que já tenho aí a próxima reunião à espera.

Na hipótese... Ok, já sabemos que é privado e a chance de acontecer qualquer coisa lá, uma intervenção, é difícil. Mas na hipótese de um dia a Câmara ter aquele edifício, o que tu achas que poderia ser feito lá que seria de real benefício para a comunidade?

Podia ser um teatro. Podia ser uma extensão da nossa casa do cinema, que é o Batalha. Podia ser...Uma escola relacionada com a audiovisual, por exemplo. Podia ser um estúdio de gravação. Podia ser um media park, por exemplo.

Sei lá. Está a ver? Mas sempre qualquer coisa relacionada com a cultura que é a agenda do edifício.

Só quero que perceba que o âmbito da atuação... A cidade é o território do conflito, do conflito de interesses, do conflito de iniciativas e do conflito de poderes e de direitos.

Sim.

E é disso que estamos a falar quando estamos a falar de edifícios classificados. O direito público e o direito privado.

Concorda que a tipologia cinema e teatro devia ser, como temos essa cultura em Portugal, como também temos em Espanha, devia ser mantida pelo menos aqueles marcos mais importantes?

Devia, mas como realidade física, sim. Como realidade programática, eu não o sei. Porque se ninguém for ao cinema, para que é que serve eu ter um cinema aberto?

Percebe o que eu estou a dizer? Depende-se. Mas, por exemplo...vou-vos dar uma noticia que vos vai alegrar para terminar essa conversa no lado solar da coisa. Eu disse que havia zero salas de cinema no centro do Porto e de repente há duas e estão sempre cheias. Portanto, há uma cultura de nicho cinéfila, há mercado na cidade do Porto para o cinema.

Não podemos imaginar que o cineteatro vai voltar a ser o que foi com cinema massificado.

Eu mostrava a todas as pessoas o tripass, ninguém no bairro sabia.

E por que não termos mais uma sala? Seria aquilo que eu gostava que lá acontecesse.

Mas acho que como equipamento publico faz sentido, como equipamento privado duvido que fosse economicamente viável, o que quer dizer que iria morrer.

APÊNDICE B.2

ENTREVISTA COM OS ARQUITETOS ALEXANDRE ALVES COSTA E SERGIO FERNANDEZ: PERSPETIVA ENTRE MEMÓRIA E FUTURO

Na entrevista que se segue, o arquiteto Alexandre Alves Costa será identificado pela letra 'A', e o arquiteto Sergio Fernandez pela letra 'S'.

Nós escolhemos falar com os senhores arquitetos pelas enriquecedoras experiências que possuem com as obras já realizadas, como a reabilitação do Cinema Batalha e do Cine-Teatro Constantino Nery. E com isso, eu desejo entender as perspetivas de futuro para a cidade do Porto em relação à cultura e esses edifícios de cinema e a seguir chegaremos ao nosso caso de estudo. Os senhores gostariam de falar sobre a vossa relação com a arte do cinema e a importância que essa arte tem para a sociedade, considerando diferentes perfis de público.

A- Ora bem, cinema, cinema e nós. E a gestão cultural. Posso começar por mim. A minha relação com o cinema é absolutamente entroncada. O meu pai era crítico de cinema e foi colaborador de várias revistas de cinema e, portanto, foi um homem fundador do Cineclub de Porto e presidente da direção do Cineclub durante muitos anos. A minha casa desde que eu nasci não se falava quase de outra coisa senão cinema. Tudo tinha como base o cinema. Eu estive muito ligado ao cinema por razões de infância, não é? E de educação. E depois também, como adulto, continuei interessado por cinema como especial artístico, já com uma certa independência da minha família eu tive, evidentemente, o meu encantamento pela sétima arte.

SF - Posso acrescentar alguma coisa? O padrinho do Alexandre era o Manuel de Oliveira, o realizador Manuel de Oliveira. Também era amigo do meu pai. O meu pai não tinha... Ou melhor, lá em casa não tínhamos nenhuma ligação especial ao cinema a não ser que o cinema representava para nós uma arte de progresso e a família era mais ou menos progressista e, portanto, cinema era fundamental. Não tanto direito como em casa do

Alexandre porque, realmente, o pai era crítico, era ativo, era fundador do Cineclub portanto, tinha uma relação muito mais intensa. Mas, desde pequenos, nós em casa apreciávamos o cinema. O meu pai fazia uns filmes de amador e, pronto, nós sempre estivemos a olhar para o cinema.

Sim. E qual foi o vosso sentimento ao serem chamados para o Batalha?

A- O Batalha era a sede onde se projetavam os filmes do Cineclube do Porto, portanto, eu, desde miúdo frequentei o Batalha. Era um sítio que era como se fosse a minha casa. Quando nós fomos chamados para restaurar o Batalha foi, talvez, dos projetos mais emocionantes para nós, por razões afetivas, digamos porque tínhamos uma ligação, tanto eu como o Sergio, por outras razões, mas, há próximas também tínhamos uma relação afetiva muito grande com aqueles casos, vivemos com muito desgosto a sua ruína e a sua má utilização e já havia a degradação em que aquilo tudo estava, não é?

Portanto, para nós foi uma alegria enorme e, ao princípio, uma certa inconsciência também porque pensamos que aquilo ia ser uma coisa relativamente simples, não é? E não foi. E foi híper complicado. Foi dos projetos difíceis que tivemos porque a ruína era muito mais avançada do que nós pensávamos e a construção era muito pior do que nós pensávamos. Portanto, quando nós fomos descascando para ver o que íamos encontrando íamos encontrando sempre pior do que aquilo que nós imaginávamos. E, portanto, foi muito complicado. Em determinado momento, o cinema estava ao ar livre, não era? Havia teatro grego, era uma coisa...

Foi tudo praticamente refeito porque o Betão não tinha qualidade nem correspondia.

SF - Não foi totalmente, mas houve coisas, por exemplo, no piso...

A- Os sistemas construtivos eram muito complexos, não eram perfeitos, eram muito mesclados, misturados os materiais, etc. E depois havia também o grande mistério de batalha que era a existência ou não a existência dos frescos do Julio Pomar.

Portanto, também foi um processo lento, difícil e muito emocionante quando apareceram os frescos. E, portanto, foi um trabalho que, ao contrário do que nós pensávamos, pensávamos que era um trabalho onde íamos ganhar umas massas e íamos ter pouco trabalho, por o contrário, foi agora. Evidentemente que teve outras qualidades, da natureza mais sentimental, afetiva, cultural também.

E a descoberta, não é?

SF - A descoberta.

Alteraram o programa ligeiramente.

SF - Sim, alterámos nós e a câmara.

A - Nós alterámos o cinema. Fizemos algures, nós não fizemos um restauro completo, não é? Alterámos o próprio funcionamento. Porque aquilo tinha uma sala de estúdio, não é? Uma sala bebé.

Era uma sala bastante má e que tinha dado cabo de uma zona muito interessante que era uma casa de chá. Era uma sala muito bonita, muito boa para fazer coisas variadas, workshops, performances, tomar café. E nós transferimos. Mas o Sergio explica isso, essa parte.

SF - Pronto. O Alexandre disse que era a nossa casa e eu diria que era a nossa igreja, porque todos os domingos íamos ao cineclube em miúdos e era no Batalha.

Portanto, a minha família não era religiosa e era uma espécie de religião.

Era a missa.

S – Era a missa, era o batalha. Portanto, éramos muito ligados àquilo. Também havia relações pessoais entre os meus pais e o autor do projeto, o arquiteto Artur Andrade.

Portanto, havia uma certa afinidade. E o Batalha realmente representou, na altura da abertura, da inauguração, foi assim uma pedrada num charco da cultura da cidade de Porto e transformou-se rapidamente num centro cultural muito importante. Não sei se aquele livro que foi publicado...

Sim, sim, pela abertura.

S – Nós realmente estávamos muito ligados àquilo e tínhamos assistido, eu diria à distância, porque não frequentava, à degradação funcional e julgávamos nós que relativamente suave em relação à construção.

Não foi, como disse o Alexandre. Quando começamos a ver aquilo, por exemplo, tivemos que substituir o pavimento todo da plateia e do ato de entrada, que estava completamente... Não percebo como é que as pessoas davam até palmas, não vieram parar ao piso de baixo, estava completamente podre.

Havia, inclusivamente, pilares feitos com um batão muito ineficiente. Aquilo foi feito durante a guerra. Nós, os meus antecessores, não dominávamos as tecnologias muito bem e o batão era muito mau em muitos casos. Foram surpresas sobre surpresas. E depois a acrescentar a isso, houve também realmente a intenção da Câmara de alterar um pouco o caráter do cinema, ou não o caráter, o caráter foi o que nós tentamos preservar,

mas a funcionalidade do cinema, que era um cinema muito grande e que deixou de ter justificação. E, portanto, nós, eu e o Alexandre também, odiávamos a sala bebé, que era, diga-se-passagem, era a que tinha melhor programação ultimamente, porque o resto do cinema era um cinema completamente comercial, mas aquela sala BEBÉ sempre ficou assim, ficou-nos atravessados.

Era do arquiteto, era o Sácio do Rico, não me lembro agora como é que se chama, o que fez a sala bebé. O que fez? A sala bebé Benjamim do Carmo.

Nós sempre consideramos aquilo um atentado, porque o cinema prolongava-se para essa sala de convívio, que era onde as pessoas estavam, como aliás agora está outra vez, e, portanto, nós sempre achamos aquilo uma intermissão inaceitável. E, portanto, quando a Câmara levantou o problema de fazer na mesma um cinema-estúdio e sem alterar o caráter do cinema, nós aproveitamos essa hipótese para fazer cinema-estúdio em cima, no segundo balcão, que era um espaço ótimo para namorar, porque era muito distante da sala, era bastante escurinho e, portanto, nós jovens já, já bem crescidinhos, era o ideal. E, portanto, achamos que aquilo podia ser em cima e libertar outra vez a casa de chá, que foi o que fizemos. Depois, a parte disso, houve outros condicionantes como é natural, que são a satisfação da legislação atual em termos de térmica, em termos de acústica e acessibilidade, que nos obrigou, por exemplo, a pôr um elevador.

A segurança contra incêndios, que é todo um sistema complicado.

S- A segurança contra incêndios, por exemplo, as cadeiras que lá estavam já não eram as originais, mas as que estão agora têm que satisfazer não só o material e a forma, como as distâncias entre as cadeiras. Há sim alterações que as pessoas não se apercebem e isso, de certo modo...

A- O regulamento agora é interpretado.

S - De certo modo, era o que nós queríamos, que as pessoas se sentissem no mesmo Batalha, mas umo Batalha, digamos... Confortável. E, a par disso tudo, havia a questão dos frescos do Pomar e não só. Nós conhecíamos bem o Pomar e, quando nos entregaram o projeto, a primeira coisa que fizemos foi falar com o Pomar, que estava convencido de que os frescos tinham sido destruídos.

A- O meu pai dizia que sim, que tinham sido destruídos.

S - E o pai do Alexandre... Eu não me lembro da inauguração, era miúdo em 1947, mas lembro-me de dizer que tinham sido destruídos por ordens da política. E viemos a descobrir que não estavam.

Eu, aliás, era dos que não acreditei. Jurei que estavam destruídos mesmo, disse-me que não vale a pena. Mas foi-se fazendo, foi-se fazendo e foram-se descobrindo os frescos.

A- Principalmente o do andar de cima. Foram pintados sete vezes por cima.

Pois, era só pintura por cima?

S - Mas o próprio Pomar estava convencido de que tinham sido destruídos. Disseram que não valia a pena. E, realmente, a ação da polícia e da política era de tal maneira grave que uma das coisas que nós fizemos por indicação do Pomar, há cá fora um baixo-relevo que tem uma ceifeira e um operário.

E a ceifeira tinha uma foice na mão e o operário tinha um martelo, claro. Porque, evidentemente, o arquiteto Artur Andrade era do contra e ser do contra, naquela altura, era praticamente ser a frente do Partido Comunista porque era a única organização que havia. Esses baixos-relevos tinham tirado o martelo para não se fazerem relações.

E lá está o martelo.

S - E o Pomar disse assim"vocês têm que pôr o martelo!" E nós dissemos "claro, vamos pôr o martelo." "Ah, mas não põe o martelo como lá está. Têm que se pôr o martelo em aço inox que é para se ver" e está lá em aço inox. A autoria não foi, mas foi, digamos, como consequência das nossas conversas com o Pomar que estava muito chocado, muito surpreso com aquela coisa de destruírem-os. E não foram destruídos. Ele não chegou a ver os feitos.

Mas, de qualquer forma, ele sabe que estava no processo de ser...

S - Não, ele não sabia. Ele não chegou a saber que aquilo estava só pintado. Não chegou a saber. Morreu entretanto.

Pronto. E como foi em relação ao Cine-teatro Constantino Nery em Matosinhos?

S - O Constantino Nery foi diferente. Porque o Constantino Nery não tinha a qualidade...

A - O que é o que é?

S - O de Matosinhos. O Constantino Nery não tinha a qualidade arquitetónica que tinha o Batalha. Porque o Batalha, além de ser, digamos, ser um cinema completamente, era uma obra de arquitetura relevante. O Constantino Nery não. Não era tanto isso. Estava muitíssimo mais destruído ainda, se é possível. E, pronto, foi um concurso que nós

ganhamos. Já nem sei porquê, mas ganhamos. E foi relativamente pacífico até ao átrio de entrada que aí nós propusemos que fosse feita uma intervenção pelo pintor Angelo de Sousa, que é uma coisa com os espelhos que lá está, que não se vê quase. Não se vê, também era um pouco a ideia disso. Mas o Constantino Nery não teve essa história nem essa emoção. Embora tenha tido, como sempre, a questão da adaptação às condições atuais, etc. E teve a sorte de ter um técnico de acústica que era, eu digo era, eu acho que era, não sei se já morreu, mas se não morreu, pelos vistos estava bastante mal, que era um homem da Barcelona, que era considerado um dos melhores técnicos do mundo, que aliás trabalhou aqui na Casa da Música, mas zangou-se. E nós, aquele teatrinho, nós propusemos, se ele queria adaptar daquilo, ele achou maravilhoso e veio para aí fora e foi ele que fez toda a acústica do teatro.

Por acaso não se lembra do nome?

S - Lembro. O nome dele? Eu não lembro agora, mas daqui a um quarto de hora talvez. Com os 87 anos fica um bocado avariado. Eu acho que ele já morreu, sabes?

Higini Arau. Era isso mesmo.

Fomos a Barcelona falar com ele. E eu julguei que ele devia me dar uma volta porque um homem assim tão importante e virar adaptador de teatrinho. Ele veio cá e achou que sim, que era fantástico. E pronto. E aquilo acho que funciona bastante bem. Embora depois o funcionamento propriamente dito do teatro não seja exatamente o que está ainda no projeto.

A- Não está nada.

S - Não, não é isso. Por exemplo, a cabine. A cabine é uma cabine que andaria para transformar.

A- A cabine era móvel, que podia se transformar numa sala única. Isso não está a funcionar, mas não está a funcionar tão bem.

Agora parece-me que talvez esteja melhor do que já esteve.

Tem programa. Tem, não, tem programa.

A – Eu confesso que eu fiquei chateado quando aquilo começou a não ser o que a gente imaginava. Deixei de lá ir.

S- Não foi só o que imaginava, o que foi proposto e foi aceito.

Prof Cilísia - Por acaso, teve uma outra aluna que ela fez sobre o cineteatro de Aves, mas depois também pegou no Constantino Nery e chegamos a ir lá com um técnico que moveu a sala. É muito interessante. Aquilo, por acaso, eu achei que ficou bem a intervenção.

S - Não, está, está.

A - E é bonito, aquela intervenção do Angelo Sousa, também é muito bonita, porque dá ao atrio uma dimensão que ela não tem. Dá-lhe uma dimensão e dá-lhe...

S - Estávamos muito condicionados.

A- Era um projeto condicionadíssimo, não é? Tínhamos dimensões... Estávamos instalados dentro de um edifício que não se podia fazer quase nada.

Prof Cilísia - Deixa eu fazer aqui uma pequena intervenção. A Camila quis focar no Cine-teatro do Vale Formoso, porque mora ali perto, não é? Criou uma relação de afetividade. Mas o Vale Formoso é da Igreja IURD. Então, já havia outro trabalho na FAUP feito com a reabilitação, já tinham feito todo o levantamento e agora o que é que se iria fazer ali?

E ela sempre apaixonada por esse cineteatro. Realmente acho que este edifício apaixona muito as pessoas. Então, começamos a ver a questão social. Eu disse, acho que podemos pegar muito na questão social e fazer entrevistas. E depois, entretanto, nós começamos a perceber que as pessoas, tanto do Marquês, porque ela depois começou a fazer na planta a área de influência que aquele cineteatro teria no território. E chegou a um ponto em que nós, mesmo a um quilómetro, encontramos pessoas que sabiam histórias.

S- Histórias, não sei. Mas eu morava, não digo naquela zona, mas morava lá em cima na Constituição, no topo da rua Santos Pousada. E eu ia bastante ao Vale Formoso.

A- Mas havia outra coisa lá. O Marquês realmente é uma centralidade. Eu tenho reparado nisso agora. E estava ligado ao cinema, não só ao Vale Formoso, não é? Sim, tinha todos ali à volta. Era um cinema muito bonito, eu acho.

S - Outro, que era o do Estrela, o Júlio Deniz também.

A- Júlio Diniz. Mas depois havia outro até que foi feito um Estúdio.

S – Na Costa Cabral. O Cinema Estúdio. Era um edifício do centro paroquial.

A - Esse também era muito frequentado. Portanto, ali havia pelo menos três cinemas, numa zona muito restrita. O Terço também era um cinema muito frequentado.

S - Mas o mais importante era, de facto, o Vale Formoso. Diga-se passagem, um projeto com o que eu sempre me lembro, já agora. Projeto do Francisco Granja.

A- Mas é bastante interessante.

S - O Júlio Deniz era muito bonito também, e era mais próximo, digamos. Era mais pequenino.

A – Não era assim tão pequeno.

S - Era relativamente pequeno. Foi propriedade dos alemães, durante a guerra, e depois até esteve, foi boicotado, ainda me lembro disso, porque eu sou do tempo da guerra. Ainda me lembro que foi boicotado, e as tantas aquilo não correu muito bem. Mas era um cinema muito, muito bonito, que agora está transformando em não sei o que, numa danceteria, uma coisa qualquer assim.

Nós já fomos lá.

S - Já? Isto é estragado, é?

Não, exatamente. Aquilo é assim, eles fazem um programa cultural que chamam fisioterapia.

S - Ah, é?

São pessoas de uma faixa etária, mas há pessoas jovens que eu também vi ali. Aquilo vai quem quer, mas é para uma faixa etária mais avançada. As pessoas pagam um X, e têm direito a música, e um lanche, e bebida, pronto. Mas aquilo é uma festa. Aquilo começa às duas da tarde, e acaba às sete.

S - Não sabia.

Mas depois nós... Sim, nós tirámos uma fotografia, não podíamos tirar, mas lá, com jeitinho, nós conseguimos. E depois andámos a fazer entrevistas, e depois eles diziam que aquilo era um sítio de namorico, e que era para as pessoas não sei mais o quê.

S- Aquilo ficou com muito má fama.

Pois tá. Mas eu achei piada. Tudo o que seja esta coisa dinâmica social.

S - Claro. Aquilo ficou com muito má fama. Mas aquilo teve, inicialmente, porque aquilo realmente não sei como, mas teve intervenção dos alemães, que aliás moravam no Marquês de Pombal.

A- Quem?

S - De uma família alemã, nazi.

A- Intervenção como? No Júlio Deniz?

S - Sim. Eram proprietários, era uma coisa qualquer assim. Sei que foi boicotado às tantas, eu lembro-me bem disso, por causa dos alemães. Entretanto, os alemães foram-se embora, não sei o que lhes aconteceu. Num prédio de esquina, que já não existe, era uma casa brutal, que havia na esquina, entre a rua da Constituição e a Praça do Marquês.

A- Mas é interessante vermos que o Porto tem, no fundo, eu penso que tem três centralidades fundamentais, que é o centro-centro, que acumula, realmente, os cinemas e os teatros mais importantes, e depois tem duas centralidades, uma oriental e outra ocidental, que têm os seus equipamentos, enfim, complementares.

S- Tinha equipamentos, porque agora não tem.

A- Na zona de Marquês, tínhamos três cinemas, na zona de Boa Vista, pelo menos, dois. Mais que dois, porque o da Brasília era mais que um. E havia outro também, que era um cinema que foi demolido. Portanto, tínhamos o ocidente, o oriente e centro, que é onde se espalham os cinemas. Fora isso, no Marquês, também tinha uma sala de cinema, que é o do Terço.

Mas esse era um edifício que não era muito bem acabado, certo?

A- Não, nem era um cinema, eles faziam lá projeções de cinema.

Sim, sim.

S - Ah, é o Terço. Não, não, o Terço tinha cinema.

A - Sim, tinha, mas...

S - O Terço era super popular, super popular.

A- Portanto, tudo corresponde a estas centralidades, que ainda hoje são as centralidades do Porto.

Também queria entender um bocadinho se o cinema, por exemplo, na altura que apareceram estes cineteatros, era uma questão de envolver porque aparecem também no Estado Novo, e se calhar sabem isso melhor do que nós.

S - O Vale Formoso era bastante conotado pelo Estado Novo.

A pergunta era se era para envolver mais a sociedade neste tipo de programa de arte, cinema, ou era uma questão propagandista? Qual foi a ideia desta proliferação de cineteatros? Nós temos algo em Portugal, e depois temos no princípio também em Espanha, e que depois agora estão em degradação...

A- Mas essa política do cineteatro é uma política central. É uma política do governo. Mas é positiva, digamos. Eu penso que não podemos conotar essa política de cineteatros como uma coisa má do Estado Novo, etc. Porque houve... havia edifícios…

S - Desculpa. Eu não estou totalmente de acordo com isso.

A- Tanto assim como Manoel Maria, por exemplo, quando foi Ministro da Cultura, Manoel Maria Carrilho, teve como um dos pontos fundamentais do seu programa cultural, que era

bastante bem feito, a reestruturação dos cineteatros. Tal como eles eram. E foi reestruturado, por exemplo, o de Castelo Branco, o de Santarém. Foram transformados nessa altura...

O Neiva, em Vila do Conde.

A- Sim, exatamente. Portanto, eu acho que o cineteatro é uma questão programática. É, no fundo, permitir que aquele espaço corresponde a duas atividades distintas. Eu acho que é uma coisa positiva. É uma coisa negativa.

S - Não é negativa em si, mas era negativamente aproveitado.

A- Por?

S - Pelo Governo.

A - Negativa porquê?

S - Era negativamente aproveitado com a censura, com não sei o quê, os filmes eram censurados.

A - Basta ver o Balé Verde Gaio para se perceber.

S - Pronto, digamos, era um meio de propaganda super eficaz, e completamente dominava.

A - É assim Sérgio, os primeiros edifícios são teatros. Existem teatros e são teatros puros. Principalmente teatros de ópera, em primeiro lugar, e depois teatro, teatro. Quando veio o cinema, esses teatros adaptaram-se ao cinema porque precisavam de público, e o público já não ia tanto ao teatro, ou não havia tanto teatro para ver e havia muito cinema, portanto estes transformaram-se em teatro. São João, por exemplo, foi feito como teatro e foi transformado em cinema. Chamava-se Cine-teatro São João. Para aumentar a possibilidade de utilização daquele espaço. Isso deu origem a uma tipologia que juntava o teatro e o cinema no mesmo edifício e foi uma consequência dessa transformação. Teatro, cinema dentro do teatro e a seguir cineteatro. A mim parece-me uma evolução positiva porque, no fundo, um enriquecimento, digamos que programático, deu o mesmo espaço.

E até depois foi para a danceteria, em alguns casos.

S - Por aí fora.

O Rivoli também teve danceteria.

A - Também, o Rivoli, por exemplo.

S – Teve? Não me lembrava disso.

O Rivoli foi teatro, depois aquilo ardeu, depois foi transformado em cinema. E depois houve o projeto de um professor da faculdade, Pedro Ramalho.

S - Relativamente recém feito. Isso foi pós 2012.

A - Mas aquele era um projeto, acho que era do Júlio Brito, não é?

S - Júlio Brito, que era a pessoa que... Era o mesmo que se diz que era o autor do Júlio Deniz. E, realmente, teve uma grande intervenção do Deniz, como teve também na Coliseu de Porto, que é do Cassiano Branco, a cúpula e tudo aquilo é projeto do Júlio Brito. Projeto, porque ele era engenheiro e arquiteto. E, portanto, o Júlio Brito foi um tipo de ser muito ligado a esses grandes espaços.

S - Ele era talentoso. Era nosso amigo, podemos dizer isto.

A - Era amigo das nossas famílias. E as aulas dele eram de gargalhadas. Também, não é? Só dizia tolices.

S - Foi nosso professor. Era mesmo assim. Era distraído e era muito engraçado, mas bastante eficiente e é o autor do Rivoli.

Estes teatros iniciais são sempre muito uma mistura de materiais, madeira com pedra, com tudo o que havia na altura.

S – Era o que havia. A história do betão é relativamente recente e durante a guerra não havia tal coisa. Havia exceções, mas eram muito excepcionais.

A - O que é interessante é saber os que são construídos de raiz como cineteatro e os que são resultados de adaptações, não é? Ou seja, o São João foi teatro e transformou-se em cineteatro. O Batalha foi sempre cinema só, nunca foi teatro. Portanto, há cinemas e há teatros. E há cineteatros, que são outra transformação de um edifício existente, que foi o que aconteceu no princípio do século, não é? Ou então, dá origem a uma tipologia própria, que é o Vale Formoso, acho eu.

S - Eu acho que não podemos ver teatros no Vale Formoso.

A- Acho que Vale Formoso é um cineteatro.

Houveram poucos espetáculos de teatro porque o projeto não pôde ser completamente executado. Então, ele não tem o espaço inicialmente previsto, mas havia sim todos equipamentos para tal.

S - Mas vocês podem visitar o Vale Formoso?

Não conseguimos ainda.

S – Tem que se filiar a IURD.

Eles tentaram me converter.

S - Não, não deu. Não conseguiram.

Não.

S - Eu fui muitas vezes ao Vale Formoso. Foi na altura que abriu, ficou na moda de repente.

A - E eu ia. Eu tinha uma inquietação particular.

S - Eu também porque achava que aquilo tinha ficado a meio caminho. Era mais ou menos moderno, mas não era tanto assim. Aliás, ele era relativamente reacionário, o Francisco Granja.

A - Tu conheceste o Granja?

S – Não conheci pessoalmente, mas conhecia famílias e familiares. Ele puxava-lhe um bocadinho para o governo. Aliás, puxava-lhe um bocadinho.

A - Nunca conheci.

S - Agora, ele tem uma obra muito extensa na cidade, que eu acho que é completamente desconhecida. Não sei se conhece.

A - O que é que ele tem mais?

S - É muita coisa. Eu acho, não tenho a certeza absoluta, mas acho... Eu não me esqueci do Vale Formoso. Era grande, era majestoso.

A - Não me lembro. Sabia vagamente a folclore.

O senhor quer ver alguma imagem? Posso lhe mostrar? Vamos ver aqui.

A – Ah era muito grande. Muito grande. Embirrei sempre.

S - Eu também. Mas eu acho que nós embirrávamos, porque nós éramos do contra e ele não era.

S - Eu já vi que a IURD tinha saído de lá, então não saiu.

Não, saiu sim, eles não atuam mais lá, depois que fizeram aquele...

S -Aquela coisa grande, sim.

O edifício está fechado desde 2010.

A - Mas é propriedade deles, é?

Essa é uma dúvida que nós temos, porque eles disseram que é propriedade deles. Mas, na conservatória, está no nome da empresa cinematográfica do Vale Formoso ainda.

A - É mais engraçado do que eu julgo. É. Muito grande. E era muito grande.

S - Não sei quantos lugares teria, mas, pra aí uns mil e tal.

Sim, mil e poucos.

A - Mas é uma coisa. E aquilo está abandonado?

Está. Está completamente abandonado. Nós chegamos a fazer uma entrevista com a Câmara, a tentar perceber o que é que é.

S- Mas a Câmara não fez um controlo?

Classificou como um conjunto de interesse municipal.

S - Classificou a fachada, não foi?

O conjunto, o edifício e as residências ali ao lado.

A - A minha afilhada é diretora da cultura da Câmara.

É um bom conhecimento.

A - Se quiserem falar com ela... Hã? Se quiserem falar com a Alexandra Sousa Lima. Alexandra Sousa Lima.

Ótimo, entraremos em contato sim. Agora eu acho que posso pegar até para essas perguntas mais ao final. Se os senhores acreditam no potencial da revitalização desse espaço, como o caso do Vale Formoso.

S - Sim, acreditamos. Mas genericamente, e mais nesses edifícios emblemáticos, genericamente neste momento a reabilitação é fundamental, mais importante talvez do que fazer de novo. E nesses edifícios emblemáticos ainda por mais razão.

A - Tem imensas potencialidades, por favor. Tem imensas potencialidades e tem uma zona densa de gente, etc, que pode dar valor àquilo. Com uma boa programação, uma recuperação bem feita, tinha todas as possibilidades de ser um centro cultural extremamente importante. Tem uma dimensão incrível, ao contrário do que eu pensava.

Poderia ser a centralidade da centralidade do Marquês, não é?

Exato. E poderiam aderir novas funções ali também, como no Batalha também foi.

A- Claro que sim, como tem o Batalha, que tem tanta coisa, que tem uma programação tão rica, não é? Neste momento. Tem uma atividade incrível e que chama imensa gente.

S - Sim, o Batalha ultrapassa completamente a questão meramente da passagem de cinema. Tem imensas atividades.

A - Sim, porque os cinemas no Porto estão vazios e depois o Batalha tem uma programação ótima, não é? E as pessoas vão lá. De facto, criaram um público. Exato. E eu acho que é evidente que o público do centro do Porto é diferente do público mais periférico, não é? Mas, apesar de tudo, aquilo tem muita gente e tem muita vitalidade (zona do Marquês). Eu acho que tem muita vitalidade. Eu desconhecia isso e agora tenho frequentado um pouco

mais, por causa da Fundação Marques da Silva, e realmente é uma zona com muita vitalidade.

Exato.

A - Cafés, restaurantes...

Sim, nas entrevistas que fizemos, houve uma senhora que dizia "aqui tem tudo, não preciso de mais nada. Aqui já há tudo."

A – É verdade, tem tudo sim. Mais até do que na Boavista.

A questão é que... No fundo, o que se está a fazer aqui na tese é mapear todos os cineteatros e os Professores disseram aqui uma coisa interessante que é ver qual é a raiz e tentar perceber... Mas há uma perda realmente social do cineteatro, não é? Do teatro e do cinema. Por causa da televisão e do grande ecrã. Mas a verdade é que a memória permanece. O que é que nós podemos fazer? Isto é, agora uma ajuda que nos podem dar como pessoas eruditas, não é? O que é que poderia se fazer para revitalizar esta tipologia? E chamá-los outra vez à regeneração urbana?

S - Eu acho que isto tem dois vectores. Um deles é a reabilitação dos edifícios propriamente, que é fundamental. Mas eu acho que mais importante do que isso é a reabilitação das programações. Por exemplo, o Batalha realmente...

A – Mas não só. Porque, por exemplo, estes teatros, estes cineteatros não têm... Não estão bem preparados para o teatro, não é?

S – Está bem, mas se revitalizar a programação...

A - Mas há, muitos exemplos interessantes. Por exemplo, o de Lamego, que é um cineteatro, foi restaurado como cineteatro. Esposende, por exemplo, a mesma coisa, foi restaurado como cineteatro. Foi feita uma teia, não tinha. Portanto, havia problemas com a aceitação de algumas companhias de teatro que precisavam de teia para os cenários, não é? Mas estes foram adaptados e foram colocadas teias e agora funcionam como cineteatros. Mas eles foram adaptados e foram colocadas teias e agora funcionam como cineteatros, realmente. Porque estes cineteatros desta época não têm teia, normalmente. Portanto, são mais cinemas que teatros. E, às vezes, não têm profundidade de palco também suficiente. Portanto, era interessante ver, se lhes interessam esses assuntos, os edifícios que foram recuperados recentemente. Portanto, há o de Barcelos, há Esposende, há Lamego, o Carlos Guimarães do Luís Soares Carneiro... E qual é o outro que eu disse?

Barcelos...

A - Castelo Branco, Esposende e Barcelos.

S - Não há Eposende, não.

A – Não há Esposende?

Póvoa de Varzim.

A - Póvoa, talvez sim. Talvez, então Esposende não.

Póvoa de Varzim, cheguei a lá ir com a Ordem dos Arquitectos.

S - Há em Vila do Conde, evidentemente.

Vila do Conde é o Neiva. E há em Barcelos, que é aquele que fica... Barcelos não, Póvoa de Varzim. Garret. Não será esse? O Garret? Na Póvoa de Varzim. E Esposende não é um que estava a ser demolido também há pouco?

S - Ah, Esposende acho que sim.

A - Não sei se Vila do Conde.

S – Vila do Conde, sim. Ainda lá isto está, e está a funcionar, ainda outro dia lá estive

A - Mas deve haver muito mais. Há outro, por exemplo, que é Castelo Branco. Sim, há muito mais, como o de Santarém. Eu acho que a questão principal dos cineteatros é que eles nunca funcionaram muito bem para teatro.

Então deviam ter sido cinemas...

S - Sim.

E agora qual era o nome que daríamos na atualidade? Porque eles podem ser os cineteatros, mas eu acho que eles têm que acolher outras coisas. Porque o cinema já não é uma coisa que as pessoas...

A - Tem que ter várias coisas, várias hipóteses. Podem fazer performance. Podem fazer imensas coisas. Estilos de moda.

Sim. Conferências, por exemplo, debates.

S - Sim, claro.

A - Conferências, debates, etc. E para isso, por exemplo, não é preciso teia.

Exato.

A - A questão da teia que é uma coisa cara, não é? E normalmente muito feia. Por exemplo, a de Lamego é de terror e a de Barcelos também é de terror. Vê-se de todos os lados. Mas é um volume indispensável para o bom funcionamento do teatro.

Pois. Por causa dos cenários.

S - Sim, claro.

A - Nós pusemos. Nós temos teia.

Qual é o contributo que vocês acham que esta reabilitação... Se nós tivéssemos uma nova rede, uma nova programação, que estavam a falar que tem a questão do programa, o que é que estes equipamentos poderiam trazer de novo para a sociedade como temos diversos públicos, não é? Agora, há cada vez mais esta questão do virtual. Das pessoas estarem... Eu acho que ainda há aquela cultura do cinema. Eu gosto de ir ao cinema.

S - Claro.

Eu não gosto de ver filmes sozinha. Eu gosto de ir ao cinema e encontrar pessoas.

S - A gente gosta de ver também.

A - Eu acho que uma coisa fundamental nestes cineteatros é ver uma mobilização da população, sem isso. Quer dizer, as pessoas vão mais facilmente ao Batalha do que irão ao Vale Formoso. E quem vai ao Vale Formoso, principalmente, são as pessoas da zona da volta. Elas acabam por animar. Portanto, é fundamental que haja gente ali que se interesse pelo assunto. Constituir uma associação para a recuperação do Vale Formoso como cineteatro. E o cineteatro, hoje em dia, não é um cineteatro. É um centro cultural, digamos, onde se processam atividades variadíssimas.

Até de acolhimento.

A - Pode ser teatro lírico, pode ser o que quisermos. Agora, o que é preciso é que o projeto seja bem feito. Isto é, que o projeto permita ter essa flexibilidade. Porque se for estreito, não dá para uma programação como a programação contemporânea que é muito exigente. Tem de ser muito variada. Tem de ter várias formas. E, portanto, o espaço tem de poder corresponder a isso. E são projetos complicados, difíceis. É preciso chamar arquitetos bons como nós, por exemplo.

Claro que sim, com experiência. Mas é verdade... senão, destroem o património.

S - Estamos a brincar.

Não, mas olhe que não está muito longe da realidade.

A - Claro, é evidente. Estou a dizer isto a sério, não a brincar.

Eu também concordo. Porque às vezes há pessoas que pegam nas coisas e...

A - Se não concordasse, era uma malcriação sua.

Não, não. Eu queria dizer assim, ok. Entrava pela questão de...Vamos falar ao grau de autor. De uma pessoa que tem já um grande currículo e de um amador arquiteto. A questão aqui tem a ver com a sensibilidade. Estamos a falar de património. E às vezes há pessoas que não têm essa sensibilidade.

A - Há gente que estudou as questões do teatro. Por exemplo, O Luís Soares Carneiro fez uma tese de doutoramento e a tese dele é sobre teatro. E é uma tese muito bem feita, muito inteligente. E tem obra.

Talvez porque queira cumprir as exigências regulamentares.

A - Não, sabe o quê? Por exemplo, em Barcelos, faz-me impressão em Barcelos. Faz uma pessoa... a teia. É um volume muito violento. Mas como é que se podia resolver? Tenho pensado nisso e não...

Por acaso, já passei lá por fora e já tirei fotografias. Eu nunca entrei. Numa próxima, entrarei. Para ver a produção.

A - Mas Esposende... do Bernardo. Que o Bernardo fez...

S - Não, não fez não. O Bernardo transformou o teatro na biblioteca. É diferente... o teatrinho pequenino que havia que é a biblioteca, neste momento. Acho eu. Eu não me lembro de teatro nenhum em Esposende.

A - Mas sabes de Barcelos e de Castelo Branco?

S – Sim sim.

Pronto. Então há futuro para o cinema e teatros se nós tivermos esta questão de haver uma estratégia política e uma vontade?

S - Claro. Mobilização social, associação, juntar pessoas e programa flexível.

A - A primeira pessoa que teve uma visão sobre isto clara foi Manuel Maria Carneiro, que teve uma claríssima visão sobre a importância dos cineteatros como centros de desenvolvimento cultural regional, aproveitando as estruturas existentes, que são muitas. Não há cidade nenhuma que não tenha um teatro ou um cinema, e por isso era uma coisa bem vista. E ele pôs no orçamento bastante dinheiro para fazer essas coisas e fizeram algumas.

Sim, fizeram.

Mas pronto, olha, eu acho que era mesmo isso.

S - É isso?

A - Eu acho esta ideia do cineteatro muito bonita.

Eu também acho, mas é preciso ter aqui alguma sensibilização para perceber que não se pode deixar morrer. Eu estou a tentar que a tese se transforme quase em um manifesto, tendo em conta que aquele cineteatro está a ser perdido, está a ser deixado, nós temos que puxá-lo. Mas,

realmente, quando nós vamos entrevistar as pessoas, eu senti muita curiosidade porque as pessoas queriam todas.

S – Que revitalizem não é?

Exato. As pessoas têm todas na memória, e o que eu achei piada é que nós encontramos pessoas que sabiam dizer a quantidade de teatros que havia ali à volta. Como é que têm na memória delas? E depois o que gostariam "Ah, mas nós íamos já!".

A - Claro, claro, claro. Uma associação local era uma coisa fundamental. Uma associação local próxima ao cineteatro. Que tomasse iniciativas e que fizesse coisas, que organizasse coisas... Agora, sendo a IURD, é impossível. Primeiro tem que se pôr a IURD fora. Tem outras qualidades, até além das formais, além das culturais. Uma bandidagem à solta.

Verdade. depois nós encontramos também pessoas que foram roubadas pela Igreja. Sim, foram muitos relatos negativos em relação à Igreja.

A - Na Igreja temos direitos aos milagres ditos melhores, conforme se paga.

Porque nós depois fomos até aquela praceta, 9 de Abril... E as pessoas, todas elas, sentem falta de ter um espaço para...para terem convívio.

S – Claro, para estar.

A – Pois, não tem, tem só os cafés.

É porque ali havia também os festivais, não é? Festivais da rádio. Eles refletiram muito sobre essas memórias e esses momentos...

A - Eu acho que há imensas hipóteses.

Sim, vamos ver o que é que...

S - O que é que sai.

Exato e grata pela entrevista. Não vamos mais lhe roubar mais tempo. Obrigada. Muito obrigada, mesmo. Estou muito contente. Estamos a falar com o suprassumo.

S - Não, não, não. Foi um troca de ideia.

É realmente uma honra para mim, obrigada.

APÊNDICE B.3

ENTREVISTA À SENHORA HELENA GRANJA

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto
Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura – FAUP | 2023 | 2024
Estudante: Camila Perraro Sehn
Tema: Cine-teatro do Vale Formoso

Entrevista a filha do Arquiteto Francisco Granja, senhora Helena Granja

Desde já, deixo aqui o meu sincero agradecimento pela vossa participação.

Questões:

1. **A senhora saberia dizer quem contactou o Arq. Francisco Granja, para a concretização do projeto? Creio que um empresário e seus sócios.**
2. **O seu pai mencionou alguma vez os motivos pessoais para aceitar a execução do mesmo? Não sei. Talvez pelo facto de o referido empresário ser conhecido do sogro do meu pai.**
3. **Onde foi que o Arquiteto Francisco Granja se formou no Porto ou no Estrangeiro? Na Escola de Belas Artes do Porto. O meu pai licenciou-se em Arquitectura embora tivesse uma paixão pela Pintura (desenhava muito bem e era um óptimo caricaturista).**
4. **Tinha algum Arquiteto ou Escola de referência? Uma das suas referências importantes foi o Arquitecto Marques da Silva de quem foi discípulo e com quem também trabalhou nalguns projectos. Deveria ter tido outras referências estrangeiras pois lia e acompanhava a arquitectura da época.**
5. **O edifício tem traços representativos da "Época do Estado Novo", sabe se ele se baseou nesse padrão por opção e/ou seguiu o modelo tradicional dos cine-teatros de época ? Difícil responder. Provavelmente sofreu a influência do modelo arquitectónico daquela época (talvez com elementos do construtivismo soviético?).**
6. **Qual o significado da escultura que existe na fachada principal? Trata-se de um baixo-relevo alegórico às artes cénicas. A minha mãe conheceu o artista (neste momento não se recorda do seu nome) que a realizou bem como ao friso pictórico no interior do cine-teatro, por cima da boca de cena.**
7. **A lotação do cine-teatro ainda é grande, as expectativas da altura eram para abranger a população desta área do Porto? Ou como na altura os cine-teatros estavam em voga, a dimensão foi maior devido à afluência de pessoas ao Cine-teatro? Creio que foi um cine-teatro muito frequentado durante os anos 50-60, com diversidade de eventos o que atrairia diferentes públicos.**
8. **Sabe dizer qual a razão da escolha do sítio para o Cine-teatro do Vale Formoso? Esse empresário comprou o terreno não só onde foi construído o cine-teatro como as moradias à sua volta (também projectos do meu pai), conhecidas como o *Conjunto no Ouro*.**
9. **Qual era a intenção principal de seu pai ao projetar o cine-teatro? Ele tinha alguma visão específica para o impacto do cinema e do teatro na comunidade?**
10. **O arquiteto partilhou algum objetivo ou filosofia por trás do design e das funcionalidades do edifício?**
11. **A senhora sabe como foi o processo de execução da obra e se houve algum desafio significativo durante a construção?**
12. **Tem plantas ou fotografias do Cine-teatro que possa partilhar? Todo o espólio está na Fundação Marques da Silva. Faço notar que há também um pequeno álbum em carneira pirogravada executada pela minha mãe onde se encontram algumas fotografias do interior, acompanhadas de desenhos.**
13. **A senhora e sua família frequentavam o Cine-teatro do Vale Formoso? Se sim, com que frequência? Quais tipos de eventos e filmes costumavam assistir lá? A minha mãe e os meus avós maternos, o meu pai menos, viram filmes, peças, variedades... Em épocas especiais como o Carnaval tinham espectáculos próprios das festividades.**
14. **Quais são suas lembranças mais marcantes do Cine-teatro? Há alguma história ou evento especial relacionado ao Cine-teatro que a senhora gostaria de partilhar?**

15. **Qual é a sua opinião sobre a venda deste cinema para a IURD e a permissão da Câmara para a realização de cultos religiosos num espaço pensado originalmente para eventos culturais? Acho errada a alienação de edifícios construídos para fins culturais. O mesmo quase se passou com o Coliseu do Porto, apenas evitada por manifesto de cidadãos.**
16. **O que acha sobre o estado atual em que o edifício se encontra? Abandonado como tantos outros na cidade. As cidades deviam cuidar melhor dos seus património arquitectónico históricos, que revelam a evolução das cidades e das comunidades que as habitam.**
17. **Havendo a possibilidade de reabilitar o edifício e retomar uma atividade que sirva à comunidade, que atividade gostaria de ver em funcionamento ali? Cinema, teatro ou alguma nova função? Actualmente, dada a grande diversidade de projectos culturais, muitos propostos por jovens artistas, acho que um edifício como aquele deveria possibilitar o acolhimento de diferentes artes – teatro, cinema, concertos, multimedia...**
18. **A senhora frequentaria o sítio outra vez, se assim fosse permitido com uma nova função? Se a qualidade da programação fosse boa e dentro das minhas preferências, certamente. A Invicta de hoje tem muitas solicitações culturais pelo que espaços como o Vale Formoso deveriam ser reabilitados para as funções originais (como já foram outros, como o antigo cinema Batalha).**

APÊNDICE C

ENTREVISTAS ÀS ENTIDADES, SEM RESPOSTAS OBTIDAS

ENTREVISTA ENVIADA A GESTÃO DO BATALHA CENTRO DE CINEMA:

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto
Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura – FAUP | 2023 | 2024
Estudante: Camila Perraro Sehn
Tema: Cine-teatro do Vale Formoso

Inquérito à Gestão do Batalha Centro de Cinema

1. A história da cidade do Porto leva a crer que a sua população é bastante entusiasta da cultura cineasta. Com a reabertura do Cinema Batalha, isso de fato foi verificado na quantidade do público presente?
2. Desde a reabertura, como tem sido a audiência das salas do cinema e qual o tipo de público?
3. Quem ou qual empresa é responsável pela gestão do cinema?
4. Atualmente a Cidade do Porto conta com duas salas de espetáculos em funcionamento, originadas a partir de cinemas antigos, o Cinema Trindade e o Batalha Centro de Cinema. Seria do vosso interesse expandir a atividade para outra sala de espetáculos? Acredita que a cidade pode comportar um maior número de salas de cinema e espetáculos?
5. Seria do vosso interesse, futuramente, a compra de um edifício por exemplo, o Cine-teatro do Vale Formoso?
6. Tendo em conta a vossa experiência com o Batalha Centro de Cinema, qual seria a solução mais viável para o Cine-teatro do Vale Formoso: a venda do edifício por parte da IURD? Ou o arrendamento por parte da IURD, considerando que a igreja seria responsável pelas obras de reabilitação?
7. Qual é o futuro que vê nesse tipo de equipamento em Portugal? O que deveria ser feito para salvaguardar e manter a função deste tipo de edifício?

ENTREVISTA ENVIADA A GESTÃO DO CINEMA TRINDADE:

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto
Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura – FAUP | 2023 | 2024
Estudante: Camila Perraro Sehn
Tema: Cine-teatro do Vale Formoso

Inquérito à Gestão do Cinema Trindade

1. A história da cidade do Porto leva a crer que a sua população é bastante entusiasta da cultura cineasta. Com a reabertura do Cinema Trindade, isso de fato foi verificado na quantidade do público presente?
2. Desde a reabertura, como tem sido a audiência das salas do cinema e qual o tipo de público?
3. Quem ou qual empresa é responsável pela gestão do cinema?
4. Atualmente a Cidade do Porto conta com duas salas de espetáculos em funcionamento, originadas a partir de cinemas antigos, o Cinema Trindade e o Batalha Centro de Cinema. Seria do vosso interesse expandir a atividade para outra sala de espetáculos? Acredita que a cidade pode comportar um maior número de salas de cinema e espetáculos?
5. O edifício ocupado pelo Cinema Trindade está em posse de quem ou qual empresa? Qual tipo de contrato há para o uso do edifício?
6. Seria do vosso interesse, futuramente, a compra de um edifício por exemplo, o Cine-teatro do Vale Formoso?
7. Tendo em conta a vossa experiência com o Cinema Trindade, qual seria a solução mais viável para o Cine-teatro do Vale Formoso: a venda do edifício por parte da IURD? Ou o arrendamento por parte da IURD, considerando que a igreja seria responsável pelas obras de reabilitação?
8. Qual é o futuro que vê nesse tipo de equipamento em Portugal? O que deveria ser feito para salvaguardar e manter a função deste tipo de edifício?

MODELO DE INQUÉRITO ENVIADO AS ESCOLAS DENTRO DA ÁREA DE INFLUÊNCIA:

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto
Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura – FAUP | 2023 | 2(
Estudante: Camila Perraro Sehn
Inquérito às Entidades – Tema: Cine-teatro do Vale Formoso

A. Elementos de Identificação

A.1. Data do inquérito: Clique ou toque aqui para inserir o texto.
A.2. Entidade: Clique ou toque aqui para inserir o texto.
A.3. Morada: Clique ou toque aqui para inserir o texto.
A.4. Freguesia: Clique ou toque aqui para inserir o texto.

B. Perguntas referentes ao tema:

B.1. Conhece o Cine-teatro do Vale Formoso?
Clique ou toque aqui para inserir o texto.

B.2. Gostaria que o Cine-teatro do Vale Formoso fosse reabilitado?
Clique ou toque aqui para inserir o texto.
B.2. Na hipótese de haver uma reabilitação, acha que o edifício deveria manter alguma das atividades já exercidas?☐Sim; ☐Não.
B.2.1 Se sim, qual das atividades?
☐Cine-teatro; ☐Salão de Bailes;
☐Somente cinema; ☐Discoteca;
☐Somente teatro; ☐Igreja.
B.2.2. Gostaria que o edifício ganhasse uma nova atividade para promover o desenvolvimento social e cultural? ☐Sim; ☐Não.
B.2.3. Se sim, qual atividade?
☐Escola de teatro; ☐Escola de dança; ☐Escola de música;
☐Outra:Clique ou toque aqui para inserir o texto.
B.3. Acha que o público da vossa entidade poderá se beneficiar com a reabertura do Cine-teatro? Se sim, de que forma?

B.4. Pensa que essa atividade no Cine-teatro poderá despertar aptidões nos vossos utentes, ligadas a arte da representação, música, dança, dentre outras?

B.5. Achas que o edifício possui atributos patrimoniais que devem ser valorizados e preservados?

Informações adicionais:

ANEXOS

A Portuguesa de Leça Futebol Clube	1	MTS	1078	Não		Rua Direita, 452 - Leça Palmeira	4450-650 Matosinhos
Academia Danças Cantares Norte Portugal	1	PRT	863	SIM		Jardim Passeio Alegre, 85-Cave	4150-569 Porto
Académico Futebol Clube	1	PRT	N/F			Rua Costa Cabral, 136	4200-208 Porto
ACECE-Associação Comerciantes e Empresas de Cedofeita - Grupo Cultura e Recreativo	1	PRT	1203	Não		Rua Cedofeita, 285	4050-174 Porto
ACESSO-Ass. p/Cidadania Educação Saúde,Sonhos e Oportunidades	1	PRT	1147	SIM		Rua Álvares Cabral, 93	4050-041 Porto
AJA-Associação Jovens Angolanos no Poto	1	PRT	1190	Não		Rua Santa Catarina, 715	4000-454 Porto
AMDL-Associação Moradores Para o Desenvolvimento do Lagarteiro	1	PRT	1199	Não		Rua José Brito-BL 8 -Ent. 61-Casa 41	4300-268 Porto
ANPPAC-Associação Nortenha P/Promoção Antiguidades e Coleccionismo	1	PRT	1193	Não		Rua Aurélio Paz dos Reis, 355-4.º Esq. Tz.	4250-068 Porto
ANUC - Associação Nova Urbanização das Condominhas	1	PRT	803	Não		Rua Prof. Bernardino Macahdo, 78	4150-136 Porto
AOSL-Associação Ocupação Sadia do Lazer	1	PRT	900	Não		Largo Campo Lindo, 7	4200-132 Porto
APAV-Associação Portuguesa Apoio à Vítima	1	PRT	N/F			Rua Antero Quental, 166	4050-052 Porto
APM-Associação Portugal Moçambique	1	PRT	N/F			Largo Duque da Ribeira, 32-54	4050-050 Porto
APPC-Associação Porto Paralisia Cerebral	1	PRT	N/F			Rua Delfim Maia, 276	4200-253 Porto
Ar Evento	1	PRT	877	Não		Rua Vitorino Damásio, 64	4200-532 Porto
ÁRVORE-Cooperativa Actividades Artísticas/ CRL	1	PRT	N/F			Rua Azevedo Albuquerque, 1	4050-076 Porto
ASAS-Assoc. Solid. Acção Social Ramalde	1	PRT	N/F			Rua de Nagasaki,s/n	4250-323 Porto

ASNAAMC-Associação Nacional Atletas Artes Marciais Chinesas	1	PRT	1212	Não		Rua Adélia Ferreira S. Carvalho, 100	4470-130 Maia
Assembleia Porto	1	PRT	329	SIM		Rua Alexandre Herculano, 215-1º.	4000-254 Porto
Associação Albergues do Porto	1	PRT	N/F			Rua Mártires da Liberdade, 237	4050-363 Porto
Associação Atletismo do Porto	1	PRT	1220	SIM			
Associação Bushidokan de Artes Marciais	1	PRT	859	Não		Rua Dr. Eduardo Santos Silva, 572	4200-281 Porto
Associação Cabo-Verdiana do Norte de Portugal	1	PRT	N/F			Rua Formosa, 408-1º.	4000-274 Porto
Associação Cadernos do Caos **(morada desconhecida)**	1	PRT	747	Não		Rua Monte da Estação, 55 **Morada Insuficiente**	4300-343 Porto
Associação Caos Juvenil	1	PRT	885	Não		Praça Corujeira, 202	4300-144 Porto
Associação Cegos Norte Portugal	1	PRT	N/F			Rua Bonfim, 215	4300-069
Associação Cicloturismo do Norte	1	PRT	1207	SIM		Praça Flores, 23 - S/49	4300-401 Porto
Associação Comandos	1	PRT	N/F			Praça Gonçalves Zarco (Castelo do Queijo)	4100-274 Porto
Associação Coral da Justiça	1	PRT	N/F			Palácio da Justiça	4050-012 Porto
Associação Criança e Vida	1	PRT	N/F			Rua Miguel Bombarda, 57	4050-380 Porto
Associação Cruzada Bem Fazer	1	PRT	N/F			Jardim Passeio Alegre, 85 – Cave	4150-569 Porto
Associação Cultural Artística de Aldoar	1	PRT	N/F			Rua Martins Moniz, 810	4100-330 Porto
Associação Cultural Ases Família	1	PRT	N/F			Rua Barão de Forrester, 657	4050-013 Porto

Associação Cultural Desportiva Bairro Falcão	1	PRT	588	Não		Bairro do Falcão, Bl. 4 - 149 - A, Cave C	4300-175 Porto
Associação Cultural Desportiva Recreativa S. Roque Lameira	1	PRT	N/F			Bairro de S. Roque da Lameira, Bl. 14 - C/23	4300-Porto
Associação Cultural Etnográfica Folclore Hospital Santo António	1	PRT	N/F			Largo Prof. Abel Salazar	4099-001 Porto
Associação Cultural Recreativa Amigos Arte	1	PRT	N/F			Rua Morgado Mateus, 41-1.º	4000-334 Porto
Associação Cultural Recreativa Coral do Porto	1	PRT	739	Não		Passou para os Fenianos	
Associação Dadores Sangue	1	PRT	N/F			Rua Corte Real, 25	4150-235 Porto
Associação Desportiva & Patinagem Artística de Areosa**(DESISTIU)**	1	PRT	1195	Não		Trav. Álvaro Castelões, 105	4200-050 Porto
Associação Desportiva Cultural Recreativa Os Fatigados	1	PRT	1107	Não		Bairro de S. Tomé-BL.D-146	4200-106 Porto
Associação Desportiva Estrelas de Aldoar F.C	1	PRT	861	Não		Bairro de Aldoar-Bloco 7-Ent. 121-C/22	4100-000 Porto
Associação Desportiva Pesca Massarelos	1	PRT	737	Não		Rua João Martins Branco, 400	4150-431 PORTO
Associação Desportiva Recreativa Bairro Monte da Bela	1	PRT	1194	SIM		Bairro do Monte da Bela - BL 2 - cave	44300-000 Porto
Associação Desportiva Recreativa Pasteleira	1	PRT	663	SIM		Rua João de Barros, 85	4150-414 Porto
Associação Doentes Renais Norte Portugal	1	PRT	N/F			Rua Antero Quental, 162/164	4050-052 Porto
Associação Dramática Musical Massarelos	1	PRT	184	Não		Rua Casal Pedro, 28	4050-171 PORTO
Associação Empregados Mesa de Portugal	1	PRT	800	Não		Rua Formosa, 13-2º.	4000-250 Porto
Associação Escola Dramática Foz	1	PRT	708	SIM		Rua Miguel Sousa Guedes, 5	4150-491 Porto

Associação Estudantes Faculdade Arquitectura Universidade Porto	1	PRT	1091	Não		Rua Gólgota, 215	4150-351 Porto
Associação Gabinete Recreio Azevedo Campanhã	1	PRT	688	Não		Rua Areias, 59	4300-038
Associação Grupo Cavaquinhos Porto **(morada desconhecida)**	1	PRT	N/F				
Associação Jovens Campanhã	1	PRT	N/F			Praça Dr. Pedro Teotónio Pereira, 49	4300-Porto
Associação Juvenil GZERO - WU-SHU	1	PRT	1205	SIM		Rua Óscar da Silva, 169-3.º Dt.º	4200-434 Porto
Associação Juvenil Luso Africana Ponto nos Is	1	PRT	N/F			Passeio S. Lázaro, 49-2º.	4000-508 Porto
Associação Juventude Escola Futebol Hernâni Gonçalves	1	PRT	N/F			Rua Gomes Freire, 134-2º. Ft	4200-259 Porto
Associação Luso Africana Metodistas Porto	1	PRT	N/F			Rua Cedofeita, 307-2.º	4050-181 Porto
Associação Mais Encanto Sendo Alegre Rabelo D'Ouro	1	PRT	884	Não		Rua Bonjardim, 694-1º.	4000-119 Porto
Associação Moradores Bairro Agra Amial	1	PRT	1098	Não		Escola do Bairro da Agra Amial, 49	4200-082 Porto
Associação Moradores Bairro Aldoar	1	PRT	690	Não		Rua Pelágio-BL. 11-cv	4000-401 Porto
Associação Moradores Bairro Antigo Pasteleira	1	PRT	1100	Não		Rua Nicolau Coelho - BL 13 – c/12	4150-427 Porto
Associação Moradores Bairro Bela Vista **(DESISTIU)**	1	PRT	916	Não		Rua D. João IV, 832-cv/37	4000-000 Porto
Associação Moradores Bairro Carriçal	1	PRT	1097	Não		Rua Cidade de Vigo- BL. 1-Cave	4200-166 Porto
Associação Moradores Bairro Fonte Moura	1	PRT	691	Não		Bairro da Fonte da Moura-BL.7-85/A-cv.	4100-249 Porto
Associação Moradores Bairro Social Pasteleira	1	PRT	878	SIM		Rua Gomes Eanes Azurara, 129	4150-363 Porto

Associação Moradores Bairro Vilar	1	PRT	683	SIM		Rua Abade Faria, 51	4050-249 PORTO
Associação Moradores Bouça	1	PRT	696	Não		Rua Burgães, 345	4050-136 Porto
Associação Moradores Carvalhido	1	PRT	869	Não		Rua Constituição, 2022-R/C- Dtº.	4250-162 Porto
Associação Moradores Combatentes	1	PRT	1096	SIM		Rua Prof. Bento Jesus Caraça, 345-Cave	4200-132 Porto
Associação Moradores Lomba	1	PRT	653	Não		Rua Vera Cruz, 24-A	4300-495 Porto
Associação Moradores Massarelos	1	PRT	729	Não		Rua Casal do Pedro, 3 a 11	4050-171 Porto
Associação Moradores Residentes Zona Bairro do Amial	1	PRT	785	Não		Av. Flor da Rosa-Parque Infantil	4250-272 Porto
Associação Moradores Zona Campo Alegre	1	PRT	689	SIM		Rua João Martins Branco, 65	4150-431 Porto
Associação Moradores Zona Fontaínhas	1	PRT	769	Não		Rua Sol 14	4000-000 Porto
Associação Moradores Zona Francos	1	PRT	752	Não		Rua A - José Conceição Sousa, s/n. (Pavilhão Pré-Fabricado)	4100-011 Porto
Associação Moradores Zona Lapa	1	PRT	782	Não		Rua Cervantes, 144/148	4050-185 Porto
Associação Nautica Desportiva Cultural Portus Cale	1	PRT	626	Não		Rua S. Miguel, 17	4050-560 Porto
Associação Nun'Alvares de Campanhã	1	PRT	N/F			Rua Falcão, 555	4300-182 Porto
Associação Pais Escola C+S Francisco Torrinha	1	PRT	N/F			Rua S. Francisco Xavier, 64	4150-673 Porto
Associação Para o Desenvolvimento Comunitário Cerco do Porto	1	PRT	N/F			Rua Cerco do Porto, BI. 33	4300-122 Porto
Associação Paraquedistas do Norte	1	PRT	874	SIM		Rua das Fontaínhas, 81	4000-239 Porto

Associação Pescadores Amadores A. Entre Pontes do Rio Douro	1	PRT	1192	SIM		Av. Eng.º Gustavo Eifell, 244	4000-278 Porto
Associação Pescadores Amadores Amigos De Entre Pontes do Rio Douro	1	PRT	1192	Não		Av. Eng.º Gustavo Eifell, 244	4050-279 Porto
Associação Porta-Jazz **(DESISTIU)**	1	PRT	1202	Não		Av. Boavista, 1142	4100-113 Porto
Associação Porto Dança Desportiva	1	PRT	N/F			Rua Faria Guimarães, 119/121	4200-293 Porto
Associação Portuguesa Deficientes	1	PRT	776	Não		Rua Cerco Porto, 1057-Ed. 33-Tz.	4300-122 Porto
Associação Portuguesa Filatélica e Temática	1	PRT	658	Não		Av. Rodrigues Freitas, 11	4000-195 Porto
Associação Portuguesa Osteoporse	1	PRT	N/F			Rua Paraíso da Foz	4150-565 Porto
Associação Promoção Social População Bairro Raínha D. Leonor	1	PRT	1095	Não		Bairro da Raínha D. Leonor-, Rua 4 - c/34	4150-000 Porto
Associação Promoção Social População Bairro do Aleixo	1	PRT	733	Não		Rua Carvalho Barbosa, 106-cv.	4150-193 Porto
Associação Recreativa Avante	1	PRT	735	Não		Rua S. Roque Lameira, 622	4300-299 Porto
Associação Recreativa Cultural Académica do Monte Pedral	1	PRT	891	Não		Rua Monte Alegre, 337	4250-303 Porto
Associação Recreativa Cultural Conjunto Dramático 26 Janeiro	1	PRT	298	Não		Rua Requesende, 194	4250-397-Porto
Associação Recreativa Cultural Desportiva Bairro Rainha D. Leonor	1	PRT	667	Não		Bairro da Raínha D. Leonor-BL.B-57-58	4150-000 Porto
Associação Recreativa Cultural Desportiva Ciganos Porto	1	PRT	1109	Não		Rua Carrington Costa, 126-2º. Esqº.	4300-001 Porto
Associação Recreativa Cultural Desportiva Os Columbófilos de Campanhã	1	PRT	695	Não		Rua S.Roque Lameira, 723	4350-311 Porto
Associação Recreativa Cultural Desportiva Os Fluminenses	1	PRT	629	Não		Praça Flores, 168	4300-401 Porto

Associação Recreativa Cultural Desportiva Os Iniciadores	1	PRT	634	Não		Largo S. Pedro, 49	4300-473 Porto
Associação Recreativa Cultural Desportiva Silva Porto	1	PRT	403	Não		Rua Silva Porto, 274	4250-479 Porto
Associação Recreativa Cultural Os Vickings	1	PRT	N/F			Bairro de S. João de Deus, Bloco 2	4300 Porto
Associação Recreativa Cultural Praceta Cidade da Praia	1	PRT	860	Não		Praceta Cidade da Praia, 314	4100-162 Porto
Associação Recreativa Desportiva S. Pedro de Miragaia	1	PRT	541	Não		Rua S. Pedro Miragaia, 111	4959-565 Porto
Associação Recreativa Heroismo	1	PRT	N/F			Rua Heroismo, 246	4300-246 Porto
Associação Recreativa Montiagra do Amial	1	PRT	546	Não		Rua Dr. Leonardo Coimbra. 182	4200-365 Porto
Associação Recreativa Os Bem Entendidos de Azevedo Campanhã	1	PRT	699	Não		Rua Areias, 13	4300-038 Porto
Associação Recreativa Os Bem Entendidos de Pego Negro	1	PRT	489	Não		Rua Pego Negro, 6	4300-000 Porto
Associação Recreativa Os Malmequeres de Noeda	1	PRT	253	Não		Trav. Miraflor, 17	4300-335 Porto
Associação Recreativa Os Pauliteiros Nevogilde	1	PRT	659	Não		Rua Molhe, 268	4150-499 Porto
Associação Recreativa Ramalde	1	PRT	346	Não		Rua Direita de Francos, 20-cv	4100-208 Porto
Associação Recreativa União Portuense	1	PRT	295	Não		Rua Arrábida, 93	4150-110 Porto
Associação Recreativa Vitória	1	PRT	499	Não		Rua Vitória, 421	4050-636 Porto
Associação Remo Distrito do Porto	1	PRT	1138	Não		Rua António Pinto Machado, 60	4100-068 Porto
Associação ScienceAgenda-Prom/Div/Científica	1	PRT	1225			Rua Dr. Oliveira Martins, 254-4.º Esq.º	4200-427 Porto

Associação Social Cultural S. Nicolau	1	PRT	N/F			Rua Reboleira, 59	4050-492
Associação Social Desportiva Recreativa Os Estrelas S. Crispim	1	PRT	676	Não		Rua Nau Trindade, 85	4000-355 Porto
Associação Socorros Mútuos A Restauradora em Ramalde	1	PRT	265	SIM	**IPSS**	Rua Dr. Pedro Sousa, 725	4100-392 Porto
Atlético Clube Azevedo	1	PRT	748	Não		Rua Calvario, 9/A	4300-091 Porto
Atlético Clube Porto	1	PRT	873	Não		Rua Nau Vitória, 1637	4350-240 Porto
Bambolinas e Trambolhos – Grupo de Teatro	1	PRT	1150	SIM		Rua Corte Real, 146	4150-230 Porto
Banco Tempo–Agência Foz do Douro	1	PRT	N/F			Rua Corte Real, 25	4150-230 Porto
Banda Marcial Foz do Douro	1	PRT	38	Não		Rua Padre Luis Cabal, 1167	4150-463 Porto
Bloco Futebol Clube	1	PRT	635	Não		Rua Duque Saldanha, 6	4000-430
Bonfim Futebol Clube	1	PRT	732	Não		Largo Godim, 6-1º.	4300-234 Porto
Caídos na Praia	1	PRT	N/F			Praceta Inferior Molhe-Módulo 33	4150-000 Porto
Casa Açores do Norte	1	PRT	872	Não		Rua Bonfim, 163	4300-069 Porto
Casa Cedofeita	1	PRT	N/F			Rua Instituto Cegos S. Manuel, 22	4050-308 Porto
Casa Horta	1	PRT	1177	SIM		Rua S. Francisco, 12-A	4050-548 Porto
Casa Madeira do Norte	1	PRT	760	SIM		Rua Torrinha, 55	4050-611 Porto
Casa Regional Transmontanos e Alto Durienses Porto	1	PRT	802	Não		Rua Costa Cabral, 1037	4200-226 Porto

Católica Internacional ao Serviço da Juventude Feminina	1	PRT	N/F			Rua Constituição, 355	4200-199 Porto
Centro Antigos Alunos Salesianos	1	PRT	815	Não		Largo Padre Baltasar Guedes	4300-059 Porto
Centro Associativo Moradores Blocos Residenciais da Prelada	1	PRT	1209	SIM		Rua Central de Francos, 380	4250-123 Porto
Centro Bem Estar Inf. e Juv. Coração Jesus	1	PRT	N/F			Rua S. Dinis, 76	4250-425 Porto
Centro Cultural Atletismo Bonjoia	1	PRT	623	Não		Trav. Bonjoia, 20	4300-085 Porto
Centro Cultural Desportivo Trabalhadores Câmara Municipal do Porto	1	PRT	1153	SIM		Rua Alves Redol, 292	4050-042 Porto
Centro Cultural Desportivo Trabalhadores STCP	1	PRT	862	Não		Rua 15 Novembro, 87	4100-421 Porto
Centro Desportivo Universitário do Porto	1	PRT	N/F			Rua Boa Hora, 20	4050-099 Porto
Centro Desporto Cultura e Recreio Pessoal dos CTT	1	PRT	111	Não		Rua Faria Guimarães, 630	4200-289 Porto
Centro Operário Cultural Recreativo Foz do Douro	1	PRT	741	Não		Rua Alto da Vila, 276-r/c.	4150-058 Porto
Centro Paroquial de Cedofeita	1	PRT	N/F			Rua Anibal Cunha - Igreja de Cedofeita	4050-000 Porto
Centro Popular Trabalhadores Freguesia Lordelo do Ouro	1	PRT	672	SIM		Ru do Ouro, 240	4150-553 Porto
Centro Social Amial	1	PRT	N/F			Sede: Rua Nova Tronco, 587	4250-380 Porto
Centro Social Amial	1	PRT	N/F			Alameda 25 de Abril, 226 - Pólo de S. Tomé	4200-530 Porto
Centro Social Conjunto Habitacional Augusto Gil	1	PRT	678	SIM		Rua Augusto Gil, 148	4100-095 Porto
Centro Social Desportivo Cultural Bairro Campinas	1	PRT	647	Não		Rua Diogo Noronha - Bairro das Campinas	4100-000 Porto

Centro Social Foz do Douro	1	PRT	N/F			Rua Bela, 24	4150-128 Porto
Centro Social Paroquial Carvalhido	1	PRT	N/F			Praça Exército Libertador, 54	4250-203 Porto
Centro Social Paroquial Cedofeita	1	PRT	N/F			Rua Igreja Cedofeita, 4	4050-306 Porto
Centro Social Paroquial Santíssimo Sacramento	1	PRT	N/F			Rua Guerra Junqueiro, 600	4150-387 PORTO
Círculo Católico Operários Porto **DESISTIU**	1	PRT	697	Não		Rua Duque Loulé, 202 **DESISTIU**	4000-324 Porto
Clube Alvinegro Portuense	1	PRT	601	SIM		Av. Fernão Magalhães, 724	4300-151 Porto
Clube Atletismo Foz do Douro	1	PRT	N/F			Rua Corte Real, 25	4150-235 Porto
Clube Avós Junta Freguesia S. Nicolau	1	PRT	N/F			Rua Comércio Porto, 7	4050-210 Porto
Clube Bairro S. Roque Lameira	1	PRT	70	Não		Rua Navas Tolosa,102	4350-250 Porto
Clube C. B. Os Camurças	1	PRT	624	Não		Av. Vasco da Gama, LD-BL.25	4100-488 Porto
Clube Campismo Caravanismo Os Nortenhos	1	PRT	913	Não		Rua Fonseca Cardoso, 106-6º.	4000-231 Porto
Clube Campismo Porto	1	PRT	N/F			Rua D. Manuel II, 30	4050-345 Porto
Clube Cicloturismo Campanhã	1	PRT	1106	Não		Rua Cooperativa Pero Negro, 71	4300-142 Porto
Clube Columbófilo Lordelo Ouro	1	PRT	74	Não		Rua Serralves, 187	4150-176 Porto
Clube Dança Salão do Porto	1	PRT	698	Não	**UP**	Rua Faria Guimarães, 1119/1121	4200-293 Porto
Clube Desportivo Campanhã	1	PRT	912	Não		Rua Formiga, 255	4300-432 Porto

Clube Desportivo Contumil	1	PRT	668	Não		Rua Contumil, 418-r/c.	4350-128 Porto
Clube Desportivo Cultural Antas	1	PRT	297	Não		Rua Antas, 342	4350-341 Porto
Clube Desportivo Cultural Guindais	1	PRT	1208	SIM		Av. Eng.º Gustavo Eiffel, 302	4000-280 Porto
Clube Desportivo Portugal	1	PRT	371	Não		Rua Pinto Bessa, 293	4300-431 Porto
Clube Desportivo Universitário do Porto	1	PRT	N/F			Rua Boa Hora, 20	4050-099 Porto
Clube Fenianos Portuenses	1	PRT	500	SIM		Rua Clube Fenianos, 29	4000-172 Porto
Clube Futebol Os Passarinhos Ribeira	1	PRT	539	Não		Rua S. João, 82/84	4050-552 Porto
Clube Futebol Os Ribeirenses	1	PRT	677	Não		Rua Cimo do Muro, 63-r/c.	4050-199 Porto
Clube Infante Sagres	1	PRT	669	Não		Rua Serralves, 6	4150-701 Porto
Clube Karate Shotokan do Porto	1	PRT	1185	Não		Rua Armando Cardoso, 31/37	4100-090 Porto
Clube Law Ténis Foz do Douro	1	PRT	N/F			Av. D. Carlos I - Jardim do Passeio Alegre	4150-190 Porto
Clube Minigolfe do Porto	1	PRT	910	SIM		Av. D. Carlos I - Jardim do Passeio Alegre	4150-190 Porto
Clube Nacional de Montanhismo	1	PRT	N/F			Rua Formosa, 303-2.º	4000-
Clube Pesca Bairro Cerco do Porto	1	PRT	711	Não		Bairro do Cerco do Porto, Bl. 2, cave 5	4300-499 Porto
Clube Português Automóveis Antigos	1	PRT	N/F			Rua Duque Saldanha, 308	4300-094 Porto
Clube Português Cinematografia - Cineclube do Porto	1	PRT	91	Não		Rua Rosário, 5-1º	4050-538 Porto

Clube Recreativo Nautilus da Fontinha	1	PRT	574	SIM		Rua Raúl Dória, 73/75	4000-409 Porto
Clube Rugby do Porto	1	PRT	743	Não		Rua Serralves, 493	4150-707 Porto
Clube Sportivo Nun'Alvares	1	PRT	738	Não		Rua Particular Monsanto 157	4250-362 Porto
Clube Tango Porto	1	PRT	868	Não		Rua Júlio Dinis, 560-3º-A	4050-319 Porto
Clube Ténis Porto	1	PRT	N/F			Rua Damião de Gois	4050-227 Porto
Clube Tiro Com Arco do Porto - CTPA	1	PRT	N/F			Rua Moreira, 81/C	4000-346 Porto
Comissão Festas Sanjoaninas da Lapa	1	PRT	N/F			Rua Cervantes, 144-148	4050-185 Porto
Conferência Vicentina Jovens Carvalhido	1	PRT	N/F			Rua da Prelada, 122 - Igreja Carvalhido -	4250-375 Porto
Confraria Almas do Corpo Santo de Massarelos	1	PRT	N/F			Largo Adro-Igreja Massarelos	4050-016 PORTO
Contos Com Voz	1	PRT	1171	Não		Rua Augusto Lessa, 555-r/c.Esqº. Frt 4200-101	4200-101 Porto
Cooperativa de Campanhã-Assoc. Recreativa (Coop.Maq/Fog/Caminhos/Ferro Minho/Douro)	1	PRT	39	Não		Praça da Corujeira, 26-38	4300-144 Porto
Cooperativa Ensino Polivalente Artístico Árvore II CRL	1	PRT	N/F			Passeio Virtudes, 14	4050-629 Porto
Cooperativa Ramalde(Coop. União Fam/Op/Cons/Prod.)	1	PRT	867	SIM		Rua Dr. Pedro Sousa, 725	4100-392 Porto
Coral Anonymus **(morada desconhecida)**	1	PRT	N/F				
Coral Letras Universidade do Porto	1	PRT	558	Não		Trav. Carregal, 87	4050-381 Porto
Coral Mille Voice - Associal Cultural	1	PRT	N/F			Rua Clérigos, 58-3º.	4050-204 Porto

Coral Sacro S. José do Bonfim	1	PRT	N/F			Rua Bonfim - Igreja do Bonfim	4300-000 Porto
Coro Instituto Ciências Biomédias Abel Salazar	1	PRT	N/F			Largo Prof. Abel Salazar, 2	4099-003 Porto
Coro Madrigália	1	PRT	N/F			Rua Anselmo Braancamp, 105	4000-082 Porto
Coro S. Tarcísio	1	PRT	1178	SIM		Rua Santo António das Antas, 15	4200-483 Porto
Cruzada Bem Fazer Antigos Alunos S.Fiel	1	PRT	701	Não		Rua S. Bento Vitória, 30	4050-542 Porto
Cruzada Bem Fazer Campanhã	1	PRT	901	Não		Rua Miraflor, 107	4300-334 Porto
DAR À SOLA - Associação Cultural	1	PRT	1221	SIM		Rua Caldeireiros, 204	4050-139 Porto
Desportivo Operário Fonte da Moura	1	PRT	784	Não		Rua Guiné, 160	4100-276 Porto
Dois Pontos	1	PRT				Apartado 4084	4000-001 Porto
Dream Team Futebol Clube	1	PRT	N/F			Rua Pedro Hispano, 1034-3,º	4250-364 Porto
Eclipse Arte - Associação Cultural	1	PRT				Rua Gonçalo Nunes, Faria, 37	4100-272 Porto
Eirinhas Desporto e Cultura (Associação Recreativa Cultural)	1	PRT	655	SIM		Rua Eirinhas, 106	4300-163 Porto
EMA-Espectáculo, Movimento e Animação	1	PRT	N/F			Rua 15 Novembro, 17-4º.	4100-421 Porto
Escola Artes Marciais Chinesas She-Si	1	PRT	750	Não		Rua Dr. Eduardo Santos Silva, 118-1º. D.	4200-278 Porto
Escola Dramática Musical Recr. Contumil	1	PRT	705	Não		Rua Fonte Contumil,113	4350-179 Porto
ESPAÇO T-Assoc, P/Apoio a Integração Social e Comunitária	1	PRT	N/F			Rua Vilar, 54	4050-625 Porto

ESSALAM-Assoc. Imigrantes Magrebinos Amizade Luso-Árabe	1	PRT	N/F			Rua Santa Catarina, 581-S/1-1	4000-453Porto
Estrelas Aldoar Futebol Clube	1	PRT	821	Não		Rua Vila Nova, 300	4100-502 Porto
Federação Portuguesa Karaté Shotokan	1	PRT	N/F			Rua 5 de Outubro, 246	4100-172 Porto
Federação Portuguesa Minigolfe **(DESISTIU)**	1	PRT	1157	Não		Rua António Pinto Machado, 59	4100-068 Porto
Futebol Clube Amial Regado	1	PRT	N/F			Bairro do Regado-BL. 19-Cave	4250-072 Porto
Futebol Clube Carvalhosa	1	PRT	492	Não		Rua Barão Forrester, 657	4050-102 Porto
Futebol Clube Cerco Porto	1	PRT	866	Não		Bairro do Cerco do Porto, Bl. 19 - Cave11	4300-499 Porto
Futebol Clube Foz	1	PRT	N/F			Rua Crasto	4150-000 Porto
Futebol Clube Lapa	1	PRT	666	Não		Rua Boavista, 22	4050-102 Porto
Futebol Clube Monsanto	1	PRT	N/F			Rua S. Dinis, 98	4250-425 Porto
Futebol Clube Os Amigos de Campanhã	1	PRT	N/F			Rua Diogo Macedo, Bl. 3, Ent. 29, Cave 21	4300 Porto
GFESIDH-Grupo Folcl. Escola Secundária Infante D. Henrique	1	PRT	1188	SIM		Rua Dr. Manuel Monterroso, 136	4250-275 Porto
Ginásio Ponte Futebol Clube	1	PRT	N/F			Rua Ramalde Meio, 392	4250-388 Porto
Grupo Amigos Monte Pedral	1	PRT	N/F			Rua Padre José Pacheco Monte, 235	4250-256 Porto
Grupo Associativo Campanhã Novo Trilho	1	PRT	N/F			Rua Corujeira de Baixo 11. C3	4300-151 Porto
Grupo Coral Portuense Fenianos	1	PRT	N/F			Rua Clube Fenianos, 29	4000-172 Porto

Grupo Cultural Recreativo Os Amigos 14 de Março	1	PRT	1105	Não		Rua Meiral, 63	4300-326 Porto
Grupo Desportivo Cafetaria do Ouro	1	PRT	816	Não		Rua Aleixo, 9	4150-033 Porto
Grupo Desportivo Cultural Social Santo Eugénio	1	PRT	N/F			Rua Andorinhas, 18	4250-036
Grupo Desportivo Francos	1	PRT	897	Não		Rua Direita de Francos, 961	4250.194 Porto
Grupo Desportivo Galitos da Foz	1	PRT	N/F			Rua Bela, 3	4150-128 Porto
Grupo Desportivo Infante D. Henrique	1	PRT	813	SIM		Muro Bacalhoeiros, 128-129	4050-080 Porto
Grupo Desportivo Limpeza Urbana (G.D.L.U.) **(DESISTIU)**	1	PRT	896	Não		Rua S. Dinis, 249	4250-434 Porto
Grupo Desportivo Nau Vitória	1	PRT	801	SIM		Rua Nau Vitória, 796	4350-243 Porto
Grupo Desportivo Recreativo Cultural Centro Social Bairro Francos	1	PRT	914	Não		Rua Padre Américo (junto ao Ringue)	4100-264 Porto
Grupo Desportivo Recreativo Cultural Vilarinha Futebol Clube	1	PRT	827	Não		Rua Vila Nova, 1363	4100-506 Porto
Grupo Desportivo Recreativo Os Zangados Campanhã	1	PRT	237	Não		Rua Alto da Bela, 308	4300-023 Porto
Grupo Desportivo Recreativo Paranhos	1	PRT	605	SIM		Rua Mondego, 73	4200-404 Porto
Grupo Dramático Luis Marinho	1	PRT	876	Não		Rua Veludo, 5	4150-741 Porto
Grupo Dramático Monte Aventino	1	PRT	3	Não		Rua Bento Manuel Carqueja, 48	4350-223 Porto
Grupo Dramático Moradores Mocidade Arrábida	1	PRT	712	Não		Rua Arrábida, 190-1º.	4150-108 Porto
Grupo Excursionista Os Telhudos de Ramalde	1	PRT	497	Não		Rua Dr. Pedro Sousa, 212	4100-386 Porto

Grupo Folclórico Lordelo do Ouro	1	PRT	806	Não		Rua Condominhas, 383-4.º Hab. 3	4150-223 Porto
Grupo Motard Trindade	1	PRT	1211	SIM		Trav. Liceiras, 19	4000-323 Porto
Grupo Musical Miragaia	1	PRT	2	Não		Rua Arménia, 10 a 18	4050-028 Porto
Grupo Os Sem Destino da Praça Corujeira	1	PRT	449	Não		Trav. Monte da Bela, 7	4300-340 Porto
Grupo Recreativo Desportivo Aldoar	1	PRT	119	Não		Rua Martim Moniz, 610	4100-329 Porto
Grupo Recreativo Nautilus Fontinha	1	PRT	574	Não		Rua Raúl Dória, 73/75	4000-409 Porto
Grupo Teatro Cena Jovem	1	PRT	1136	SIM		Rua Silva Porto, 464-2.º Dt.º	4250-579 Porto
Grupo Teatro Clube Fenianos Portuense	1	PRT	N/F			Rua Clube Fenianos, 29	4000-172 Porto
Guindalense Futebol Clube	1	PRT	1101	SIM		Escadas Guindais, 44	4000-174 Porto
Hoquei Clube Águias Porto	1	PRT	1104	Não		Av. Dr. Antunes Guimarães, 901-909	4100-081 Porto
Iniciação Desportiva Estrelas Bairro S. Roque da Lameira	1	PRT	765	Não		Rua Conde Castelo Melhor, 35-cave	4350-297 Porto
Instituto Musical Portuense - Assoc/Recr)	1	PRT	331	SIM		Rua António José da Silva, 107	4200-082 Porto
Juventude Atlética de Lordelo	1	PRT	716	Não		Rua Luis Cruz, 152	4150-467 Porto
Lágrima Humana-Assoc. Apoio Carenciados e à Demência	1	PRT	1186	Não		Largo Dr. Tito Fontes, 119.2.º S/A **(MUDOU)**	4000-538 Porto
Liga Amigos Crianças Hospital Maria Pia	1	PRT	N/F			Rua Boavista, 827	4050-111 Porto
Liga Amigos Unidade Saúde Familiar Serpa Pinto	1	PRT	N/F			Rua Serpa Pinto, 417	4250-466 Porto

Liga Nacional Contra Fome	1	PRT	870	Não		Av. Fernão Magalhães, 3548-SL/21	4350-163 Porto
Liga Portuguesa de Futebol Profissional	1	PRT	N/F			Rua Constituição, 2555-1º	4250-173 Porto
Lions Clube do Porto	1	PRT	N/F			Rua Prelada, 140-1.º	4250-375 Porto
LTF-Assoc. Recreativa e Cultural	1	PRT	812	Não		Rua Roberto Auzelle, 61/87	4100-431 Porto
Mira Clube	1	PRT	N/F			Rua Azevedo Albuquerque, 25	4050-076 Porto
Mocidade Invicta Futebol Clube	1	PRT	269	SIM		Trav. Anselmo Braancamp, 115	4000-085 Porto
Moto Clube Porto	1	PRT	1201			Rua Aurélia de Sousa, 65	4000-099 Porto
NEFAP-Núcleo Etnog. Folcl. Academia do Porto	1	PRT	N/F			Rua Bragas, 289	4200-397 Porto
NEFUP-NÚCLEO ETNOG. FOLCL.UNIVERSIDADE PORTO	1	PRT	N/F			Rua Bragas, 177-229	4200-397 Porto
NEUROSE 23 - Núcleo para Arquitectura	1	PRT	902	Não		Rua Golgotá, 215	4150-755 Porto
Núcleo Desportivo Bairro Bom Pastor	1	PRT	660	SIM		Bairro do Bom Pastor-BL. 9 cave	4250-079 Porto
Núcleo Jornalismo Académico Porto - Jornal Universitário	1	PRT	792	Não		Rua Miguel Bombarda, 187-R/C. - Cave	4050-381 Porto
O Praça Alegria Futebol Clube	1	PRT	650	Não		Av. Rodrigues Freitas, 207-r/c.	4250-421 Porto
OPNBX-Associação Cultura e Artísitica	1	PRT	1214	SIM		Rua Miguel Bombarda, 463	4050-382 Porto
Orfeão Foz do Douro	1	PRT	414	Não		Rua das Motas, 19	4250-521 Porto
Orfeão Porto	1	PRT	615	Não		Praça Batalha, 123-1º.	4000-102 Porto

Orfeão Universitário do Porto	1	PRT	N/F			Rua Bragas, 289	4050-123 Porto
Paraíso Sport Club	1	PRT	N/F			Rua Paraíso da Foz, 60	4150-565 Porto
Pesqueirinhos do Norte	1	PRT	N/F			Praceta Inferior Molhe-Módulo 33	4150-000 Porto
Portuguesa Aldoar Futebol Clube	1	PRT	703	Não		Rua Martins Moniz, 387	4100-333 Porto
PORTUSASAS-Assoc. Solid. Apoio Social	1	PRT	1181	Não		Trav. Areosa, 75	4200-087 Porto
Projecto Encontro - Ass. Solid. Apoio Social	1	PRT	775	Não		Rua Martins Moniz, 55-r/C.	4100-332 Porto
Rancho Douro Litoral (Assc. Recr. Cult)	1	PRT	126	Não		Calçada das Virtudes, 2	4050-628 Porto
Rancho Folclórico Danças Cantares Campanhã	1	PRT	754	Não		Rua 5 - Bairro S. Vicente Paulo, 101	4300-489 Porto
Rancho Folclorico Paranhos	1	PRT	612	SIM		Trav. Areosa, 75	4200-087 Porto
Rancho Folclórico Porto	1	PRT	609	Não		Rua Carlos Malheiro Dias, 293-3º. Dtº. APARTADO 4109	4009 Porto
Rancho Típico Ilhéu (Assoc. Recr. Cult.Desp.)	1	PRT	323	Não		Rua S. Roque da Lameira, 470-1º	4350-299 Porto
Raquetita Clube	1	PRT	1093	Não		Rua Corte Real, 152-R/C.	4150-230 Porto
Real Sociedade do Campo Lindo	1	PRT	496	Não		Rua Carlos da Maia, 78	4200-150 Porto
Selo das Memórias - Núcleo de Fado	1	PRT	1210	Não		Rua Faria Guimarães, 718-2,º	4200-289Porto
Sociedade Columbófila de Azevedo	1	PRT	N/F			Rua Meiral. 637	4300-328 Porto
Sociedade Columbófila Porto	1	PRT	744	Não		Rua Oliveira Monteiro, 980	4050-441 Porto

Sociedade Promoção Social Obra de Frei Gil	1	PRT	N/F			Rua Prof. Mota Pinto,	4100 Porto
Sport Lisboa e Esperança	1	PRT	N/F			Rua Comércio Porto, 120	4050-209 Porto
Sport Musas e Benfica	1	PRT	759	Não		Rua Bonjardim, 998	4000-121 Porto
Sport Progresso	1	PRT	662	Não		Rua Carriçal, 221	4200-595 Porto
Sporting Clube Cruz	1	PRT	300	Não		Rua Fonte Outeiro, 521	4208-308 Porto
Sporting Clube S. Vitor	1	PRT	632	SIM		Rua S. Vitor, 120-122	4000-516 Porto
Sporting Clube Vasco da Gama	1	PRT	308	SIM		Rua Alexandre Herculano, 390-2º.	4000-053 Porto
UATIP Universidade Autodidacta Terceira Idade Porto - Associal Cultural	1	PRT	793	SIM		Rua Constituição, 944	4200-106 Porto
Ultramarino Futebol Clube	1	PRT	594	Não		Rua Boa Hora, 15	4050-100 Porto
União Académica António Aroso	1	PRT	N/F			Rua Gestaçô, 78	4100-270 Porto
União Desportiva Massarelos	1	PRT	N/F			Calçada Sobre-O-Douro, 16-1º.	4050-591 PORTO
União Desportiva Sé.l938	1	PRT	1228			Rua Santana, 38-40 Hab. 7	4050-208 Porto
União Invicta Massarelos	1	PRT	N/F			Cais das Pedras, 44	4050-465 PORTO
União Romani Portuguesa	1	PRT	N/F			Rua Anibal Cunha, 184-2º	4050-047 PORTO
UNICEPE - Cooperativa Livreira Estudantes do Porto	1	PRT	561	Não		Praça Carlos Alberto, 128-A	4050-159 Porto
Universidade Douro Senior do Porto	1	PRT	N/F			Rua Marechal Saldanha, 145	4150-655 Porto

Universidade Intercultural Terceira Idade ATLAS - Cooperativa Cultural	1	PRT	N/F			Rua Paraíso, 217-2,º	4000-375 Porto
Universidade Popular do Porto	1	PRT	794	Não		Rua Boavista, 736	4050-073 Porto
Universidade Senior Antas-Assoc. Cult. e Artística	1	PRT	915	Não		Rua Latino Coelho. 324	4000-314 Poro
Universidade Senior Arte e Cultura do Porto USAC	1	PRT	N/F			Rua Campo Alegre, 298-3.º Esq.º	4150-169 Porto
Universidade Senior Contemporânea	1	PRT	N/F			Rua Nova do Tronco, 504	4250-339 Porto
Universidade Senior Eugénio de Andrade	1	PRT	N/F			Rua Alves Redol, 292	4050-042 Porto
Universidade Senior Eugénio de Andrade	1	PRT	N/F			Rua Paulo da Gama - EB n.º 32 - Pasteleira	4150-589 Porto
Universidade Senior Foz	1	PRT	N/F			Rua Motas, 19	4150-521 Porto
Universidade Senior Instituto Cultural D. António Ferreira Gomes – Porto	1	PRT	N/F			Rua Santa Joana Princesa, 38	4150-667 Porto
Universidade Senior Instituto Cultural Porto Senior	1	PRT	N/F			Jardim d'Arca dÁgua (Quartel do Bom Pastor)	4012 Porto
Vitória Sport Clube Porto	1	PRT	365	Não		Rua Trás, 187-r/c	4050-615 Porto
Vitória Sport Clube S. Pedro Campanhã	1	PRT	1103	Não		Largo S. Pedro, 54-1.º	4300-295 Porto